



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

# ORDEM DE PALAVRAS, MOVIMENTO DO VERBO E EFEITO V2 NA HISTÓRIA DO ESPANHOL

Carlos Felipe da Conceição Pinto

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística.

*Orientadora:*

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Charlotte Marie Chambelland Galves

*Co-Orientador:*

Prof. Dr. Josep Maria Fontana

Campinas, 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS DA  
LINGUAGEM - UNICAMP

P658o Pinto, Carlos Felipe, 1984-  
Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2 na história do espanhol / Carlos Felipe da Conceição Pinto. -- Campinas, SP : [s.n.], 2011.

Orientador : Charlotte Marie Chambelland Galves.  
Co-orientador : Josep Maria Fontana Mendez  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Sintaxe gerativa. 2. Língua espanhola – Europa - História. 3. Língua espanhola – Ordem das palavras. 4. Verbo em segunda posição.  
I. Galves, Charlotte, 1950-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em inglês:** Word Order, Verb Movement and Verb Second in the history of Spanish.

**Palavras-chave em inglês:**

Generative Syntax

Spanish language – Europe – History

Spanish language – Word order

Verb Second position

**Área de concentração:** Lingüística.

**Titulação:** Doutor em Lingüística.

**Banca examinadora:**

Charlotte Marie Chambelland Galves [Orientador]

Josep Maria Fontana Mendez [Co-orientador]

Ilza Maria de Oliveira Ribeiro

Paulo Antonio Pinheiro Correa

Mirta Maria Groppi Asplanato de Varalla

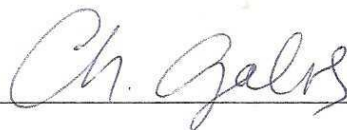
Sonia Maria Lazzarini Cyrino

**Data da defesa:** 07-11-2011.

**Programa de Pós-Graduação:** Lingüística.

## BANCA EXAMINADORA:

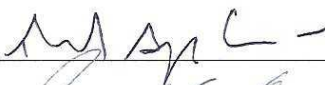
Charlotte Marie Chambelland Galves



Ilza Maria de Oliveira Ribeiro



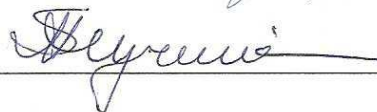
Paulo Antonio Pinheiro Correa



Mirta Maria Groppi Asplanato de Varalla



Sonia Maria Lazzarini Cyrino



Maria Aparecida Corrêa Ribeiro Torres Morais

Maria Clara Paixão de Sousa

Maria Filomena Spatti Sandalo



*Esta Tese foi financiada integralmente com:*

*A) Bolsa de Doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2008/00410-6, no período de 01/05/2008 a 30/09/2010 e 01/10/2011 a 31/10/2011.*

*B) Bolsa de Estágio de Doutorando no Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), processo 2013100, no período de 01/10/2010 a 30/09/2011.*



Para o Pípinho, que continua vivo dentro de mim.

Pelo tanto que lutei, que me esforcei, que chorei,  
que me desesperei, que sofri...  
Pelo tanto que me diverti, que me animei,  
que esperei, que fui feliz...  
Pelo tanto que vivi...

Dedico esta Tese a mim mesmo pelo tanto que me  
custou chegar até aqui. E tê-la concluída é,  
para mim, um motivo de grande orgulho.





## AGRADECIMENTOS

A conclusão de um doutoramento representa o fechamento de um ciclo — o ciclo de formação, o ciclo de estudantes — e a defesa da Tese, além de avaliar o trabalho apresentado, representa um rito de passagem. A conclusão desse ciclo e essa passagem seriam impossíveis se inúmeras pessoas não houvessem passado (e algumas ficado!) nas nossas vidas. Sendo assim, acredito que muitas pessoas, mesmo que não tenham contribuído diretamente com a discussão desta Tese, me proporcionaram algo que me permitisse construir este trabalho e merecem agradecimentos.

Em primeiro lugar, agradeço ao meu Deus, ao meu Senhor Jesus Cristo, que é muito mais que um Amigo que me ama incondicionalmente e cuida de mim, mesmo eu sendo impaciente e impulsivo, atropelando o tempo sempre. Quando me matriculei no curso e me dei conta de que eu me mudaria para outra cidade, sozinho, sem futuro certo, tive vários medos. Mas o meu Amigo me disse que eu fosse e me garantiu. Pude ver “coelhos saírem de cartola” e se cumprir na minha vida o que diz Salmo 123:6: “Com efeito, grandes coisas fez o SENHOR por nós; por isso, estamos alegres”. Por isso e por muito mais que é impossível enumerar, deixo registrado aqui o meu amor e a minha gratidão ao meu Deus por toda a eternidade.

Meus pais merecem muitos agradecimentos. Agradecimento por terem me escolhido, por tudo o que fizeram para eu chegar até aqui. Minha mãe, minha principal fã, em quem eu me espelhei por muito tempo e de quem admiro a força, sempre na torcida, acreditando em mim quando nem eu mesmo acreditava. Meu pai, de poucas palavras, mas sempre com grandes atitudes. A eles, eu devo a minha educação, meu caráter, meus princípios. E o meu amor por tudo o quanto fizeram para que o Pipinho chegasse até aqui.

Com a Charlotte aprendi muitas coisas que me fizeram sair do curso uma pessoa bem diferente e mais madura do que a pessoa que eu era quando entrei. Além de toda a contribuição teórica e empírica sólida como professora e orientadora, a Charlotte me ensinou que eu preciso me relacionar melhor com o tempo. A Charlotte é um exemplo de profissional que eu tenho sempre em mente. A ela, agradeço o interesse pelo meu trabalho desde quando ainda era um simples projeto mal rabiscado. Muito obrigado pela sua compreensão, pelo seu apoio e por também acreditar em mim quando eu não acreditava.

Agradeço imensamente à Ilza Ribeiro por todo o seu apoio, carinho, amizade, motivação nesses quase 10 anos de caminhada. A professora Ilza é uma das pessoas mais importantes na minha vida acadêmica e na minha formação como gerativista. Muito obrigado por estar sempre disposta a me ouvir e a compartilhar comigo todo o seu conhecimento. Com certeza, eu não teria saído do lugar se não houvesse e contado com seu apoio, seus conselhos e sua amizade desde aquela época em que eu era um rebelde aluno de graduação na UFBA.

O tema desta Tese se deve, de fato, à Tese do Josep María, a quem agradeço ter me recebido duas vezes na Universitat Pompeu Fabra, em Barcelona, e por ter colaborado com meu trabalho desde o começo mesmo sem me conhecer. Sem a ajuda do Josep María, eu não teria avançado muito em partes cruciais do trabalho.

Quando comecei minha carreira de professor de espanhol e passei a dar consultoria num site, apareceu no meu MSN uma pessoa muito chata e insistente, que todos os dias me perguntava o que significavam umas expressões que, até hoje, nunca ouvi de nenhum falante nativo. Ela foi tão chata e tão insistente que começamos a falar de temas variados e nos tornamos bons amigos. O tempo passou e quando pensei em fazer a seleção para o Doutorado na UNICAMP, ela prontamente me ofereceu hospedagem, me buscou e levou no aeroporto as vezes que precisei ir a Campinas e me ofereceu um ambiente bastante confortável para que eu pudesse fazer a seleção com tranquilidade. Assim, registro meus agradecimentos com muito carinho à Márcia Akemi e ao seu marido Pedro Lehman.

Minha Vó Ruth, minha madrinha, se foi há muito tempo, mas me deixou um presente muito valioso que o tempo não corrói. Agradeço aos meus queridos da Mallet (Vó Elenice, Tia Fátima, Thaís, Felipe, Vânia e Celso) pelo carinho, torcida, paciência, momentos muito felizes, acolhida... Por me receberem sempre com tanto carinho e com a mesma festa. Por terem suportado eu ter feito a casa de minha “feitoria” entre Campinas e Salvador nos últimos anos cada vez que eu precisava carregar mudança de um lado para o outro. À Tia Fátima, também agradeço a companhia que me fez, mesmo que virtualmente, enquanto eu estava realizando o “sanduíche” em Barcelona.

Há 16 anos, quando entrei no Colégio Militar de Salvador, na 5ª série, conheci duas pessoas que eu não sabia que se tornariam tão importantes para mim. Nos últimos anos, nossas vidas se complicaram um pouco e não temos nos visto nem nos falado com tanta frequência; mas guardamos uns pelos outros o mesmo carinho que tínhamos há mais de 10 anos atrás, quando não nos desgrudávamos e compartilhávamos tantos sonhos, tantos projetos, tantas expectativas:

minhas queridas amigas Ana Bárbara e Fabrícia Liane. Muito obrigado por toda ajuda, apoio e amizade incondicional nesses anos todos.

Quando cheguei a Campinas, alguém me disse que fazer um curso de Doutorado era algo isolante e, morando em Barão Geraldo, seria mais isolante ainda. Nos primeiros dias de curso conheci pessoas tão legais, tão animadas, tão inteligentes, tão companheiras que, em nenhum momento, me senti sozinho e isolado em Campinas. Agradeço aos meus colegas de curso, Aline Gravina, Ana Luisa Lopes, Aroldo Andrade, Pablo Faria, Elisângela Gonçalves, Fábio Fortes, Sabrina Casagrande, Lílian Teixeira, Marcos Pires, Juliana Tranin, Paulo Medeiros Jr. e tantos outros pelo companheirismo, pelas discussões ricas, pelos momentos tão importantes. Agradeço em especial à Vivian Meira, pelo carinho em todo o tempo e pela amizade que ficará para o resto da vida, e ao André Antonelli, pelas discussões proveitosas sobre movimento do verbo e efeito V2 e por termos compartilhado tantas coisas neste sentido.

Em Campinas também fiz muitos bons amigos que contribuíram com a minha saúde emocional e me fizeram tão feliz: Wagner, Marlla, Ana Flávia. Muito obrigado por todo o tempo juntos, pelos almoços, jantás, lanches, pelos papos intelectualizados e pelos papos bagaceira também. À Cássia Silveira, eu multiplico infinitamente os meus agradecimentos por tantos momentos inesquecíveis na “Vila do Chaves” e por me lembrar, várias vezes, de coisas importantes sobre mim mesmo que eu ia esquecendo pelo caminho.

Depois de muitos anos, reencontrei uma prima que sempre fugia pra minha casa quando era pequena e me carregou muito no colo. Agradeço à Juciara a amizade, o carinho, a atenção, a cumplicidade. Tê-la por perto é muito bom. À Família toda (Luiz, Ágatha, Luiz Junior e Jully) agradeço também o carinho e por me receberem sempre tão bem as vezes que me hospedei (pra não dizer morei) na casa deles. À Juciara também agradeço imensamente a companhia virtual quase diária enquanto eu estava longe, o que me fazia me sentir tão perto.

Trago com muito carinho alguns dos meus amigos que fiz ainda na graduação, com quem mantenho um dialogo constante e profícuo sobre diversos temas da lingüística. Ari Sacramento e Rerisson Cavalcante têm um papel bastante importante na minha vida de jovem lingüista, a quem agradeço, entre tantas outras coisas, as leituras atentas dos meus trabalhos e as críticas sempre coerentes e inteligentes.

Agradeço a uns amigos muito importantes, por tanto tempo de amizade e companheirismo; pelos dias e noites no MSN falando de tantas coisas, tantos planos, tantos sonhos... por me ouvirem

nos meus momentos de angústia e sempre me animarem com a mesma paciência: Anderson Buzato e Caio Padilha. Ao Cristiano Lessa, por compartilhar comigo, além da amizade, interesses profissionais e discussões bem proveitosas. Ao Igor Catalão, amigo também de muito tempo, que, várias vezes, me salvou da solidão em Barcelona enquanto estava fazendo o seu “sanduíche” em Avignon. Ao Otávio Rios, que, além de amigo, entre os da minha geração, é um modelo acadêmico pra mim.

Ao Bruno Rodrigues, à Ivana Patrícia e, muito especialmente, ao Bruno Venâncio da Silva, a quem pude transmitir um pouco do que eu tenho aprendido e com quem também tenho aprendido muito. Muitas vezes em que me senti desanimado profissionalmente, achando que as minhas discussões sobre o lugar da diversidade do espanhol no ensino da língua no Brasil foram inúteis e ninguém sequer havia lido meus trabalhos, tê-los por perto e ver que alguém confiava na minha orientação e tinha meus trabalhos como base me fez recuperar o ânimo.

À Maisa, à Marina e à Tia Dnalva pelas orações e por tanta ajuda nos momentos em que eu não tinha força. À querida Jocilene, com quem eu vivi muitas e muitas vezes o que diz o hino “Apressado fugi, em Jesus me escondi e abrigo seguro nEle achei”.

A Carmen Medeiros, Edivalda Araújo, Elaine Santos, Gabriela Ponce, Isabella Fortunato, Verônica Souza, Vivian Antonino... A Ariel Lobos, Danniell Carvalho, José Elenildo, Julio Gallardo, Nilceu Tavares... pela amizade, pelo carinho e pela torcida.

À Leonor Simioni, pelos tantos textos que baixou da Internet e me enviou quando eu precisei.

Minhas amigas Maria do Carmo e Rafaela, desde que nos conhecemos na graduação, também sempre estiveram na torcida e me botam pra cima sempre, acreditando mais em mim do que eu mesmo. Obrigado pela preciosa amizade de vocês e, à Duca, obrigado por ter cuidado dos meus livros quando estive fora.

À Rejane Bueno, por me ter feito companhia em partes dos meus tortuosos momentos de solidão em Barcelona.

Depois de alguns meses de problemas e angústias em Barcelona e muita vontade de voltar para “O Meu Lugar”, fui dividir apartamento com dois catalães “muy majos”. “Moltes gracies al Jordi i al Marc” pela companhia que me fizeram durante sete longos meses e pela paciência de me suportar nos momentos em que eu queria entrar no primeiro avião e voltar.

À Ana Claudia Doria, que me fez companhia virtual também durante o meu “exílio” e me visitou, com quem me alegrei em alguns momentos e recuperei o ânimo para continuar a jornada.

Aos professores e estudantes da lista ELEBRASIL, agradeço todas as discussões sobre vários aspectos do espanhol e do ensino do espanhol no Brasil, por terem debatido muitas vezes minhas inquietações, por terem lido os longos e-mails que eu escrevia e por terem contribuído tanto com a minha formação de jovem hispanista.

Aos funcionários da Pós-Graduação do IEL, em especial ao Cláudio, ao Miguel e à Rose, pelo atendimento sempre gentil.

Aos professores que tive no IEL: Ataliba de Castilho, Bernadete Abaurre, Juanito Avelar, Ruth Lopes e Sonia Cyrino, pelos cursos tão interessantes, tão instigantes e de tanta qualidade. Agradeço especialmente à Mary Kato, pelos comentários que fez ao Projeto de Tese em vários momentos e por ser uma figura tão inspiradora na vida acadêmica de muitos estudantes.

Ao Francisco Ordóñez, pelas contribuições que me deu sobre partes da Tese. Ao João Costa, pelo curso que deu na UFBA sobre posição do sujeito e foi determinante para mim.

À Elisabete Moraes, minha primeira professora de espanhol, ainda no Colégio Militar de Salvador, a quem devo a minha paixão pelo espanhol.

Aos amigos-irmãos Cedro e Júlina pela amizade, apoio, incentivo, desde que nos conhecemos quando meus pais foram morar em Salvador há quase 20 anos.

À FAPESP, pela bolsa de doutorado no país. Por oferecer aos seus bolsistas uma bolsa bastante digna e recursos para uma formação mais rica.

Agradeço à CAPES pela bolsa de estágio de doutorando no exterior, que me permitiu enriquecer a minha formação.

Por fim, agradeço aos professores da Banca da Tese por disporem do seu precioso tempo de trabalho para fazer uma leitura atenta e oferecer contribuições tão especiais que fazem com que nosso trabalho se enriqueça.

Campinas, 7 de novembro de 2011.



[...]  
E a beleza do lugar, pra se entender  
Tem que se achar  
Que a vida não é só isso que se vê  
É um pouco mais  
Que os olhos não conseguem perceber  
E as mãos não ousam tocar  
E os pés recusam pisar  
Sei lá não sei...  
Sei lá não sei...  
[...]

(Paulinho da Viola e Hermínio B. de Carvalho, “Sei lá Mangureira”)

*Os que apreciam obras de raciocínio, sem dúvida encontrarão nele alguma coisa que poderá satisfazê-los e não menosprezarão seu assunto, porque, se a palavra é uma das grandes vantagens do homem, não deve ser algo menosprezável possuir toda a perfeição que convém ao homem, isto é, **ter não apenas seu uso mas também conhecer-lhe as razões e fazer cientificamente o que os outros fazem apenas por costume.***

(Antoine Arnauld e Claudine Lancelot,  
Prólogo da *Gramática de Port-Royal*)





## RESUMO

Esta Tese discute a mudança na ordem de constituintes e no posicionamento do verbo finito na história do espanhol europeu. Fontana (1993) propõe que o espanhol antigo era uma língua V2 simétrica, como o iídiche e o islandês atuais, na qual o verbo se movia para I° e SpecIP era uma posição A-Barra. Zubizarreta (1998) propõe que, no espanhol atual, o verbo também se mova para I° e que SpecIP ainda seja uma posição A-Barra. Neste sentido, se entende que a proposta de Zubizarreta (1998) é a de que as duas fases da língua são estruturalmente idênticas; contudo, o que os dados de Fontana (1993) mostram é que há diferenças estruturais importantes entre elas.

O Capítulo 01 se concentra na discussão formal do efeito V2 nas línguas germânicas, que são consideradas as línguas V2 prototípicas, enfatizando: a) qual é o gatilho para o movimento do verbo; b) o que desencadeia a variação na manifestação do efeito V2 nas orações subordinadas fazendo com que algumas línguas apresentem efeito V2 irrestritamente e outras só apresentem efeito V2 nas orações matrizes. É proposta uma análise unificada em que, em ambos os casos, o verbo sempre se move para C° em orações matrizes e que a variação no traço [ $\pm$ asserção] é o responsável pela variação do efeito V2 nas orações subordinadas.

O Capítulo 02 apresenta os dados do espanhol antigo e do espanhol atual. O trabalho se concentra em orações finitas e declarativas. Mostra-se que há aspectos que não distinguem superficialmente as duas fases, como a quantidade de constituintes pré-verbais, a posição do sujeito em relação ao verbo simples e a relação do verbo com os advérbios e o objeto direto. Por outro lado, há aspectos superficiais que diferenciam claramente as duas fases, tais como o posicionamento dos clíticos, a ordem O-V e a retomada clítica, a posição do sujeito nos complexos verbais, a ordem XP-V e a posição do sujeito. O Capítulo conclui que a diferença entre as duas fases, com relação às ordens V1, V2 e V>2, é qualitativa e não quantitativa e que o espanhol antigo possuía variação gramatical, apresentando uma gramática semelhante à gramática atual e uma gramática V2.

O Capítulo 03 propõe uma análise formal para os fatos discutidos no Capítulo 02. Discute-se a posição do sujeito, propondo que os sujeitos pós-verbais se movem sempre do VP e que os sujeitos pré-verbais podem ter também uma posição dentro do IP. Com relação à ordem O-V e a duplicação clítica, se mostra que a diferença entre as duas fases está relacionada com a noção de operador. Por fim, se discute o movimento do verbo e é proposto que, no espanhol atual, o verbo se mova unicamente para I° (tanto em orações neutras como em orações marcadas) e, no espanhol antigo, na gramática V2, o verbo se mova generalizadamente para C°.

O Capítulo 04 procura explicar a mudança gramatical de uma fase para a outra, relacionando questões da história interna com aspectos da sócio-história. Assume-se que a aquisição da linguagem é o lugar da mudança lingüística; faz-se um rápido panorama da formação do espanhol e se sugere que o efeito V2 encontrado no espanhol antigo é decorrente de influências germânicas, através do contato de línguas e transmissão lingüística irregular. A perda do efeito V2 é explicada por uma mudança paramétrica devido a uma alteração no *input* ao qual as crianças dos Séculos XV e XVI eram expostas. O Capítulo termina discutindo uma possível influência do espanhol na perda do efeito V2 no português europeu.

As conclusões gerais são as seguintes: a) línguas V2 apresentam sempre movimento do verbo para CP em orações matrizes e têm as orações subordinadas abertas a parametrização (não existe V2 em IP, que é sempre uma *projeção* A); b) o espanhol antigo e o espanhol atual não são o mesmo tipo de gramática, mesmo que superficialmente possam produzir enunciados semelhantes.



## RESUMEN

Esta Tesis discute el cambio en el orden de constituyentes y en la ubicación del verbo finito en la historia del español europeo. Fontana (1993) propone que el español antiguo era una lengua V2 simétrica, como lo son el islandés y el iídiche actuales, en que el verbo se movía para I° y SpecIP era una posición A-Barra. Zubizarreta (1998) propone que, en el español actual, el verbo también se mueve para I° y que SpecIP todavía es una posición A-Barra. En este sentido, se entiende que las dos fases son estructuralmente idénticas; sin embargo, lo que se observa en los datos de Fontana (1993) es que hay diferencias estructurales importantes que las distingue.

El Capítulo 01 se concentra en la discusión formal del efecto V2 en las lenguas germánicas, que se consideran las lenguas V2 prototípicas, enfatizando: a) qué es lo que provoca el movimiento del verbo; b) cuál es la naturaleza de la variación en la manifestación del efecto V2 en las oraciones subordinadas haciendo que unas lenguas presenten efecto V2 irrestrictamente y otras solo lo presenten en oraciones matrices. Se hace un análisis unificado en el que se propone que, en ambos casos, el verbo siempre se mueve para C° en las oraciones matrices y que la variación en el rasgo [±aserción] es el responsable por la variación del efecto V2 en las oraciones subordinadas.

El Capítulo 02 presenta los datos del español antiguo y el español actual. El trabajo se concentra en las oraciones finitas y declarativas. Se muestra que hay aspectos que no distinguen superficialmente las dos fases, tales como la cantidad de constituyentes en posición preverbal, la posición del sujeto en relación con el verbo simple y la relación del verbo con los adverbios y el objeto directo. Por otra parte, hay aspectos superficiales que distinguen las dos fases, tales como el posicionamiento de los clítics, el orden O-V y la duplicación clítica, la posición del sujeto en los complejos verbales, el orden XP-V y la posición del sujeto. El Capítulo concluye que la diferencia entre las dos fases, en lo tocante a los órdenes V1, V2 y V>2, es cualitativa y no cuantitativa y que el español antiguo tenía variación gramatical presentando una gramática semejante a la actual y una gramática V2.

El Capítulo 03 propone un análisis formal para los hechos discutidos en el Capítulo 02. Se discute la posición del sujeto y se propone que los sujetos posverbiales siempre se mueven del VP y los sujetos preverbiales pueden tener una posición dentro del IP. Sobre el orden O-V y la duplicación clítica, se muestra que la diferencia entre las dos fases está relacionada con la noción de operador. Por fin, se discute el movimiento del verbo y se propone que, en el español actual, el verbo se mueva únicamente para I°, (tanto en oraciones no marcadas como en oraciones marcadas) y, en el español antiguo, en la gramática V2, el verbo se mueva generalizadamente para C°.

El Capítulo 04 busca explicar el cambio gramatical de una fase a otra, relacionando cuestiones de la historia interna con aspectos de la sociohistoria. Se asume que la adquisición del lenguaje es el lugar del cambio lingüístico; se hace un rápido panorama de la formación del español y se sugiere que el efecto V2 que se encuentra en el español antiguo es una consecuencia de influjos germánicos, a través del contacto de lenguas y transmisión lingüística irregular. La pérdida del efecto V2 se explica a través de un cambio paramétrico debido a una alteración en el *input* al que los niños de los Siglos XV y XVI estaban expuestos. El Capítulo se cierra discutiendo un posible influjo del español en la pérdida del efecto V2 en el portugués europeo.

Las conclusiones generales son las siguientes: a) las lenguas V2 presentan siempre movimiento del verbo para CP en oraciones matrices y tienen las oraciones subordinadas abiertas a parametrización (no hay V2 en IP, que siempre es una proyección A); b) el español antiguo y el español actual no son el mismo tipo de gramática, aunque superficialmente puedan producir enunciados semejantes.



## ABSTRACT

This Thesis discusses the change in the order of constituents and in the position of the finite verb in the history of the European Spanish. Fontana (1993) proposes that the Old Spanish was a symmetrical V2 language, just like Current Yiddish and Icelandic, in which the verb would move to I° and SpecIP would be an A-Bar position. Zubizarreta (1998) proposes that in Current Spanish the verb movement is also to I° and that SpecIP is still an A-Bar position. In that sense, it is understood that both phases of Spanish are structurally identical; however, what Fontana (1993)'s data show is that there are important structural differences between them.

Chapter 01 focuses on the formal discussion of the V2 phenomena in the Germanic languages, which are considered to be the prototypical V2 languages, emphasizing: a) which is the trigger to the movement of the verb; b) what unleashes the variation in the manifestation of the V2 effect in the embedded clauses, making some languages present the V2 effect unrestrictedly and some others only present the V2 effect in the matrix clauses. A unified analysis is proposed where in both cases the verb always moves to C° in matrix clauses and that the variation of feature [ $\pm$ assertion] is responsible for the variation of the V2 effect of the embedded clauses.

Chapter 02 presents the data of both Old and Current Spanish. The work focuses in finite and declarative clauses. It is shown that there are aspects which do not distinguish the two phases superficially, like the pre-verbal constituents, the position of the subject according to the simple verb and the relationship among adverbs and the direct object. On the other hand, there are superficial aspects which clearly differentiate both phases, as the position of the clitics, the O-V order and the clitic resumption, the position of the subject in the complex verbs, the XP-V order and the subject position. This chapter concludes that the difference between both phases in relation to the V1, V2 and V>2 orders is qualitative and not quantitative and that the Old Spanish possesses grammatical variation, presenting an alike grammar to the current grammar and the V2 grammar.

Chapter 03 proposes a formal analysis of the facts discussed in Chapter 02. It is discussed the position of the subject, suggesting that the post-verbal subjects always move to VP and that the pre-verbal subjects can also have a position within IP. In relation to the O-V order and the clitic doubling, it is shown that the difference between the two phases is related to the notion of operator. To sum up, it is discussed the movement of the verb and it is proposed that in the Current Spanish the verb moves only to I° (as long in neutral clauses as in marked clauses) and that, in Old Spanish, in the V2 grammar, the verb moves generally to C°.

Chapter 04 tries to explain the grammatical change from one phase to the other, relating questions of intern history with social-historical aspects. It is assumed that the acquisition of language is the place of the linguistic change; there is a brief overview of the formation of Spanish and it is suggested that the V2 effect found in the old Spanish comes from Germanic influences through the contact of languages and through the irregular linguistic transmission. The loss of the V2 effect is explained by a parametric change due to an alteration in the *input* in which children of the XV and XVI centuries were exposed. The chapter finishes with a discussion of a possible influence of the Spanish in the loss of the V2 effect in the European Portuguese.

The general conclusions are the following: a) V2 languages always display verb movement to CP in matrix clauses and they have embedded clauses opened to parametrization (there is not V2 in IP, which is always an A projection); b) Old Spanish and Current Spanish have not the same type of grammar, although superficially both can make similar utterances.



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Número de orações finitas em cada século	87
<b>Tabela 2:</b> Distribuição geral da posição do verbo nas duas fases do espanhol	142
<b>Tabela 3:</b> Distribuição posição do verbo em orações matrizes nas duas fases do espanhol	142
<b>Tabela 4:</b> Distribuição da posição do verbo em orações subordinadas nas duas fases do espanhol	142
<b>Tabela 5:</b> Ordem S-V e ordem V-S nas duas fases do espanhol	143
<b>Tabela 6:</b> Colocação pronominal nas duas fases do espanhol	145
<b>Tabela 7:</b> Colocação pronominal em orações matrizes nas duas fases do espanhol	146
<b>Tabela 8:</b> Colocação pronominal em orações subordinadas nas duas fases do espanhol	147
<b>Tabela 9:</b> Resultado geral da posição do sujeito Meyer-Hermann (1988, p. 87)	262
<b>Tabela 10:</b> Resultado da posição do sujeito nominal Meyer-Hermann (1988, p. 87)	263
<b>Tabela 11:</b> A posição do sujeito na história do espanhol	268
<b>Tabela 12:</b> A posição do sujeito entre os Séculos XVII e XVIII	268
<b>Tabela 13:</b> A colocação pronominal na história do espanhol	269
<b>Tabela 14:</b> A colocação pronominal em orações matrizes na história do espanhol	270
<b>Tabela 15:</b> A colocação pronominal em orações subordinadas na história do espanhol	270
<b>Tabela 16:</b> A colocação pronominal em orações matrizes com ordem V1 absoluta na história do espanhol	271
<b>Tabela 17:</b> Distribuição geral da posição do verbo na história do espanhol	272
<b>Tabela 18:</b> Distribuição posição do verbo em orações matrizes na história do espanhol	272
<b>Tabela 19:</b> Distribuição da posição do verbo em orações subordinadas na história do espanhol	272
<b>Tabela 20:</b> XP em primeira posição entre os Séculos XII e XVI	275
<b>Tabela 21:</b> Objetos com clítico <i>versus</i> sem clíticos em primeira posição entre os Séculos XII e XVI	276
<b>Tabela 22:</b> Orações matrizes com ordem linear V2 no português	282





## LISTA DE SÍMBOLOS E ABREVIATURAS

Abrev.	Por extenso em inglês	Por extenso em português
#	Contextually inadequate	Inadequada no contexto
*X	Ungrammatical	Agramatical
A	A position	Posição Argumental
ACC	Acusative	Acusativo
Adv	Adverb	Advérbio
Agr	Agreement	Concordância
Aux	Auxiliary	Verbo Auxiliar
C	Complementizer	Complementizador
cl	Clitic	Clítico
CLLD	Clitic left dislocation	Deslocamento à esquerda clítico
DAT	Dative	Dativo
DEF	Defined	Definido
DP	Determiner Phrase	Sintagma de determinante
EPP	Extended Projection Principle	Princípio da Projeção Estendido
EXP	Expletive	Expletivo
Fin	Finitude	Finitude
Foc	Focus	Foco
I	Inflection	Flexão
LD	Left dislocation	Deslocamento à esquerda
NOM	Nominative	Nominativo
O	Object	Objeto
PB	Brazilian Portuguese	Português brasileiro
PE	European Portuguese	Português europeu
PP	Prepositional phrase	Sintagma preposicionado
<i>pro</i>	Null Pronoun	Pronome Nulo
PRT	Particle	Partícula
S	Subject	Sujeito
Spec	Specifier	Especificador
T	Tense	Tempo
TEC	Transitive expletive construction	Construção transitiva expletiva
Top	Topic	Tópico
<i>v</i>	"Little verb"	vzinho
V	Lexical Verb	Verbo Lexical
V>2		Verbo em posição maior que a segunda
V1	Verb one	Verbo em primeira posição
V2	Verb second	Verbo em segunda posição
WH	Interrogative constituent	Constituinte interrogativo
X*	Phonologic realization	Realização fonológica
XP	X-Phrase	Sintagma X (qualquer)



## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

<b>0.1. Primeiras palavras</b>	1
<b>0.2. O quadro teórico do trabalho</b>	3
0.2.1. A Cartografia das estruturas sintáticas	5
<b>0.3. Problemas gerais</b>	11
0.3.1. Sobre o efeito V2 nas línguas humanas	11
0.3.2. Sobre o movimento do verbo na história do espanhol	12
<b>0.4. Hipóteses</b>	13
<b>0.5. Justificativa</b>	13
<b>0.6. Organização do trabalho</b>	14

### CAPÍTULO 01

#### **LÍNGUAS GERMÂNICAS, MOVIMENTO DO VERBO E EFEITO V2**

<b>1.1. Introdução</b>	17
<b>1.2. Principais problemas</b>	19
1.2.1. O efeito V2 nas orações subordinadas	20
1.2.2. O efeito V2 nas orações matrizes	22
<b>1.3. Primeiras análises do efeito V2</b>	24
1.3.1. Den Besten (1989): V2 é movimento do verbo para COMP	24
1.3.2. Taraldsen (1986): V2 torna a sentença um predicado	28
1.3.3. Den Besten e Moed-van Walraven (1986): movimento do verbo no iídiche	30
1.3.4. Thráinsson (1986): V2 em INFL no islandês	33
1.3.5. De Haan e Weernan (1986): V2 e a recomplementação do CP	34
1.3.6. Conclusão	37
<b>1.4. A análise do V2-IP</b>	38
<b>1.5. A proposta de recomplementação do CP</b>	42
<b>1.6. Contra V2-IP e a favor de V2-CP generalizado</b>	46
1.6.1. Declarativas V1	47

1.6.2.	A posição do sujeito em relação a advérbios de VP	48
1.6.3.	Construções de <i>Object Shift</i>	49
1.6.4.	Orações subordinadas com dois complementizadores	50
1.6.5.	Aquisição da linguagem, gatilho para movimento do verbo e efeito V2	52
1.6.6.	Conclusão	53
<b>1.7.</b>	<b>Força ilocucionária e efeito V2</b>	<b>54</b>
<b>1.8.</b>	<b>Variação paramétrica na manifestação do V2</b>	<b>61</b>
1.8.1.	Efeito V2 e traço EPP	63
1.8.2.	Análise unificada do efeito V2	66
<b>1.9.</b>	<b>Conclusão</b>	<b>73</b>
<b>1.10.</b>	<b>Problemas residuais</b>	<b>74</b>

## **CAPÍTULO 02**

### **A ORDEM DE CONSTITUINTES NO ESPANHOL ANTIGO E NO ESPANHOL ATUAL**

<b>2.1.</b>	<b>Introdução</b>	<b>79</b>
<b>2.2.</b>	<b>Problemas principais</b>	<b>83</b>
<b>2.3.</b>	<b>Metodologia empregada</b>	<b>85</b>
<b>2.4.</b>	<b>A ordem de constituintes no espanhol antigo</b>	<b>87</b>
2.4.1.	A posição superficial do verbo	88
2.4.1.1.	<i>As orações matrizes</i>	88
2.4.1.2.	<i>As orações subordinadas</i>	91
2.4.2.	A ordem O-V e a retomada clítica	95
2.4.3.	A posição do sujeito	99
2.4.3.1.	<i>Os sujeitos pré-verbais</i>	99
2.4.3.2.	<i>Os sujeitos pré-verbais</i>	102
2.4.3.3.	<i>O sujeito nulo</i>	106
2.4.3.4.	<i>Recapitulando</i>	109
2.4.4.	Os complexos verbais	109
2.4.5.	A posição do clítico em relação ao verbo finito	110
2.4.6.	A clivagem	114

2.4.7.	A relação entre verbo e objeto	116
2.4.8.	A posição do advérbio com relação ao verbo	118
2.4.9.	Sintetizando as propriedades do espanhol antigo	119
<b>2.5.</b>	<b>A ordem de constituintes no espanhol europeu atual</b>	<b>120</b>
2.5.1.	A posição superficial do verbo	122
2.5.1.1.	<i>As orações matrizes</i>	122
2.5.1.2.	<i>As orações subordinadas</i>	124
2.5.2.	A ordem O-V e a retomada clítica	127
2.5.3.	A posição do sujeito	129
2.5.3.1.	<i>Os sujeitos pré-verbais</i>	129
2.5.3.2.	<i>Os sujeitos pré-verbais</i>	131
2.5.4.	Os complexos verbais	133
2.5.5.	A posição do clítico em relação ao verbo finito	134
2.5.6.	A clivagem	136
2.5.7.	A relação entre verbo e objeto	137
2.5.8.	A posição do advérbio com relação ao verbo	137
2.5.9.	Sintetizando as propriedades do espanhol europeu atual	138
<b>2.6.</b>	<b>Uma discussão dos dados</b>	<b>139</b>
2.6.1.	Aspectos não diferenciadores	140
2.6.1.1.	<i>A posição do verbo com relação aos advérbios e o objeto direto</i>	140
2.6.1.2.	<i>A clivagem</i>	141
2.6.1.3.	<i>As ordens V1, V2 e V&gt;2</i>	141
2.6.1.4.	<i>A ordem S-V e a ordem V-S</i>	143
2.6.2.	Aspectos diferenciadores	144
2.6.2.1.	<i>A colocação pronominal</i>	144
2.6.2.2.	<i>A ordem O-V e a duplicação clítica</i>	148
2.6.2.3.	<i>A ordem XP-V e a posição do sujeito</i>	152
2.6.2.4.	<i>Os complexos verbais e a posição do sujeito</i>	154
<b>2.7.</b>	<b>Conclusão</b>	<b>155</b>

## **CAPÍTULO 03**

### **O MOVIMENTO DO VERBO NAS DUAS FASES DO ESPANHOL**

<b>3.1. Introdução</b>	159
<b>3.2. A posição do sujeito</b>	160
3.2.1. Sujeitos pós-verbais	161
3.2.1.1. <i>A ordem V-XP-S</i>	161
3.2.1.2. <i>A ordem V-S(-XP)</i>	173
3.2.1.3. <i>Sintetizando a análise do sujeito pós-verbal</i>	179
3.2.2. Sujeitos pré-verbais	180
3.2.2.1. <i>Sujeitos Pré-verbais estão fora de IP.</i>	181
3.2.2.2. <i>Sujeitos Pré-verbais podem estar em IP também</i>	184
3.2.2.3. <i>Análise formal da ordem S-V</i>	189
3.2.3. Sintetizando as posições do sujeito no espanhol atual	194
<b>3.3. Os objetos fronteados</b>	195
<b>3.4. O movimento do verbo</b>	199
3.4.1. O movimento do verbo no espanhol atual	199
3.4.1.1. <i>Sintetizando e apontando problemas</i>	207
3.4.2. O movimento do verbo no espanhol antigo	210
3.4.2.1. <i>Considerações sobre os clíticos</i>	214
3.4.2.2. <i>A ordem V1 no espanhol antigo</i>	220
3.4.2.3. <i>A ordem V&gt;2 no espanhol antigo</i>	223
<b>3.5. Conclusão</b>	227

## **CAPÍTULO 04**

### **AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM, CONTATO DE LÍNGUAS E MUDANÇA LINGÜÍSTICA**

<b>4.1. Introdução</b>	229
<b>4.2. Algumas considerações gerais sobre a mudança lingüística na teoria gerativa</b>	231
4.2.1. A aquisição da Linguagem	233
4.2.2. A teoria da gramática e a mudança lingüística	234
4.2.3. O contato de línguas e a transmissão lingüística irregular	237

<b>4.3. A história do espanhol</b>	240
4.3.1. A romanização Península Ibérica	240
4.3.1.1. <i>A formação do Império Romano</i>	240
4.3.1.2. <i>O latim: sua difusão e variedade</i>	242
4.3.1.3. <i>O latim hispânico</i>	244
4.3.1.4. <i>A queda do Império Romano</i>	246
4.3.2. O contato de línguas na formação da língua espanhola	246
4.3.3. Sobre as invasões germânicas e a formação da língua espanhola	251
4.3.4. O espanhol antigo e o efeito V2	254
4.3.5. O efeito V2 nas línguas germânicas antigas	257
4.3.6. Sobre as invasões árabes	260
4.3.7. Influência árabe na sintaxe do espanhol	261
4.3.8. Conclusão	266
<b>4.4. A perda do efeito V2 na história do espanhol</b>	267
4.4.1. Algumas questões sobre os sujeitos e os clíticos	267
4.4.2. A mudança no movimento do verbo	272
<b>4.5. O contato de línguas entre o espanhol e o português</b>	281
4.5.1. A perda do efeito V2 no português europeu	281
4.5.2. A dinâmica da mudança nas duas línguas	283
<b>4.6. Conclusão</b>	286
<b><u>CONCLUSÃO</u></b>	289
<b><u>REFERÊNCIAS</u></b>	293





## 0.1. Primeiras palavras

A partir da década de 1980, com os desenvolvimentos da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981; 1986a), os estudos em sintaxe gerativa puderam dar um avanço muito grande em relação aos modelos teóricos anteriores, dedicados aos estudos de regras e operações de transformações que só podiam dar conta de línguas particulares. Neste novo modelo teórico de Princípios e Parâmetros<sup>1</sup>, é proposto que a faculdade da linguagem contém princípios universais e invariáveis e, ao mesmo tempo, uma gama de princípios em aberto, os parâmetros, que seriam os responsáveis pela diferenciação das línguas. Assim, a variação das línguas humanas seria explicada pela diferença de fixação paramétrica e não pelo aprendizado de regras específicas.

Mais do que alavancar os estudos comparativos entre línguas diferentes a fim de entender o funcionamento da faculdade da linguagem e o que são os parâmetros de variação entre as línguas e explicitar seu funcionamento<sup>2</sup>, a Teoria de Princípios e Parâmetros também possibilitou o estudo comparativo entre fases (e variedades) diferentes de uma mesma língua, tendo em vista que sincronias diferentes podem ser consideradas gramáticas e, portanto, sistemas lingüísticos, diferentes<sup>3</sup>. Além disso, como comenta Paixão de Sousa (2004), os estudos em sintaxe diacrônica são relevantes não apenas pela mera comparação de fases diferentes de uma mesma língua mostrando o que há de diferente nessas fases; mas, pelo estudo das causas, das dinâmicas e dos

---

<sup>1</sup> A proposta de uma faculdade da linguagem, ou seja, a existência de uma capacidade inata, dada geneticamente para a espécie humana, já é discutida desde Chomsky (1957; 1965, 1975) por exemplo. Para uma boa discussão da questão, ver Chomsky (1975), em que o autor compara a faculdade da linguagem com outros órgãos do corpo humano. Para uma discussão mais recente, ver Chomsky (2006). O que acontece a partir da década de 1980, com a Teoria de Princípios e Parâmetros, é a reformulação da forma como essa capacidade inata, dada geneticamente, é explicada dentro do quadro gerativista. Essa reformulação pode ser comparada com o que se observou na química para a explicação do funcionamento do átomo através das várias reformulações dos modelos atômicos.

<sup>2</sup> Kato (2002) faz uma boa discussão sobre a evolução da noção de parâmetro dentro do quadro gerativista.

<sup>3</sup> Como diversos estudos têm mostrado, é possível encontrar sistemas bem semelhantes com relação à fonologia e o léxico, mas completamente diferentes com relação à sintaxe, como é o caso de variedades de uma mesma língua. Para um exemplo disso, no caso do espanhol, ver Toribio (2000).

processos da mudança lingüística. Ou seja: mais importante do que dizer que duas fases de uma mesma língua são diferentes é explicar como a fixação de parâmetros mudou de uma fase para a outra.

Dentro desse modelo teórico, é pioneiro o trabalho de Pollock (1989), que compara o inglês com o francês com relação ao posicionamento do verbo e conclui, a partir de orações como as ilustradas em (1) abaixo, que há um parâmetro diferenciando as duas línguas:

- (1) a. John often **kisses** Mary.<sup>4</sup> (inglês)  
 João freqüentemente beija Maria
- b. Jean **embrasse** souvent Marie. (francês)  
 João beija freqüentemente Maria

(POLLOCK, 1989, p. 367)

Em uma língua, o francês, o verbo deve se mover de sua posição de base na estrutura (V) para uma posição mais alta (I)<sup>5</sup> e, na outra língua, o inglês, o verbo se mantém em sua posição de base tendo em vista o contraste observado entre a ordem do verbo e do advérbio nas duas línguas conforme mostram os exemplos em (1) acima. Assim, as línguas podem ser divididas em dois grupos: línguas que fixam positivamente o parâmetro do movimento do verbo e línguas que fixam negativamente este parâmetro.

Recentemente, no Programa Minimalista, Chomsky (1993, 1995) reduz a diferença paramétrica entre as línguas a partir da noção de força dos traços dos itens lexicais. Se um determinado item tem um determinado traço forte, esse item deve ter seus traços checados na sintaxe visível antes de a derivação passar por *spell out*. Se, pelo contrário, um determinado item tem um determinado traço fraco, esse traço é checado na sintaxe invisível, após a derivação passar por *spell out*. Desta maneira, a diferença entre (1a) e (1b) acima, dentro do Programa Minimalista, é que a flexão do inglês tem traços fracos e o verbo não se move na sintaxe visível para checar os traços fracos de INFL; no sentido contrário, a flexão do francês tem traços fortes e o verbo deve se mover na sintaxe visível para checar os traços fortes de INFL<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> Destaco, nos exemplos, o verbo que deve ser considerado na discussão com negrito.

<sup>5</sup> Pollock (1989) divide o IP em outras projeções como AgrP e TP.

<sup>6</sup> Vale observar, como discutido em Pollock (1989), que, em inglês, há uma diferença entre verbos lexicais, de um lado, e verbos auxiliares e modais de outro. Os verbos lexicais nunca apresentam movimento de verbo, refletindo a fixação

Em modelos minimalistas mais recentes (a partir de CHOMSKY, 2000), há uma reformulação do que se entende como EPP. Inicialmente, o EPP (*Extended Projection Principle* – Princípio da Projeção Estendido) estava associado à obrigatoriedade de existência de um sujeito sintático tendo em vista que, em algumas línguas, há um pronome expletivo realizando essa função mesmo com aqueles verbos que não selecionam semanticamente um sujeito, como os verbos meteorológicos, como é o caso de “it rains” (chove) do inglês. Posteriormente, ter um (traço) EPP passou a significar, muito simplificada, que a posição de especificador de uma categoria (qualquer que seja ela) deve estar ocupada.

## 0.2. O quadro teórico do trabalho

O quadro teórico no qual a análise formal deste trabalho se insere é a Teoria de Princípios e Parâmetros na versão do Programa Minimalista, que foi proposta a partir de Chomsky (1993). Nesta versão da Teoria de Princípios e Parâmetros, tudo o que não é conceitualmente motivado é descartado da análise. Chomsky (1993) propõe uma redução dos quatro níveis de representação (Estrutura Profunda, Estrutura Superficial, Forma Lógica e Forma Fonológica) da versão anterior, de Regência e Ligação, para apenas dois níveis (Forma Lógica e Forma Fonológica), que são os únicos conceitualmente motivados.

Os itens lexicais são selecionados do léxico e entram na derivação da oração a partir de uma numeração, que é o conjunto dos itens lexicais que devem ser exauridos na respectiva derivação. As orações são construídas a partir de duas operações básicas: *concatenação* (*merge*) e *movimento* (*move*). *Concatenação*, também chamada de *merge externo*, retira os elementos da numeração e os insere na derivação. *Movimento*, também chamada de *merge interno*, move os elementos já inseridos na derivação através da concatenação.

Outro princípio relevante que constitui o Programa Minimalista é a economia derivacional. A economia derivacional prevê que, se duas numerações têm os mesmos itens, aquela que tiver uma derivação com menor número de passos é a mais econômica; portanto, essa é a derivação escolhida pela faculdade da linguagem. Consequentemente, este princípio estabelece que a operação *movimento* só pode ser realizada com alguma motivação, em geral, como último recurso

---

negativa do parâmetro. Alternativamente, para explicar a ordem V-adv, encontrada com verbos auxiliares e modais, como em “She **is** always here”, é proposto que esses verbos sejam concatenados diretamente em (I).

para checagem de traços. Por exemplo, é banida da análise lingüística a postulação de uma operação de movimento somente para dar conta da ordem linear dos constituintes.

Com relação à ordem e a hierarquia de constituintes, assumo a proposta de Kayne (1994). Na proposta da antissimetria, Kayne (1994) determina que todas as línguas possuam uma ordem básica subjacente uniforme (por exemplo, todas as línguas têm a ordem núcleo-complemento), e as possíveis alterações desta ordem são derivadas a partir de algum tipo de movimento de constituinte, que é exclusivamente para a esquerda, que faz com que o elemento movido seja adjungido à esquerda do elemento que o hospedará<sup>7</sup>.

Antes de entrar na derivação, os itens lexicais são dotados de traços que podem ser formais, fonológicos e semânticos. Os traços devem ser checados em algum ponto da derivação. Se os traços são fortes, a checagem deve ser feita antes do *spell-out*, ou seja, na sintaxe visível, antes do ponto em que a oração é enviada para a forma fonológica para ser pronunciada; se os traços são fracos<sup>8</sup>, a checagem pode ser feita após *spell-out*<sup>9</sup>.

Uma derivação é convergente, ou seja, tem um resultado gramatical, se satisfaz o *Princípio da Interpretação Plena (Full Interpretation Principle)*, que determina que todos os traços sejam checados nos seus respectivos níveis de representação: traços fonológicos são checados no componente fonológico e traços semânticos são checados no componente semântico. Se algum traço permanece não checado, a derivação não converge e a oração resultante é agramatical.

---

<sup>7</sup> Em modelos anteriores, a diferença entre a ordem V-O e a ordem O-V, por exemplo, era explicada simplesmente pela diferente posição do núcleo (V) e do complemento (O), que, nas línguas V-O, era núcleo-complemento e, nas línguas O-V, era complemento-núcleo. Neste modelo proposto por Kayne (1994), as línguas são universalmente V-O. A ordem O-V encontrada nos dados é decorrente de algum movimento do objeto por cima do verbo.

<sup>8</sup> Não fica claro em Chomsky (1993) e trabalhos posteriores que discutem a questão, mesmo aqueles trabalhos com fins de apresentação da questão, como Hornstein, Nunes e Grohmann (2005), as razões pelas quais um determinado traço é forte ou fraco. As coisas simplesmente são assim: “É forte porque se move. É fraco porque não se move”. Embora pareça haver algumas correlações morfofonológicas, há casos, como o do próprio francês, em que as coisas não ficam claras.

<sup>9</sup> A diferença paramétrica no Programa Minimalista é justamente determinada pela variação na força dos traços dos itens lexicais, em especial do léxico funcional. Portanto, o lugar onde as línguas variam é na Forma Fonológica. No componente semântico, ou seja, na Forma Lógica, todas as línguas são iguais (isso implica que em algum momento da derivação, todos os elementos terão realizado os mesmos movimentos em todas as línguas). Por exemplo, crianças espanholas e crianças japonesas ouvem os elementos interrogativos em posições diferentes (as espanholas ouvem os interrogativos no início da oração e as japonesas no final), porém ambas interpretam esses elementos na mesma posição.

### 0.2.1. A Cartografia das estruturas sintáticas

Em adição, assumo a proposta da cartografia das estruturas sintáticas proposta inicialmente por Rizzi (1997). A partir dos trabalhos de Larson (1988) sobre a estrutura do VP e de Pollock (1989) sobre a estrutura do IP, Rizzi (1997) propõe que a projeção CP tenha mais que uma simples projeção XP.

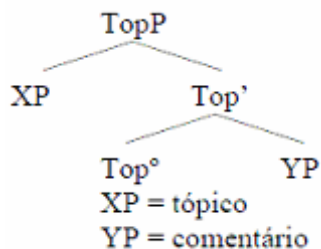
Observando orações como as ilustradas em (2)

- (2) a. Your book, you should give t to Paul (not to Bill)  
 O seu livro, você pode dar t para Paul (não para Bill)
- b. YOUR BOOK you should give t to Paul (not mine)  
 O SEU LIVRO você pode dar t para Paulo (não o meu)

(RIZZI, 1997, p. 285)

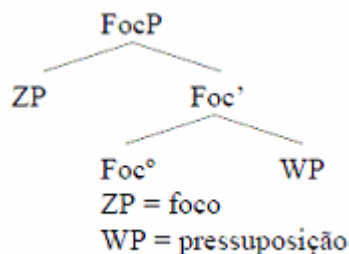
Rizzi (1997) comenta que, embora as orações em (2) sejam superficialmente similares, apresentam diferenças interpretativas. (2a) representa o sistema tópico-comentário, no qual o elemento à esquerda da oração é o tema da conversa e a oração remanescente no IP é o comentário que se faz sobre esse tema. Por outro lado, (2b) representa o sistema foco-suposição, no qual a oração em IP indica a suposição e o elemento deslocado à esquerda é a informação nova que completa o valor da suposição. Ambos os sistemas terão a representação de um esquema X-Barra como ilustrado em (3) e (4):

(3)



(RIZZI, 1997, p. 286)

(4)



(RIZZI, 1997, p. 287)

Rizzi (1997) comenta que, em forma lógica, (3) e (4) devem ser a configuração de checagem de traços mesmo que os elementos estejam *in-situ* na sintaxe visível, como ilustra o exemplo (5):

- (5) Ho letto IL TUO LIBRO (non il suo)  
Eu li O TEU LIVRO (não o dele)

(RIZZI, 1997, p. 287)

Esse movimento para checagem de traços em forma lógica se deve à obediência a critérios semelhantes ao *Critério-WH* proposto por Rizzi (1991)<sup>10</sup> como definido em (6)<sup>11</sup>:

- (6) *Critério WH*

- A. A *WH*-operator must be in a *Spec-head* configuration with  $X^0[+WH]$   
B. An  $X^0[+WH]$  must be in a *Spec-head* configuration with a *WH*-operator.<sup>12</sup>

(RIZZI, 1991, p. 2)

As estruturas em (3) e (4) ilustram a obediência a um critério semelhante, em que um XP frontado se encontra em uma relação *Spec-Head* com um núcleo que porta os respectivos traços de tópico ou foco.

<sup>10</sup> Rizzi (1991) foi republicado posteriormente em Rizzi (1996).

<sup>11</sup> O movimento para uma posição mais alta é requerido para que o elemento tenha escopo sobre a oração, conforme assinalam Radford (1997), Pires de Oliveira (2001), Muller e Viotti (2003). No entanto, conforme mostra a análise de Belletti (1999; 2003; 2004), o XP focalizado em (5), por exemplo, não necessita ser movido para a periferia esquerda, tendo em vista a existência de uma “periferia baixa”, chamada por Belletti (2004) “Low IP área” (No Capítulo 03, retomarei esta questão ao discutir a posição dos sujeitos pós-verbais). Para uma definição semântica da operação de escopo, ver Ilari e Galdi (1987).

<sup>12</sup> A. Um operador *WH* deve estar numa configuração *Spec-Head* com um  $X^0[+WH]$ .  
B. Um  $X^0[+WH]$  deve estar numa configuração *Spec-Head* com um operador *WH*.

Os termos *tópico/topicalização* são termos que cobrem vários fenômenos lingüísticos e são usados por várias vertentes teóricas, tanto formais como funcionais. Como questões sintáticas e discursivas/informativas estão dentro do escopo desta Tese, farei a seguinte distinção terminológica (no Capítulo 03, quando discutir a noção de operador, retomarei um pouco dessas questões):

**Topicalização** = ESTRATÉGIA SINTÁTICA na qual um constituinte é movido de sua posição de base dentro da oração para a periferia esquerda; ou seja, assumo a *topicalização* como uma operação sintática de movimento A-Barra independentemente de seus efeitos discursivos (*tematização* ou *focalização*).

**Fronteamento** = EFEITO SINTÁTICO LINEAR em que um constituinte aparece no início da oração (periferia esquerda). A noção de *fronteamento* que estou assumindo está relacionada exclusivamente com a ordem superficial. Assim, dentro desta concepção, tanto as construções de *deslocamento à esquerda clítico* (que não envolvem movimento de constituinte) como as construções de *topicalização* (que envolvem movimento de constituinte), são rotuladas como *fronteamento* de constituinte.

**Tematização** = ESTRATÉGIA DISCURSIVA na qual um constituinte é tematizado, ou seja, é posto em destaque, predominantemente na periferia esquerda, como informação conhecida, dada, pressuposta ou como o tópico discursivo. A estratégia discursiva de *tematização* pode ser realizada através da operação sintática de *topicalização* ou do *deslocamento à esquerda* (que não envolve movimento de constituinte).

**Focalização** = ESTRATÉGIA DISCURSIVA na qual um constituinte é focalizado, ou seja, é posto em destaque, não necessariamente na periferia esquerda, como a informação nova que completa a pressuposição ou o contraste que corrige a asserção anterior. Nos casos de focalização em que o constituinte focalizado se encontra fora da sua posição canônica na oração, sempre é derivado via movimento A-Barra (*topicalização*).

Com relação aos possíveis ordenamentos entre tópico e foco, Rizzi (1997) apresenta as seguintes possibilidades:

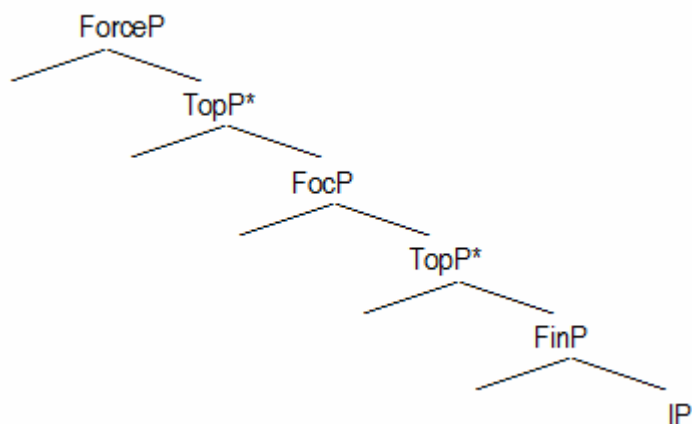
- (7)
- a. Credo che a Gianni, QUESTO, domani, gli dovremmo dire.
  - b. Credo che domani, QUESTO, a Gianni, gli dovremmo dire.
  - c. Credo che domani, a Gianni, QUESTO, gli dovremmo dire.
  - d. Credo che a Gianni, domani, QUESTO, gli dovremmo dire.
  - e. Credo che QUESTO, a Gianni, domani, gli dovremmo dire.
  - f. Credo che QUESTO, domani, a Gianni, gli dovremmo dire.

Creio que a Gianni, ISTO, amanhã nós deveremos dizer (e variações dessa ordem)

(RIZZI, 1997, p. 295-296)

Os exemplos acima mostram que são possíveis os seguintes ordenamentos: (7a) e (7b) Top-Foc-Top; (7c) e (7d) Top-Top-Foc; (7e) e (7f) Foc-Top-Top. Os exemplos mostram, também, que a ordenação dos tópicos não interfere na gramaticalidade das orações, o que evidencia que tópico é recursivo. Desta forma, a periferia esquerda da oração proposta por Rizzi (1997) é a estrutura representada em (8) a seguir.

(8)



(RIZZI, 1997, p. 297)

Sintetizando a discussão de Rizzi (1997), o CP deve ser entendido como o nível de interface entre a oração e uma estrutura superior (que pode ser entendida como uma oração matriz que



seleciona uma subordinada ou como a articulação do discurso). Desta maneira, o CP deve conter dois sistemas que providenciarão informações importantes para a interpretação sintática e semântica das orações: o Sistema Força-Finitude (*Force-Finiteness System*) e o Sistema Tópico-Foco (*Topic-Focus System*). O Sistema Força-Finitude providenciará informações de se a oração é declarativa, interrogativa, exclamativa, adverbial, comparativa, relativa etc. e se o verbo da oração é um verbo finito ou infinito. Por outro lado, o Sistema Tópico-Foco irá conter outras informações discursivas e informativas independentemente das restrições de seleção contidas nas orações, como os pares *tópico-comentário* e *foco-suposição*. Como tópico e foco são *posições A-Barra*, os elementos que se movem para essas posições devem ser saturados casual e tematicamente dentro da oração, ou seja, dentro do IP<sup>13</sup>.

Outro ponto levantado por Rizzi (1997) é a impossibilidade de recursividade de foco, a possibilidade de recursividade de tópico, e a possibilidade de co-ocorrência de tópico e foco. Com relação à impossibilidade de recursividade de foco, Rizzi (1997, p. 296- 297) comenta que se deve à incompatibilidade semântica: se um foco é complemento de outro foco, como ilustra a estrutura em

---

<sup>13</sup> Benincà e Polletto (2004) rediscutem a periferia esquerda a partir de dados de dialetos italianos e propõem uma reinterpretação das várias projeções do CP da seguinte maneira:

- (i) ForceP      FrameP      TopicP      FocusP      FinP      IP  
 (BENINCÀ e POLLETTO, 2004, p. X)

BENINCÀ (2006), também discutindo dialetos do italiano, refina ainda mais a proposta da periferia esquerda e propõe o seguinte ordenamento para as projeções FrameP, TopicP e FocusP:

- (ii) {Frame . . . [HT] . . . } {Topic . . . [LD] . . . } {Focus . . . [EmphFocus] . . . [UnmFocus] . . . }  
 (BENINCÀ, 2006, p. 58)

Frame é a posição dos tópicos pendentes (HT – *hanging topic*); em Topic, se localizam as construções de deslocamento à esquerda clítico (LD – *left dislocation*); em Focus se localizam os focos, sendo que o foco contrastivo (EmphFocus) se localiza mais alto que o foco não-contrastivo (UnmFocus).

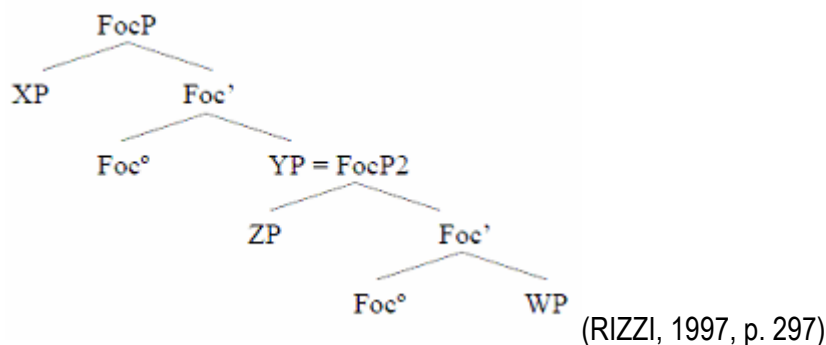
Benincà (2006) discute advérbios marcadores de cena e também mostra que a recursividade dos tópicos é apenas aparente. A autora propõe uma hierarquização mais rígida acontece na oração, chegando ao seguinte mapeamento do CP (colchetes indicam projeções simples e chaves indicam campos):

- (iii) [Force C°][Relwh C°]/{Frame[ScSett][HT] C°}{TOPIC[LD] [LI] C°}{Focus[| Focus][|l Focus]/[Interrwh] C°}[Fin C°]  
 (BENINCÀ, 2006, p. 61)

O que é importante para a análise que proponho nesta Tese é que, em qualquer que seja a proposta (a inicial de RIZZI, 1997; e os desenvolvimentos posteriores), ForceP é o núcleo mais alto e FinP é o núcleo mais baixo e, entre esses dois núcleos, há diversas projeções que podem ser usadas com valores informativos diferentes. Como não estou interessado particularmente no ordenamento dos elementos marcados discursivamente que aparecem no CP, a fins de simplificação, me basearei na proposta inicial de Rizzi (1997).

(9), o FocP complemento, representado por YP, vai ter interpretação ambígua de foco e pressuposição ao mesmo tempo, o que é impossível em forma lógica:

(9)



Por outro lado, o tópico não é sensível a essa restrição semântica tendo em vista que nada impede que um comentário seja o tema de outro comentário.

Considerando os aspectos teóricos da sintaxe, à primeira vista, parece haver uma contradição entre cartografia e minimalismo tendo em vista que, na visão cartográfica, há mais projeções sintáticas que aquelas projeções básicas (C-T-v-V) para a derivação. Cinque e Rizzi (2008) comentam que o projeto cartográfico não deve ser entendido como um modelo teórico. Neste sentido, a visão mais estrita do minimalismo não é incompatível com a visão cartográfica porque a primeira está interessada em entender como a derivação sintática procede de maneira mais econômica (nos modelos atuais, com base em apenas duas operações, *merge interno* e *merge externo*) enquanto que a segunda está interessada na arquitetura da faculdade da linguagem, em saber precisamente a hierarquia e organização dos constituintes. Neste sentido, parece não haver nenhuma co-relação entre operações mínimas e poucas projeções; ou seja, o fato de haver apenas duas operações que atuam na derivação sintática não implica que somente haja quatro projeções na arquitetura da faculdade da linguagem<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> De todas as formas, a ordem de constituintes das línguas humanas não consegue ser explicada com apenas quatro projeções: ou se assume que há mais projeções ou se assume a existência de múltiplos especificadores. A proposta minimalista de que o CP tem apenas uma projeção me parece empiricamente problemática. Embora possa ser assumido que foco e tópico (pelo menos em muitas línguas indo-européias que não apresentam marcadores individuais para cada uma dessas funções) são identificados a partir de módulos de interface e não pelas projeções estruturais que ocupam, há evidências independentes para postular mais de uma projeção em CP, tais como: construções com dois “que”; a comparação da focalização em algumas línguas africanas, nas quais nenhum constituinte pode intervir entre foco e

No entanto, a proposta cartográfica, tal como a entendo, não implica numa proliferação de projeções sem nenhuma motivação empírica para isso. Cinque e Rizzi (2008) argumentam que a idéia é a de que para cada traço haja uma projeção funcional correspondente e, mesmo que uma dada língua não exiba esse traço, se outras línguas o exibirem, é implícito que as línguas que não o exibem também o possuem.

Desta forma, ao me referir a CP, IP e VP simplesmente, quando o detalhamento não for relevante, estarei me referindo a campos léxico-funcionais que contêm mais projeções funcionais específicas, assim como entendido por Cinque e Rizzi (2008).

### 0.3. Problemas gerais

#### 0.3.1. Sobre o efeito V2 nas línguas humanas

Além das projeções VP e IP, o verbo pode se localizar numa projeção mais alta, o CP, tal como acontece nas línguas V2. Simplificadamente, uma língua V2 é uma língua em que o verbo, pelo menos em suas formas finitas, aparece na segunda posição da oração precedido por somente um constituinte, que pode ter qualquer função sintática e qualquer papel temático. Quando este constituinte que precede o verbo não é o sujeito, o sujeito aparece imediatamente após o verbo, como ilustram os exemplos em (10) do holandês:

- (10) a. André **het** gister die storie geskryf  
André tem ontem a história escrito
- b. Gister **het** André die storie geskryf  
Ontem tem André a história escrito
- c. Die storie **het** André gister geskryf  
A história tem André ontem escrito
- d. Nêrens **praat** mense meer Latyn nie  
Em nenhum lugar falam as pessoas mais latim

---

partícula, com línguas indo-européias, nas quais a intervenção é possível. Por fim, parece que a proposta de múltiplos especificadores perde força quando se observam dados em que entram em jogo advérbios que marcam a borda do VP. Se o objeto do verbo se movesse para uma posição de especificador dentro do VP a fim de checar seus traços, como se discute em Chomsky (1993) para eliminação das projeções de AgrS, AgrO etc., a ordem Adv-O-S seria gramatical, o que não acontece com dados do espanhol, como se discutirá no Capítulo 03. Para uma argumentação mais detalhada e consistente a favor da cartografia ver Roberts e Roussou (2003), Rizzi (2004) e Cinque e Rizzi (2008).

- e. Wat **lees** jy vandag?  
O que lê você hoje

(BIBERAUER, 2002a, p. 19)

As línguas V2 têm sido divididas tradicionalmente em dois grupos: a) *línguas assimétricas*, nas quais o V2 é possível apenas em orações matrizes e é analisado como sendo decorrente de um movimento mais longo do verbo para C<sup>o</sup><sup>15</sup>, tendo em vista que, na oração subordinada, o verbo não pode se mover para C<sup>o</sup> já que o complementizador estaria ocupando esta posição; b) *línguas simétricas*, nas quais o efeito V2 é possível tanto em orações matrizes como em orações subordinadas e é analisado como decorrente de um movimento curto do verbo para I<sup>o</sup> já que o núcleo C<sup>o</sup> já está ocupado pelo complementizador. Pretendo, então, lançando mão dos conceitos que expus na seção 0.2. acima, propor uma análise na qual o efeito V2 seja analisado como movimento do verbo para CP, tanto em línguas assimétricas como em línguas simétricas.

### 0.3.2. Sobre o movimento do verbo na história do espanhol

Fontana (1993) propõe que o espanhol antigo era uma língua V2 simétrica, conforme ilustram os dados em (11):

- (11) a. Este logar **mostro** dios a abraam.  
Este lugar mostrou Deus a Abraão
- b. A micer May, que era embaxador en Roma, **hizo** S.M. Vicechancellor.  
A micer May, que era embaixador em Roma, fez S.M. Vice-chanceler
- c. dixol que nunca **fiziera** el rrey cosa por =le fazer plazer  
disse-lhe que nunca fizera o rei algo para lhe agradar
- d. Quando esto **oyo** el Rey  
Quando isto ouviu o Rei

(FONTANA, 1993, p. 64/72)

---

<sup>15</sup> Devido a *Head Movement Constraint*, que determina que o movimento de núcleo deva ser para o núcleo regente mais próximo, o verbo não pode se mover de V<sup>o</sup> para C<sup>o</sup> diretamente. O verbo deve passar obrigatoriamente por núcleos intermediários em IP até chegar a C<sup>o</sup>. Desta forma, utilizo os termos “movimento longo” e “movimento curto” ao longo do texto indicando que o verbo se moveu até C<sup>o</sup> (passando pelos núcleos de IP) e se moveu até algum núcleo de IP respectivamente. Ou seja, ao usar o termo “movimento longo” não estou dizendo que o verbo se moveu diretamente de V<sup>o</sup> para C<sup>o</sup>, mas, pelo contrário, que se moveu até C<sup>o</sup> através de movimentos cíclicos.

Ao estudar a ordem de palavras no espanhol atual, Zubizarreta (1998) diz que, embora a ordem V-S esteja em declínio, ainda faz parte da intuição dos falantes nativos devido aos dados em (12) a seguir:

- (12) a. A menudo **juegan** niños en este parque.<sup>16</sup>  
 b. Todos los días **compra** Juan el diario.

(ZUBIZARRETA, 1998, p. 100/109)

A partir desses dados, a autora propõe que o espanhol atual tenha a mesma estrutura do espanhol antigo, caracterizando-se como uma língua V2. Pretendo, portanto, fazer um estudo diacrônico da ordem de palavras no espanhol a fim de definir se, de fato, a fase antiga e a fase atual da língua são o mesmo tipo de gramática.

#### 0.4. Hipóteses

Com relação ao efeito V2, tendo em vista a proposta de CP cindido de Rizzi (1997), a hipótese que assumo é que, em orações matrizes, em ambos os tipos de língua (tanto nas assimétricas como nas simétricas) o verbo se move categoricamente para algum núcleo do campo CP e, em orações subordinadas, há uma variação nos traços do verbo, permitindo que ele seja movido para CP no caso das línguas simétricas, ou permaneça em IP ou VP, no caso das línguas assimétricas.

Minha hipótese, para a ordem de palavras na história do espanhol, seguindo as diferenças que Fontana (1993) mostra entre a sintaxe do espanhol antigo e do espanhol atual, é que as duas fases do espanhol não são a mesma gramática e que o verbo se move para posições diferentes em cada uma das duas fases.

---

<sup>16</sup> Os dados do espanhol atual não terão glosa considerando-se a pressuposição da área de letras e lingüística de que os brasileiros são capazes de ler textos técnicos em espanhol.

## 0.5. Justificativa

Este trabalho se justifica, pelo menos, de duas maneiras:

Em primeiro lugar, tendo em vista os esforços dos trabalhos no quadro da gramática gerativa, nos últimos anos, de caracterização da faculdade da linguagem e dos parâmetros de variação entre as línguas, este trabalho oferecerá alguma contribuição na discussão interlingüística do efeito V2 propondo uma nova explicação da variação entre as línguas a partir dos traços formais do campo CP.

Em segundo lugar, a partir dos modelos nos quais a aquisição da linguagem é o lugar central da mudança lingüística, o trabalho oferecerá uma contribuição aos estudos sobre a sintaxe diacrônica do espanhol, explicando quais as mudanças ocorridas na história da língua com relação à ordem de palavras e quais são as suas possíveis relações com os fatos de socio-história e de aquisição da linguagem.

## 0.6. Organização do trabalho

Esta Tese está organizada em quatro capítulos e uma conclusão geral estruturados da maneira que segue:

O Capítulo 01 se concentra na discussão formal do efeito V2 nas línguas germânicas, que são consideradas as línguas V2 prototípicas, enfatizando: a) qual é o gatilho para o movimento do verbo; b) o que desencadeia a variação na manifestação do efeito V2 nas orações subordinadas fazendo com que algumas línguas apresentem efeito V2 irrestritamente e outras línguas só apresentem efeito V2 nas orações matrizes. É proposta uma análise unificada em que, em ambos os casos, o verbo sempre se move para C<sup>o</sup> em orações matrizes e que a variação no traço [ $\pm$ asserção] é o responsável pela variação do efeito V2 nas orações subordinadas.

O Capítulo 02 apresenta os dados do espanhol antigo e do espanhol atual. O trabalho se concentra em orações finitas e declarativas. Mostra-se que há aspectos que não distinguem superficialmente as duas fases, como a quantidade de constituintes pré-verbais, a posição do sujeito em relação ao verbo simples e a relação do verbo com os advérbios e o objeto direto. Por outro lado, há aspectos superficiais que diferenciam claramente as duas fases, tais como o posicionamento dos clíticos, a ordem O-V e a retomada clítica, a posição do sujeito nos complexos verbais, a ordem XP-V e a posição do sujeito. O Capítulo conclui que a diferença entre as duas fases, com relação às

ordens V1, V2 e V>2, é qualitativa e não quantitativa e que o espanhol antigo possuía variação gramatical, apresentando uma gramática semelhante à gramática atual e uma gramática V2.

O Capítulo 03 propõe uma análise formal para os fatos discutidos no Capítulo 02. Discute-se a posição do sujeito, propondo que os sujeitos pós-verbais se movem sempre do VP e que os sujeitos pré-verbais podem ter também uma posição dentro do IP. Com relação à ordem O-V e a duplicação clítica, se mostra que a diferença entre as duas fases está relacionada com a noção de operador. Por fim, se discute o movimento do verbo e é proposto que, no espanhol atual, o verbo se mova unicamente para I° (tanto em orações neutras como em orações marcadas) e, no espanhol antigo, na gramática V2, o verbo se mova generalizadamente para C°.

O Capítulo 04 procura explicar a mudança gramatical de uma fase para a outra, relacionando questões da história interna com aspectos da socio-história. Assume-se que a aquisição da linguagem é o lugar da mudança lingüística; faz-se um rápido panorama da formação do espanhol e se sugere que o efeito V2 encontrado no espanhol antigo é decorrente de influências germânicas, através do contato de línguas e transmissão lingüística irregular. A perda do efeito V2 é explicada por uma mudança paramétrica devido a uma alteração no *input* ao qual as crianças dos Séculos XV e XVI eram expostas. O Capítulo termina discutindo uma possível influência do espanhol na perda do efeito V2 no português europeu.

As conclusões gerais são as seguintes: a) línguas V2 apresentam sempre movimento do verbo para CP em orações matrizes e têm as orações subordinadas abertas a parametrização (não existe V2 em IP, que é sempre uma *projeção A*); b) o espanhol antigo e o espanhol atual não são o mesmo tipo de gramática, mesmo que superficialmente possam produzir enunciados semelhantes.





# CAPÍTULO 01

---

## LÍNGUAS GERMÂNICAS, MOVIMENTO DO VERBO E EFEITO V2

### 1.1. Introdução

O trabalho de Pollock (1989) mostrou que o verbo pode se situar em diversas posições na oração como se observa a partir do contraste entre o inglês e o francês em (1) e (2) a seguir:

- (1) a. \*John **kisses** often Mary<sup>1</sup>.  
O João beija freqüentemente a Maria
- c. John often **kisses** Mary.  
O João freqüentemente beija a Maria
- (2) Jean **embrasse** souvent Marie.  
O João beija freqüentemente a Maria

(POLLOCK, 1989, p. 367)

Considerando que os advérbios “often/souvent” são os mesmos e, portanto, se localizam na mesma posição, em adjunção ao sintagma verbal, a partir dos diferentes ordenamentos em (1) e (2), Pollock (1989) propõe que o verbo em francês se move para uma posição mais alta na oração que o verbo em inglês. Em inglês, a partir do contraste entre (1a) e (1b), o verbo não pode ter se movido de dentro do VP; já em francês, a partir da gramaticalidade de (2), se conclui que o verbo se move por cima do advérbio, ou seja, é movido do VP<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> O destaque dos verbos com negrito nos exemplos é meu.

<sup>2</sup> O teste de Pollock (1989) é bastante eficiente em línguas cujos advérbios ocupam posições fixas na oração, como é o caso do inglês e do francês. Esse teste perde a eficiência em línguas como o português e o espanhol, por exemplo, nas quais o mesmo advérbio pode ocupar várias posições na oração. Para uma discussão deste tipo de teste para o diagnóstico do movimento do verbo em PB, ver Tescari Neto (2011). Thráinsson (1986) mostra que no islandês a posição do advérbio também é variável.

O verbo, além disso, pode se mover para uma posição mais alta na oração. Den Besten (1989)<sup>3</sup> propõe, a partir de dados de *inversão auxiliar-sujeito* do inglês, e de *topicalização* do holandês, ilustrados a seguir em (3a) e (3b) respectivamente, que este movimento seja para COMP:

- (3) a. Never **have** I been in Cockaigne.  
Nunca tenho eu estado in Cockaigne
- b. Dit boek **heb** ik aan mijn moeder gegeven.  
Esse livro tenho eu para minha mãe dado

(DEN BESTEN, 1989, p. 20)

As línguas V2 se tornaram um campo fértil de investigação ao se caracterizarem como línguas que apresentam este terceiro tipo de movimento de verbo, ou seja, línguas nas quais uma regra de movimento do verbo e outra regra de *fronteamento* de constituinte são aplicadas. Empiricamente, as línguas V2 podem ser definidas como línguas nas quais há uma restrição na ordem de palavras determinando que o verbo finito apareça na segunda posição da oração precedido exclusivamente por um constituinte qualquer, independentemente de sua função sintática.

Haider e Prinzhorn (1986) pontuam que a investigação sobre as línguas V2 tem encontrado os seguintes problemas principais: A) qual é o gatilho para o efeito V2; B) se o efeito V2 é uma propriedade paramétrica; C) qual é o lugar de pouso do verbo; D) qual é a natureza da assimetria entre orações matrizes e subordinadas; E) como o efeito V2 pode surgir ou desaparecer em termos diacrônicos. Neste capítulo, tenho como objetivo principal discutir o ponto (D). Como consequência da problematização do ponto (D), discutirei o ponto (C). Ambos os pontos (C) e (D) levam à discussão dos pontos (A) e (B). O problema (E) será discutido nos capítulos seguintes a partir dos dados do espanhol.

Este capítulo está organizado como segue. Na seção 1.2., apresento os problemas principais, que se referem principalmente à natureza da assimetria/simetria na manifestação do efeito V2. Na seção 1.3., apresento as primeiras análises propostas para o fenômeno, enfatizando o efeito V2 nas orações subordinadas. Na seção 1.4., discuto a proposta do V2-IP, que propõe o movimento do verbo para IP no caso das línguas simétricas. Na seção 1.5., discuto a recomplementação de CP na explicação do contraste entre línguas simétricas e línguas

---

<sup>3</sup> Den Besten (1989) é uma republicação de Den Besten (1977/1983).

assimétricas. Na seção 1.6., apresento argumentos contra a análise V2-IP e a favor da proposta de recomplementação de CP na análise de todas as línguas V2. Na seção 1.7., discuto o papel da força ilocucionária na manifestação do efeito V2 em orações subordinadas. Na seção 1.8., discuto a relação entre a variação paramétrica e o efeito V2 e apresento a minha proposta unificada de movimento do verbo generalizado para C<sup>o</sup> dentro da visão cartográfica do CP expandido. Na seção 1.9., faço a conclusão do que foi discutido no capítulo. Na seção 1.10., discuto alguns problemas residuais.

## 1.2. Principais problemas

As línguas V2 têm sido divididas em dois grupos: *línguas assimétricas*, nas quais o efeito V2 é possível apenas em orações matrizes; e *línguas simétricas*, nas quais o efeito V2 é possível tanto orações matrizes como em orações subordinadas. A seguir, os exemplos em (4) do alemão e em (5) do ídiche ilustram casos de línguas assimétricas e línguas simétricas respectivamente:

- (4) a. Das Buch **kauft** Hans gestern.  
O livro comprou Hans ontem
- b. ... dass Hans dans Buch gestern **kauft**.<sup>4</sup>  
que Hans o livro ontem comprou

(TORRES MORAIS, 1995, p. 64)

---

<sup>4</sup> Outro ponto a se destacar nas orações subordinadas das línguas V2 assimétricas é que a ordenação dos constituintes não é uniforme. Taraldsen (1986) e Platzack (1986), por exemplo, mostram que a ordem de constituintes nas orações subordinadas em norueguês e sueco é diferente da ordem do alemão ou holandês. Os exemplos em (7) ilustram o contraste entre o alemão e o norueguês:

- (i) a. ...daß er ihr etwas gasagt **hat**. (alemão)  
que ele ela.DAT alguma coisa dito tem"  
(HAIDER, 1986, p. 54)
- b. ...at Jens ikke **skjØnte** dette apØrmålet. (norueguês)  
que Jean não entendeu esta questão  
(TARALDSEN, 1986, p. 8)

Inicialmente, a diferença entre a ordem O-V e V-O das duas línguas acima era explicada com o argumento de que o alemão é uma língua de núcleo final e o dinamarquês é uma língua de núcleo inicial. Contudo, a partir do trabalho de Kayne (1994), é proposto que a ordem básica universal é S-V-O e qualquer outra ordem diferente deve ser derivada a partir de outros movimentos e não, como inicialmente era proposto, pela alteração da posição do núcleo. Desta forma, o movimento do verbo (ou de outros constituintes) nas orações subordinadas das línguas assimétricas varia a depender da língua. O que é importante destacar é que se a ordem é V-O ou O-V nas orações subordinadas de línguas assimétricas não é um fato relevante para a minha discussão já que em ambos os casos não há movimento para CP.

- (5) a. Oyfn veg **vet** dos yingl zen a kats.  
Na avenida vai o menino ver um gato
- b. oyb oyfn veg **vet** dos yingl zen a kats.  
se na avenida vai o menino ver um gato

(SANTORINI, 1995, p. 54)

Na seção 1.2.1., discutirei questões relacionadas com as orações subordinadas e, na seção 1.2.2., discutirei questões relacionadas com as orações matrizes.

### 1.2.1. O efeito V2 nas orações subordinadas

A partir das diferenças ilustradas em (4) e (5), com relação à ordem de palavras nas orações subordinadas, se assume que as línguas assimétricas são línguas V2 genuínas porque o efeito V2 só se manifesta na oração matriz já que é bloqueado nas orações subordinadas devido ao núcleo C° já estar ocupado pelo complementizador. As línguas simétricas são analisadas como línguas V2 *mais frouxas*, nas quais o verbo se move somente até I<sup>05</sup> (cf. SANTORINI, 1989, 1995; DIESING, 1990; HULK e VAN KEMENADE, 1995<sup>6</sup>).

Vikner (1995), sintetiza quatro tipos de línguas V2 com relação às orações subordinadas:

- (6) a. *Línguas V2 “bem comportadas”*, como o alemão e o holandês, em que o efeito V2 só é possível em orações subordinadas a verbos de um grupo específico<sup>7</sup> SEM a realização fonológica do complementizador.

<sup>5</sup> Por um lado, há trabalhos que analisam o IP como uma *projeção sincrética* (A e A-Barra ao mesmo tempo), entre eles, Thráinsson (1986), Diesing (1990) e Zubizarreta (1998); por outro, há trabalhos, como os de Santorini (1989; 1995) que analisam o IP exclusivamente como uma *projeção A-Barra*. Embora, acredite que assumir o IP sempre como uma *projeção A-Barra* seja menos problemático que assumir o IP como uma *projeção sincrética*, assumo seguindo Vikner (1995) e Bobaljik e Jonas (1996), o IP exclusivamente como uma *projeção A*.

<sup>6</sup> Análises semelhantes são assumidas para línguas românicas: Fontana (1993) para o espanhol antigo; Lemieux e Dupuis (1995) para o francês antigo; Zubizarreta (1998) para o espanhol atual. Embora Hulk e Van Kemenade (1995) e Lemieux e Dupuis (1995) assumam as duas possibilidades de análise, V2-CP e V2-IP, um ponto conflitante entre os dois trabalhos é a análise do efeito V2 no francês antigo: o primeiro considera o francês antigo como uma língua V2-CP e o segundo considera o francês antigo uma língua V2-IP. No caso do espanhol antigo, como argumentarei nos capítulos seguintes, minha análise também difere da análise de Fontana (1993) neste sentido.

<sup>7</sup> Os verbos desse grupo são chamados de *verbos-ponte*, que são representados por verbos como “dizer”, “pensar” etc.. Os *verbos-ponte* são verbos que permitem extração do complemento da oração subordinada para a oração matriz. Isso implica que em completivas factivas, completivas nominais, orações relativas, orações consecutivas etc, o efeito V2 não é observado nas línguas V2 “limitadas”.

- b. *Línguas V2 “limitadas”*, como o dinamarquês e o norueguês, em que o efeito V2 só é possível em orações subordinadas a verbos de um grupo específico COM realização fonológica do complementizador.<sup>8</sup>
- c. *Línguas V2 “generalizadas”*, como o iídiche e o islandês, em que o efeito V2 é possível em qualquer tipo de oração subordinada.
- d. *Línguas V2 “residuais”*, como o inglês, em que o efeito V2 só é possível em contextos específicos, como orações interrogativas.

Biberauer (2002b) discute essa classificação e propõe que haja apenas três grupos: a) *línguas V2 simétricas*, b) *línguas V2 assimétricas*; c) *línguas V2 residuais*. A diferença está no fato de que Biberauer (2002b) não analisa as orações declarativas V2 das línguas assimétricas dos grupos (6a) e (6b) como orações genuinamente V2, ao contrário do que acontece com as orações subordinadas das línguas simétricas do grupo (6c). Mais abaixo voltarei a esta questão.

A partir da classificação em (6), pode ser feito o questionamento de se as diferentes estruturas propostas para as línguas simétricas e para as línguas assimétricas não são uma solução *ad-hoc* (e, ao meu ver, circular) para o problema. Haider (1986) diz que, para que o efeito V2 seja possível em alemão, se fazem necessárias duas condições: a) finitude; b) lugar disponível para onde o verbo possa se mover. Como o CP só tinha uma camada nos modelos nos quais se começou a estudar as línguas V2, se esse núcleo C° já estivesse ocupado pela conjunção, nas orações subordinadas, o verbo não pode se mover além do IP<sup>9</sup>.

No caso de orações completivas de *verbos-ponte*, é proposto, inicialmente por De Haan e Weerman (1986) para o frísio e, mais tarde, por Iatridou e Kroch (1992) para as demais línguas

---

<sup>8</sup> O frísio fica entre as *línguas V2 “limitadas”* e *línguas V2 “bem comportadas”*: a realização fonológica do complementizador é opcional.

<sup>9</sup> Vikner (1995, p. 42-43) diz:

*If one assumes Chomsky's (1986a) extension of the X-bar system to include the heads C° and I° and their maximal projections complementiser phrase (CP) and inflection phrase (IP), it is possible to account for at least some of the properties of V2. These include that there are only two positions (a maximal projection and the finite verb) in front of the subject, that these two elements differ in projection level, and that their order is the XP before the X° rather than the other way around. These properties follow from the structure of CP, which again follows the X-bar schema: [CPSpecifier [C° Complement]]. The very straightforward explanation that these properties receive thus turn into one kind of a supporting argument for this analysis of V2.*

assimétricas, que haja uma recursividade de CPs<sup>10</sup>. Assim, um CP1, contendo a conjunção, dominaria um CP2, para onde o verbo se moveria. Essa possibilidade parece se dever ao fato de que as orações completivas de *verbo-ponte* tem força ilocucionária de oração matriz<sup>11</sup>.

Acredito que, se o problema das análises V2-CP e V2-IP se deve exclusivamente à competição entre complementizador e movimento do verbo para C<sup>o</sup> nas orações subordinadas, uma visão cartográfica, no sentido de Rizzi (1997) e trabalhos subseqüentes, pode dar conta do fenômeno e explicar o fenômeno a partir de uma variação paramétrica nos traços que atraem o verbo para CP expandido nas orações subordinadas.

### 1.2.2. O efeito V2 nas orações matrizes

Em consequência à pergunta principal sobre o efeito V2 nas orações subordinadas, são desencadeadas três questões relevantes com relação ao efeito V2 nas orações matrizes:

A primeira questão é a diferenciação entre línguas simétricas e línguas assimétricas com relação ao posicionamento do verbo nas orações matrizes. Como comentei acima, uma das principais análises do efeito V2 propõe que, nas línguas assimétricas, o verbo se move para C<sup>o</sup> e, nas línguas simétricas, o verbo se move para I<sup>o</sup>. É importante, portanto, averiguar se há evidências independentes para a postulação de análises diferenciadas V2-CP e V2-IP. Ou seja, a previsão que se faz nessas análises é a de que há alguma diferença na ordenação de constituintes em orações matrizes do alemão e holandês, por um lado, e do iídiche e do islandês, por outro lado, tendo em vista que o movimento do verbo é diferente nos dois grupos de língua<sup>12-13</sup>. Caso essa diferença seja

---

<sup>10</sup> Para Iatridou e Kroch (1992) a possibilidade de recursividade está disponível somente nas línguas assimétricas. Para as línguas simétricas, assumem a análise do movimento do verbo para I<sup>o</sup>. Vikner (1995) apresenta argumentos, na minha opinião bastante consistentes, de que a proposta de recursividade de CP pode se estender para todos os tipos de línguas V2.

<sup>11</sup> Essa proposta é explorada na explicação do efeito V2 em orações subordinadas por De Haan (2001) e Julien (2010) por exemplo. Ver a exposição da seção 1.5.

<sup>12</sup> Este ponto já foi discutido por Vikner (1995, p. 83):

*If, on the other hand, main clause V2 is topicalisation to IP-spec in Icelandic/Yiddish but to CP-spec in the other V2 languages, the question is whether such a difference is motivated, given that there would seem to be no relevant structural differences between the two groups at all with respect to main clauses (as opposed to embedded clauses in the two groups, see section 4.1). In other words, although it is true that the topicalisation to IP-spec analysis avoids postulating a difference that is not motivated by the evidence (i.e., between main and embedded clauses in Icelandic and Yiddish), as claimed for example, by Rognvaldsson & Thrainsson (1990:4), the topicalisation to IP-spec analysis on the other hand necessitates postulating another difference which is not motivated by the evidence, either—namely, one between main clauses in Icelandic and Yiddish and main clauses in the other V2 languages.*

encontrada, será necessário repensar a minha hipótese de que há movimento do verbo para C<sup>o</sup> nas orações subordinadas das línguas simétricas<sup>14</sup>.

O segundo fato está relacionado com a natureza mesma do efeito V2. Ou seja: o que estaria desencadeando o efeito V2 nas diferentes línguas e para qual posição o verbo se move considerando uma estrutura cartográfica como a de Rizzi (1997)<sup>15</sup>. Biberauer (2002a; 2002b) mostra que somente 1% dos seus dados do efeito V2 em uma parte da história do africâner são de objetos fronteados; todos os outros dados são de sujeitos e alguns tipos específicos de advérbios<sup>16</sup>.

Em terceiro lugar, parece haver um problema na caracterização do efeito V2 quando se consideram as línguas germânicas atuais línguas V2 prototípicas e essas línguas são comparadas outras línguas V2, entre elas as línguas românicas antigas. As línguas germânicas atuais não possuem sujeito nulo; já as românicas antigas, por outro lado, possuíam sujeito nulo<sup>17</sup>. Esse fato pode oferecer alguma variação na manifestação e análise do fenômeno. Algumas análises, como a de Ribeiro (1995), propuseram que, nas orações com ordem linear V1, um elemento nulo ocupava a posição SpecCP satisfazendo a restrição estrutural V2<sup>18</sup>. No entanto, se a restrição V2 estiver, de fato, relacionada com algum traço EPP e alguma motivação fonológica, como Roberts (2004) propõe, o movimento de algum constituinte para a primeira posição da oração é necessário. Logo, numa língua V2 rígida, se houver sujeito nulo, a posição esperada para *pro* é a posição pós-verbal<sup>19</sup>.

Resumindo a história que contei até aqui: com relação ao efeito V2, nesta pesquisa, tenho as seguintes perguntas principais a serem respondidas:

- I) Qual é de fato a natureza do efeito V2 e para que posição o verbo se move em orações matrizes e em orações subordinadas que exibem o efeito V2?

---

<sup>13</sup> Vale lembrar que, nesta análise V2-IP das línguas simétricas, é proposto o movimento do verbo para I<sup>o</sup> tanto nas orações matrizes como nas orações subordinadas.

<sup>14</sup> Ficará claro, ao longo do texto, que a diferença com relação à ordem dos constituintes nas línguas V2 está relacionada com o fato de a língua ser V2 rígida ou não rígida. Ver as discussões dos Capítulos 03 e 04.

<sup>15</sup> A segunda pergunta é a mesma para o caso das orações subordinadas.

<sup>16</sup> Biberauer (2002b) argumenta que, nas orações subordinadas V2 das línguas assimétricas, geralmente o sujeito é o elemento que aparece em primeira posição.

<sup>17</sup> Bhatt (1999) estuda o Kashmiri, uma língua indo-ariana, que possui ambos *pro-drop* e efeito V2. Adams (1987a, 1987b) mostra que o francês antigo era uma língua V2 com sujeito nulo e assume que *pro* está numa posição pós-verbal.

<sup>18</sup> Diesing (1990) também propõe a existência de um elemento nulo em primeira posição nos casos de ordem V1.

<sup>19</sup> Como Adams (1987a; 1987b) mostra, o francês antigo só licenciava sujeito nulo em contextos de orações matrizes V2. E o sujeito nulo se localizava em posição pós-verbal.

II) Quais são as evidências independentes para postular dois tipos distintos de movimento de verbo refletindo efeito V2 simétrico e efeito V2 assimétrico?

Minha hipótese é a de que, como propôs Vikner (1995), em qualquer língua V2, o verbo sempre se move para C°, seja em orações matrizes ou em orações subordinadas.

### 1.3. Primeiras análises do efeito V2

Apresentarei, nesta seção, algumas das primeiras análises representativas do efeito V2. Embora o modelo teórico no qual esses trabalhos foram feitos era diferente do modelo que utilizo nesta Tese, acredito que boa parte das propostas continua sendo adotada e seguida na análise do efeito V2; por exemplo, que o verbo se move para uma posição mais alta em línguas assimétricas como o alemão e que o movimento do verbo em línguas simétricas é diferente do movimento do verbo em línguas assimétricas.

#### 1.3.1. Den Besten (1989): V2 é movimento do verbo para COMP

Den Besten (1989) propõe que há dois grupos de regras de transformação independentes (um grupo de regras que realiza somente o movimento do verbo – *Verb Preposing*; outro grupo de regras que move outro componente), que, combinadas, dão quatro resultados: a) nenhum constituinte se move, como nas línguas S-V-O como o inglês; b) só o verbo se move, no caso da *inversão auxiliar-sujeito*, do inglês; c) o verbo não se move e outra opção do segundo grupo é escolhida; d) ambas as regras são acionadas. Os exemplos em (7) a seguir ilustram as quatro possibilidades respectivamente<sup>20</sup>:

- (7) a. He **will** not come  
Ele vai não vir
- b. **Is** he coming?  
Está ele vindo?

---

<sup>20</sup> Haider (1986) comenta que se assume que as orações matrizes são estruturas derivadas. O alemão é considerado uma língua S-O-V justamente porque esta é a ordem encontrada nas orações subordinadas, que não possuem regras de transformação.



- c. Here he **comes**  
Aqui ele vem
- d. Only on weekends **do** I see her  
Apenas nos fins de semana auxiliar eu vejo ela

(DEN BESTEN, 1989, p. 21)

A partir dos exemplos em (8) e (9) a seguir, de orações subordinadas condicionais e orações interrogativas, Den Besten (1989) relaciona regras de transformação com regras de apagamento lexical:

- (8) a. ...of je broer nog **komt**  
se seu irmão ainda vem
- b. ...welk boek (of) hij **wil** lezen  
qual livro (se) ele deseja ler

(DEN BESTEN, 1989, p. 23)

- (9) a. **Komt** je broer nog?  
Vem seu irmão ainda?
- b. Welk boek **wil** hij lezen?  
Qual livro deseja ele ler?

(DEN BESTEN, 1989, p. 24)

Para Den Besten (1989), a correlação dos exemplos acima é uma clara evidência de que o verbo foi movido para a posição de complementizador<sup>21</sup>. Observem-se os exemplos em (10) e (11) a seguir tomados de Den Besten (1989, p. 24):

---

<sup>21</sup> Vikner (1995) argumenta que a variação nas orações condicionais também é uma evidência do movimento do verbo para C<sup>o</sup>: há uma variante com ordem *complementizador – sujeito – verbo* e outra variante com ordem *verbo – sujeito* (sem complementizador). O que é impossível é a ordem *complementizador – verbo – sujeito*:

- (i) a. \*Wenn **hatte** ich mehr Zeit gehabt, ... (alemão)  
b. \*Hvis **havde** jeg haft mere tid, ... (dinamarquês)  
c. \*If **had** I had more time, ... (inglês)  
Se tivesse eu tido mais tempo,...

(VIKNER, 1995, p. 43)

- (10) ...dat ik dat boek niet gelezen **heb**  
que eu esse livro não lido tenho
- (11) a. Ik **heb** dat boek niet gelezen  
Eu tenho esse livro não lido
- b. Dat boek **heb** ik niet gelezen  
Esse livro tenho eu não lido
- c. Gelezen **heb** ik dat boek niet  
Lido tenho eu esse livro não

O autor relaciona os exemplos em (10) e (11) e diz que a mesma regra que move o verbo para COMP em *perguntas-sim/não* e *perguntas-WH*, como nos exemplos em (9), move o verbo para COMP em orações declarativas como em (11). Além disso, com relação aos exemplos (11), Den Besten (1989) diz que não faz sentido estabelecer uma regra de transformação para a *topicalização* e outra para o *fronreamento* do sujeito e estabelece uma regra de transformação única, que ele chama de *Constituent Preposing* (*fronreamento de constituinte*)<sup>22</sup>.

Den Besten (1989) apresenta ainda uma série de evidências a partir do holandês e do alemão que mostram que, nas línguas V2, o verbo se move para COMP. Apresento uma delas a seguir.

O holandês tem dois tipos de sujeitos pronominais: pronomes fortes, como “*jjj*” (você), “*hij*” (ele), “*zij*” (ela) e “*wij*” (nós); e pronomes fracos, como “*je*” (você), “*hij/ie*” (ele), “*ze*” (ela) e “*we*” (nós). Os pronomes fracos devem estar adjacentes ao complementizador, como ilustra o contraste de gramaticalidade em (12):

- (12) a. ...dat je/ze gisteren ziek **was**  
que você/ela ontem doente estava
- b. \*...dat gisteren je/ze ziek **was**  
que ontem você/ela doente estava

(DEN BESTEN, 1989, p. 25)

<sup>22</sup> Também é incoerente dizer que o IP é uma *projeção sincrética* nas línguas simétricas. É mais plausível assumir que, nessas línguas, o IP é uma *projeção A-Barra* já que *projeções A-Barra* podem abrigar tanto o sujeito como outros constituintes.

A previsão que os exemplos em (12) fazem é que, se a análise do movimento do verbo para COMP estiver correta, orações interrogativas ou declarativas V2 com algum elemento diferente do sujeito em primeira posição vão apresentar os mesmos fatos. Tal previsão é comprovada a partir de dados como (13) e (14) a seguir tomados de Den Besten (1989, p. 26):

- (13) a. **Was** ze gisteren ziek?  
Estava ela ontem doente?
- b. \***Was** gisteren ze ziek?  
Estava ontem ela doente?
- (14) a. Toch **was** ze gisteren ziek.  
Ainda estava ela ontem doente
- b. \*Toch **was** gisteren ze ziek.  
Ainda estava ontem \*ela doente

A partir da exposição de Den Besten (1989) fica claro que, nas línguas V2, existe alguma propriedade que as distingue das línguas não V2, forçando o movimento do verbo para uma posição mais alta na oração<sup>23</sup>. O movimento do verbo para COMP, posição mais alta da oração no modelo de Den Besten (1989), é evidenciado pelo contraste entre orações matrizes e subordinadas (as primeiras exibem o verbo em segunda posição; as últimas exibem o verbo em posição final) e pela distribuição equivalente do verbo, nas orações matriz, com o complementizador, nas orações subordinadas (os mesmos fenômenos encontrados com os complementizadores nas orações subordinadas são encontrados com os verbos nas orações matrizes).

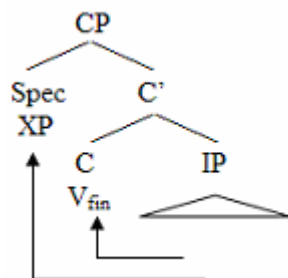
Den Besten (1989) também pontua a diferença de ordem nas orações subordinadas do sueco e do alemão/holandês (S-V-O, no primeiro caso, e S-O-V, no segundo caso). Contudo, tal diferença de ordenação não parece ser um problema para a análise do autor (e tampouco é um problema para a minha proposta).

A proposta de Den Besten (1989) para as línguas V2 como alemão, holandês e sueco pode ser adaptada como em (15) a seguir:

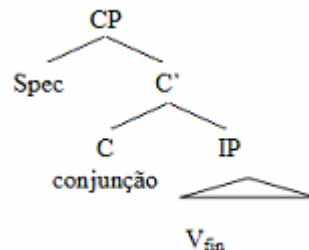
---

<sup>23</sup> Os estudos publicados em Haider e Printzorn (1986) discutem de forma pioneira quais seriam essas propriedades. Vikner (1995) faz uma síntese das propostas de explicação do efeito V2 até o momento.

(15) a. orações matrizes



b. orações subordinadas



Nas orações matrizes, o verbo se move para C<sup>o</sup> (COMP) e um XP qualquer para a posição de SpecCP. Nas orações subordinadas os dois movimentos são bloqueados devido à presença do complementizador<sup>24</sup>.

### 1.3.2. Taraldsen (1986): V2 torna a sentença um predicado

Taraldsen (1986) discute o movimento do verbo em norueguês e assume a análise de Den Besten (1989) para o alemão e o holandês, no sentido de que o verbo se move para COMP também em norueguês. Os exemplos em (16) ilustram alguns dados representativos de Taraldsen (1986):

- (16) a. Jens **skjØnte** ikke dette apØrmålet.  
Jens entendeu não essa questão
- b. \*Jens ikke **skjØnte** dette apØrmålet.  
Jens não entendeu essa questão
- c. Dette apØrmålet **skjØnte** Jens ikke.  
Essa questão entendeu Jens não
- d. Vi vet at Jens **skjØnte** ikke dette apØrmålet.  
Nós sabemos que Jens entendeu não essa questão

(TARALDSEN, 1986, p. 7-8)

<sup>24</sup> Com relação às orações subordinadas, a história parece ser mais complexa já que mais elementos podem ocupar o CP subordinado tendo em vista a possibilidade, em muitas línguas, de *tematização* e *focalização*, por exemplo, nas orações subordinadas.

Com relação à ordenação dos constituintes, os dados em (16) são equivalentes aos dados do holandês apresentados por Den Besten (1989) exceto pelo fato de o norueguês apresentar ordem S-V-O nas orações subordinadas como mostra (16d).

Taraldsen (1986) assume as propostas de Kayne (1982) e Cinque (1984) para explicar o movimento do verbo para COMP.

Para Kayne (1982, apud TARALDSEN, 1986), uma projeção nominal é um argumento de um predicado e tal projeção nominal deve ser regida por este predicado. A partir da proposta da Teoria X-Barra, um núcleo dota a projeção da qual faz parte com seus traços. Assim, uma projeção CP preenchida por um elemento como “que”, vai ser nominal e, por isso, é interpretada como argumento, o que justamente acontece com as orações subordinadas que são complemento de um verbo principal. Por outro lado, as orações matrizes, que não são complemento/argumento de nada, devem ser dotadas de um traço verbal para que se caracterizem como um predicado. Por esta razão o verbo se move para COMP desencadeando o efeito V2 nessas línguas<sup>25</sup>.

Seguindo Cinque (1984), Taraldsen (1986) diz que as construções de *deslocamento à esquerda clítico* (*clitic left dislocation - CLLD*) são a contraparte do movimento do verbo para COMP nos casos de *topicalização*<sup>26</sup>.

A partir do contraste entre (17a) e (17b)

- (17) a. \*Questi libri, Giorgio ha letto.  
Esses livros, Giorgio tem lido
- b. Questi libri, Giorgio li ha letto.  
Esses livros, Giorgio os tem lido

(citado em TARALDSEN, 1986, p. 17)

Cinque (1984) propõe que o objeto topicalizado em (17a), embora esteja numa *posição A-Barra*, não se caracteriza como um operador e, portanto, não pode vincular a categoria vazia dentro da oração, que fica sem ser caracterizada. Com a presença do clítico, por outro lado, um domínio de

---

<sup>25</sup> Não tive acesso ao trabalho de Kayne (1982). Contudo, na exposição de Taraldsen (1986) fica sem explicação como línguas não V2 tornam as orações matrizes um predicado já que o verbo não se move, pelo menos abertamente, para CP. Pode-se pensar, entretanto, numa visão minimalista, que a diferença entre os dois tipos de língua seria com relação ao movimento do verbo para CP antes ou após *spell out*; ou seja, em forma lógica, todas as línguas seriam línguas V2. Nesta Tese, não discutirei esta questão.

<sup>26</sup> No Capítulo 03, retomo essa questão com base em Cinque (1995), que é uma versão de Cinque (1984).

vinculação correto é estabelecido e a categoria vazia pode ser identificada como uma anáfora tanto sintática como semanticamente, e é licenciada, como é ilustrado em (18):

(18) questi libri<sub>i</sub> [s Giorgio li<sub>i</sub> há letti e<sub>i</sub>]

(TARALDSEN, 1986, p. 17)

Com base nessa explicação, Taraldsen (1986) propõe que o movimento do verbo para COMP nas línguas V2 tem a mesma finalidade que a inserção do clítico na CLLD: em (19) abaixo, “penger” (dinheiro) está topicalizado e o verbo “ville” (poderia) precisa se mover para COMP para licenciar o traço do objeto deixado na oração.

(19) a. Vi tenkte (at) pengere **ville** han ikke ha.  
Nós pensamos (que) dinheiro poderia ele não ter

b. \* Vi tenkte (at) pengere han ikke **ville** ha.  
Nós pensamos (que) dinheiro ele não poderia ter

(TARALDSEN, 1986, p. 18)

A proposta de Taraldsen (1986) é bem interessante porque motiva o movimento do verbo a partir da necessidade de que determinados núcleos sejam dotados de determinados traços para que a oração seja interpretada corretamente. No Capítulo 03, retomo a questão e mostro como esta proposta pode ser usada na explicação da ordem O-V do espanhol antigo e do espanhol atual.

### 1.3.3. Den Besten e Moed-van Walraven (1986): movimento do verbo no iídiche

Den Besten e Moed-van Walraven (1986) discutem a sintaxe dos verbos no iídiche e mostram que o iídiche também é uma língua V2, mas, diferentemente do alemão, tem ordem S-V-O<sup>27</sup> e permite um maior número de ordem V2 em orações subordinadas. Ilustro alguns dados representativos em (20) a seguir:

---

<sup>27</sup> Den Besten e Moed-van Walraven (1986) destacam uma série de características que, segundo eles, são regras arcaicas que indicam uma origem O-V do iídiche. Porém, é incoerente falar de regras arcaicas num modelo mentalista em que, obviamente, o falante não tem memória de fases passadas da sua língua. Aliás, a falta de memória histórica do falante já foi discutida em modelos estruturalistas como Coseriu (1979).

- (20) a. **Moišn hot** er gegeb'n a bux.  
Para M. tem ele dado um livro
- b. Varem **iz** es ništ.  
Quente é isso não
- c. Er **leient** a bux.  
Ele lê um livro
- d. ...az er **leient** a bux inem gortn.  
que ele está-lendo um livro no jardim
- e. Vos **hot** er geleient?  
O que tem ele lido
- (DEN BESTEN e MOED-VAN WALRAVEN, 1986, p. 112, 114, 115)

Os autores assumem a análise do movimento do verbo para COMP nessas orações. Em seguida, mostram que tal movimento V-to-COMP não é permitido em *orações-WH* subordinadas, como ilustram os exemplos em (21) abaixo:

- (21) a. \**der jid, vos in Boston hobn* mir gezen,...<sup>28</sup>  
o homem, que em Boston temos nós visto,...
- b. \**Ix* vais nit, ven er **iz** gekumen  
Eu sei não, quando ela tem vindo
- c. \**Ix* freg, tsi du **geist**  
Eu estou-perguntando, se você está-indo
- (DEN BESTEN e MOED-VAN WALRAVEN, 1986, p. 116)

A partir desses dados, Den Besten e Moed-van Walraven (1986) se perguntam se a análise V-to-COMP das orações matrizes pode ser estendida para as orações subordinadas. Os autores retomam a argumentação de que orações interrogativas subordinadas não permitem movimento V-to-COMP e mostram que *orações-WH* também não permitem *topicalização V2*:

---

<sup>28</sup> Segundo os autores, essa oração com o respectivo resumptivo é gramatical.

- (22) \*Ix freg zix wemen in Paris **hostu** gezen.  
Eu pergunto me quem em Paris tem-você visto

(DEN BESTEN e MOED-VAN WALRAVEN, 1986, p. 129)

Por fim, os autores comentam que a aplicação do efeito V2 em orações subordinadas não cria efeitos de ilha no iídiche, ao contrário do acontece em frísio, como ilustrado a partir do contraste entre (23) do iídiche e (24) do frísio a seguir:

- (23) Ix freg zix, vos<sub>i</sub> er **git**<sub>j</sub> ir v<sub>j</sub> t<sub>i</sub>  
Eu pergunto me, o que<sub>i</sub> ele dá<sub>j</sub> ela.DAT v<sub>j</sub> t<sub>i</sub>

(DEN BESTEN e MOED-VAN WALRAVEN, 1986, p. 130)

- (24) a. Wat<sub>i</sub> sei hy/er dat hy/er my t<sub>i</sub> jaan **soe**?  
O que<sub>i</sub> disse ele que ele me t<sub>i</sub> dar poderia

- b. \*Wat<sub>i</sub> sei hy/er dat hy/\*er **soe** my t<sub>i</sub> jaan?  
O que<sub>i</sub> disse ele que ele poderia me t<sub>i</sub> dar

(DEN BESTEN e MOED-VAN WALRAVEN, 1986, p. 130)

A partir dos dados expostos acima<sup>29</sup>, Den Besten e Moed-van Walraven (1986) propõem que o lugar de pouso do verbo nas *orações-WH* subordinadas é diferente do lugar de pouso do verbo nas orações matrizes. A conclusão dos autores é que há dois tipos de movimento de verbo em iídiche: V-to-COMP, em orações matrizes e subordinadas completivas; V-to-INFL em *orações-WH* subordinadas.

Acredito que a análise proposta pelos autores tenha a vantagem de diferenciar o movimento do verbo em tipos diferentes de orações. As propriedades das orações declarativas são diferentes das propriedades das orações interrogativas e isso pode fazer com que o gatilho para o movimento do verbo esteja ativado em um tipo de oração, mas não em outro.

---

<sup>29</sup> Observar, no entanto, que os exemplos em (23) e (24) são de tipos diferentes: em (23), o elemento interrogativo continua dentro da oração subordinada. Em (24), o elemento interrogativo é movido para o início da oração matriz. Ou seja: em (24) há evidências de que o efeito V2 cria efeitos de ilha, mas em (23) não.



### 1.3.4. Thráinsson (1986): V2 em INFL no islandês

Thráinsson (1986) estuda as ordens V1, V2 e V3 em islandês e mostra que, assim como o iídiche, o islandês é muito mais flexível com os contextos de subordinação V2 que outras línguas germânicas. Os exemplos em (25) ilustram um caso de simetria do efeito V2 em oração matriz e oração subordinada do islandês:

- (25) a. Helgi **hefur** trúlega keypt bókina.  
Helgi tem provavelmente comprado o livro
- b. Jón segir að Helgi **hefur** trúlega keypt bókina.  
Jón diz que Helgi tem provavelmente comprado o livro
- (THRÁINSSON, 1986, p. 171)

Thráinsson (1986) comenta que há somente uma posição disponível antes do verbo para onde algum constituinte pode se mover. O autor mostra que, embora qualquer elemento possa ser colocado em primeira posição, nas *orações-WH*, um elemento diferente do sujeito é sentido como mais natural nesta posição quando o sujeito é indefinido ou está oculto.

Com relação à ordem V3, Thráinsson (1986) mostra que só é possível quando um advérbio aparece em posição pré-verbal juntamente com o sujeito e atribui este fato à mobilidade do advérbio na oração.

Como as orações matrizes e orações subordinadas do islandês exibem a mesma ordem de constituintes, Thráinsson (1986) assume que o verbo se move somente até INFL (equivalente a I° nos modelos mais recentes). O autor diz que há um parâmetro envolvido na questão e que, em umas línguas, o verbo se move até COMP e, em outras, o verbo faz um movimento curto até INFL, que se caracteriza como uma *posição A* e a *A-Barra* ao mesmo tempo. O movimento até COMP exhibe diferença de ordem de constituintes entre orações matrizes e orações subordinadas e o movimento até INFL não. Thráinsson (1986) acrescenta que, em orações condicionais sem a presença do complementizador, o verbo pode se mover até COMP no islandês.

A proposta de V-to-INFL, ou seja, V2-IP apresentada por Thráinsson (1986) parece, como comentei na introdução do capítulo, solução *ad hoc* para o problema: como a posição de complementizador já está ocupada e a ordem nas orações matrizes é a mesma das orações subordinadas, o verbo só pode fazer o movimento curto.

### 1.3.5. De Haan e Weerman (1986): V2 e a recomplementação do CP

De Haan e Weerman (1986) discutem as análises propostas até aquele momento dentro do quadro gerativo para o efeito V2 nas línguas germânicas e apresentam dados do frísio no sentido de que nenhuma delas dá conta completamente dos dados. Os autores fazem uma pequena retrospectiva dos pontos em que as análises são coincidentes e mostram que o principal deles é o fato de que o efeito V2 é analisado a partir do movimento do verbo para uma posição mais alta na oração. Qualquer que seja a abordagem que se valha de movimento de verbo para explicar o efeito V2, segundo eles, tem que explicar pelo menos quatro fatos: a) o lugar de pouso do verbo; b) a distinção entre formas finitas e não-finitas; c) a obrigatoriedade de movimento; d) o contraste entre orações matrizes e orações subordinadas.

Com relação aos pontos (C) e (D) dos problemas relacionados à investigação geral sobre o efeito V2 que comentei na Introdução do capítulo, de Haan e Weerman (1986) dizem que a mesma generalização feita para o alemão e para o holandês por Den Besten (1989) pode ser feita para o frísio como ilustram os exemplos em (26):

- (26) a. hy **sjocht** my oan.  
 ele vê me PRT
- b. (ik tink net) dat hy my oan **sjocht**.  
 (eu penso não) que ele me PRT vê

(DE HAAN e WEERMAN, 1986, p. 81)

Os exemplos em (26) mostram que, em orações matrizes/independentes, o verbo se localiza em segunda posição e, em orações subordinadas, o efeito V2 não é desencadeado e o verbo permanece na posição final da oração.

Os autores comentam, entretanto, que há previsões que são falsas no frísio. Há uma série de verbos, conhecidos como *verbos-ponte*, que, em suas orações subordinadas, permite tanto o movimento como o não movimento do verbo com a realização fonológica do complementizador, o que contrasta claramente com o alemão e o holandês, que só exibem movimento do verbo sem a realização fonológica do complementizador:

- (27) a. Pyt sei dat hy my sjoen **hie**.  
Pyt disse que ele me visto tem
- b. Pyt sei dat hy **hie** my sjoen.  
Pyt disse que ele tem me visto
- c. ik leau dat hy him wol rêde **kin**.  
eu acredito que ele ele.ACC salvar pode
- d. ik leau dat hy **kin** him wol rêde.  
eu acredito que ele pode ele.ACC salvar
- (DE HAAN e WEERMAN, 1986, p. 84)

O mesmo acontece nas orações consecutivas (*degree-clauses*):

- (28) a. hy is sa meager dat hy wol efter in reid skûlje **kin**.  
ele é tão magro que ele atrás de uma cana se esconder pode
- b. hy is sa meager dat hy **kin** wol efter in reid skûlje.  
ele é tão magro que ele pode atrás de uma cana se esconder
- (DE HAAN e WEERMAN, 1986, p. 84)

Contudo, essa possibilidade de efeito V2 em orações subordinadas com realização fonológica do complementizador é banida quando os verbos matrizes são negativos, modalizados e *irrealis* por exemplo<sup>30</sup>:

- (29) a. Pyt woe sizze dat hy my sjoen **hie**.  
Pyt deseja dizer que ele me visto tem
- b. \*Pyt woe sizze dat hy **hie** my sjoen.  
Pyt deseja dizer que ele tem me visto
- (DE HAAN e WEERMAN, 1986, p. 84)
- (30) a. ik leau net dat hy him wol rêde **kin**..  
eu acredito não que ele ele.ACC salvar pode

---

<sup>30</sup> De Haan (2001) discute o efeito V2 em orações subordinadas do frísio e mantém essa relação de seleção: o predicado da oração matriz é o que determina se há possibilidade de efeito V2 na oração subordinada ou não. Como mostrarei mais abaixo, Julien (2010) argumenta que nas línguas escandinavas esta proposta não funciona.

- b. \*ik leau net dat hy **kin** him wol rêde.  
eu acredito não que ele pode ele.ACC salvar

(DE HAAN e WEERMAN, 1986, p. 84)

As orações em (27) e (28) tem ainda suas equivalentes com movimento de verbo sem complementizador enquanto as orações em (29) e (30) não têm essa opção, ou seja, o problema não está relacionado com a presença/ausência do complementizador na oração subordinada<sup>31</sup>:

- (31) a. Pyt sei hy **hie** my sjoen.  
Pyt disse ele tem me visto

- b. ik leau dat hy **kin** him wol rêde.  
eu acredito ele pode ele.ACC salvar

(DE HAAN e WEERMAN, 1986, p. 84)

- (32) a. \*Pyt woe sizze hy **hie** my sjoen.  
Pyt deseja dizer ele tem me visto

- b. \*ik leau net dat hy **kin** him wol rêde.  
eu acredito não ele pode ele.ACC salvar

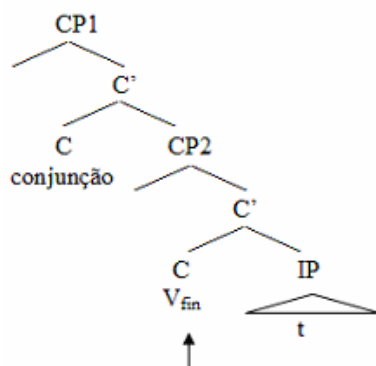
(DE HAAN e WEERMAN, 1986, p. 85)

A partir desses dados, De Haan e Weerman (1986) propõem que haja uma segunda projeção de complementizador dominando a primeira projeção mais baixa nos casos em que é possível ter movimento do verbo e complementizador realizado nas orações subordinadas. As estruturas propostas por De Haan e Weerman (1986) para os casos em que há movimento de verbo e realização do complementizador e para os casos em que somente há realização fonológica do complementizador são ilustradas abaixo de forma adaptada em (33a) e (33b) respectivamente:

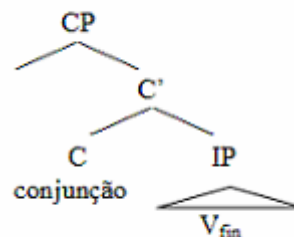
---

<sup>31</sup> Esses dados, na minha opinião, são uma evidência para a proposta de Julien (2010). Ver mais a abaixo.

- (33) a. orações subordinadas com complementizador e movimento do verbo



- b. orações subordinadas com complementizador sem movimento do verbo



Os autores concluem, com base na exposição acima, que a distinção entre orações matrizes e orações subordinadas não é relevante, portanto, na explicação do efeito V2<sup>32</sup>.

De Haan e Weerman (1986) fazem alguns comentários em diversas partes do texto sobre as diversas tendências nas análises do efeito V2. Segundo essas análises, o gatilho para o movimento do verbo é explicado de pelo menos três formas: a) necessidade de lexicalização de COMP; b) requerimento de atribuição de Caso nominativo; c) Princípio das Categorias Vazias<sup>33</sup>. Contudo, não fica claro para mim, se as críticas feitas pelos autores se referem exclusivamente ao fato de tais análises não darem conta da totalidade dos dados do frísio ou se eles pretendem uma análise do V2 que consiga explicar toda a variação entre as línguas uniformemente. Por exemplo, uma análise que consiga explicar o gatilho do movimento do verbo a partir de um único fator em todas as línguas.

### 1.3.6. Conclusão

A partir da exposição acima sobre os primeiros estudos representativos sobre o efeito V2 dentro do quadro da gramática gerativa, é possível observar, como bem discutido em De Haan e Weerman (1986), que há uma série de perguntas principais comuns e que a proposta básica para a explicação do efeito V2, feita por Den Besten (1989) de que o verbo se move para uma posição mais alta na oração (pelo menos nas línguas assimétricas), é aceita quase que com unanimidade.

<sup>32</sup> Este ponto converge com a discussão de Julien (2010).

<sup>33</sup> Ver Vinker (1995) para uma discussão dessas propostas.

Trabalhos descritivos do efeito V2 em línguas germânicas aparentadas, no entanto, mostram que o efeito V2 não parece ser um fenômeno unitário e que, pelo menos, duas questões mais surgem: a) qual é a natureza do efeito V2 nas línguas em que há total simetria entre orações matrizes e subordinadas; b) qual é o status das orações subordinadas naquelas línguas assimétricas que manifestam o efeito V2 em um contexto específico de orações completivas<sup>34</sup>.

Uma proposta para o primeiro caso é que o movimento do verbo nessas línguas é mais curto, somente até INFL (ou I<sup>0</sup>, na notação atual) (THRÁINSSON, 1986; SANTORINI, 1989, 1995; DIESING, 1990). Para o segundo caso, a proposta é a de que haja uma recomplementação de CPs, permitindo que o verbo apareça simultaneamente com a conjunção (DE HAAN e WEERMAN, 1986; IATRIDOU e KROCH, 1992)<sup>35</sup>.

Como mencionei na introdução do capítulo, meu problema nesta Tese se refere aos pontos (C) e, principalmente, (D) daquela lista de perguntas que Haider e Prinzhorn (1986) propuseram para a investigação do efeito V2. Desta forma, não enfatizei na exposição acima sobre os trabalhos pioneiros os pontos (A) e (B). Não obstante, proporei uma discussão sobre o ponto (B) mais abaixo.

## 1.4. A Análise do V2-IP

Quando se começou a mostrar que o efeito V2 nas línguas germânicas não era um fenômeno unitário, análises que explicassem a variação descritiva encontrada nas línguas germânicas começaram a ser propostas. Uma dessas análises, como já comentado na apresentação da proposta de Thráinsson (1986) acima, é a que propõe que, nas línguas simétricas, o verbo se move somente até I<sup>0</sup>, tendo em vista que a posição de complementizador já está realizada pela conjunção.

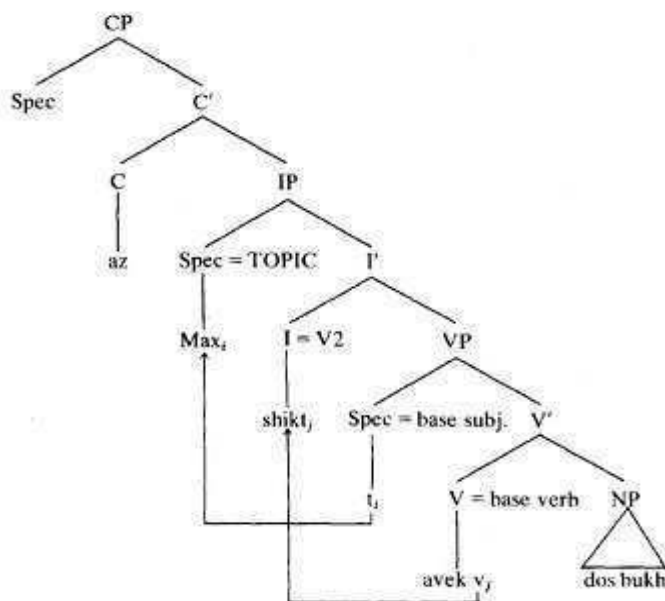
Uma das análises mais representativas neste sentido é a de Diesing (1990) para o iídiche<sup>36</sup>. Diesing (1990) assume uma estrutura oracional na qual as únicas projeções existentes são CP, IP e VP, cada uma dessas projeções contendo apenas uma camada. Assim, a estrutura das orações subordinadas V2 do iídiche é a ilustrada em (34) a seguir:

<sup>34</sup> De Haan (2001), Biberauer (2002b), Julien (2009, 2010) entre outros discutem essas questões.

<sup>35</sup> Vikner (1995) diz que ainda há uma terceira proposta, na qual se postula a existência de uma projeção funcional ZP entre CP e IP no caso das orações subordinadas V2. Não me deterei nesta proposta porque, entre outras razões, acredito que a combinação entre ZP e CP pode ter os mesmos efeitos que a proposta de recomplementação de CP.

<sup>36</sup> Santorini (1989; 1995) propõe uma análise bastante parecida. Inclusive, essas análises foram seguidas por outros trabalhos, entre eles, por Fontana (1993) na explicação do efeito V2 no espanhol antigo, que era considerado uma língua V2 simétrica e por Lemieux e Dupuis (1995), na explicação do efeito V2 no francês antigo.

- (34) az Max **shikt** avek dos bukh  
que Max envia PRT o livro



(DIESING, 1990, p. 46)

Diesing (1990) comenta que a ordem S-V-O é a ordem mais natural/não marcada no iídiche mas que é possível que outros constituintes diferentes do sujeito apareçam em primeira posição:

- (35) ... az vayn **ken** men makhn fun troybn oykh.  
que vinho pode a gente fazer de uvas também.

(adaptado de DIESING, 1990, p. 44)

No caso de (35), um objeto direto aparece em primeira posição. Segundo a análise que a autora propõe, este elemento se move da sua posição de base, dentro do VP, para a posição de SpecIP, que se caracteriza ora como uma *posição A*, ora como uma *posição A-Barra*. Para mostrar que a posição de SpecIP pode ser uma *posição A-Barra*, Diesing (1990) recorre ao contraste de elementos pronominais fronteados: quando o pronome é o sujeito, pode estar na primeira posição

sem acento (a proeminência prosódica da oração); quando o pronome não é o sujeito, só pode estar na primeira posição se for acentuado<sup>37</sup>.

- (36) a. Es **hot** gegesn dos broyt.  
Isso tem comido o pão (leitura de pronome referencial)
- b. \*Ira **hobn** di kinder gezen (sem acento)  
ele.ACC tem as crianças visto

(DIESING, 1990, p. 47)

Um segundo ponto que Diesing (1990) traz para a discussão para confirmar o status de *posição A-Barra* que o SpecIP possui no iídiche vem da assimetria na ordem de palavras nas orações interrogativas. Nas orações matrizes, o elemento interrogativo conta como primeira posição. Nas orações interrogativas indiretas, por outro lado, não conta:

- (37) a. Vuhin **geyt** ir?  
Onde-para vão vocês?
- b. \*Ver dos broyt **hot** gegesn?  
Quem o pão tem comido?
- c. Ikh veys nit vuhin ir **geyt**.  
Eu sei não onde vocês vão.

(DIESING, 1990, p. 50)

A conclusão a que se chega a partir de dados como os ilustrado em (37) é que, nas orações matrizes, o elemento interrogativo se move para SpecIP, e, nas orações subordinadas, se move para SpecCP tendo em vista a possibilidade de que outro elemento apareça entre o verbo e o elemento interrogativo<sup>38</sup>.

A autora discute a análise da recomplementação do CP e diz que esta análise é problemática no caso do iídiche (ver a próxima seção) porque prediz que a extração de orações subordinadas é impossível tendo em vista o cruzamento de várias barreiras, fato que é diferente dos dados, que mostram que é possível extração de orações subordinadas V2 do iídiche:

<sup>37</sup> Na minha opinião, isso é muito estipulativo. O fato de que elementos pronominais que não são o sujeito não possam aparecer em primeira posição sem acento não é evidência forte de que a posição de SpecIP é uma *posição A-Barra*.

<sup>38</sup> A análise de Diesing (1990) diverge da análise de Den Besten e Moed-Van Walraven (1986) que apresentei acima.



- (38) Vemen hot er nit gevolt                      az ot di bikher **zoin** mir gebn?  
 Quem.DAT tem ele não desejado              que PRT os livros podemos nós dar  
 (DIESING, 1990, p. 62)

Um ponto relevante da discussão de Diesing (1990) é se orações subordinadas V2 com ordem S-V-O têm a mesma estrutura que orações subordinadas V2 com ordem XP-V. Dados apresentados por Travis (1984) parecem mostrar que os dois tipos de orações subordinadas têm estruturas diferentes:

- (39) a. \*Ikh veys nit vemen zuntik **hot** zi gezen.  
 Eu sei não quem.ACC sábado tem ela visto
- b. Ikh veys nit yemen zi **hot** gezen zuntik.  
 Eu sei não quem.ACC ela tem visto sábado
- (TRAVIS, 1984, apud DIESING, 1990, p. 63)

Os dados em (38) são uma evidência para Travis (1984) de que orações subordinadas com ordem S-V são estruturalmente diferentes de orações subordinadas com ordem XP-V<sup>39</sup>. Contudo Diesing (1990) apresenta dados (semelhantes ao ilustrado em (37c) acima) em que a mesma ordem

---

<sup>39</sup> Essa proposta também é assumida por Biberauer (2002b). Contudo, Schwartz e Vikner (1996) apresentam argumentos contra esta análise. Schwartz e Vikner (1996) comparam a ordem de palavras em orações subordinadas e orações matrizes de línguas V2 assimétricas, como alemão e sueco, e mostram que, em orações subordinadas, a ordem Adv-S-V é possível, mas, em orações matrizes é agramatical, como ilustro a seguir com o contraste do alemão:

- (i) a. Ich weiß, daß letzte Woche Peter tatsächlich ein Buch gelesen hat.  
 Eu sei que na última semana Peter realmente o livro tinha lido
- b. \*Letzte Woche Peter hat tatsächlich ein Buch gelesen.  
 Na última semana, Peter tinha realmente o livro lido  
 (SCHWARTZ E VIKNER, 1994, p. 12-13)

Se orações V2 com ordem S-V fossem diferentes de orações V2 com ordem XP-V, (ib) deveria ser gramatical já que o sujeito estaria em SpecIP assim como nas orações subordinadas. Contudo, como orações V2 com ordem XP-V tampouco permitem a ordem Adv-XP-V, como mostra (ii)

- (ii) \*Letzte Woche ein Buch hat Peter tatsächlich gelesen.  
 Na última semana o livro tinha Peter realmente lido

a conclusão de Schwartz e Vikner (1994) é que a ordem S-V e a ordem XP-V não são diferentes nas orações V2.

da oração do exemplo (38a) é possível, o que mostra que orações com ordem S-V e ordem XP-V não têm estruturas diferentes<sup>40</sup>.

A análise de Diesing (1990) apresenta argumentos circulares para o problema da simetria entre orações matrizes e orações subordinadas com relação à manifestação do efeito V2: como a oração subordinada apresenta complementizador realizado fonologicamente, o verbo não pode se mover para C<sup>41</sup>. Além disso, Diesing (1990) propõe que o movimento do verbo é idêntico em diferentes tipos de orações mas os mesmos constituintes, que em princípio não têm motivação para se posicionarem em posições diferentes, como um constituinte interrogativo, se localiza em posições diferentes a depender se a oração é matriz ou subordinada. Como fica claro a partir de dados de outras línguas, orações de tipos diferentes podem desencadear movimentos diferentes (por exemplo, em inglês, se registra movimento do verbo auxiliar/modal para CP em orações interrogativas, e permanência do verbo auxiliar/modal no IP e do verbo temático em VP em orações declarativas).

## 1.5. A proposta de recomplementação do CP

Iatridou e Kroch (1992) discutem o efeito V2 nas orações subordinadas de línguas simétricas e comentam que há duas teorias principais vigentes: por um lado, aquela defendida por Thráinsson (1986), Santorini (1989) e Diesing (1990), na qual é proposto que o verbo faz um movimento curto até IP; por outro lado, aquela defendida por De Haan e Weerman (1986), na qual é proposto que o efeito V2 nas orações subordinadas é decorrente da recomplementação de CP<sup>42</sup>. Iatridou e Kroch (1992) comentam que, embora a diferença entre as duas análises seja sutil dado o caráter abstrato das projeções funcionais, as duas análises fazem previsões diferentes.

---

<sup>40</sup> Dentro do modelo assumido por Diesing (1990), seria problemático assumir que os dois tipos de orações têm estruturas diferentes tendo em vista que a única opção seria dizer que nenhum constituinte, exceto o elemento frontado, se moveu do VP (de qualquer forma, em orações com ordem XP-V-S, o sujeito permanece dentro do VP na análise de DIESING, 1990). Contudo, como mostrarei na seção 1.6, a análise V2-IP não dá conta de outros dados.

<sup>41</sup> Diesing (1990, p. 63) diz:

*Verb-second in the Germanic languages must be parametrized for the choice of landing site for the verb. Germanic languages can vary as to whether V2 is a result of V-to-C movement (German) or V-to-I movement (Yiddish). The necessity for this parameterization is due to the fact that V2 in Yiddish does not show the main/embedded asymmetry that is seen in German.*

<sup>42</sup> Vikner (1995), baseado em sua Tese de Doutorado defendida em 1990, também assume esta proposta.

Iatridou (1991 apud IATRIDOU e KROCH, 1992) mostra dois fatos interessantes: a) só é possível recomplementação de CP quando o CP é regido por um verbo que o seleciona; b) a recomplementação de CP apresenta restrições semânticas com relação ao tipo de verbo que pode selecionar o CP recursivo. Desta maneira, se o efeito V2 em orações subordinadas for encontrado apenas onde há possibilidade de CP recursivo, a proposta de De Haan e Weerman (1986) recebe suporte; e se o efeito V2 em orações subordinadas for encontrado também em outros ambientes, a proposta de De Haan e Weerman (1986) é enfraquecida.

Iatridou e Kroch (1992) apresentam dados comparando o frísio com o iídiche e o islandês. Segundo eles, se a análise da recomplementação de CP estiver correta para as línguas simétricas, não será esperado diferenças entre o efeito V2 no iídiche/islandês e o efeito V2 no frísio. Os autores examinam contextos diferentes dos contextos de *verbos-ponte* e orações consecutivas e mostram que o iídiche e o islandês se comportam de forma diferente do frísio (o que já havia sido mostrado anteriormente por THRÁINSSON, 1986).

Os dados em (40) e (41) a seguir mostram um contraste entre orações de adjunto e de sujeito entre o frísio e o islandês. Os dados em (42), (43) e (44) do islandês contrastam com os dados em (29) a (32) do frísio ilustrados acima. Os exemplos abaixo são citados em Iatridou e Kroch (1992, p. 5, 8-9).

(40) *orações de adjunto:*

a. Ik sil fuortgean, at jo dizze film net sjen **wolle**. (frísio)

Eu vou sair se você esse filme não ver deseja

b. \*Ik sil fuortgean, at jo **wolle** dizze film net sjen. (frísio)

Eu vou sair se você deseja esse filme não ver

c. Ég hef áhyggjur af þessu af því að Maríu **hefur** hann aldrei séð. (islandês)

Eu tenho preocupação disso por o que Mary.ACC tem ele nunca visto

(41) *orações subjetivas:*

a. Dat jo dizze film net sjen **wolle**, fernuvert my/is ferfelend. (frísio)

Que você esse filme não ver deseja me surpreende/é inconveniente

b. \*Dat jo **wolle** dizze film net sjen, fernuvert my/is ferfelend. (frísio)

Que você deseja esse filme não ver me surpreende/é inconveniente

c. Að Maríu **hafi** hann aldrei séð er kannski líklegt. (islandês)

Que Mariu.ACC tem ele.NOM nunca visto é talvez provável.

- (42) *V2 com verbo negativo:*  
 Jón harmar að þessa bók **skuli** ég hafa lesið. (islandês)  
 Jón lamenta que esse livro tenho eu lido
- (43) *V2 com verbo negado:*  
 Jón sagði ekki að á morgun **mundi** María fara snemma á fætur. (islandês)  
 Jón disse não que amanhã poderia Mary ir cedo a pé
- (44) *V2 com complemento irrealis:*  
 Ég vil að á morgun **fari** María snemma á fætur. (islandês)  
 eu desejo que amanhã vá Mary cedo a pé

Além dessas assimetrias entre o frísio e o islandês, Iatridou e Kroch (1992) mostram que, no frísio, só é possível extrair elementos quando há um único CP, sendo banida a possibilidade de extração em CP recursivos, caso contrário do que acontece com o islandês, língua na qual é possível extração de orações subordinadas V2 com realização fonológica do complementizador<sup>43</sup>:

- (45) a. Hy sei [<sub>CP</sub> dat **dizze** oersetting net maklik lêst.] (frísio)  
 ele diz que essa tradução não facilmente lê
- b. Hokker oersetting sei hy [<sub>CP</sub> dat net maklik **lêst?**]  
 que tradução diz ele que não facilmente lê?
- c. Hy sei [<sub>CP</sub> dat [<sub>CP</sub> dizze oersetting **lêst** net maklik.]  
 ele diz que essa tradução lê não facilmente
- d. \*Hokker oersetting<sub>i</sub> sei hy [<sub>CP</sub> dat [<sub>CP</sub> t<sub>i</sub> **lêst** net maklik?]  
 que tradução diz ele que t<sub>i</sub> lê não facilmente?

(Citado em IATRIDOU e KROCH, 1992, p. 6)

- (46) Þessa bók held ég að það **muni** ekki nokkur maður kaupa. (islandês)  
 Esse livro penso eu que EXP vai não nenhum homem comprar

(Citado em IATRIDOU e KROCH, 1992, p. 10)

<sup>43</sup> Iatridou e Kroch (1992) ainda comentam que o frísio e o dinamarquês não possuem orações interrogativas subordinadas V2 enquanto que o islandês e o iídiche sim. Não me deterei na discussão sobre interrogativas porque acredito que têm uma dinâmica diferente das orações declarativas.

A partir desses dados, Iatridou e Kroch (1992) corroboram a análise de que, de fato, há uma diferença no movimento do verbo entre línguas completamente simétricas, como o iídiche e o islandês, e as línguas com simetria apenas com complementos de *verbos-ponte*, como o frísio.

A explicação para a impossibilidade de extração de elementos de CP recursivos é dada a partir das noções de *Barreira* e *Subjacência* (CHOMSKY, 1986b). No exemplo (45b), que contém uma oração subordinada não-V2, o elemento interrogativo é movido de dentro do VP para SpecCP da oração subordinada, que é uma posição de escape, e dali ele é movido para o SpecCP da oração matriz. Neste caso, como somente uma barreira, o CP subordinado, é cruzada no movimento da oração subordinada para a oração matriz, a oração é subjacência-1 e, portanto, gramatical. No exemplo (45d), que contém uma oração subordinada V2, ao fazer o mesmo movimento, o elemento interrogativo está cruzando também a posição de SpecCP2, que está ocupada pelo XP em primeira posição, ou seja, o elemento extraído salta uma segunda barreira, logo a oração é subjacência-2, o que a torna agramatical.

No caso de extração de orações subordinadas de línguas simétricas, como no exemplo (46) e no exemplo do iídiche em (38) acima, como o verbo está localizado em I<sup>o</sup>, o elemento extraído se moveria para SpecCP, que funcionaria como uma posição de escape, e apenas saltaria uma barreira, o CP subordinado, como nas orações subordinadas não V2 do frísio, o que licenciaria a extração (cf. DIESING, 1990, p. 61-62)<sup>44</sup>.

Na proposta do CP recursivo, nada impediria, em princípio, que o elemento extraído passasse pelo SpecCP2, em seguida, pelo SpecCP1 e, depois, fosse movido para o SpecCP matriz já que o movimento é cíclico e a posição de SpecCP1 está disponível. O problema, segundo esta visão, é que, nas orações subordinadas V2, o constituinte movido não pode usar a posição de SpecCP2 como uma posição de escape porque esta posição já está ocupada. No entanto, como se verá a seguir, esta parece não ser uma explicação satisfatória para o fenômeno.

Rivero (1980) discute a *topicalização* no espanhol e propõe que a *topicalização* seja diferente de *movimento-WH* tendo em vista o contraste entre os exemplos (47) e (48) abaixo:

- (47) a. \*¿Qué te pregunta (que) por qué no tiene?  
b. \*¿Qué preguntan (que) quién tiene?

---

<sup>44</sup> No entanto, como se poderá ver na seção 1.7, também é possível fazer extração de orações subordinadas V2 de línguas assimétricas, o que mostra que o problema da extração tampouco está relacionado com a recursividade de CP.

- (48) a. Dinero, te pregunta (que) por qué no tiene.  
 b. Dinero, preguntan (que) quién tiene.  
 (RIVERO, 1980, p. 380)

Rivero (1980) argumenta que as orações em (48), diferentemente de construções de CLLD como “El dinero, no lo tengo”, são geradas através de movimento. Se o CP fosse constituído por apenas uma projeção, os exemplos em (48), contendo *movimento-WH* para a oração subordinada e *topicalização* para a oração matriz, deveriam ser agramaticais, como os exemplos em (47), nos quais há um *movimento-WH* para a oração subordinada e outro para a oração matriz, tendo em vista que, como o CP subordinado já está ocupado por um elemento, o XP frontado no CP matriz não teria posição de escape para extração. Como os exemplos em (48) são gramaticais, Rivero (1980) conclui que o CP tem outra posição, diferente da posição ocupada por elementos-WH, pela qual é possível fazer extração para orações matrizes.

A partir da discussão de Rivero (1980), é possível ver que o problema da extração de subordinadas V2 para a oração matriz não está relacionado com o fato de: a) saltar mais de uma barreira<sup>45</sup> nem b) a posição de SpecCP2 já estar ocupada<sup>46</sup>.

## 1.6. Contra V2-IP e a favor de V2-CP generalizado

Tenho dito reiteradamente ao longo deste capítulo que parece que diferentes análises na explicação do efeito V2 nas línguas germânicas são uma solução *ad hoc* para o problema de a posição de complementizador, nas orações subordinadas, estar realizada pela conjunção. Os dados apresentados nas duas seções anteriores, 1.4. e 1.5., parecem mostrar que, de fato, o efeito V2 nas línguas simétricas é diferente do efeito V2 das línguas assimétricas, pelo menos, com relação aos fatos relacionados com as orações subordinadas. Contudo, nesta seção apresentarei alguns argumentos de Vikner (1995) (entre eles, orações declarativas V1; a posição do sujeito e de

<sup>45</sup> Tentarei argumentar abaixo, a partir do contraste entre os dados do frísio discutidos em De Haan (2001) e das línguas escandinavas discutidos em Julien (2010), que, na verdade, a impossibilidade de extração está relacionada com outros fatores e não com o fato de o verbo estar em I° ou em C° e com o fato de haver recomplementação de ou não.

<sup>46</sup> Chomsky (1986b) propõe que, em construções *Marcação Excepcional de Caso* (ECM), o CP é barreira para a regência de PRO, em SpecIP, pelo verbo da oração matriz porque herda o caráter de barreira do fato de dominar uma categoria bloqueadora; contudo, o CP não é barreira para a regência do verbo matriz sobre o que está dentro do CP tendo em vista que o CP é uma categoria L-marcada. Não fica claro como esses conceitos operam num sistema de duplo CP.

advérbios de VP; *object shift*; orações com dois complementizadores) que mostram que a análise V2-IP não consegue dar conta de dados das línguas simétricas, que há evidências independentes para a postulação de um duplo CP e que a análise V2-CP pode ser mantida na explicação do efeito V2 nas orações subordinadas em várias línguas germânicas (e, conseqüentemente, em outras línguas V2, como as românicas antigas). Na subseção 1.6.5., faço uma pequena discussão da questão com base na proposta de Lightfoot (1995), sobre a relação entre efeito V2, gatilho para movimento do verbo e aquisição da linguagem.

### 1.6.1. Declarativas V1

Vikner (1995) comenta que tem sido discutido na literatura que o iídiche o islandês apresentam construções declarativas V1, que são chamadas *V1 narrativo*, o que contrasta com as demais línguas germânicas, que não apresentam essa possibilidade. Segundo Santorini (1989), o movimento do verbo nas orações V1 é diferente do movimento do verbo nas orações V2 no iídiche: nas orações V2, há apenas movimento V-to-I; nas orações V1, há movimento longo para C°. A proposta de Santorini (1989) faz a predição de que, em orações declarativas V1, duas ordens são possíveis:

- (49)      **SpecCP**      **C°**      **SpecIP**      **I°**      **SpecTP/SpecVP**  
 a. (nulo) — verbo finito — sujeito — (nulo) — (nulo) ...  
 b. (nulo) — verbo finito — tópico — (nulo) — sujeito ...
- (Adaptado de VIKNER, 1995, p. 88)

Como a posição de SpecIP é uma *posição A-Barra*, podendo abrigar o sujeito ou qualquer outro constituinte, e o verbo está em C°, ambas as ordens em (49) são preditas. No entanto, a única ordem encontrada nos dados é a variante (49a), como os dados do islandês e do iídiche mostram em (50) e (51) respectivamente:

- (50)      a. **Hafði** Pétur pá ekki enn lesið bókina  
             Tem Pétur então não ainda lido livro.DEF  
             b. \***Hafði** bókina Pétur pá ekki enn lesið  
             Tem livro.DEF Pétur então não ainda

(VIKNER, 1995, p. 88)

- (51) a. **Hot** der yid nekhtn gegebn dem yingl dos dozike bukh  
Tem o homem ontem dado ao garoto esse livro
- b. \***Hot** dos dozike bukh der yid nekhtn gegebn dem yingl  
Tem o livro o homem ontem dado ao garoto

(VIKNER, 1995, p. 88)

O contraste nos exemplos acima mostra que, se a posição de SpecIP pudesse ser uma *posição A-Barra*, os exemplos em (50b) e (51b) deveriam ser gramaticais. Mas, dada a gramaticalidade exclusiva de (50a) e (51a), a posição SpecIP parece ser uma posição exclusiva para o sujeito.

### 1.6.2. A posição do sujeito em relação a advérbios de VP

O segundo ponto que Vikner (1995) traz para a discussão é a posição do sujeito com relação a advérbios de frase. Segundo a análise V2-IP, quando o sujeito não é o primeiro elemento da oração e aparece em posição pós-verbal, está situado dentro do VP<sup>47</sup>. Esta análise faz a previsão de que, quando houver um advérbio de frase na oração, o sujeito aparecerá depois do advérbio, já que advérbios de frase marcam a fronteira do VP. Observem-se os exemplos a seguir do islandês:

- (52) a. Hann veit að kannski las Jón aldrei bókina  
Ele sabe que talvez lê Jón nunca livro.DEF
- b. \*Hann veit að kannski las aldrei Jón bókina  
Ele sabe que talvez lê nunca Jón livro.DEF

(VIKNER, 1995, p. 91)

- (53) a. Hann veit að kannski hefur Jón ekki lesið bókina  
Ele sabe que talvez tem Jón não lido livro.DEF

<sup>47</sup> Se, pelo menos, fosse assumida a proposta de Pollock (1989), de que o IP é cindido, tal problema não apareceria. Na análise de Bobaljik e Jonas (1996), o sujeito pós-verbal está fora do VP, dentro do IP cindido de Pollock (1989). Contudo, esta análise do V2-IP me parece bastante coerente em um sentido: já que se está advogando que o CP só tem uma camada, assume-se que o IP também só pode ter uma camada.



- b. \*Hann veit að kannski hefur ekki Jón lesið bókina  
 Ele sabe que talvez tem não Jón lido livro.DEF

(VIKNER, 1995, p. 91)

Os dados acima mostram que a única opção possível é aquela em que o sujeito precede o advérbio (52) e a negação (53). Se o sujeito estivesse dentro do VP, se esperaria que a gramaticalidade dos exemplos fosse invertida. Os dados em (54) a seguir, da chamada *Construção transitiva expletiva* (*transitive expletive construction* – TEC) mostram que, quando o sujeito está dentro do VP, a negação o precede:

- (54) a. \*Ég tel að það hafi ekki þessir studentar lesið bókina  
 Eu acho que EXP tem não esses estudantes lido livro.DEF

- b. Ég tel að það hafi ekki marginir studentar lesið bókina  
 Eu acho que EXP tem não alguns estudantes lido livro.DEF

(VIKNER, 1995, p. 91)

Como o sujeito é indefinido em (54b), é possível inserir um sujeito expletivo em SpecIP. Conseqüentemente, como o sujeito temático não foi movido do VP, a ordem *negação – sujeito* é gramatical, o que contrasta com os exemplos em (52) e (53).

### 1.6.3. Construções de *Object Shift*

As construções de *object shift* são aquelas construções nas quais, além do sujeito, o objeto direto do verbo é movido para a esquerda do verbo e o VP apenas contém os traços dos elementos movidos. No islandês, qualquer objeto direto pode ser movido; nas línguas escandinavas, somente objetos pronominais podem ser tirados do VP por meio de *object shift*. Observem-se os exemplos a seguir:

- (55) a. Kannski **hefur** Jón ekki lesið bokina.  
 b. \*Kannski **hefur** Jón lesið ekki bókina.  
 c. \*Kannski **hefur** Jón lesið bókina ekki.  
 Talvez tem Jón (não) lido (não) livro.DEF (não)

(VIKNER, 1995, p. 97)

Os dados em (55) mostram que a negação “ikke” não pode ser adjungida ao V' nem aparecer na esquerda do VP devido à agramaticalidade de (55b) e (55c). Logo, nas construções de *object shift*, o que se espera é que o objeto preceda a negação, o que realmente acontece como mostram os exemplos a seguir:

- (56) a. Hann veit að þess vengja **las<sub>v</sub>** Jón bókkina<sub>i</sub> ikke t<sub>v</sub> t<sub>i</sub>  
 Ele sabe que portanto lê Jón livro.DEF não
- b. \*Hann veit að þess vengja **las<sub>v</sub>** bókkina<sub>i</sub> Jón ikke t<sub>v</sub> t<sub>i</sub>  
 Ele sabe que portanto lê livro.DEF Jón não
- (VIKNER, 1995, p. 97)

Sabe-se que o objeto foi submetido a *object shift* nos exemplos em (56) porque o objeto direto aparece à esquerda da negação (vide os exemplos em (55)). Se o sujeito pudesse ocupar uma posição mais baixa que SpecIP, o exemplo (56b) deveria ser gramatical.

#### 1.6.4. Orações subordinadas com dois complementizadores

A existência de orações subordinadas com dois complementizadores é uma evidência independente para a proposta de recomplementação de CP. Primeiro, Vikner (1995) discute caso de interrogativas indiretas com o núcleo C° preenchido, como mostra o exemplo (57) do holandês:

- (57) Hij weet hoe of je dat moet doen  
 Ele sabe como se você isso deve fazer
- (VIKNER, 1995, 119)

Vikner (1995) discute que, nas orações interrogativas indiretas, o verbo não pode se mover para C° devido ao *Princípio da Projeção* e ao *Critério-WH*. A possibilidade de “of” em C° se deve ao traço [+WH] que este elemento carrega. Contudo, há vários registros em diversas línguas, o equivalente ao complementizador “that” (*que*) é o que aparece nesses casos:

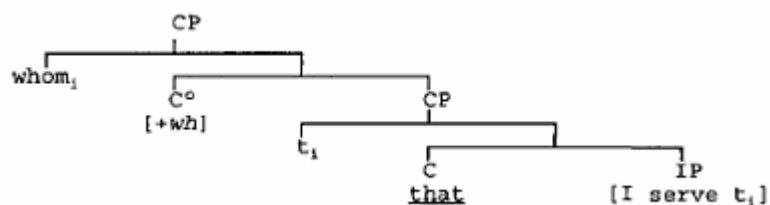
- (58) a. Only the sight of hire whom that I serve (inglês médio)  
 Apenas a visão de ela quem.DAT que eu sirvo

- b. Jeg ser hvordan at Dragten samler sig om deres Form (dinamarquês)  
 Eu vejo como que fantasia.DEF junta se ao redor do seu corpo.

(VIKNER, 1995, 119)

Como o complementizador “que” tem o traço [-WH], Vikner (1995) propõe que seja o núcleo de uma projeção diferente daquela em que está o elemento interrogativo:

(59)



(VIKNER, 1995, p. 120)

A partir dessa análise, Vikner (1995) consegue explicar os casos em que dois complementizadores com traço [-WH] aparece numa mesma oração, como mostram os dados em (60):

- (60) a. Though that my tale be of an hostileer (inglês médio)  
 Embora que minha história seja sobre um hoteleiro
- b. Fordi at Gerda var saa ung (dinamarquês)  
 Porque que Gerda era tão jovem
- c. þetta er maðurinn sem að kom i gaer (islandês)  
 Esse é homem.DEF que que veio ontem.

(VIKNER, 1995, p. 122)

Os dados em (60) mostram que, mesmo em orações declarativas, se faz necessária a postulação de um duplo CP para explicação dos dados. O duplo CP é necessário inclusive em *línguas V2 simétricas*, como o islandês (60c)<sup>48</sup>.

### 1.6.5. Aquisição da linguagem, gatilho para movimento do verbo e efeito V2

Lightfoot (1995) discute aspectos bastante relevantes sobre a aquisição do efeito V2 nas línguas germânicas e mostra que várias análises, até aquele momento, não tinham explicações satisfatórias sobre como as crianças adquiriam o efeito V2. Segundo o autor, nas análises de Den Besten (1983/1989), De Haan e Weerman (1986), Haider (1986), por exemplo, é proposto que algum elemento em C° atrai I° (ou o verbo finito) para esta posição; contudo, a evidência para esse elemento é a obrigatoriedade do movimento, ou seja, a ausência de estruturas nas quais esse movimento não acontece. Essas análises são criticáveis, no ponto de vista de Lightfoot (1995), principalmente porque assumem implicitamente que a criança tem acesso a evidências negativas para adquirir a sua língua. Na proposta de Lightfoot (1995), o gatilho para a criança aprender que sua língua é V2, ou seja, que o verbo se moveu até C°, é o fato de haver um constituinte sem restrições temáticas/semânticas em primeira posição, precedendo o verbo. Acredito que esta proposta seja bastante convincente desde que se assuma que a faculdade da linguagem apresenta alguma restrição sobre a posição SpecIP, como parece que Lightfoot (1995, p. 49) assume. Neste sentido, se a faculdade da linguagem não impõe nenhuma restrição ao fato de SpecIP poder ser uma *posição A* ou uma *posição A-Barra*, não há evidências para a criança, além do fato de que C° já está ocupado pelo complementizador nas orações subordinadas, de que o verbo se moveu somente até I°. Ou seja, a evidência que a criança teria de que o verbo está em I° nas línguas simétricas é a existência de orações subordinadas V2 com complementizador, o que cai na mesma crítica que Lightfoot (1995) faz para o gatilho do movimento do verbo para C° em línguas assimétricas.

Desta forma, acredito que, também do ponto de vista da aquisição da linguagem, a análise V2-IP é problemática, no sentido de que não há evidências independentes, pelo menos não há evidências desse tipo apresentada na literatura, para explicar como a criança que está adquirindo

---

<sup>48</sup> Suñer (1994) e Fontana (1994) mostram que no espanhol atual também existem possibilidades semelhantes. Ver também Fontana (1994) e Ribeiro e Torres Morais (2009), onde se mostra a existência de orações subordinadas completivas do tipo “que XP que...” no espanhol e no português antigos. O trabalho de Rivero (1980) também dá boas evidências de que, independentemente de construções V2 em orações subordinadas, o CP tem mais de uma projeção.

uma língua V2 simétrica aprende que o verbo somente se move até I° além do fato de que a oração subordinada apresenta realização fonológica do complementizador, que estaria ocupando o núcleo C°, para o qual o verbo se move nas orações matrizes das línguas V2 assimétricas.

### 1.6.6. Conclusão

Os dados apresentados nesta seção mostram que algumas das suposições básicas da análise V2-IP não podem ser mantidas.

A proposta de que SpecIP é uma *posição A-Barra* é contrariada a partir dos dados de ordem V1 narrativo, nos quais se assume que o verbo se moveu para CP. Nesses casos, a única ordem possível é a ordem *verbo – sujeito*. A ordem *verbo – tópico* é impossível, o que mostra que SpecIP não pode ser uma *posição A-Barra*.

Como consequência da suposição de que SpecIP poderia ser uma *posição A-Barra*, quando o sujeito se encontrava em posição pós-verbal, numa ordem XP-V-S, se assumia que o sujeito se encontrava dentro do VP. Contudo, dados relativos à posição do sujeito e do objeto movido por *object shift* mostram que o sujeito não está localizado dentro do VP tendo em vista a impossibilidade de ordem *advérbio/objeto movido – sujeito*.

Por fim, dados independentes de orações com dois complementizadores mostram que a proposta da recomplementação de CP não é uma solução *ad hoc* para a explicação do efeito V2 nas línguas simétricas, mas, por outro lado, tem uma motivação independente.

Diante do que foi exposto acima, é plausível assumir que há sempre movimento do verbo para C° nas orações V2, sejam orações matrizes ou orações subordinadas, das línguas simétricas ou línguas assimétricas.

Aqueles dados exibindo contraste na possibilidade de extração de orações subordinadas V2 entre línguas simétricas e línguas assimétricas, contudo, podem contrariar esta análise que propõe movimento do verbo generalizado para CP nas orações V2. No entanto, como parte dos dados que serão apresentados na seção a seguir mostrará, algumas línguas escandinavas também permitem extração de orações subordinadas V2, o que leva a concluir que o problema da extração de orações subordinadas não está relacionado com a proposta da recursividade do CP.

Finalmente, a proposta da recursividade do CP precisa ser reinterpretada no modelo teórico atual. Como argumentarei na seção 1.8, esses dois CP são equivalentes às projeções ForceP e

FinP do CP cindido dentro do modelo cartográfico. Argumentarei também que os traços do CP1 (ForceP) são os responsáveis pelo movimento do verbo para o CP2 (FinP).

## 1.7. Força ilocucionária e efeito V2

Julien (2010) argumenta que há duas propostas na explicação do efeito V2 nas orações subordinadas das línguas germânicas. Uma delas, a que apresentei acima, é a de que o efeito V2 nas orações subordinadas é restringido pelas propriedades semânticas do verbo da oração matriz. Dentro dessa visão, o efeito V2 em línguas assimétricas só é possível em orações completivas de *verbos-ponte*. A outra proposta, que é a defendida por Julien (2009, 2010)<sup>49</sup>, é a de que o efeito V2 está relacionado com força ilocucionária. Dentro dessa segunda visão, o efeito V2 é determinado pelo traço [±asserção] da oração subordinada, ou seja, quando uma oração subordinada V2 é [+assertada] e tem a mesma força ilocucionária que uma oração matriz.

Uma série de estudos tem argumentado que as orações subordinadas não têm estrutura informativa independente<sup>50</sup>. Contudo, como discutido por Lahousse (2010), essa afirmação é falsa. Lahousse (2010) mostra que a possibilidade de ordem V-S no francês é determinada pelo estatuto informativo da oração. A autoria mostra, neste sentido, que as mesmas restrições que atuam nas orações matrizes com relação à ordem V-S e à clivagem são encontradas nas orações subordinadas, o que indica que as orações subordinadas têm sua estrutura informativa independentemente da oração matriz.

Julien (2010) apresenta evidências para a proposta de que o efeito V2 em orações subordinadas está relacionado com traços de força ilocucionária a partir de um estudo de *corpora* do norueguês, sueco e dinamarquês. Alguns dos argumentos apresentados por Julien (2010) são ilustrados a seguir<sup>51</sup>.

A) *Predicados assertivamente fortes*: Neste grupo, são incluídos verbos *dicendi* e adjetivos como “claro” e “verdade”:

<sup>49</sup> De Haan (2001) também assume esta proposta de que o efeito V2 está relacionado com força ilocucionária. Contudo, há alguns pontos divergentes com a proposta de Julien (2010).

<sup>50</sup> Este é um dos pontos em que Julien (2010) e De Haan (2001) divergem.

<sup>51</sup> Julien (2010) se baseia no trabalho de Hooper e Thompson (1973).

(61) a. Så ringer jeg og sier at jeg kommer ikke på torsdag. (norueguês)  
Então telefonei eu e disse que eu venho não no sábado

b. Det er jo klart, at det bliver ikke bedre på den måde. (dinamarquês)  
EXP é PRT claro que isso torna não melhor desse jeito

(JULIEN, 2010, p. 8)

Julien (2010) também registra alternativas para os exemplos em (61) sem efeito V2 nas orações subordinadas, o que indica para a autora que, nesses casos de ordem não V2, a oração subordinada não é assertada.

B) *Predicados assertivamente fracos*: Neste grupo, são incluídos verbos cognitivos e o verbo “parecer”, que, segundo Julien (2010), também podem selecionar predicados assertados ou não assertados:

(62) a. Vi anser att problemet är inte av teknisk natur. (sueco)  
Nós reconhecemos que o problema é não de natureza técnica

b. Derefter konkluderer de, at gruppen kan ikke overleve uden succes. (dinamarquês)  
Então concluem eles que o grupo pode não sobreviver sem sucesso

(JULIEN, 2010, p. 9)

C) *Predicados não assertados*: Neste grupo são incluídos verbos como “negar” e “ser impossível”. Julien (2010) não registra casos de ordem V2 em orações subordinadas com este tipo de predicado, como é previsto dentro da proposta de que o efeito V2 está relacionado com asserção. No entanto, segundo a autora, um exemplo construído com ordem V2 na oração subordinada de um predicado deste grupo é gramatical tanto para ela como para outros falantes nativos do sueco:

(63) Det är väl ingen som tvekar på att dom gör det alltid för att få upp försäljningen?  
EXP é PRT ninguém que duvida PRT que eles fazem isso sempre para dar vendas

(JULIEN, 2010, p. 9)

Para Julien (2010), a gramaticalidade de (63) representa que um predicado negativo não assertivo se comporta como um predicado assertivo e que o tipo de predicado matriz por si só não determina se a oração subordinada pode exibir efeito V2 ou não.

D) *Predicados factivos*: Estes predicados subordinam complementos oracionais pressupostos e, portanto, não deveriam permitir ordem V2 em orações subordinadas. No entanto, Julien (2010) encontra casos de ordem V2 em orações subordinadas de predicados factivos:

- (64) Alltid glemt de at den gutten var ikke som andre. (norueguês)  
Sempre esqueceram eles que esse garoto era não como os outros  
(JULIEN, 2010, p. 10)

E) *Predicados de verbos copulativos*: Para Julien (2010), a oração matriz representa apenas uma introdução e a oração subordinada é que representa a verdadeira asserção:

- (65) Mitt poeng er at vi **kjenner** ikke omfanget. (norueguês)  
Meu ponto é que nós conhecemos não o tamanho  
(JULIEN, 2010, p. 13)

Um segundo aspecto relevante da discussão é o fato de se essas orações V2 são realmente subordinadas ou não<sup>52</sup>. Julien (2010) também traz para a discussão dados do frísio discutidos em De Haan (2001). Segundo De Haan (2001), os seguintes fatos do frísio são evidências de não há subordinação de fato, mas sim uma coordenação/justaposição<sup>53</sup>: a) um quantificador na oração matriz não pode vincular um pronome na oração subordinada; b) não é

<sup>52</sup> A interpretação que Julien (2010) faz de Biberauer (2002b) é que como não há outro constituinte diferente do sujeito em primeira posição e um auxiliar aparece em segunda posição nas orações subordinadas V2, essas orações não são verdadeiras subordinadas (CP) mas são orações justapostas (TP). No entanto, minha leitura de Biberauer (2002b) é que, como as orações declarativas subordinadas V2 das línguas assimétricas, em geral, (BIBERAUER, 2002b, traça um paralelo entre o africâner e o holandês, por exemplo) apresentem somente o sujeito em primeira posição e o auxiliar em segunda posição, tais orações não são verdadeiras orações V2, ou seja, não exibem movimento do verbo para CP. Mais abaixo voltarei a esta questão.

<sup>53</sup> De Haan (2001) argumenta inclusive que há dois tipos de coordenação: normal e paratática. Na coordenação normal, a ordem dos elementos não altera a gramaticalidade da oração (se bem que, como o próprio autor comenta, pode haver alteração semântica); na coordenação paratática, há alteração na gramaticalidade. Como as orações do frísio não podem ser intercambiadas, De Haan (2001) conclui que a coordenação é paratática e, conseqüentemente, tem uma estrutura diferente.



possível ter uma oração V2 como primeira posição de uma oração matriz; c) subordinação iterativa; d) extração de orações subordinadas V2.

No primeiro caso, Julien (2010) mostra que, em sueco e norueguês, um quantificador na oração matriz pode vincular um pronome na oração subordinada. Como a vinculação só é possível quando há c-comando, de fato, há uma subordinação nessas línguas escandinavas:

- (66) a. Varje man<sub>i</sub> sa att hans<sub>i</sub> mamma **hade** inte läst boken. (sueco)  
 Todo homem disse que sua mãe tem não lido o livro.
- b. Kvar einaste jente<sub>i</sub> melde at ho<sub>i</sub> **kunne** ikkje komma. (norueguês)  
 Cada única garota informou que ela pode não vir
- (JULIEN, 2010, p. 20)

No segundo caso, Julien (2010) diz que uma oração subordinada V2 não é facilmente fronteada, ao contrário da sua contraparte não-V2, devido ao seu status informativo como mostram (67a) e (67b). Elementos fronteados, geralmente, funcionam como tópicos. Como as orações V2 têm um caráter assertivo, não podem aparecer em posição de *tematização*. No entanto, quando o primeiro elemento funciona como um foco, é possível encontrar uma oração V2, como mostra (68):

- (67) a. \*At jeg **greide** ikke jobben slik jeg skulle tenkte jeg på. (norueguês)  
 \*Que eu administrei não trabalho.DEF como eu poderia pensei eu PRT
- b. At jeg ikke **greide** jobben slik jeg skulle tenkte jeg på. (norueguês)  
 Que eu não administrei trabalho.DEF como eu poderia pensei eu PRT
- (JULIEN, 2010, p. 21)

- (68) At poet **kan** du ikke bli var det hun sa. (norueguês)  
 Que poeta pode você não tornar-se foi o que ela disse
- (JULIEN, 2010, p. 23)

Com relação à subordinação iterativa, De Haan (2001) diz que, no frísio, quando há múltiplas subordinações, se a última oração for V2, todas as demais devem ser V2:

- (69) a. Ik tocht dat Teake sei niis dat hy hie it net witten.  
Eu pensei que Teake disse apenas que ele tinha isso não sabido
- b. \*Ik tocht dat Teake niis sei dat hy hie it net witten.  
Eu pensei que Teake apenas disse que ele tinha isso não sabido

(DE HAAN, 2001, p. 31)

No entanto, Julien (2010) mostra que a oração equivalente a (69b), com a segunda oração sem efeito V2, é gramatical nas línguas escandinavas.

Como mostrei em (45) acima, o frísio não permite extração de orações subordinadas V2. No entanto, Julien (2010) mostra que, em norueguês e em sueco, é possível extrair tanto de orações subordinadas não V2 quanto de orações subordinadas V2 como mostram os exemplos (70) e (71) respectivamente:

- (70) a. Denne artikkelen<sub>i</sub> sa ho at ho ikkje hadde tid til å lese t.<sub>i</sub> (norueguês)  
Este artigo disse ela que ela não teve tempo para PRT escrever

- b. Den här artikeln<sub>i</sub> sade hon att hon inte hade tid att läsa t.<sub>i</sub> (sueco)  
Este artigo disse ela que ela não teve tempo para escrever

(JULIEN, 2010, p. 26)

- (71) a. %Denne artikkelen<sub>i</sub> sa ho at ho hadde ikkje tid til å lese t.<sub>i</sub> (norueguês)  
Este artigo disse ela que ela teve não tempo para escrever

- b. %Den här artikeln<sub>i</sub> sade hon att hon hade inte tid att läsa t.<sub>i</sub> (sueco)  
Este artigo disse ela que ela teve não tempo para escrever

(JULIEN, 2010, p. 26-27)

Julien (2010) mostra também que é possível extrair elementos de orações subordinadas V2 quando um constituinte diferente do sujeito está em primeira posição.

Os argumentos apresentados por Julien (2010) levam à conclusão de que, nas línguas escandinavas, há realmente uma subordinação e que há alguma diferença entre a manifestação do efeito V2 nas línguas escandinavas, que parecem se comportar mais como línguas simétricas, e o efeito V2 no frísio, que é muito mais restrito.

Por fim, para mostrar que as orações subordinadas possuem força ilocucionária própria decorrente de seu caráter assertivo, Julien (2010) mostra a distribuição das *swearwords*<sup>54</sup> orientadas discursivamente, ou seja, expressões que são utilizadas para enfatizar uma asserção:

- (72) a. Bestem jer for fanden! (dinamarquês)  
Decidam vocês, por diabo!<sup>55</sup>
- b. Nei, for faen! (norueguês)  
Não, por diabo!  
(JULIEN, 2010, p. 39)

Contextos interrogativos e não assertivos são agramaticais com essas palavras como mostram (73) e (74) respectivamente:

- (73) a. Det er for faen ikke farten som dreper. (norueguês)  
EXP é por diabo nenhuma rapidez.DEF que mata.
- b. \*Er det for faen (ikke) farten som dreper?  
É EXP por diabo (nenhuma) rapidez.DEF que mata?
- c. Er det (ikke) farten som dreper?  
É EXP (neg) rapidez.DEF que mata?  
(JULIEN, 2010, p. 39-40)

- (74) Da vi (\*for fanden) kom fram til skranken fikk vi (for fanden) beskjed om at vi var (for fanden) 20 sekunder for sent ute.  
quando nós (por diabo) aproximamos de balcão.DEF recebemos nós (por diabo) mensagem sobre que nós estávamos (por diabo) 20 segundos muito atrasados.

(JULIEN, 2010, p. 39-40)

No exemplo em (74), a *swearword* é agramatical na oração adverbial, cujo estatuto informativo é pressuposto; por outro lado, nos demais casos, as orações que contêm a *swearword* possuem estatuto assertivo.

<sup>54</sup> “Swearwords” pode ser traduzido como palavras obscenas ou palavrões.

<sup>55</sup> Entendo que a leitura equivalente no português seja algo como “decidam vocês, pelo amor de Deus!”

O que é mostrado, portanto, é que como essas *swearwords* só são possíveis em contextos assertivos, a ordenação V2 é preferida sobre a ordenação não V2 quando estas palavras estão presentes. O que evidencia que as orações declarativas subordinadas V2 têm força ilocucionária própria nas línguas escandinavas:

- (75) a. Hun sa at vikingene **hadde** for faen ikke horn på hjelmene. (norueguês)  
Ela disse que vikings.DEF tinham por diabo não chifres em chapéus.DEF
- b. ??Hun sa at vikingene for faen ikke **hadde** horn på hjelmene.  
Ela disse que vikings.DEF por diabo não tinha chifres em chapéus.DEF
- (JULIEN, 2010, p. 41)

Por fim, dados de dialetos do nordeste italiano discutidos por Poletto (2000) podem confirmar a proposta de Julien (2009; 2010) de que o efeito V2 está relacionado com força ilocucionária, mais especificamente com o traço [+assertivo]. Poletto (2000) mostra uma assimetria entre orações declarativas e orações interrogativas com relação à presença de *deslocamento à esquerda* e efeito V2; ou seja, por um lado, as orações declarativas não permitem *deslocamento à esquerda* e efeito V2; por outro lado, as orações interrogativas o permitem:

- (76) a. \*Giani, duman I vaighes-t  
Giani, amanhã ele vê-você(c)
- b. Giani, duman I vaighes-t?  
Giani, amanhã ele vê-você(c)?
- (POLETTI, 2000, p. 93)

Como o efeito V2 está relacionado ao traço [+assertivo], tal restrição só aparece em orações declarativas, que são essencialmente assertivas. As orações interrogativas, cujo traço é [-assertivo], não possuem a restrição V2 e um outro constituinte pode aparecer em primeira posição, desencadeando a ordem superficial V3.

## 1.8. Variação paramétrica na manifestação do V2

A pergunta principal desta Tese, com relação ao efeito V2, é a seguinte:

- (76) Qual é a natureza da postulação de movimentos de verbo diferentes, longo (V-to-I-to-C) nas línguas assimétricas, e curto (V-to-I) nas línguas simétricas? É uma solução *ad hoc* ou há evidências empíricas de fato para tal formulação?

Como foi argumentado ao longo das seções anteriores, parece que esta proposta de movimentos de verbo diferentes é bastante estipulativa.

Também foi dito que Haider (1986) comenta que duas condições são necessárias para que haja movimento do verbo para CP: finitude e um lugar disponível para o verbo se posicionar. O argumento principal para sustentar a proposta de dois tipos de movimento de verbo é o de que a posição CP já está ocupada pela conjunção e, portanto, o verbo não teria onde se hospedar. No entanto, se for assumida uma visão cartográfica, à primeira vista, o problema parece ser diluído.

Com uma estrutura da oração que contenha um CP expandido, há posições disponíveis tanto para hospedar o complementizador (conjunção) como para hospedar o verbo movido e daí é possível derivar ambos tipos de línguas V2 como tendo efetuado, na sintaxe visível, movimento do verbo para CP. O problema agora é explicar como se dá a variação na manifestação do efeito V2 nas orações subordinadas, tendo em vista que nem todas as línguas V2 apresentam simetria e que há línguas que apresentam o efeito V2 nas orações subordinadas sem a presença do complementizador.

Vikner (1995) sintetiza seis propostas que procuram explicar o movimento do verbo para C° e o efeito V2 nas línguas germânicas, sendo que algumas delas já haviam sido discutidas na coletânea de Haider e Prinzhorn (1986):

- I) CP deve ter traços [V];
- II) CP deve atribuir Caso nominativo a SpecIP;
- III) CP deve licenciar VP;
- IV) CP tem traço [F], de operador de finitude;
- V) CP tem traços [T] e [Agr], de tempo e concordância;
- VI) CP tem traços [I].

A partir dessas propostas, uma tentativa de explicação da variação paramétrica do efeito V2 e de línguas não-V2 é encontrada em Santonini (1995), que combina a teoria de Rizzi (1990a) com a teoria de Platzack e Holmberg (1990) na explicação do fenômeno.

Segundo Rizzi (1990a), categorias lexicais são compostas pela combinação dos traços [N] e [V] e categorias funcionais são compostas pelos traços [I] e [C]. Línguas V2 seriam compostas por um CP híbrido [+C, +I] enquanto línguas não-V2 teriam categorias puras: CP [+C, -I]; IP [-C; +I]. A posição [+I] mais alta na oração é aberta à variação paramétrica. Assim, nas línguas V2 assimétricas, a posição [+I] mais alta é C° e nas línguas não-V2 e nas línguas V2 simétricas, a posição [+I] mais alta é I°. Em alemão, um CP híbrido [+C, +I] c-comanda um IP puro [-C, +I]. Em inglês e iídiche, um CP puro [+C, -I] c-comanda um IP puro [-C, +I].

Platzack e Holmberg (1990) propõem dois tipos de Agr: um tipo [+N] e inerentemente nominativo; um tipo neutro. Santonini (1995) especifica que um Agr nominativo é encontrado nas línguas que exibem morfologia específica de Caso nominativo em DPs nominais; um Agr neutro é encontrado nas línguas que não exibem essa morfologia. Os dois tipos de Agr atuam no licenciamento de sujeitos a partir de uma condição de licenciamento sobre Agr, que determina que Agr deve ser identificado como nominativo na estrutura-S.

A interação entre os dois parâmetros é o que vai determinar se SpecIP pode ser ocupado por elementos diferentes do sujeito ou não. Dado que cada parâmetro tem dois valores, têm-se quatro possibilidades:

- 1) Em línguas como inglês, italiano e francês, Agr é neutro e a categoria [+I] mais alta é IP. Se o sujeito não se move para SpecIP, Agr não pode ser identificada como nominativo.
- 2) Em línguas como holandês, Agr é neutro e a categoria [+I] mais alta é CP. Então, o sujeito se move para SpecIP pela mesma razão que em inglês, italiano e francês: identificar Agr. Santonini (1995) adiciona que se o sujeito permanecer na sua posição de base, pode ter condições de minimalidade violadas já que o atribuidor de Caso é CP.
- 3) Em línguas como o alemão, Agr é inerentemente nominativo e a categoria [+I] mais alta é CP. Neste caso, o sujeito não precisa se mover para identificar Agr. Contudo, se o sujeito não se move, fere as mesmas condições de minimalidade que em holandês.

4) Em línguas como o iídiche, Agr é inerentemente nominativo e a categoria [+I] mais alta é IP. Assim o sujeito não precisa se mover para SpecIP para identificar Agr e nenhuma condição de minimalidade é violada<sup>56</sup>. Por essa razão, segundo Santorini (1995) qualquer elemento pode ocupar a posição SpecIP<sup>57</sup>.

Desta forma, a partir da combinação desses dois parâmetros, Santorini (1995) explica a variação na manifestação do movimento do verbo nas línguas humanas e a propriedade V2. Contudo, Santorini (1995) não explica qual é o gatilho para o efeito V2 nas diferentes línguas: se o iídiche não exige movimento do sujeito para SpecIP, por que essa posição precisa ser preenchida por algum elemento? Qual é a motivação para o movimento de constituintes para SpecCP em alemão e holandês? Essas perguntas ficam não respondidas (sequer postuladas) no trabalho de Santorini (1995).

Muitas das suposições nas quais os primeiros trabalhos sobre o movimento do verbo para CP e o efeito V2 perderam sentido e precisaram ser reformuladas/reinterpretadas tendo em vista o Programa Minimalista. A seguir, discuto uma nova interpretação para os fatos.

### 1.8.1. Efeito V2 e traço EPP

Dentro dessa nova versão da teoria, Roberts e Roussou (2003), assumindo os princípios do Programa Minimalista, procuram mostrar como as línguas humanas podem variar e, assumindo a idéia de Chomsky (1995), mostram que a variação lingüística acontece no léxico funcional das línguas. Por exemplo, com relação às *perguntas-sim/não*, são encontradas as seguintes possibilidades nas línguas humanas para a mesma pergunta como “O João viu a Maria?”:

- |      |                        |                                     |
|------|------------------------|-------------------------------------|
| (78) | a. Did John see Mary?  | (inglês: Q* - movimento)            |
|      | b. A welodd Jonh Mary? | (galês [welsh]: Q* - concatenação)  |
|      | c. Jean a vu Marie?    | (francês coloquial: Q - silencioso) |
|      |                        | (ROBERTS e ROUSSOU, 2003, p. 30)    |

<sup>56</sup> Ver Rizzi (1990b) para uma discussão detalhada sobre *minimalidade relativizada*.

<sup>57</sup> Embora Diesing (1990) e Santorini (1989, 1995) assumam a análise V2-IP, para Diesing (1990), SpecIP é uma *posição sincrética*; para Santorini (1989; 1995), SpecIP é exclusivamente uma *posição A-Barra*.

Nos exemplos acima, Q\* significa que o núcleo interrogativo precisa de realização fonológica. Em (78a), essa realização é feita pelo movimento do verbo “did” para C°; em (78b), essa realização fonológica é satisfeita pela inserção de uma partícula “a” em C°; em (78c), não há requerimento fonológico para identificação formal do núcleo C°, que permanece silencioso.

Tendo esse referencial em mente, Roberts (2004) procura explicar o efeito V2 a partir da satisfação de um traço fonológico, ou seja, um traço EPP em Fin°, considerando o CP expandido de Rizzi (1997).

Uma diferença substancial entre a proposta de Roberts (2004) e aquela de Rizzi (1997) é que, para Roberts (2004), uma oração declarativa matriz não tem a projeção ForceP. Somente FinP (ou FocP e TopP, quando houver). Para Roberts (2004), não existe o traço [+declarativo] (mas existem outros como [+interrogativo]; [+exclamativo] etc.) e, por conseguinte, as orações declarativas matrizes são interpretadas como tal por *default*<sup>58</sup>. O esquema em (79) ilustra as possibilidades de Fin° que necessitam realização fonológica:

- (79) a. +selecionado, +declarativo (\* em alemão, \* em inglês)  
 b. –selecionado, +declarativo (\* em alemão, não em inglês (V2 total))  
 c. +selecionado, –declarativo (\* em alemão, \* em inglês (V2 residual))  
 d. –selecionado, –declarativo (não encontrado, já que declarativa matriz é *default*)

(ROBERTS, 2004, p. 305)

No mesmo sentido que Roberts e Roussou (2003), Roberts (2004) propõe que Fin° pode ser realizado de diversas formas. Em línguas como o galês (*welsh*), Fin\* vai ser realizado por uma partícula; em línguas como o alemão, Fin\* vai ser realizado com o movimento do verbo.

Duas generalizações são feitas a partir dessa exposição: 1) o efeito V2 é desencadeado pela realização de Fin\* via movimento; b) V1 em C° em declarativas raízes não é permitido<sup>59</sup>.

O efeito V2 nas línguas germânicas tem quatro componentes segundo Roberts (2004):

<sup>58</sup> O argumento de Roberts (2004) é baseado no fato de que se uma língua é V2 em declarativas ela também é V2 em não-declarativas. Existe a possibilidade de V2 residual mas não existe a possibilidade de que uma língua que seja V2 em declarativas mas não seja V2 residual.

<sup>59</sup> Acredito que, de fato, os dados empíricos não corroboram esta proposta. As línguas germânicas antigas eram línguas V1 com movimento longo do verbo (ver HINTERHÖLZL e PETROVA, 2010). Por outro lado, se existir esta restrição na faculdade da linguagem, há um problema na análise apresentada de que a ordem V1 narrativa é decorrente do movimento do verbo pra C°.



- (80) a. movimento do verbo para Fin<sup>o</sup>.  
 b. movimento de um XP pra SpecFinP  
 c. restrição de somente um XP.  
 d. assimetria oração matriz/oração subordinada.

(ROBERTS, 2004, p. 315)

As explicações para os quatro requerimentos são as seguintes: a) O movimento do verbo para Fin<sup>o</sup> é desencadeado por uma propriedade paramétrica, na qual Fin<sup>o</sup>[+finito] de línguas V2 tem um traço que atrai o verbo para esta posição; b) Em consequência disso, a posição SpecFinP vai ser dotada de um traço EPP que exige o movimento de um constituinte para esta posição; c) a restrição de um único constituinte se deve ao fato de que, como o XP em SpecFinP não tem nenhum traço específico, mas foi movido para satisfazer o traço EPP dessa posição, por razões de *minimalidade relativizada*, o seu movimento bloqueia o movimento de qualquer outro elemento para qualquer posição acima de Fin<sup>o</sup>; d) como nas línguas V2 Fin<sup>o</sup> requer uma realização fonológica, nas orações subordinadas, o complementizador realiza essa função.

Com relação ao ponto (80c), há vários registros de que são encontradas construções com ordem V3 em línguas V2 (cf. HAIDER e PRINZHORN, 1986, para diversas línguas germânicas; RIBEIRO e TORRES MORAIS, 2009, para o português antigo, entre outros). Uma observação rápida das ordens V3 encontradas leva à conclusão de que o primeiro elemento sempre é um tópico; na maioria das vezes, um tópico pendente. Ribeiro e Torres Morais (2009) dizem que esse tipo de ordem V3 não fere a restrição V2 porque o primeiro elemento não está *V-relacionado*. Vale lembrar que a *tematização* de um tópico pendente não é derivada via movimento de constituinte, mas é gerada na base. Desta forma, nenhum elemento foi movido para cima de SpecFinP e não houve violação de *minimalidade relativizada*, previsão corretamente feita por Roberts (2004): embora o movimento de um XP para SpecFinP bloqueia o movimento de outro XP para cima, o movimento de um XP para SpecFinP não impede que um XP seja concatenado em outra posição superior<sup>60</sup>.

As orações interrogativas exibem ordem V2 categoricamente nas orações matrizes, possivelmente devido ao *Critério-WH* de Rizzi (1991) que determina que um operador esteja numa relação de especificador-núcleo com um núcleo [+WH]. Além disso, interrogação e focalização na

<sup>60</sup> Uma análise semelhante foi assumida, ao discutir orações com ordem V3 em diferentes línguas V2, por Fontana (1993), na qual foi proposto que o XP em primeira posição está adjungido ao CP/IP, fora do domínio da restrição V2.

mesma oração são, logicamente, incompatíveis. O problema que se impõe para a proposta de Roberts (2004) de que o movimento de um constituinte para SpecFinP bloqueia o movimento de outro constituinte para uma posição de especificador acima, portanto, é a existência de um elemento focalizado em primeira posição, seguido de um XP qualquer e um verbo já que a focalização sim é derivada via movimento.

Segundo Roberts (2004), tal resultado reforça o caráter de *último recurso* de línguas V2 plenas: uma vez que um XP é movido para SpecFinP, nenhuma outra operação está disponível no CP. Essa abordagem também explica qual movimento é primário e qual movimento é secundário: o movimento do verbo é o que desencadeia o movimento de um XP para a primeira posição<sup>61</sup>.

Roberts (2004) explica o efeito V2 das línguas assimétricas, principalmente aquelas línguas *bem comportadas*, como o alemão e o holandês. No caso das subordinadas de *verbos-ponte*, Roberts (2004) propõe que Force<sup>o</sup> não interfere nos traços de Fin<sup>o</sup> e o efeito V2 é desencadeado da mesma maneira que nas orações matrizes quando o complementizador não realiza o traço de Fin\*. Porém, Roberts (2004) nada diz sobre o funcionamento das línguas simétricas.

### 1.8.2. Análise unificada do efeito V2

A partir da proposta de Roberts (2004), uma possível explicação da variação do efeito V2, tanto em línguas simétricas como em línguas assimétricas, é dada a seguir. Há um tipo de parâmetro [ $\pm$ V2] que determina se uma língua é V2 ou não-V2 (talvez, determine se a língua tem movimento do verbo para CP na sintaxe visível ou na sintaxe não visível). Se uma língua é V2, essa língua tem Fin\*<sub>[-selecionado]</sub>, independentemente de ser uma língua simétrica ou língua assimétrica. A variação na manifestação do efeito V2 estaria relacionada com os traços de Fin\*<sub>[+selecionado]</sub>.

As línguas assimétricas exibiriam variação de traços de seleção em Fin\*, que poderia ser [ $\pm$ selecionado]. Quando Fin\* é [-selecionado], tem-se uma oração matriz, interpretada como

---

<sup>61</sup> Considerando o universal 11 de Greenberg (1966, p. 83), que diz:

*Inversion of statement order so that verb precedes subject occurs only in languages where the question word or phrase is normally initial. This same inversion occurs in yes-no questions only if it also occurs in interrogative word questions.*

Lightfoot (1995) comenta que é plausível assumir que o elemento *topicalizado* é licenciado pelo movimento do verbo. A discussão de Cinque (1984, 1995), sobre a noção de operador, corrobora essa posição.

declarativa por *default*. Quando Fin\* é [+selecionado], tem-se uma oração subordinada, e o traço de Fin\* deve ser realizado pela conjunção. As orações completivas de *verbos-ponte*, por serem sintaticamente dependentes mas semanticamente/temporalmente independentes, têm o traço [ $\pm$ selecionado]; assim, o requerimento fonológico de Fin\* pode ser satisfeito tanto pela conjunção como pelo movimento do verbo, o que desencadearia automaticamente o movimento de um XP<sup>62</sup>. No caso de línguas assimétricas com *verbos-ponte* com realização fonológica do complementizador, como o dinamarquês, a conjunção é concatenada numa posição mais acima, ou seja, em Force.

No caso das línguas simétricas, ambos os Fin\* são tratados como [-selecionado], ou seja, ambas orações são interpretadas como orações matrizes, e o movimento do verbo é obrigatório em ambos tipos de oração. Nesses casos, para marcar a subordinação sintática, o complementizador tem que ser concatenado numa posição mais alta da oração, como no caso das línguas assimétricas como o dinamarquês.

No entanto, considerando a discussão da seção 1.7, fica claro que o efeito V2 (a) está relacionado com força ilocucionária (línguas escandinavas) e (b) não depende do tipo de verbo da oração matriz (línguas escandinavas e línguas simétricas). Logo, uma proposta de explicação do fenômeno que se valha apenas da variação nos traços de Fin<sup>o</sup> não conseguirá dar conta dos dados.

Um segundo ponto relevante é que, se o efeito V2 está relacionado com força ilocucionária, as orações declarativas matrizes não podem ser interpretadas como tal por *default*, mas sim pela presença de uma projeção ForceP. Pode-se pensar, portanto, que o parâmetro V2 está relacionado com os traços da projeção funcional ForceP em vez de estar relacionado com os traços de Fin\* (ter Fin\* seria apenas uma consequência, ou sejam, uma seleção dos traços de Force). Se uma língua tem o parâmetro [+V2], sempre que uma oração tiver força ilocucionária assertiva, ou seja, quando Force<sup>o</sup> contiver o traço [+asserção], Force<sup>o</sup> selecionará um FinP que tenha o núcleo Fin\*.

As orações declarativas matrizes, por conterem a força ilocucionária primária da oração, sempre têm o traço [+asserção] nas línguas V2 e por isso o verbo sempre se move para Fin\* e um constituinte se move para SpecFinP.

---

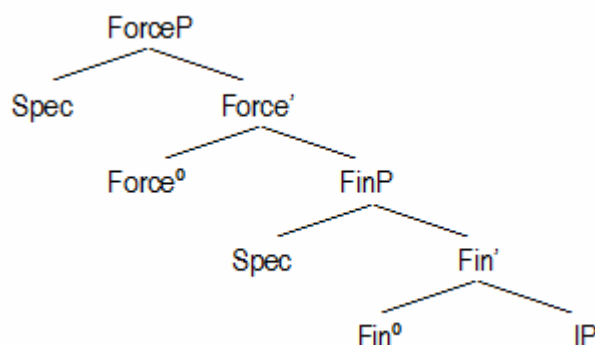
<sup>62</sup> Uma evidência de que é o movimento do verbo o que desencadeia o movimento do XP é encontrada no fato de que não há movimento de XP quando Fin\* é realizado pela conjunção. Nada impede, a priori, que esse movimento seja realizado já que são permitidas pela faculdade da linguagem perguntas subordinadas clivadas: “ele perguntou que livro que você leu ontem”.

As orações declarativas subordinadas é que estão abertas à variação com relação ao traço [±asserção]. As línguas assimétricas, como se pode concluir pelos trabalhos de De Haan (2001) e Julien (2009, 2010), só apresentam efeito V2 nas orações subordinadas quando esta possui o traço [+asserção]. As línguas simétricas, por outro lado, apresentam o efeito V2 de forma generalizada, o que leva à conclusão de que o traço [+asserção] está presente obrigatoriamente em ambas as orações; ou seja, tanto orações matrizes como orações subordinadas são interpretadas como [+assertivas] nas línguas simétricas.

Uma consequência de assumir que ForceP é a projeção funcional responsável pela manifestação do efeito V2 é que aqueles traços [±selecionado; ±declarativo] atribuídos a FinP por Roberts (2004) precisam ser atribuídos a ForceP, que é a projeção mais alta da oração. Logo, ForceP teria três traços: [±selecionado; ±declarativo; ±assertivo;].

A estrutura básica que proponho para explicar a variação no efeito V2 é a ilustrada em (81) a seguir:

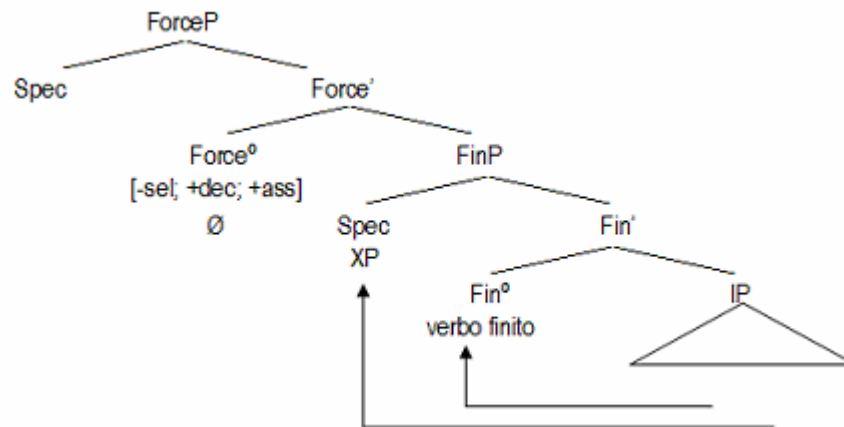
(81)



O efeito V2 nas orações matrizes acontece uniformemente da seguinte maneira. Force° tem os traços [-selecionado; +declarativo; +assertivo]. O traço [-selecionado] determina que Force° seja nulo; o traço [+declarativo] por si só não desempenha nenhum papel, apenas determina o tipo de oração; o traço [+assertivo], que é um subtraço do traço [±declarativo]<sup>63</sup>, é que determina que Force° selecione um FinP\* como complemento. FinP\* é o que atrai o verbo e um XP para si. Veja-se a representação em (82):

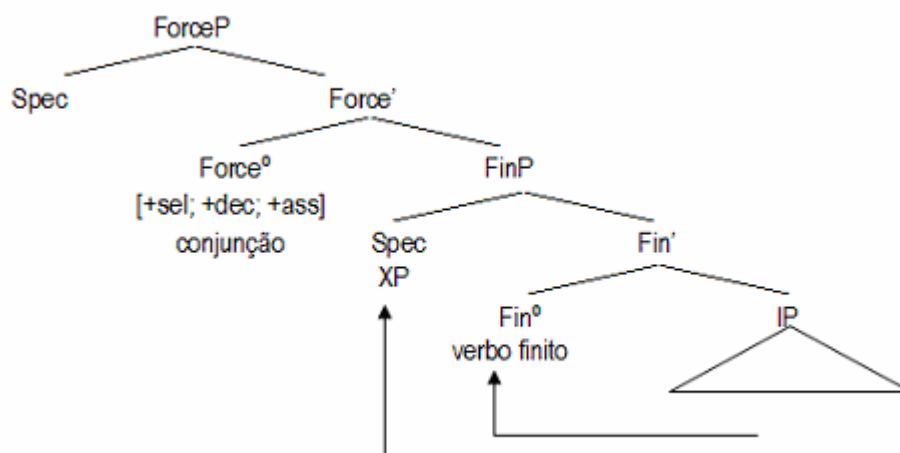
<sup>63</sup> Lembre-se que, como discutido em Julien (2010), uma oração interrogativa nunca é assertiva. Mas, uma oração declarativa pode ser assertiva ou não.

## (82) Efeito V2 em orações matrizes



Por outro lado, o efeito V2 em orações subordinadas com realização fonológica do complementizador acontece da seguinte maneira. O traço que distingue as orações subordinadas das orações matrizes é o traço  $[\pm\text{selecionado}]$ , que no caso das orações subordinadas é  $[\text{+selecionado}]$ . Isto faz com que Force<sup>0</sup> precise de uma realização fonológica nas línguas V2, sendo ocupado pela conjunção. Os demais traços são idênticos aos traços das orações matrizes, ou seja  $[\text{+declarativo;+assertivo}]$ , e desencadeiam os movimento do verbo para Fin<sup>0</sup> e de um XP qualquer para SpecFinP. Veja-se a representação em (83):

## (83) Efeito V2 nas orações subordinadas com complementizador



A partir da proposta acima, duas questões aparecem: a) qual seria então a diferença entre línguas simétricas e línguas assimétricas?; b) o que acontece no caso de línguas como alemão e holandês em que o efeito V2 só é possível em orações subordinadas sem a conjunção?

No primeiro caso, a diferença entre os dois tipos de língua se refere somente ao traço [±asserção]: as línguas simétricas teriam somente orações [+declarativas] com o subtraço [+assertivo]; as línguas assimétricas estariam abertas à variação [±asserção] nas orações subordinadas declarativas. Este fato está de acordo com a proposta de Roberts (2010), que propõe que somente há micro-parâmetros na faculdade da linguagem e os macro-parâmetros são o reflexo da atuação conjunta de vários micro-parâmetros<sup>64</sup>.

No caso de línguas como o alemão e o holandês, nas quais o efeito V2 acontece sem a presença do complementizador, vejo duas possíveis respostas. A primeira alternativa está relacionada com o tipo de oração em que o efeito V2 acontece: se o efeito V2 em orações subordinadas do alemão e do holandês acontece em orações completivas de *verbos-ponte*, pode-se dizer que essas orações subordinadas têm variação no traço [±selecionado], tendo em vista que as orações completivas de *verbos-ponte* são sintaticamente subordinadas mas semanticamente

---

<sup>64</sup> Uma análise que apresenta aspectos semelhantes com a análise que estou propondo é a de Bhatt e Yoon (1992), que também discutem a questão da simetria/assimetria do efeito V2. Lá se assume que marcadores de modo são obrigatórios na oração. Há línguas, como o coreano, que identificam modo através de partícula e há línguas, como as línguas V2, que identificam modo através do movimento do verbo (as línguas não V2 identificam modo inerentemente através da estrutura). Bhatt e Yoon (1992) assumem que, em ambas as línguas, simétricas e assimétricas, em orações matrizes o verbo se move para C°. A diferença entre elas está no CP das orações subordinadas. Na análise dos autores, as línguas humanas dispõem de dois tipos de CP, um CP subordinador e um CP realmente complementizador. O CP complementizador é capaz de realizar modo e banir o movimento do verbo, como acontece nas línguas assimétricas. O CP subordinador não é capaz de realizar modo e por isso o verbo tem que se mover para CP nas orações subordinadas, como acontece nas línguas simétricas. Essa proposta também explica por que línguas assimétricas, como o alemão, exibem efeito V2 em orações completivas sem a presença do complementizador.

O kashmiri, por outro lado, embora seja classificada pelos autores como uma língua simétrica, não possui efeito V2 em orações relativas e alguns tipos de orações adverbiais. A explicação de Bhatt e Yoon (1992) para esta assimetria vai no mesmo sentido que a diferença entre as línguas simétricas e assimétricas: nas orações relativas e adverbiais, CP é complementizador e identifica modo, banindo o movimento do verbo; em orações completivas V2, CP é subordinador e não é capaz de identificar modo, obrigando o verbo a se mover.

Um segundo aspecto que deve ser destacado é o fato de que há uma diferença entre as orações subordinadas do frísio, das línguas escandinavas, do islandês/iídiche e do alemão/holandês. Como discutido acima, as orações subordinadas V2 do frísio não permitem extração enquanto as orações das línguas escandinavas e do islandês/iídiche permitem. Este fato deve estar em mente no momento de se propor que diferentes tipos de complementizadores estão em jogo na atração do movimento do verbo para CP. Se um CP subordinador atrai o movimento do verbo para C° e um CP complementizador não atrai o movimento do verbo, como se explica a diferença entre o frísio, que não permite extração de oração subordinada V2 nem vinculação de quantificador na oração matriz, e as línguas escandinavas que exibem estes fenômenos? Neste sentido, penso que a diferença entre V2 simétrico e V2 assimétrico não esteja relacionada com diferentes tipos de complementizadores, mas sim com diferentes traços, com relação a determinados aspectos. A diferença entre complementizadores é relevante para explicar o contraste do frísio com as demais línguas V2.

independentes. Neste caso, se o falante aciona o traço [-selecionado], Force<sup>o</sup> permanece vazio e tem-se uma oração V2; se o falante aciona o traço [+selecionado] Force<sup>o</sup> é realizado pela conjunção e não atrai o verbo para Fin<sup>o65</sup>.

Se o efeito V2, no alemão, acontece em outros contextos além dos contextos de orações subordinadas a *verbos-*ponte**, a alternativa é dizer que o efeito V2 é satisfeito em ForceP e não em FinP (sendo que, para ir até ForceP, os constituintes passariam por FinP). Isso explicaria a distribuição complementar entre movimento do verbo e conjunção nas orações subordinadas<sup>66</sup>.

Para terminar, é necessário discutir dois problemas relacionados com qualquer que seja a análise proposta para o efeito V2 que recorra ao movimento generalizado do verbo para CP: explicar o contraste de extração de constituintes de orações subordinadas e explicar o que acontece com orações subordinadas com ordem S-V.

Como discutido na seção 1.7 a partir do trabalho de Julien (2010), o fato de uma língua ter efeito V2 limitado, como no caso das línguas escandinavas, parece não ser problema para extração de constituintes tendo em vista que Julien (2010) registra casos de extração de orações subordinadas V2. Por outro lado, o frísio não permite extração de orações subordinadas, como discutido por De Haan (2001) e contrastado com os dados de línguas escandinavas por Julien (2010). Além de não permitir extração de orações subordinadas, o frísio tampouco permite um quantificador na oração matriz vincule um pronome na oração subordinada. Se a proposta de De

---

<sup>65</sup> Há, contudo, que explicar o papel do traço [±asserção] neste caso. Minha resposta é: se o efeito V2 nas orações subordinadas do alemão está restringido ao tipo semântico do verbo matriz, ao contrário do que acontece nas línguas escandinavas, força ilocucionária não desempenha nenhum papel na manifestação do efeito V2 dessa língua.

<sup>66</sup> Uma análise alternativa neste sentido é encontrada em Hinterhölzl e Petrova (2010), onde é discutida a mudança lingüística da ordem V1 para a ordem V2 na história do alemão. Nesta proposta, assim como em Roberts (2004), o que estaria desencadeando o movimento do verbo é um traço EPP no CP. Contudo, a posição para a qual o verbo se move é a mais alta da oração, ou seja, Force<sup>o</sup>. Julien (2010) também propõe que o verbo se move para Force<sup>o</sup>. No caso do alemão, não há problemas em assumir que o verbo se move para Force<sup>o</sup>, como comentei acima, porque verbo e complementizador estão em distribuição complementar nas orações subordinadas V2. Contudo, no caso das línguas em que há orações subordinadas V2 com complementizador, assumir que o verbo se move para Force<sup>o</sup> implica na assumpção de uma outra projeção funcional superior a ForceP na qual a conjunção seria concatenada, como faz Julien (2010). Acredito que esta proposta seja desvantajosa por duas razões: a) incremento do inventário funcional sem motivação semântica; b) não explicaria a diferença das orações subordinadas do frísio, nas quais a extração não é possível. Como muito, neste último caso, seria necessário assumir que o CP subordinado no frísio é barreira e nas outras línguas não. Além disso, se perderia a vantagem de explicar várias características do frísio (subordinação V2 iterativa, impossibilidade de vinculação de quantificadores e de extração etc) a partir de uma única propriedade da língua (o fato de as orações subordinadas serem caracterizadas por justaposição e não por coordenação). No final do Capítulo 03 retomo essa discussão e me posiciono a favor da análise de Hinterhölzl e Petrova (2010), no caso do alemão e do holandês: o verbo se move para ForceP.

Haan (2001) para o frísio for assumida, tem-se uma explicação para o contraste entre línguas que permitem extração de orações subordinadas V2 e línguas que não o permitem.

De Haan (2001) propõe que as orações subordinadas V2 do frísio não se comportem como orações realmente subordinadas, mas como orações justapostas. Ou seja, as orações subordinadas do frísio têm o mesmo status de orações matrizes (por isso não é possível extrair delas nem vincular nelas). Dentro do modelo que estou propondo nesta Tese, a diferença entre línguas como o frísio e as demais línguas V2 está no traço [ $\pm$ selecionado] da oração subordinada. Nas línguas escandinavas (e nas demais línguas V2), a oração subordinada declarativa V2 tem o traço [+selecionado]; no frísio, a oração subordinada declarativa V2 tem o traço [-selecionado] e, por isso, é idêntica a uma oração matriz. A diferença entre o frísio e as línguas simétricas, por outro lado, está no seguinte ponto: as orações subordinadas do frísio são equivalentes às orações matrizes devido ao traço [-selecionado]; as orações subordinadas das línguas simétricas são equivalentes às orações matrizes devido ao traço [+asserção]. Isso explica porque o frísio não permite extração de orações subordinadas V2 e as línguas simétricas possuem efeito V2 generalizado permitindo extração.

As línguas V2 podem ser agrupadas, portanto, a partir dos seguintes conjuntos de traços nas orações declarativas:

- (84)
- a. [-sel; +dec; +ass] = oração matriz V2 em todas as línguas e oração subordinada no frísio.
  - b. [+sel; +dec; +ass] = oração subordinada V2 nas línguas simétricas e escandinavas.
  - c. [+sel; +dec; -ass] = oração subordinada não V2 em todas as línguas assimétricas.
  - d. [-sel; +dec; -ass] = oração matriz não-V2 (**inexistente** nas línguas V2)<sup>67</sup>.

Com relação à proposta de Biberauer (2002b), de que as orações subordinadas das línguas assimétricas devem ser analisadas como IP e não como CP tendo em vista que o sujeito é quem ocupa a primeira posição e um verbo auxiliar aparece em segunda posição, não vejo muito sentido em manter essa análise diferenciada. Primeiro, se o efeito V2 significa movimento do verbo para CP, como Vikner (1995) propôs e estou seguindo, e as orações subordinadas também exibem o efeito V2, não há motivos para dizer que a criança faz duas análises diferentes para as orações matrizes e para as orações subordinadas se os mesmos traços que desencadeiam o efeito V2 estão

---

<sup>67</sup> Os traços em (84d) estão relacionados com a falta de movimento do verbo e não estritamente com a ordem linear, tendo em vista orações V1 narrativo, nas quais se assume que o verbo se moveu para CP.



presentes nos dois tipos de oração. Segundo, o fato de geralmente aparecer um auxiliar em segunda posição tampouco é evidência contra o movimento do verbo auxiliar para CP nas orações subordinadas considerando que, em línguas como o inglês, em que não há movimento do verbo lexical para fora do VP, o auxiliar é concatenado em T<sup>o</sup> e pode ser movido para C<sup>o</sup>, como acontece nas orações interrogativas. Portanto, a maior frequência de ordem S-V em orações subordinadas V2 pode estar relacionada com outros aspectos da faculdade da linguagem e das gramáticas das línguas e não com o fato de que as orações subordinadas V2 com ordem S-V se caracterizem como IP em vez de CP.

## 1.9. Conclusão

Ao longo do capítulo, insisti no fato de que a proposta de duas análises diferentes (V2-CP e V2-IP) para explicação da variação no efeito V2 parecia ser uma solução *ad hoc* tendo em conta que, nos modelos nos quais se começou a discutir o efeito V2, o CP só possuía uma projeção. Com base no trabalho de Vikner (1995), mostrei que, de fato, essa distinção é inconsistente e que a proposta de recomplementação de CP pode ser mantida na explicação do efeito V2 tanto em línguas assimétricas como em línguas simétricas. Dentro da visão da cartografia das estruturas sintáticas, proposta iniciada por Rizzi (1997), o duplo CP pode ser reinterpretado como o CP expandido, no qual o CP1 e o CP2 são reinterpretados como ForceP e FinP respectivamente.

Os trabalhos de De Haan (2001) e Julien (2010) mostram que há uma relação entre efeito V2 e força ilocucionária: quando a oração subordinada tem força ilocucionária de asserção, a ordem V2 é a encontrada. Isso implica que a proposta de que o efeito V2 em orações subordinadas das línguas assimétricas é restringido pelo tipo semântico do verbo da oração matriz não é correta, tendo em vista que se encontram orações subordinadas a verbos negados, *irrealis*, modalizados etc com ordenação V2.

Roberts (2004) propõe que o efeito V2 é um *último recurso* para lexicalização do núcleo Fin<sup>o</sup> naquelas línguas que exigem tal lexicalização e não há partículas que possam ser concatenadas nesta posição.

A junção dos três fatores acima mostra que o núcleo responsável pela existência do efeito V2 nas línguas humanas é o núcleo Force<sup>o</sup>. Quando Force<sup>o</sup> é dotado do traço [+asserção],

seleciona um FinP que necessita realização fonológica, que, ao final, atrai o verbo e um constituinte qualquer para si.

A análise apresentada aqui explica através do quadro teórico atual, baseado em Chomsky (1995), a variação na manifestação do efeito V2. Todas as línguas teriam as mesmas projeções funcionais e o que seria variável são as propriedades, ou seja, os traços, de cada projeção funcional em cada língua. Se a análise acima estiver correta, também é possível explicar por que, em algumas línguas, a extração de orações subordinadas V2 é permitida enquanto que, em outras línguas, a extração de subordinadas V2 em outras línguas não é possível.

Por fim, a análise que apresentei aqui consegue responder a quatro das cinco perguntas que Haider e Prinzhorn (1986) pontuam que a investigação sobre as línguas V2<sup>68</sup>:

A) qual é o gatilho para o efeito V2:

Resposta: força ilocucionária.

B) se o efeito V2 é uma propriedade paramétrica:

Resposta: sim.

C) qual é o lugar de pouso do verbo;

Resposta: o núcleo Fin°.

D) qual é a natureza da assimetria entre orações matrizes e orações subordinadas:

Resposta: a variação no traço [ $\pm$ asserção] do CP subordinado.

## 1.10. Problemas residuais

Nesta seção, discutirei alguns problemas que precisam de mais investigação.

Uma previsão que as análises V2-CP e V2-IP fazem é a de que alguma diferença será encontrada entre as orações matrizes de línguas simétricas e as orações matrizes de línguas assimétricas tendo em vista que o movimento do verbo nas duas línguas é diferente. Um problema que se levanta na hora de se buscar evidências independentes para diferentes movimentos do verbo em orações matrizes dos dois tipos de línguas é o fato de a restrição V2 ser operante em ambos os tipos de língua. Neste sentido, a ordem esperada é sempre a ordem XP-V, sem que nada intervenha entre XP e verbo ou que, em geral, possa aparecer antes do XP. Portanto, a posição dos constituintes pós-verbais com relação ao verbo não oferecerá, por si, só diagnósticos de que o

---

<sup>68</sup> A quinta pergunta não foi discutida neste capítulo porque está relacionada com aspectos diacrônicos.

verbo se moveu mais alto ou mais baixo<sup>69</sup>. Contudo, como discutido em Vikner (1995), a disposição dos constituintes pós-verbais entre si em relação ao verbo parece ser um fator elucidativo.

Em adição, há dois pilares básicos dentro do quadro gerativo: a postulação de regras transformacionais além de regras sintagmáticas e a existência de um módulo cognitivo, dado geneticamente e específico ao ser humano, responsável pela linguagem. Uma teoria da gramática, como propõe Chomsky (1964; 1965), tem que cumprir com vários critérios de adequação, entre eles o descritivo e o explicativo. Uma teoria descritivamente adequada é aquela que consegue formalizar as regras/princípios de formação de oração de uma língua; por outro lado, uma teoria explicativamente adequada é aquela que consegue explicar como a criança consegue construir a gramática da sua língua a partir dos dados aos quais foi exposta. Deste modo, pensando de acordo com Guimarães e Lopes (2010), não adianta uma teoria dar conta dos dados (prever o que é possível e o que é impossível na língua) se essa teoria não explica como a criança conseguiu adquirir essa língua. Portanto, é necessário identificar quais são as evidências que a criança tem para identificar os dois tipos de língua e analisar uma oração V2 como CP ou IP sincrético.

Em segundo lugar, há que se discutir os diferentes tipos de efeito V2 que são encontrados nas línguas humanas. Kaiser (1999, 2006), Rinke (2009), Cruschina e Sitaridou (2009), por exemplo, criticam diversas análises que propuseram que as românicas antigas eram línguas V2 como as germânicas atuais. Cruschina e Sitaridou (2009) comentam que, nas línguas românicas antigas, a primeira posição tinha um valor discursivo marcado, enquanto nas línguas germânicas atuais, a primeira posição não tem nenhum valor discursivo marcado. Logo, embora as românicas antigas e as germânicas atuais exibam o efeito V2, o gatilho para o movimento do verbo é diferente em cada caso. Segundo Cruschina e Sitaridou (2009), no caso das línguas românicas antigas, o gatilho é a satisfação de critérios, no sentido de Rizzi (1991, 1997) e o efeito V2 acontece acidentalmente; o que é diferente das línguas germânicas atuais, que possuem um efeito V2 generalizado<sup>70</sup>. No caso de Kaiser (1999), os argumentos são sintáticos com base na ordem de constituintes<sup>71</sup>.

---

<sup>69</sup> Lemieux e Dupuis (1995) estudando o movimento do verbo na história do francês dizem que uma evidencia de que no francês médio o verbo fazia um movimento curto é a posição da negação, que é sempre adjacente ao verbo, o que contrasta com as línguas germânicas V2 atuais. Penso que o fato pode ser explicado pelo tipo de negação do francês, resultado de uma gramaticalização, que exige que “pas” sempre esteja adjacente ao verbo, e não pelo fato de que o verbo faz um movimento mais curto.

<sup>70</sup> Benincà (2006) assume a mesma proposta:

De qualquer forma, as coisas precisam ser matizadas. Em primeiro lugar, se as línguas românicas têm alguma influência germânica decorrente do contato do latim com as línguas germânicas por causa das invasões bárbaras ao Império Romano, conforme argumentarei no Capítulo 04, as línguas românicas antigas devem se parecer com as línguas germânicas antigas e não com as línguas germânicas atuais. Isso é confirmado pelos estudos de Chirita (2003), Axel (2007) e Hinterhölzl e Petrova (2010). No caso de Chirita (2003), a autora mostra que o alemão antigo tinha configurações sintáticas semelhantes às do latim. No caso de Axel (2007) e Hinterhölzl e Petrova (2010), se mostra que as línguas germânicas antigas (pelo menos o alemão, o saxão e o inglês) eram línguas V1 e a ordem V2 era decorrente de uma estrutura informativa específica, aparecendo superficialmente por casualidade. Além disso, como Hinterhölzl e Petrova (2010) mostram, o elemento que ocupa primeira posição nas orações V2 do alemão atual deve ter o traço [+tópico], caso não haja um constituinte com este traço, quem satisfaz a restrição V2 é o sujeito, obedecendo à *Minimal Link Condition*, por ser o elemento mais alto na estrutura<sup>72</sup>. Ou seja, mesmo que, nas línguas germânicas atuais, o efeito V2 seja uma característica estrutural, fatores discursivos parecem interferir na sua realização.

Uma terceira questão que fica pendente de discussão é a relação entre efeito V2 e sujeito nulo. Sabe-se que as línguas germânicas atuais, que são consideradas línguas V2 prototípicas, não possuem sujeito nulo referencial, embora algumas delas possuam sujeito nulo expletivo. Por outro lado, as línguas românicas antigas apresentavam sujeito nulo. Mas, como Ribeiro (1995) pontuou, o português antigo e o francês antigos se comportavam de forma diferente com relação ao sujeito nulo: o francês antigo, segundo Adams (1987a; 1987b) só licenciava sujeito nulo em contextos de

---

*The requirements for clitic doubling in medieval Romance are identical to those of modern Italian (see above, section 2): only direct objects in Topic or Frame are obligatorily doubled; HTs are distinguished from LD by the lack of Case-matching. Direct objects in Focus are moved and cannot be clitic doubled.*

(BENINCÀ, 2006, p. 77)

A diferença entre as duas fases estaria relacionada exclusivamente com o movimento do verbo para C<sup>o</sup> nas fases antigas.

<sup>71</sup> No Capítulo 03, quando discutir o movimento do verbo no espanhol antigo, retomarei este ponto.

<sup>72</sup> *Minimal Link Condition*, proposta por Chomsky (1995), determina que, se dois elementos competem pela mesma posição, o que estiver mais próximo é o que deve se mover. Neste caso, se há algum elemento com o traço [+tópico], este elemento tem prioridade em ocupar a primeira posição por causa desse traço; por outro lado, quando não há algum elemento com este traço na oração, o sujeito, que ocupa uma posição mais alta que o objeto, por exemplo, na estrutura é que se move para satisfazer a restrição V2.

orações V2 (ou seja, em orações matrizes)<sup>73</sup>, o português antigo, segundo Ribeiro (1995), não apresentava assimetria com relação ao licenciamento de sujeito nulo, podendo aparecer tanto em orações matrizes como orações subordinadas.

Hulk e Van Kemenade (1995) discutem a mudança gramatical do francês em três estágios: a) francês antigo: efeito V2 somente em orações matrizes, que licenciavam sujeito nulo; b) francês médio: efeito V2 e sujeito nulo em orações matrizes e orações subordinadas; c) francês moderno: sem efeito V2 e sem sujeito nulo. Nesta proposta, no francês antigo, o verbo se movia para C°, que era o núcleo regente dominante, e I° tinha traços- $\phi$  inerentes; C° atraía os traços- $\phi$  de I° e, por isso, o francês antigo possuía orações matrizes V2 com sujeito nulo. Como nas orações subordinadas o verbo não se movia para C°, *pro* não podia ser licenciado em SpecIP, embora I° tivesse traços- $\phi$  inerentes. O francês médio ainda tinha o núcleo I° com traços- $\phi$ , mas o núcleo C° já não era o mais dominante e, portanto, só exibia movimento do verbo para I°; por isso, exibia orações matrizes e subordinadas V2 com sujeito nulo já que *pro* não era mais licenciado sobre regência pelo núcleo C°.

De fato, a análise precisaria de mais considerações, as quais, por questão de espaço e objetivos, não farei aqui. Contudo, uma consideração básica é necessária. Se a noção de regência, na qual Adams (1987a) e Hulk e Van Kemenade (1995) se basearam para explicar os fatos do francês antigo e do francês médio, não existe mais na teoria a partir de Chomsky (1993), parece bastante pouco intuitivo que haja uma relação entre movimento do verbo para C° e licenciamento de *pro* em SpecIP, o que explicaria a assimetria entre orações matrizes e orações subordinadas do francês antigo tanto com relação ao efeito V2 como com relação ao licenciamento de sujeito nulo<sup>74</sup>.

Na análise que propus acima, explico a simetria/assimetria na manifestação do efeito V2 a partir da variação do traço [ $\pm$ asserção], que seria o responsável pelo movimento do verbo para C°. Por outro lado, acredito que seja pouco plausível que um item verbal possa variar com relação aos traços- $\phi$  de uma oração matriz para uma oração subordinada já que traços- $\phi$  parecem ser muito mais intrínsecos e gramaticais que um traço [ $\pm$ assertivo], por exemplo.

Mostrei também, com argumentos de Vikner (1995), que a análise V2-IP é inadequada e não dá conta dos dados do efeito V2 das línguas simétricas. Desta forma, assumindo que V2 é

---

<sup>73</sup> Benincà (2006) mostra que dialetos do norte italiano que exibem a propriedade V2 se comportam da mesma forma: só exibem sujeito nulo em orações matrizes, nas quais, se assume que o verbo se move para C°.

<sup>74</sup> Benincà (2006) explica o contraste no sujeito nulo de dialetos do norte italiano desta mesma forma. Contudo, pontua que há casos em que há sujeito nulo em orações subordinadas destas variedades. O sujeito nulo é licenciado em contextos em que há movimento do verbo para C°.

sempre movimento do verbo para C°, assumindo uma teoria sem a noção de regência e que os traços- $\phi$  são inerentes ao núcleo I°, outra explicação precisa ser dada para explicar o licenciamento de *pro* exclusivamente em orações V2 no francês antigo e para explicar como se dá a mudança gramatical para o francês médio, que licencia *pro* em ambos os tipos de orações, considerando que, dentro do modelo que estou adotando, essas duas fases do francês possuiriam movimento do verbo para C°. Assim, a questão do licenciamento do sujeito nulo precisa ser explicada de outra maneira.

Por fim, há que explicar por que é que acontece o movimento de um XP para SpecFinP. Ou seja, no modelo que propus, Force°<sub>[+assertivo]</sub> exige que Fin° seja lexicalizado; como não há partículas, o verbo se move para Fin°. Por que, depois que o verbo se move para Fin°, um XP qualquer precisa se mover para a SpecFinP? Roberts (2004) propõe que não seja possível na faculdade da ordem V1 decorrente de movimento V-to-I-to-C. Contudo, os dados mostram o contrário: as línguas germânicas antigas possuíam ordem V1 com verbo em C°; as línguas germânicas atuais possuem ordem V1 narrativa com verbo em C°. Fica pendente de explicação por que, em umas línguas, o movimento do verbo para C° obriga o movimento de um XP para SpecFinP e por que, em outras línguas, o movimento do verbo para C° não desencadeia automaticamente o movimento do XP para SpecFinP.

# CAPÍTULO 02

---

## A ORDEM DE CONSTITUINTES NO ESPANHOL ANTIGO E NO ESPANHOL ATUAL

### 2.1. Introdução

Fontana (1993) propõe que o espanhol antigo se caracterizava como uma língua V2 simétrica, como o iídiche ou islandês atuais, línguas nas quais o efeito V2 se manifesta tanto em orações matrizes como em orações subordinadas<sup>1</sup>, como ilustram os exemplos em (1) a seguir:

- (1)
- a. Este logar **mostro** dios a abraam.  
Este lugar mostrou Deus a Abraão
  
  - b. A micer May, que era embaixador en Roma, **hizo** S.M. Vicechancellor.  
A micer May, que era embaixador em Roma, fez S.M. Vice-chanceler
  
  - c. ...dixol ...que nunca **fiziera** el rrey cosa por =le fazer plazer  
...disse-lhe que nunca faria o rei algo para lhe agradar
  
  - d. Quando esto **oyo** el Rey [...]  
Quando isto ouviu o Rei...

(FONTANA, 1993, p. 64/72)

Fontana (1993) comenta que o espanhol perdeu tal propriedade ao longo de sua história devido a uma mudança na posição SpecIP<sup>2</sup> mas não explica qual seria essa mudança tendo em vista que seu objeto de estudo era a história dos clíticos e não a posição ou o movimento do verbo.

Por outro lado, Zubizarreta (1998) propõe que, embora a ordem V-S no espanhol atual esteja decrescendo, ainda faz parte da intuição dos falantes nativos. Como consequência, a autora

---

<sup>1</sup> Fernández-Ordóñez (2009) cita a Tese de Cho (1997), à qual não tive acesso, que propõe que o espanhol antigo era uma língua V2 assimétrica, ou seja, somente em orações matrizes. De todos os modos, este é um ponto que irei discutir abaixo.

<sup>2</sup> Fontana (1993) segue a análise de que línguas simétricas realizam o efeito V2 em IP. Ver o capítulo anterior para a discussão das análises do efeito V2.

propõe que o espanhol atual tenha a mesma estrutura que o espanhol antigo. Os dados em (2) ilustram as possibilidades apresentadas por Zubizarreta (1998) para considerar o espanhol atual estruturalmente idêntico ao espanhol antigo<sup>3</sup>:

- (2) a. A menudo **juegan** niños en este parque.  
b. Todos los días **compra** Juan el diario.

(ZUBIZARRETA, 1998, p. 100/109)

Ainda neste mesmo sentido, Fernández-Ordóñez (2009) argumenta que o espanhol antigo e o espanhol atual se comportam da mesma maneira com relação à *tematização* e à *focalização* e, portanto, teriam a mesma estrutura<sup>4</sup>.

As propostas de Zubizarreta (1998) e Fernández-Ordóñez (2009) são contraditórias com a proposta de Fontana (1993) num ponto crucial: o espanhol não teria passado por nenhuma mudança gramatical com relação à sintaxe da posição do verbo/efeito V2. No entanto, como bem evidenciado por Fontana (1993) com diversos aspectos da gramática do espanhol atual e do espanhol antigo, de fato, houve uma mudança gramatical no espanhol com relação à sintaxe de posição do verbo/efeito V2 por volta do Século XVI<sup>5</sup>.

Fontana (1993) mostra algumas diferenças na ordenação dos constituintes no espanhol antigo e no espanhol atual:

---

<sup>3</sup> Jiménez (1995) e Fontana (1994) também assumem que SpecIP tem um caráter *A-Barra residual* podendo abrigar outros elementos além do sujeito. Nessas duas propostas, há movimento de XP para SpecIP e SpecCP. Suner (1994) discute esta questão e apresenta argumentos convincentes para o fato de que SpecIP no espanhol atual é somente uma *posição A*. Acredito que os argumentos apresentados no Capítulo 01 também são suficientes para esclarecer a questão.

<sup>4</sup> Em Pinto (2010a), argumento contra essa análise e mostro dados de *tematização* no espanhol antigo em que a ordem é O-V sem clítico cujo contexto equivalente no espanhol atual ou exigiria a presença do clítico ou exigiria a ordem V-O. Mais abaixo, retomo também essa questão.

<sup>5</sup> Neste sentido, o espanhol europeu se distingue do português europeu (assim como do francês): enquanto o português europeu pode ser dividido em pelo menos três fases (português antigo, médio e moderno) de acordo com Galves, Namiutti e Paixão de Sousa (2006), o espanhol europeu só se divide em duas fases (espanhol antigo e espanhol atual). Tendo em vista que o espanhol da segunda metade do Século XVI já é considerado *espanhol moderno*, preferi a etiqueta *espanhol atual* ao falar dos dados dos Séculos XIX e XX. Para uma boa discussão sobre a periodização do espanhol, ver Eberenz (1991).



A) *ordem O-V sem/com duplicação pelo clítico:*

O espanhol antigo, ao contrário do espanhol atual, permitia a ordem objeto-verbo sem que houvesse a presença de um pronome clítico retomando o objeto fronteado:

- (3) a. Grande duelo **avien** las yentes christianas. (espanhol antigo)  
Grande dor tinham os povos cristãos.
- b. \*esa aria **cantó** Montserrat Caballé maravillosamente. (espanhol atual)
- c. esa aria la **cantó** Montserrat Caballé maravillosamente. (espanhol atual)

(FONTANA, 1993, p. 64/55/56)

B) *colocação dos clíticos:*

No espanhol antigo, havia três possibilidades de colocação pronominal que não existem no espanhol atual: (i) o uso de ênclise com verbos finitos, obedecendo a Lei Tobler-Mussafia<sup>6</sup>; (ii) a interpolação, na qual um constituinte aparece entre o clítico e o verbo; (iii) a mesóclise, como ilustram os exemplos (4a), (4b) e (4c) respectivamente.

- (4) a. Et maltroxo=los e ....  
E maltratou-os e...
- b. por que =las vos dexastes.  
porque as vós deixastes
- c. Dezir=vos he la verdad  
Dizer-vos hei a verdade

(FONTANA, 1993, p. 35/20/86)

---

<sup>6</sup> A lei Tobler-Mussafia pode ser resumida da seguinte maneira:

*Unstressed object pronouns cannot stand in absolute initial position in the sentence.*  
(FONTANA (1993. p. 28).

O clítico no espanhol antigo pode estar enclítico não somente ao verbo, mas a qualquer outro constituinte, como a conjunção ou um sintagma nominal. Para uma discussão da Lei Tobler-Mussafia no espanhol antigo, ver Wanner (1992). Para um estudo da Lei Tobler-Mussafia nas línguas românicas medievais como um todo, ver Benincà (1995). Benincà (1995) discorda da relação entre fonologia e sintaxe para determinar a posição do clítico em relação ao verbo finito e define a colocação do clítico a partir da seguinte regra sintática:

*In Medieval Romance (and in Modern Portuguese) complement clitics occur after an inflected verb if and only if the governing verb is in C and the Spec of CP is empty.*  
(BENINCÀ, 1995, p. 340)

C) *fronteamento de constituintes*:

O espanhol atual apresenta muito mais restrições que o espanhol antigo com relação ao tipo de constituinte que pode ser fronteado<sup>7</sup>:

- (5) (espanhol atual)
- a. \**esa* aria **cantó** Montserrat Caballé maravillosamente.
  - b. \*visitar **querian** los invitados el otro pabellón.
  - c. \*?con una horquilla para el pelo **abrían** esos chorizos las puertas de los coches.
  - d. \*?maravillosamente **cantó** Montserrat Caballé esa ária.
  - e. \*?desde Cornellá **volvió** Nuria andando porque no habían autobuses.

(FONTANA, 1993, p. 55)

- (6) (espanhol antigo)
- a. Deste lugar de Vigeva **fue** S. M. a Alexandria de la Palla.  
Deste lugar de Vigeva foi S.M. para Alexandria de la Palla.
  - b. Uino & agua **deue** el clerigo mezclar en el caliz.  
Vinho e água deve o clérigo misturar no cálice.
  - c. Confessar =se **deueB** los xpistianos de sus pecados;  
Confessar-se devem os cristãos dos seus pecados

(FONTANA, 1993, p. 61/65/86)

---

<sup>7</sup> Hernanz e Brucart (1987), relacionando a ordem de palavras com a estrutura informativa da oração (tópico e foco) no espanhol atual, mostram que: a) com a *tematização*, é possível a ordem Tópico-S-V e com a *focalização* a única ordem possível é Foco-V-S; b) não é todo elemento que pode ser topicalizado, ao contrário da *focalização*, que não impõe restrições de *fronteamento* (no Capítulo 03, discuto essas diferenças desde um ponto de vista formal e explico por que há este contraste entre as duas fases da língua com relação à liberdade de *fronteamento* de constituintes). Os exemplos em (i) ilustram o primeiro caso e os exemplos em (ii) e (iii) ilustram o segundo caso (dados de HERNANZ e BRUCART, 1987, p. 95):

- (i)
  - a. EN PRIMAVERA **visitó** Juan Leningrado.
  - b. En primavera Juan **visitó** Leningrado.
- (ii) (*Tematização*)
  - a. \*En el paro, el problema **reside**.
  - b. \*De dos partes el examen **consta**.
- (iii) (*Focalização*)
  - a. EN EL PARO **reside** el problema.
  - b. DE DOS PARTES **consta** el examen.

Além disso, é necessário saber se as ordens XP-S-V e XP-V-S representam sempre a mesma estrutura informativa, ou seja, se esse XP é sempre um tópico e o sujeito não representa um foco. Se a ordem XP-S-V representar a ordem tópico-sujeito neutro-verbo e a ordem XP-V-S representar a ordem tópico-verbo-sujeito focalizado, é evidente que não podem ser comparadas com relação aos fenômenos que pretendo observar.

Tendo em vista que há diferentes possibilidades de ordenação de constituintes nas duas fases do espanhol, parece evidente que a gramática das duas fases não é a mesma, conforme propôs Fontana (1993).

Este capítulo se organiza da seguinte forma: na seção 2.2., apresento os problemas principais da investigação com relação à história sintática do espanhol; na seção 2.3., apresento o *corpus* utilizado e a metodologia empregada na análise dos dados; em 2.4., apresento os dados do espanhol antigo; em 2.5., apresento os dados do espanhol atual; na seção 2.6., faço uma discussão dos dados apresentados em 2.4. e 2.5.; e, por fim, em 2.7., faço algumas considerações finais sobre o que foi discutido ao longo do capítulo.

## 2.2. Problemas principais

Sintetizando, esta investigação tem os seguintes problemas principais com relação à história sintática do espanhol:

- I. O que mudou com relação à ordem de constituintes na história do espanhol?
- II. Como o espanhol antigo e o espanhol atual podem ser caracterizados com relação ao efeito V2? O espanhol atual ainda seria uma língua V2?

Diante desse quadro, acredito que uma análise da relação do verbo finito com outros elementos da oração seja muito importante. Assim, procederei a uma análise, entre outros aspectos, da posição do sujeito, do objeto e dos advérbios<sup>8</sup> na oração a fim de oferecer diagnósticos para o caso do espanhol, considerando que, no espanhol atual, ainda são produtivas as ordens V-S ou V-XP-S<sup>9</sup>.

Com relação ao sujeito, interessa, entre outras questões, diagnosticar sua posição na oração observando se, ao frontear algum elemento, a ordem S-V é possível ou somente a ordem V-S. Neste sentido, a) se a ordem é V-S, interessa saber qual é a posição do sujeito (se está dentro

---

<sup>8</sup> Também discutirei algo sobre clivagem, negação e clíticos.

<sup>9</sup> Ordóñez (1997) propõe que, no espanhol atual, o sujeito pós-verbal na ordem V-XP-S sempre esteja focalizado, o que, a priori, não impõe dificuldades à minha análise.

ou fora do VP); b) se a ordem for S-V, interessa saber se o sujeito está dentro ou fora do IP<sup>10</sup>. No caso da ordem V-S também (e principalmente) interessa averiguar em que núcleo o verbo está localizado: se em algum núcleo do campo CP ou se em algum núcleo do campo IP.

No caso dos objetos, farei uma análise da ordem O-(XP-)V a fim de observar a relação entre *fronteamento* de objetos, recuperação com clítico e *tematização/focalização*. A literatura (cf. RIZZI, 1997) tem usado a recuperação com clíticos, no caso de línguas e constituintes que possuem clíticos<sup>11</sup>, para distinguir tópicos e focos: tópicos seriam recuperados, derivando a ordem O#(S-)cl-V<sup>12</sup>, mas focos não, derivando a ordem O-V(-S)<sup>13</sup>. Penso que essa distinção entre tópico e foco a partir do aparecimento ou não do clítico pode ser útil para línguas nas quais há uma posição pré-verbal exclusiva para o sujeito, como o italiano moderno; mas não é útil para línguas V2<sup>14</sup>. Acredito também que uma análise na qual o investigador parte previamente do suposto que a ordem O-(S-)clV significa *tematização* e a ordem O-V(-S) indica *focalização*, como é o caso do italiano e do espanhol atuais, pode trazer resultados equivocados para línguas desconhecidas ou fases remotas de uma língua conhecida<sup>15</sup>, da qual não se dispõe de nada além das evidências positivas, ou seja, os dados<sup>16</sup>.

<sup>10</sup> Vale destacar que uma série de estudos, por exemplo, Lois (1989), Olarrea (1997), Ordóñez (1997), Ordóñez e Treviño (1999) Ordóñez e Olarrea (2006), propõe uma análise em que o sujeito pré-verbal, no espanhol atual, esteja em uma posição fora do IP. No Capítulo 03 retomo esta discussão.

<sup>11</sup> Hernanz e Brucart (1987) mostram que essa é uma diferença entre o catalão e o espanhol com relação à *tematização* de sintagmas preposicionados (além do objeto indireto), já que o catalão possui clíticos equivalentes:

- (i) a. Al jardí els nens s'hi diverteixen molt. (catalão)  
b. En el jardín los niños se divierten mucho. (espanhol)
  - (ii) a. De l'examen ningú n'ha parlat encara. (catalão)  
b. Del examen nadie ha hablado todavía. (espanhol)
- (HERNANZ e BRUCART, 1987, p. 83)

<sup>12</sup> O símbolo # indica que o constituinte está separado do resto da oração por uma pausa entonativa.

<sup>13</sup> Fernández-Ordóñez (2009) comenta que o espanhol antigo se comportava dessa maneira. Fontana (1993), por outro lado, mostra a possibilidade de *fronteamento* de objetos sem recuperação com o clítico, tal como acontece nas línguas V2. Parece haver uma competição de gramáticas ou variação no espanhol antigo, como sugerem Mesching (2009) e Pinto (2010b), em que as duas opções são possíveis.

<sup>14</sup> O que pode estar acontecendo, caso as ordens TOP-S-V e TOP-V-S tenham o mesmo estatuto informativo, é uma variação gramatical, refletindo algum processo de mudança (competição de gramáticas) com relação à posição do sujeito no espanhol. Ou seja, o espanhol atual ainda teria disponíveis duas posições, uma pré e outra pós-verbal para o sujeito.

<sup>15</sup> Como discutido no Capítulo 01 e retomarei no Capítulo 03, línguas V2 possuem estratégia de *tematização* sem clítico. A isso, adiciono a possibilidade de objetos nulos, como no português brasileiro, em que há um tópico à esquerda e não há um clítico que o recupere: "O livro compramos ontem". Benincà (2006) propõe uma análise para as línguas românicas medievais que segue este diagnóstico para identificar focos e tópicos. Sobre uma oração como (i), a autoria diz:

No tocante aos advérbios, é interessante observar como os mesmos tipos de advérbio se posicionam com relação ao verbo nas duas fases da língua. Biberauer (2002a) comenta que a adjunção adverbial permitida em inglês é estritamente proibida em línguas V2 bem comportadas<sup>17</sup>.

Além disso, relacionarei a ordem de palavras com a estrutura informativa da oração, observando, em especial, a estrutura da *tematização*, para uma melhor caracterização do V2 na história do espanhol. Hinterhölzl e Petrova (2010) analisam a mudança da ordem V1 para a ordem V2 em línguas germânicas e dizem que o alemão antigo (Old High German) era muito menos rígido com relação ao fenômeno V2 que o alemão moderno, por exemplo. No alemão antigo, a ordem básica era V1 e só havia V2 quando havia um tipo específico de tópico (*aboutness topic*) na oração. O alemão generalizou a posição inicial para qualquer tipo de constituinte e assim desencadeou um V2 rígido.

### 2.3. Metodologia empregada

O *corpus* constituído para esta pesquisa contempla textos dos Séculos XII ao XX, que foram predominantemente do gênero narrativo, embora a fase antiga contivesse muitos textos notariais e a fase moderna, contivesse também fragmentos do gênero dramático. Sendo que nenhum texto pertencia ao gênero lírico.

Os dados analisados nesta Tese foram coletados a partir de três *corpora*: a) Os dados do Século XII foram coletados a partir de edições disponibilizadas pelo Prof. Dr. Josep Maria Fontana (Universitat Pompeu Fabra); b) Com relação aos dados do Século XIII a ao Século XVI, uma parte foi coletada das edições disponibilizadas pelo Prof. Dr. Josep Maria Fontana e outra parte foi coletada a partir do *Corpus Diacrônico del Español* (CORDE), da Real Academia Española; c) Os dados do Século XVII até o ano de 1975 foram coletados do CORDE; d) Os dados de 1975

(i) Pregoti che mi dichi *come* [queste cose] tu le sai.

*The object* queste cose ‘these things’ in (56b) is in *TopP*, as is revealed by the presence of the resumptive clitic.

(BENINCÀ, 2006, p. 72-73).

No Capítulo 03, quando discutir o movimento do verbo no espanhol antigo, retomarei esta questão.

<sup>16</sup> Adams (1987) discute essa questão e detalha que é fundamental que o investigador não imprima as intuições que tem de sua língua materna na análise de outra fase da língua.

<sup>17</sup> Ver o exemplo de Schwartz e Vikner (1996) na nota 39 do Capítulo 01.

até 2000 foram coletados do *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA), também da Real Academia Española<sup>18</sup>.

Uma diferença importante entre o *corpus* histórico que organizei para a elaboração desta Tese e o *corpus Tycho Brahe*<sup>19</sup>, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Charlotte Galves, se refere ao fato de que, no *corpus Tycho Brahe*, os textos estão organizados pela data de nascimento do autor e aqui os textos estão organizados pela data da produção. A explicação para este critério de organização do *corpus Tycho Brahe* vem do fato de que, dentro do quadro da gramática gerativa, é proposto que a mudança lingüística acontece na aquisição da linguagem, através da fixação de parâmetros. Desta forma, o que seria relevante, de fato, para o estudo diacrônico é a data em que os autores nasceram e não a data em que os textos foram escritos. Por exemplo, dois textos diferentes de 1745 podem ter sido escritos por alguém de 80 anos e por alguém de 20 anos; fato que pode refletir alguma diferença nos textos. Como o *corpus* que analisei foi composto de fragmentos de diversos textos, aos quais só tive acesso à data de publicação, não pude me valer do mesmo critério de classificação utilizado no *corpus Tycho Brahe*<sup>20</sup>.

Optei, também, por amostras variadas a fim de ter uma melhor visão do período, não analisando exclusivamente um único autor, o que poderia refletir um estilo de escrita particular e não a gramática de um determinado período.

Foram analisadas orações em que havia, pelo menos, um elemento na oração além do verbo. Assim, orações como “murió”, “dijo que...”, “y se fue”, foram descartadas porque não oferecem evidências para diagnosticar a posição do verbo nem as possibilidades de ordenação de constituintes. Também excluí orações que continham somente negação e verbo, como “no fui”, porque a negação é sempre pré-verbal em toda a história do espanhol<sup>21</sup>. Porém incluí orações que

<sup>18</sup> Ambos os *corpora*, CORDE e CREA, estão disponíveis eletronicamente (embora apresentem uma série de restrições de acesso e busca, como diversos *corpora* do mesmo tipo) na página da Real Academia Española ([www.rae.es](http://www.rae.es)). O CORDE possui textos até o ano de 1975. A partir de 1975, os textos são localizados no CREA.

<sup>19</sup> O endereço eletrônico do corpus é <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho>.

<sup>20</sup> No Capítulo 04 especialmente, enfatizo a relação entre estrutura lingüística, mudança lingüística e sócio-história. Contudo, devido à natureza dos textos analisados, se tornou bastante difícil fazer uma discussão mais profunda dessa relação nesta Tese porque os *corpora* disponíveis na página da Real Academia Española, assim como outros *corpora* verificados, não disponibilizam os textos completos. Somente estão disponíveis fragmentos dos textos, que são localizados a partir de buscas específicas. Desta forma, se tornou inviável fazer uma análise fina das questões que problematizo neste trabalho.

<sup>21</sup> Ribeiro (1995) analisa construções cuja ordem é Neg-cl-V, do português antigo, sendo orações V2 nas quais a negação funciona como um elemento adverbial qualquer e não como núcleo. Independentemente da análise que se assuma para a negação pré-verbal, no caso de orações Neg-V, a negação permanece não elucidando a questão do movimento/posicionamento do verbo.

continham clíticos devido ao fato de que poderiam ser proclíticos ou enclíticos. A análise se concentra nas orações finitas<sup>22</sup> e declarativas<sup>23</sup>. A Tabela 1 a seguir mostra a quantidade de orações analisadas em cada século:

**Tabela 1:** Número de orações finitas em cada século

<b>Período</b>	<b>Orações Finitas</b>
<b>Século XII</b>	502
<b>Século XIII</b>	906
<b>Século XIV</b>	893
<b>Século XV</b>	904
<b>Século XVI</b>	909
<b>Século XVII</b>	616
<b>Século XVIII</b>	616
<b>Século XIX</b>	602
<b>Século XX</b>	634

Os dados foram classificados e quantificados seguindo critérios que me pareceram relevantes de acordo com os problemas levantados e gostaria de combinar: ordem dos constituintes, tipo do verbo, tipo de oração, posição do clítico (quando há) e estatuto discursivo (se há tópico e foco), entre outros.

Como os dados analisados confirmaram a discussão de Eberenz (1991) e Fontana (1993) sobre a periodização da língua espanhola em apenas duas fases, apresentarei inicialmente os dados dos Séculos XII-XV para o espanhol antigo e dos Séculos XIX-XX para o espanhol atual. Os dados dos Séculos XVI-XVIII serão considerados apenas quando for discutir a questão da dinâmica da mudança lingüística, no Capítulo 04.

## **2.4. A ordem de constituintes no espanhol antigo**

Nesta seção, apresentarei algumas características do espanhol antigo. Nesta seção, farei apenas apresentação dos dados, que serão discutidos na seção 2.6., alguns dos quais também comparados com o espanhol atual, e analisados formalmente no Capítulo 03 a fim de caracterizar as duas fases da língua como gramáticas/sistemas lingüísticos diferentes.

<sup>22</sup> As orações não-finitas foram separadas e utilizadas quando os dados são relevantes para a discussão das orações finitas, por exemplo, na discussão sobre *topicalização V2* e *deslocamento à esquerda clítico*, que também acontecem em orações não-finitas.

<sup>23</sup> Ou seja, orações declarativas neutras (não marcadas), construções de *focalização*, construções de *tematização* e construções imperativas.

### 2.4.1. A posição superficial do verbo

Meu objetivo, nesta seção, é observar a quantidade de elementos pré-verbais nas orações matrizes e subordinadas a fim de averiguar se o espanhol antigo era uma língua V2 simétrica, como propõe Fontana (1993), ou assimétrica, como propõe Cho (1997 apud FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, 2009).

#### 2.4.1.1. As orações matrizes

O verbo pode aparecer nas ordens V2, e não V2 (ordens V1<sup>24</sup> e V>2) nas orações matrizes. Os exemplos em (6) ilustram casos de orações matrizes V2<sup>25</sup>:

- (6)
- a. E esta carta otorga la abatíssima Sancha Garcíez, e la priora doña María Fortúnez e tod el convento. (1206)
  - b. Tal deue seer el fiel, en el qual entramos confien [...] <sup>26</sup> (1218)
  - c. Lope juró e dixo y que él moró con ell abade don Martino que non avié y casa ninguna si non del abade de Oña. (1229)
  - d. Otrossí dixo del molino que l ganó ell abade don Martino sediendo eña casa (1229)
  - e. Quebrantamiento es de casa. (1242)
  - f. et por crebantamiento de casa peche. ccc. soldos.
  - g. Guysado es e razon que aquellos que toman e escogen vida religiosa ayan la merçet e el deffendimiento del apostoligo [...] (1257) <sup>27</sup>
  - h. Connosçuda cosa sea a quantos esta carta uiren cómmo [...] (1279)
  - i. Et esta vina uos damos en cambio por tres terras e vn vinnal. (1294)
  - j. EN persia hubo un Rey a que llamaban el bonium.
  - k. & ally fazian sus batallas los Retados & los que sse aujan de combatir por alguna Razon vno por vno o dos por dos. (1325)
  - l. E quando el leon lleço a los amigos de ihesu xristo baxo la cabeça (1325)

<sup>24</sup> Estou assumindo como orações V1 aquelas orações em que não há um XP tônico em primeira posição (não exclusivamente V1 absoluto). Ou seja, orações com ordem conector-(clítico(-negação))verbo, são entendidas como orações V1. As orações com apenas a negação antes do verbo, como comentado acima, não foram analisadas.

<sup>25</sup> Como fiz no Capítulo 01, os verbos em discussão estão destacados em negritos e os constituintes pré-verbais são destacados em sublinhado. A data de cada exemplo é identificada entre parênteses após os mesmos. Nos casos em que houve mais de um texto da mesma data, os distingui através de letras A e B. No caso dos textos que só se sabia o século e não a sua data precisa, os dois primeiros símbolos representam o século e os dois últimos a identificação do texto, por exemplo, 11XX e 11XY.

<sup>26</sup> Onde aparecer [...] nos exemplos indica uma supressão minha pelo fato de o texto ser muito extenso e não relevante para a exposição, por exemplo, no caso de sujeitos com muitos apostos ou nos casos em que a oração é muito extensa e o contexto posterior não interfere na compreensão do exemplo.

<sup>27</sup> Outro dado semelhante de separação de constituintes é:

- (i) porque este cuerpo muchas lágrimas ha dejado a sus parientes: y amargos dolores. (11YY)



- m. Otrosi afirman los onbres & animales & brutos que [...] (1350)
- n. e asy seríaB engannados los vezinos. (1367)
- o. Esta dicha donaçion desta dicha casa vos fago propria e pura e non revocable [...] (1405)
- p. armas odiosas tomaste, matando a tu madre Clitemestra (1425)
- q. verdad es que con diuersos fines [...] (1492)

Os exemplos em (6) mostram uma ordenação V2 em que vários tipos de constituintes podem preceder o verbo: o objeto direto (6a) e (6i); o sujeito (6c); um advérbio (6k) e (6n); uma oração subordinada (6l); o predicativo do sujeito (6b) e (6g); um complemento locativo (6j); um complemento preposicionado (6f).

O exemplo (6a) ilustra uma ordem O-V-S, ou seja, o objeto precede o verbo, sem o uso do clítico, e o sujeito segue o verbo, numa configuração V2 prototípica. Os exemplos (6e) e (6g) são interessantes por ilustrarem uma ruptura dos constituintes para que uma parte deles satisfaça a propriedade V2. O exemplo (6e) ilustra bem este fato porque contrasta com outro dado do mesmo texto, em que todo o sintagma nominal está em posição pré-verbal:

- (7) et quebrantamiento de casa es. si alguno entrare en casa agena con armas. o sin armas. defendiendolo ge lo. , el sennor de la casa. (1242)

Por outro lado, também há dados de construções não V2 no espanhol antigo. Os exemplos em (8) ilustram a ordem V1 em que, da mesma forma nas orações V2, diferentes tipos semânticos de verbo finito aparecem em primeira posição, que podem ser: inacusativo (8a), (8n); copulativo (8f); dicendi (8l); reflexivo/pronominal (8e); transitivo (8o) e (8p); bitransitivo (8b); locução verbal (8g); existencial (8m).

- (8) a. **vino** el mancebo al cuerpo (11YY)
- b. y **puso** a la imperatrix en carcer (11XX)
- c. **Juró** don Jacobi (1229)
- d. e **retenemos** para nos el cellero e los [al]gorios e el peredo (1231)
- e. et **partan** se del. (1242)
- f. é **sea** tal é en tal lugar. (1244)
- g. y **hubo a pechar** los dineros gil buhon cuantos el Romero tomo sobre su viage. (1280)
- h. **Sepan** quantos este priuilegio vieren e oyeren como (1282)
- i. **saco** a mi dellos (1299)
- j. E **paso** Alejandro por una tierra em que reynaron siete reyes: (12YY)
- k. y **dara** sentencia el alcalde. (1310)
- l. E **dixo** la enperatriz (1340B)

- m. y **hubo** en esta quinta edad segun la biblia que oy es y segun cuentan los judios dlxxxvj haños. (1390B)
- n. e **cae** aquella piedra pequeña del çielo, (1420)
- o. **Retuerce** sus manos . (1450B)
- p. e **hobo** muchas bataillas con los moros (1454)

Os exemplos em (9) ilustram casos de ordem V>2 em orações matrizes:

- (9)
- a. Mucho a dios **avemus agradecer** por que en natura de omes nos hizo nacer (11XX)
  - b. yo siempre **llore** mi pecado. (11XX)
  - c. El apolonio tomada la question: **aparto** se un poco del rey: (11YY)
  - d. e del molino de Ribiella el medio **diemos** al monesterio (1206)
  - e. Mas uos compliendo las conuenientias deuant ditas, **ningun abbat ni monge de Yrach non aya poder de toller** uos las deuant ditas heredades, (1231)<sup>28</sup>
  - f. E yo la dicha Maria Dominguez estando presente, **otorgo** todo quanto sobre dicho es en esta carta. (1271)
  - g. E los mandaderos enbiados el Rey **fue** a burgos (1340B)
  - h. Et desi, por razon que el Seynor Rey quiso fortificar enel dicto logar, **mando destruir** et **derocar** la dicta casa ala dicta confraria et confrades, (1381)
  - i. Et por esto, car puesto que la dicta garitas fue fecha en deffension et goarda de toda la uilla, aqueilla **seria fecha** enel muro que es enla casa [...] (1381)
  - j. y por esto aqui **digamos** que cosa es edad. (1390B)
  - k. Lágrimas, éstas sola-mente **tengo**, (1425).
  - l. e todos días por pecados nuestros **cresçen** (1444)
  - m. esto solo te **deuria mover** aquellos que viuieron mansa y mesurada mente (1450B)
  - n. y assi nos le **respondimos** que recibiesse informacion del, y nos la embiasse. (1495)
  - o. Por cierto, cosas nuevas **son** para mí. (1500)

Os dados em (9) mostram que os constituintes em posição pré-verbal que superficializam a ordem V>2 podem se ordenar entre si de forma bastante variada. Em (9b), o sujeito aparece em primeira posição e um advérbio em segunda; por outro lado, em (9n), o advérbio aparece em primeira posição e o sujeito em segunda. Dois advérbios ou locuções adverbiais podem ocupar também as primeiras posições como em (9j) e (9l). Também são possíveis casos em que mais de dois constituintes estão em posição pré-verbal como no exemplo (9i). Em (9i), um sintagma preposicionado aparece em primeira posição, seguido de uma oração adverbial e o sujeito aparece em terceira posição. Além disso, na ordem V>2, o sujeito pode ser nulo, como ilustra (9k).

<sup>28</sup> Esta oração pode ter duas estruturas, uma em que “uos” é sujeito da oração de gerúndio e outra em que “uos” é um tipo de tópico pendente da oração principal. De qualquer forma, qualquer que seja a interpretação para esta oração, o verbo principal está numa ordem V>2.

#### 2.4.1.2. As orações subordinadas

As orações subordinadas foram divididas em completivas, relativas e adverbiais. Inclui no grupo das orações completivas as orações introduzidas pela conjunção subordinativa integrante “que” (*that-clauses*), em funções substantivas, seja em função subjetiva, seja em função completiva. As demais orações que não foram identificadas como orações relativas (tanto as relativas com cabeça como as relativas livres) foram classificadas como orações adverbiais.

Os dados em (10), (11) e (12) ilustram casos de ordem V2 nas orações subordinadas, as quais, igualmente às orações matrizes, podem apresentar vários tipos de constituintes em primeira posição<sup>29</sup>.

- Orações completivas<sup>30</sup>:
- (10) a. dicen que un buen hombre **tenía** una mujer que hacía adulterio y tenía tres hijos (11XX)  
 b. e es a saber que enpues uuestros días **aB a tornar** aquellas heredades sen mala uoz al monasterio de Yrach con todo el amilloramiento que feito hi aures. (1231)  
 c. que la concamia **sea** mas firme e mas estable. (1256)  
 d. Et deffiendo que ninguno non **ssea** osado de gelo enbargar nin de gelo contrallar nin de les passar contra esta merçet que les yo fago. (1288)  
 e. si no que la carta del rey **ponia** por su demanda (1310)  
 f. que él **vío** vender a Micael Pétrez la maectura de las casas a Ferrando Roíz; el suelo no l vendió que de Oña era. (1329)  
 g. Et por esto, car puesto que la dicta garitas **fues fecha** en deffension et goarda de toda la uilla, (1381)  
 h. que asi **obligo** para pagar en cada anno commo (1467)  
 i. que en la dicha çibdad **es** vso e costumbre (1477)  
 j. ¿Y no sabes que Dios te **crió** semejable a sí en las cosas naturales? (1500)

<sup>29</sup> Para a apresentação dos exemplos, preferentemente utilizei as orações subordinadas introduzidas pelo elemento subordinante. Há muitos casos de coordenação de orações subordinadas em que o elemento subordinante só aparece introduzindo a primeira oração. As segundas orações, mesmo não sendo utilizadas para fins de exposição, foram classificadas como orações subordinadas dos vários tipos e foram computadas na análise quantitativa.

<sup>30</sup> Assim como Fontana (1994) e Fernández-Ordóñez (2009), encontrei construções com “duplo que” nas orações subordinadas completivas como (i):

- (i) a. que bien entendedes vos que qual quier bien que omne faze por Dios, que lo **deue fazer** en cosa que tome omne algun trabajo por ello. (1327)  
 b. en tal manera & condición que vos los dichos Iohan Miguelléz & Iohana Pérez vuestra mugier que **pobredes & fagades** el dicho suelo de casa (1396)

Nestes casos, considerei apenas a ordem de palavras posterior ao segundo *que*. Para uma análise formal bastante interessante desse tipo de construção no português antigo, ver Ribeiro e Torres Morais (2009).

Orações relativas:

- (11) a. quyen esto quisiese quebrantar (1225)  
 b. el logar do el monasterio sobredicho es puesto e assentado con todos sus derechos e con todas sus pertenencias. (1257)  
 c. e por muchas onrras e ayudas que de uos rrecebi (1271)  
 d. Sepan quantos este priuilegio vieren e oyeren como (1282)  
 e. las cibdades que en ella son (12YY)  
 f. de las cuales cada una es diuisa por sus miembros segun que por el proceso de ellas claramen se demuestra. (1307)  
 g. así conmo lo que uos me dades en encomienda (1320)  
 h. en qual quier o quales quier merindades de Castilla o de Leon o de todo mi señorío do esto acaesçiere (1339)  
 i. quien armas sacare de casa contra su vezino pora mal fazer (1345).  
 j. por los que oy sedes (1356)

Orações adverbiais:

- (12) a. porque fija soy de rey y mujer de rey: (11YY)  
 b. Mucho a dios avemus agradecer por que en natura de omes nos hizo nacer (11XX)  
 c. que sean tales segund de suso dixiemos. (1218)  
 d. et si esto non pudiere iurar: peche. c. et viij. maravedis. (1241)  
 e. como agora fezieron el maestre don Pero Núñez (1282)  
 f. si pide que condepne al demandado en la demanda segun en su demanda se contiene. (1310)  
 g. quando nuestro Señor Jesçes cristo nació en belen. (1390B)  
 h. Rrogad a Dios por él, ca esta noche finó. (1411)  
 i. Andemos presto que el morirá cerca de los muros adiconjos que son alas puertas de la colupna de las amazonas (1450B)  
 j. Porque nos somos ynformados que [...] (1477)

Os exemplos em (13), (14) e (15) a seguir ilustram casos de orações subordinadas com ordem V1. Assim como nas orações matrizes, não há restrição com relação ao tipo semântico do verbo que pode ocupar a primeira posição.

Orações completivas:

- (13) a. E el dijo que era mucho (11XX)  
 b. que escriuiese esta carta e la ssignase deste signo (1271)  
 c. e que no se faga iustiçia en todo su término sino en la villa sobredicha. (1282)  
 d. por que pudiese firmar los pleitos (12XY)  
 e. que manden por sentençia que los aya el dicho Françisco Rodríguez (1329)  
 f. dixeronle que venja a el vna enperatriz de costantinopla (1340B)  
 g. que faga cada vno su majada a media legua, (1367)  
 h. paresçe que llegan al çielo. (1444)

- i. otorgo e conosco por esta carta que **vendo** a vós el bachiller Juan Ferrández Robalino, [...], una casa con su corral que yo é en Almenara [...] (1462)
- j. tolerar que **haya subido** en corazón humano conmigo en el ilícito amor comunicar su deleite. (1499)

Orações relativas:

- (14) a. y el que **respondia** a la question casi que no dijese nada era degollado. (11YY)
- b. E el que **era** verdadero fijo dijo que nunca lanzarie contra su padre (11XX)
- c. que **auemos** en el termino de Yuarra (1231)
- d. Qui **matare** a omme couidandol a su casa. (1242)
- e. Todo ome qui **furta** au de gayolla, si fabla, deue peytar LXss. por quoyntos ay nos ovjere fablado, por cada ay no LX ss (1250)
- f. o a los que **tomaren** su lugar (1339)
- g. a quien **fizieren** el furto(1345)
- h. los buenos conocedores de caballos que **aprescian** la naturaleza de los caballos su fuerza su ligerez (1450B)
- i. de lo que **haureys podido descubrir** deste negocio (1484)
- j. una silla de fuego en la cual **estaba** asentado aquel cuyo ruego de mi perdicion fue causa. (1488)

Orações adverbiais:

- (15) a. En cuanto **dijiste**. por la maldad soy traído. no has mentido (11YY)
- b. E quando **vieron** los monjes que habianhemos llevado el cuerpo (11XX)
- c. et si: **cortare** mano. o pie. o narizes. o rostro. o oreia (1242)
- d. porque **yacen** en penyos, etc. (1244)
- e. as' como si **dice** conozca. (1310)
- f. y dios te la mantenga que eres en tu tierra con tu señor sano y guarido (1340B)
- g. E si **quisieren** vista, sea asignada segund las leguas dichas. (1367)
- h. Y como **apresure** mi andar sin mucha tardanza alcance al. (1488)
- i. E porque **son** personas affectadas a nuestro seruicio (1489)
- j. aunque **fuesse usando** de algunos rodeos (1500)

Por fim, os dados em (16), (17) e (18) a seguir ilustram casos de orações subordinadas com ordem V>2. Também como nas orações matrizes, não há restrição com relação à ordem em que os elementos pré-verbais podem aparecer entre si.

Orações completivas:

- (16) a. dicen otrosi que un ortolano todo quanto había **daba** por dios en limosnas (11XX)
- b. a la fin el fisico dijo que si no le cortaban el pie todo el cuerpo **pereceria** (11XX)
- c. Pues que los contrariantes fiel **tomaren**, aquel fiel demuestreles el plazo al qual apareçcan. (1218)
- d. en tal manera que quiscadaun letrado mas aína **truebe** lo que querra. (12XX)

- e. Otrosi es a saber que en tiempo del rey don Fernando y del rey don alfonso cuando algun caballero o otro hombre matasen em casa del rey por justicia El alguacil del rey tomaba la su cama. y la su mula en que cabalgaba. y el vaso de plata con que el beuia. y los paños que el vestie (1310)
- f. & por tal arte que nunca enel mundo fue omen que uerdadera mente supiese dezir como era fecha (1344)
- g. Otrosi afirman los onbres & animales & brutos que un buey algunas vezes oviese con el **fablado** (1350)
- h. tanto que ya las soberviosas flamas de la yra paresçe que llegan al çielo. (1444)
- i. E ya sea que por necesidad de natura la muerte no se **puede escusar** (1450B)
- j. en esto deferimos, que ellos puramente se **glorifican** sin temor de caer de tal bienaventuranza (1499)

Orações relativas:

- (17) a. El cual ese dia con los discipulos a la ribera andaba (11YY)
- b. por lo cual marabillado el mancebo palpa las venas y las narices (11YY)
- c. por esto cual mujtas veces los mesquinos omnes pierden lur derecho por alargamiento de juicio. (12XX)
- d. esta villa en que tu ahora entras. (12YY)
- e. eneste ayuntamiento que nos agora fizimos en Toro (1369)
- f. bajo el mas compendio breve que a mi posible fuese (1400)
- g. El que castamente aquesta traxiere, no sera ferido de rayo,
- h. son quemados quando alguno delante mí dize mal de Orestes. (1425)
- i. ¡Oh bienaventuradas orejas mías que indignamente tan gran palabra habéis oído! (1499)
- j. un hombre que así, procurándolo él con sus propias manos, ha quesido enagenarse. (1500)

Orações adverbiais:

- (18) a. porque porciencia mucho puede alcanzar. (11XX)
- b. si yo dura mente hubiera recibido las acusaciones de ti sobre esta dignidad (11XX)
- c. et si por aventura algunos omnes estrannos de fuera de casa baraiaren et **se acogieren** a alguna casa (1242)
- d. E si por ventura en alguna cosa el fuero no **abastase**; que fuese juzgado leal mientras por naturales sesos de buenos omnes y leales. (12XX)
- e. si alguna manceba sin voluntad de sus parientes. o de sus cercaños cormanos casare con algun varón. (1280)
- f. & que sy eneste tiempo esta çibdat fuese poblada que escogiese dos omes delos mas onrrados que enella oujese (1344)
- g. e quando estos conusco non **estouieren**, nos lo entendemos fazer conlos otros del nuestro consejo que con nos andouieren. (1385)
- h. y si a la su santissima piedad placiente fuere (1400)
- i. e commo el montero furtando algund poco de tiempo va por las selvas e sigue los venados (1444)

- j. y como ya dios tuviese por bien que la verdad de aquella pendencia se mostrase (1488)
- k. Pero como alli con la turbacion descargaba con los ojos la lengua mas entendia en mirar maravillas que en hacer preguntas.

Os dados apresentados nos exemplos de (6) a (18) acima mostram que os mesmos fatos com relação à ordem dos constituintes e o posicionamento linear do verbo na oração que ocorrem nas orações matrizes também ocorrem nas orações subordinadas (completivas, relativas e adverbiais) do espanhol antigo: a) há orações com ordem V2 e há orações com ordem não V2 (ordens V1 e V>2); b) nas orações com ordem V2, não há restrição com relação ao elemento em primeira posição, ou seja, qualquer constituinte sintático pode ocupar a primeira posição; c) no caso da ordem V1, não há restrição com relação ao tipo semântico do verbo finito que aparece em primeira posição, assim como não há restrição ao tipo semântico do verbo finito que aparece em segunda posição na ordem V2; d) os elementos pré-verbais na ordem V>2 não apresentam nenhum tipo de restrição com relação à ordem que aparecem antes do verbo e o sujeito não é obrigado a formar parte de um desses constituintes pré-verbais.

A conclusão que se obtém dos dados apresentados acima é que o espanhol antigo é, de fato, uma língua simétrica com relação à posição superficial do verbo finito na oração.

#### 2.4.2. A ordem O-V e a retomada clítica<sup>31</sup>

Como comentei acima na introdução do capítulo, Hernanz e Brucart (1987) discutem que uma diferença do *fronteamento* de constituintes na *tematização* e na *focalização* no espanhol atual é a necessidade de retomada por um clítico na *tematização* e a impossibilidade de retomada na *focalização*<sup>32</sup>. Por outro lado, as línguas V2 exibem a ordem TOP-V sem que haja a presença de um clítico recuperando o tópico fronteado dentro da oração. Além disso, a posição do sujeito na ordem TOP-V é sempre imediatamente após o verbo finito nas línguas V2.

Fernández Ordóñez (2009) argumenta que o espanhol antigo e o espanhol atual se comportam da mesma maneira com relação à ordem O-V e à *tematização*, exigindo, ambas as

<sup>31</sup> Quando me referir à ordem O-V, estou considerando objetos diretos e objetos indiretos, mais especificamente estou me referindo àqueles complementos verbais que possuem clíticos equivalentes no espanhol atual, como discutido acima na nota 11 por exemplo.

<sup>32</sup> Como comentei acima com base nos dados de Hernanz e Brucart (1987, p. 83), no caso do espanhol só é possível fazer esse tipo de teste com o objeto direto e o objeto indireto, que possuem pronomes clíticos equivalentes.

fases, um clítico retomando o objeto fronteado. Contudo, Fontana (1993), Mesching (2009) e Pinto (2010a) mostram que o espanhol antigo permite a ordem O-V, incluindo os casos de complementos pronominais tônicos, sem a presença do clítico em outros contextos além da *focalização*, o que o caracteriza como uma língua V2<sup>33</sup>.

Os exemplos em (19) e (20) apresentam casos de ordem O-V sem retomada clítica em orações matrizes e subordinadas respectivamente e os exemplos em (21) e (22) apresentam casos de ordem O-V com retomada clítica. O estatuto informativo do objeto fronteado será discutido mais abaixo.

- Ordem O-V sem retomada em orações matrizes
- (19) a. y su cabeza **colgaban** sobre la puerta del palacio. (11YY)  
 b. y a mi no **place** otra cosa si no el remedio de la muerte. (11YY)  
 c. E esta carta **otorga** la abatissima Sancha Garciez, e la priora doña María Fortúnez e tod el convento. (1206)  
 d. e del molino de Ribielli el medio **diemos** al monesterio e otro medio **damos** a vós (1206)  
 e. é á vos é á la Órden **peche** quanto demandare (1244)  
 f. Et esta vina uos **damos** en cambio por tres terras e vn vinnal. (1294)  
 g. Todos estos otros heredamientos sobredichos uos **do** yo [...] (1299)  
 h. E esto touo el enperador & los otros por grant marauilla por quel leon non los comjo todos (1325)  
 i. ponçonna **tengo** en mi (1350)  
 j. e al huesped **sea asignada** parte para donde rrazonable mente pueda estar conlos que lo han de seruir. (1390B)  
 k. e é estas siempre **derramo**. (1425)  
 l. armas odiosas **tomaste**, matando a tu madre Clitemestra (1425)  
 m. e a mí, commo a otros, **plega buscar** e **saber** las tales cosas (1444)  
 n. La qual dicha casa con su corral vos **vendo** [...] (1462)

<sup>33</sup> A ordem O-V que estou considerando como diferenciadora das duas fases do espanhol é aquela em que o objeto aparece na mesma oração em que está o verbo que o seleciona:

- (i) El libro Pedro (lo) leyó ayer.

Os casos em que :

a) o objeto de uma oração subordinada é tematizado na oração matriz:

- (ii) A Maria, dicen que Pedro (la) vio anoche en el bar.

b) coordenação/subordinação em que os verbos têm o mesmo complemento:

- (iii) Pedro compró el coche y lo vendió el día siguiente.

não são relevantes para esta discussão.



- Ordem O-V sem retomada em orações subordinadas
- (20) a. cOmo estas: y otras muchas fortunas **contase** apolonio: (11YY)  
 b. cualquier que este hataud hallare pido que haya los diez marcos de oro (11YY)  
 c. y mando el hataud lanzar en la mar con gran lloro. (11YY)  
 d. E si otra cosa hiciere que el dolor demanda (11YY)  
 e. E tod aquel quj esta carta quebrantar, seia maldicto & descomungado (1223)  
 f. porque el nuestro linaje ganaron Montemolín e su término e lo dieron a la orden de cauallería de Sanctiago (1282)  
 g. et si esto non **pudiere iurar** (1242)  
 h. si corazon has. (12YY)  
 i. E renunçio la ley [...], e a todas las otras exçepciones que a mi podiesen aprovechar e a vos e a la priora e al convento sobredichos enpeçer. (1303)  
 j. E renunçio la ley [...], e a todas las otras exçepciones que [...] e a vos e a la priora e al convento sobredichos enpeçer. (1303)  
 k. si no que la carta del rey ponia por su demanda (1310)  
 l. et quien por fuerça la aiena casa quebrantare (1345)  
 m. el servicio, sacrificio, devoción y obras pías que, por este lugar alcanzar, yo tengo a Dios ofrecido (1499)  
 n. Y en verdad que ninguno he visto yo tan apasionado de letargía que tan olvidado esté de sí mesmo. (1500)
- Ordem O-V com retomada em orações matrizes
- (21) a. al de vil linaje no lo **debes menospreciar**. (11XX)  
 b. el buen hombre muerto enterraronlo en aquella (11XX)  
 c. El molino ganólo ell abade don Martino teniendo aquella casa (1229)  
 d. el suelo no l **vendió** que de Oña era. (1229)  
 e. todo lo demeto e lo **do** a uos (1299)  
 f. Y la vestidura tu me la **puedes dar**. (12YY)  
 g. este cuerpo nuestro la natura lo **compuso** por causa de mal al cual los deleites suyos flacos y poco duraderos son mezclados con grandes dolores (1450B)  
 h. e a todos los desbarato, que ninguno volvio a su tierra (1492)
- Ordem O-V com retomada em orações subordinadas
- (22) a. e lo que prometió vivo que amos los **Recebiera** aquel lugar así lo complio muerto (11XX)  
 b. Dicen que un monje estando pensando cual serie el gozo en el cielo. y como podría ser gozo sin enojo. **fuele** enviada una avezjlla del paribajo que cantaba muy dulce mente y fuese en pos de ella fuera del abadia.  
 c. por que este homenaje no lo **podieron hacer** con enemigo del rey (12XY)  
 d. de guisa quel morador le quede parte dela posada donde rrazonable mente pueda estar el e su companna, (1390B)

Os exemplos acima mostram que tanto os objetos diretos como os objetos indiretos podem ser fronteados tanto com retomada como sem retomada clítica. Os dados em (19b), (19e), (19m), (20i) e (20j) são interessantes porque mostram casos de complementos pronominais tônicos fronteados sem a retomada clítica, o que, em qualquer contexto (seja de *focalização*, *tematização*, pré-verbal ou pós-verbal) é impossível no espanhol atual.

Os dados em (20c), (20j) e (20m) mostram que também é possível o *fronteamento* de objetos em orações não-finitas. (20m) é claramente uma oração não-finita, subordinada pela preposição “para”. O dado em (20c) representa um complexo verbal que se conhece na literatura como verbos de marcação excepcional de Caso<sup>34</sup> e o complemento do verbo subordinado aparece entre os dois verbos. O exemplo em (20j) representa um dado de locução verbal (verbo modal “poder” + verbo lexical); como esta oração é uma oração coordenada (ver exemplo (20i)), e o verbo modal está elidido, não fica claro se o objeto foi deslocado para a antes do verbo lexical ou para antes do verbo modal<sup>35</sup>. Contudo, nas orações não-finitas, não encontrei casos de objetos fronteados com retomada clítica.

Nos casos de ordem O-V sem retomada clítica, o sujeito, quando realizado, sempre aparece em posição pós-verbal como ilustram (19b), (19c), (19g), (20a), (20f), (20n). Quando há retomada clítica, o sujeito pode aparecer entre o objeto e o verbo, como ilustram os exemplos (21f)<sup>36</sup> e (21g).

Para finalizar, os dados acima mostram que, no espanhol antigo, há possibilidade de *fronteamento* de objetos sem retomada clítica em contextos de *tematização* como fica evidenciado

---

<sup>34</sup> Verbos de Marcação Excepcional de Caso (do inglês *Exceptional Case Marking*) são aqueles verbos que conseguem atribuir um Caso diferente do nominativo para o argumento externo (sujeito) do verbo subordinado, como se pode ver em:

- (i) A Maria mandou o João comprar o pão.
- (ii) A Maria mandou-o comprar o pão.

Em (ii), o argumento externo do verbo subordinado “comprar” é realizado sob a forma de um pronome acusativo cliticizado ao verbo principal “mandar”. Para uma apresentação simplificada de Marcação Excepcional de Caso, ver Miotto, Figueiredo Silva e Lopes (2004).

<sup>35</sup> Os complexos verbais do espanhol antigo parecem se comportar um pouco diferente dos complexos verbais do espanhol atual, no sentido de que pode haver mais tipos de constituintes entre o verbo modal e o verbo lexical, como se observa em:

- (i) a. a quien son obligados que los no **debe** por si **tomar**. (1310)
- b. y por esto **puede** hombre **entender** que ellos tienen las otras gentes de gros entendimiento. (1307)
- c. sin el cual no se **puede** cosa alguna **comenzar ordenar** (1400)

<sup>36</sup> O exemplo (21f) ainda representa um caso de discurso direto.

através dos exemplos (19c), (19f) e (19n), que são fragmentos de documentos notariais referentes à doação e venda de bens. É evidente que o objeto fronteado nos referidos exemplos são o tópico da venda/doação, não podendo ter outra função informativa<sup>37</sup>.

### 2.4.3. A posição do sujeito

Nesta seção, observarei a disposição do sujeito com relação ao verbo. Primeiro, observarei os sujeitos pré-verbais; em seguida, os sujeitos pós-verbais; e, por fim, os sujeitos nulos.

#### 2.4.3.1. Os sujeitos pré-verbais

Os sujeitos podem aparecer antes do verbo tanto na ordem V2 como na ordem V>2. Os exemplos em (23) e (24) ilustram dados de sujeitos na ordem V2 em orações matrizes e orações subordinadas respectivamente:

- Sujeitos pré-verbais em orações matrizes V2
- (23) a. E ella **era** muy hermosa (11YY)  
 b. E cada uno **decie** ser erederio legitimo (11XX)  
 c. un alarabe **dijo** a su fijo (11XX)  
 d. Esta carta **fue feyta** el anno que Pero Domingo de Foga lobos (1225)  
 e. Los qui tovieron la casa después d'elle **tovieron** el molino por de la casa. (1229)  
 f. La ll terra **iaz** en termino de Er de Ualer (1256)  
 g. Iohan Matheos, camarero mayor, la **mando fasser**. (1288)  
 h. Este reino de tarsia debes oriente **comienza** en el reino de catay debes Occidente (1307)  
 i. Este **es** el libro de las declaraciones (1310)  
 j. E el Rey saliola a Resçebir con grand gente (1340B)  
 k. e él se **yrá** a vos a la Igleia (1411)  
 l. El que castamente aquesta traxiere, no **sera ferido** de rayo, ni la casa, ni la uilla, adonde aquesta piedra estouiere, ni por el toruellino peligroso. (1420)  
 m. e los mis pechos, adustos por el incluso fuego, **son quemados** quando alguno delante mí dize mal de Orestes. (1425)
- Sujeitos pré-verbais em orações subordinadas V2
- (24) a. si tu **entiendes** el hecho perescera el nombre de padre en mi. (11YY)  
 b. porque tu sepultura nos **Recebira** a amos (11XX)  
 c. y as' la revoco En que manera el rey mando poner editos que contenian que cualquier que quisiese casar con su fija **había de soltar** la question del rey propuesta (11YY)  
 d. en el qual [entramos] **confien** (1218)  
 e. si por aventura en esta villa ho la fuessa **es feyta**, passare richome

<sup>37</sup> No Capítulo 04, apresento fragmentos mais extensos que reforçam essa análise.

- f. el maestre don Pero Núñez, a qui [nos] **fiziemos** tantas merçedes e bienes que los no podríamos poner en carta, (1282)
- g. y cuando los Reyes o los senyores no **pueden trobar** con gran diligencia lo facen guardar (1307)
- h. E quando la rreyna supo de commo [...] (1340B)
- i. por mengua que los otros non vengán (1312A)
- j. de Castilla o de Leon o de todo mi señorío do esto acaesçiere (1339)
- k. por que las buenas gentes les **fagan** sus limosnas (1371)
- l. para nos delas fazer con consejo delos sobre dichos que nos ordenamos para este consejo (1385)
- m. mandamos que huesped que posare en la posada pueda poner en cada anno, en rreparar la posada en que posare o en obra de nueuo obra prouechosa enella (1390)
- n. Porque nos somos ynformados que [...] (1477)

Os dados em (23) e (24) acima mostram que vários tipos de sujeito podem ocupar a primeira posição nas orações V2: sujeitos nominais (23c), (23j), (24g); sujeitos pronominais (23a), (24a), (24f); sujeitos definidos (23j), (24k); sujeitos oracionais (23e), (23l); sujeitos longos (23m), (24c).

Por outro lado, os exemplos de (25) a (28) a seguir ilustram dados de sujeitos pré-verbais na ordem V>2. Os exemplos (25) e (26) ilustram dados da ordem XP-S-V em orações matrizes e em orações subordinadas respectivamente. Os exemplos em (27) e (28), por outro lado, ilustram dados da ordem S-XP-V em orações matrizes e subordinadas.

- Orações matrizes não V2 com ordem XP-S-V
- (25) a. pasado algun poco de tiempo. Um joven de tyro príncipe de su tierra muy rico que había nombre apolonio bien sabio en letras llego en antiochia por mar (11YY)
  - b. a la fin el fisico dijo que si no le cortaban el pie todo el cuerpo pereceria (11XX)
  - c. la razon yo la puedo haber por mi (12YY)
  - d. Mas uos compliendo las conuenientias deuant ditas, ningun abbat ni monge de Yrach non aya poder de toller uos las deuant ditas heredades, (1231)
  - e. y fasta que aya Respuesta desto yo non comere (1340B)
  - f. Et por esto, car puesto que la dicta garitas fues fecha en deffension et goarda de toda la uilla, aqueilla seria fecha enel muro que es en la casa (1381)
  - g. antes ella dio causa a la obra que tú feziste; (1425)
  - h. Por cierto, los gloriosos santos que se deleitan en la visión divina no gozan más que yo agora en el acatamiento tuyo. (1499)

- Orações subordinadas não V2 com ordem XP-S-V
- (26) a. por lo cual marabillado el mancebo palpa las venas y las narices (11YY)  
 b. la causa es porquanto ahora en esta cama dos nobles nombres han perescido. (11YY)  
 c. É porque siempre este nuestro donadio sea mas firme é mas estable para todos tiempos, fecimosvos esta carta de nuestro seello pendiente seellada. (1244)  
 d. por esto cual mujtas veces los mesquinos omnes pierden lur derecho por alargamiento de juicio. (12XY)  
 e. Otrossi nos pidieron que daqui adelante judio ninguno non aya offiçio en casa del Rey nin en la nuestra (1312B)  
 f. y dixo la enperatriz que nunca dios mandase que ella posase con ella ala mesa (1340B)  
 g. onde agora los muy buenos unquientos son dichos 'amaraçinos' (1450A)  
 h. y mandaron que daqui adelante nyngunos conçeijos ny otras personas singulares de los lugares o Juridizion desta çibdad non puedan hacer ny hagan los semejantes estatutos e hordenanças (1463)
- Orações matrizes não V2 com ordem S-XP-V
- (27) a. e el mezquino e cruel recibidos todos los tesoros desterrola en una isla donde con gran paciencia acabo su vida . (11XX)  
 b. yrenes sabia y fundada ya con fuerte paciencia no habiendo temor de cosa alguna le dijo (11XX)  
 c. Mas el como peruerso: y cruel defloro aquella: (11YY)  
 d. E yo la dicha Maria Dominguez estando presente, otorgo todo quanto sobre dicho es en esta carta. (1271)  
 e. y el entrando por la villa vio estar un hombre viejo en um poyo (12YY)  
 f. & el su spiritu quasi con adormecimiento rebatado oia la boz del angel (1350)  
 g. y el así lo hizo (1390B)  
 h. E la mi cara desordenada siempre se omedeçe de la durable fuente de las lágrimas de mis ojos. (1425)
- Orações subordinadas não V2 com ordem S-XP-V
- (28) a. dicen otrosi que un ortolano todo quanto había daba por dios en limosnas salvo lo que había menester para su mantenimiento (11XX)  
 b. porque esta doncella mucha pecunia traxo consigo. (11YY)  
 c. con todas las otras cosas con que yo estos castiellos éy (1244)  
 d. donde nos por quitar todos estos males que dicho hemos hicimos estas leyes (12XY)  
 e. Otrosi afirman los onbres & animales & brutos que un buey algunas vezes oviese con el **fablado** (1350)  
 f. & que el arbol de la figuera, al su llamamiento & mandamiento enclinada a tierra, a el homilmente allegase. (1350)  
 g. eneste ayuntamiento que nos agora fizimos en Toro (1369)  
 h. a lo cual todo el anima por todo el cuerpo difusa y derramada habiendo compasion desea su celestial morada (1450B)  
 i. y de las congoxas que tú con tus propias manos procuras de te cargar [...] (1500)

Os dados em (25) a (28) acima, tanto na ordem XP-S-V como na ordem S-XP-V, mostram que, assim como nas orações V2 em que o sujeito é o primeiro constituinte, vários tipos de sujeito podem ser realizados em posição pré-verbal. Também se observa que não há restrição com relação à ordem em que o sujeito aparece em posição pré-verbal na oração na ordem V>2:

- a) o sujeito tanto pode preceder, como ilustrado em (27g) e (27h), como pode seguir o advérbio, como ilustrado em (25g), (26c) e (26g), inclusive nos casos em que o advérbio é o mesmo, como em (26g) e (27h).
- b) o sujeito pré-verbal pode aparecer tanto na ordem O-S, como mostra (25c), como pode aparecer na ordem S-O, como mostra (28b).

Em síntese, o que se pode observar a partir dos exemplos ilustrados de (23) a (28) acima é que os mesmos fatos observados nas orações matrizes com relação aos sujeitos pré-verbais são também observados nas orações subordinadas. Os dados mostram que os sujeitos pré-verbais podem aparecer em várias posições na oração: a) na primeira posição da oração, imediatamente antes do verbo, sem nenhum outro constituinte que o preceda, seguindo um padrão V2; b) imediatamente antes do verbo, com um ou mais constituintes que o precedam, produzindo a ordem V>2; c) na primeira posição da oração sendo seguido por um ou mais constituintes que intervêm entre o sujeito e o verbo, numa ordem também V>2<sup>38</sup>.

#### 2.4.3.2. Os sujeitos pós-verbais

Os exemplos a seguir ilustram as possibilidades de sujeitos pós-verbais. Os exemplos em (29) e (30) ilustram casos em que o sujeito segue imediatamente o verbo em orações matrizes e orações subordinadas respectivamente.

---

<sup>38</sup> Este terceiro caso não pode ser confundido com aqueles casos em que há algum elemento entre o sujeito e o verbo que na verdade modifica o sujeito, ou seja, faz parte do sujeito, como:

(i) Este Rey, miraglosament pervenido en este siglo mortal, fue muy maravilloso hombre. (1454)

o sintagma que está entre vírgulas depois de “Este Rey” é uma oração adjetiva, modificada pelo advérbio “miraglosament”, cuja função é modificar o núcleo do sujeito.

- Ordem V-S(-XP) em orações matrizes
- (29) a. **Dice el apolonio.** (11YY)  
 b. aqui **comienza** la vida y historia del rey apolonio (11YY)  
 c. aqui **pidio** apolonio la fija del rey porque hab'a soltada la question. (11YY)  
 d. E esta carta **otorga** la abatissima Sancha Garciez, e la priora doña María Fortúnez e tod el convento. (1206)  
 e. **Juró don Maté** (1229)  
 f. De todo crebantamiento de casa **aya** el quereloso el tercio, et el Arçobispo las dos partes. (1242)  
 g. E esto **touo** el enperador & los otros por grant marauilla por quel leon non los comjo todos (1325)  
 h. & **pedía** el dicho Francisco Rodríguez (1329)  
 i. E denpués **viene** el confessor (1411)  
 j. **Sudo** la humanidad de nuestro señor gotas de sangre [...] (1450B)
- Ordem V-S(-XP) em orações subordinadas
- (30) a. e lo que prometióvivo que amos los **Recebiera** aquel lugar (11XX)  
 b. cOmo estas: y otras muchas fortunas **contase** apolonio (11YY)  
 c. assi como los **ey yo** (1244)  
 d. como agora **fezieron** el maestre don Pero Núñez, a qui nos fiziemos tantas merçedes e bienes que los no podríamos poner en carta, e los freyres desta orden que se acordaron con él alcándosenos con la nuestra tierra (1282)  
 e. y E por que **acaecieron** muchos hechos en los tiempos de los Reyes que fueron despues de aquel rey don Fernando (12XY)  
 f. que mandasse queles **ffuesse entregado** todo aquello queles tomaron e les fforçaron e les quemaron (1301)  
 g. Quando **vio** el brauo enperador que non poderia quitar los de su crençia. mandolos leuar a vna grant plaça que ha nonbre Reyna  
 h. la mesa para en que **comjese** ella y la enperatriz. (1340B)  
 i. si non **pagare yo, o mis herederos**, las dichas tres carga de pan (1467)  
 j. y ya que con mucho trabajo llegamos a lo alto de ella **acabo** su respuesta. (1488)

Os dados em (29) e (30) mostram que o sujeito pode aparecer imediatamente após o verbo em vários contextos e com vários tipos de verbo: a) ordem V1 (29a), (29e), (30j) e (30i); b) ordem V2 (29b), (29c), (29d), (30b); c) verbo inacusativos: (29b), (29i), (30e) e (30j); d) verbos transitivos (29d), (29g), (30c) e (30i). Exemplos como (29c), (29g), (30e) e (30i) mostram que o sujeito que segue o verbo não é necessariamente o último constituinte da oração.

A seguir, em (31) e (32), ilustro dados em que o sujeito pós-verbal aparece separado do verbo por algum constituinte.

- Ordem V-XP-(S) em orações matrizes
- (31) a. [...] subitamente **entro** a ella su ama (11YY)  
 b. y desde a poco **hubo** enfermedad el sacerdote de que murió (11XX)  
 c. **faga** la manquadra aquel que demanda (1218)  
 d. & **deuen yr** de cada casa sendos omes pora fer la fuessa. (1250)  
 e. y **hubo a pechar** los dineros gil buhon cuantos el Romero tomo sobre su viage. (1280)  
 f. y **dara** sentencia el alcalde. (1310)  
 g. & ally **fazian** sus batallas los Retados & los que sse aujan de combatir por alguna Razon vno por vno o dos por dos. (1325)  
 h. E complayniendo nos que en la grant mortaldat que postremerament fue, **morieron** aqui las dos partes o mas de los nuestros lauradores e coyllaços que nos auiamos en la dicha villa d'Areyllano (1356)  
 i. y **es** cosa justa el dicho Pedro Puerta cobre lo suyo (1489)
- Ordem V-XP-(S) em orações subordinadas
- (32) a. por que **fuesen** sabidas las cosas que acaecieron en el tiempo del Rey don alfonso (12XY)  
 b. y que **fuese** con el gonzalo Ruiz de atienza (12XY)  
 c. y despues contestacion y en otra manera que no **era** ualedero el pleito (1310)  
 d. E en este año que aquj dize **era** biuo sant luys (1340B)  
 e. E complayniendo nos que en la grant mortaldat que postremerament fue, **morieron** aqui las dos partes o mas de los nuestros lauradores e coyllaços que nos auiamos en la dicha villa d'Areyllano; (1356)  
 f. & **pague** en cada anno a nos el dicho abad & prior & conuento diez maravedís por la dicha fiesta de Santo Martino para el dicho enauersario. (1367)<sup>39</sup>  
 g. bajo cuyo amparo y protecyon **vive** oy la perfección uniuersal xristiana (1400)  
 h. Donde **esta** encorporado la dicha tutela e la abtoria e procuracion del dicho Ferrand Lopes e la liçencia del dicho sennor rey e la desystiencia e primeto de las acusaciones e pleitos movidos por parte de la dicha donna Costança, en nonbre de su fijo don Pero Beles. (1438)  
 i. que en la dicha çibdad **es** vso e costumbre que qualquier o qualesquier personas que ouieren de venir a ella por pescado que lo non puedan sacar sin que por cada carga de pescado que sacaren trayan e ayen de traer otra carga de trigo, o de çeuada (1477)

Os dados em (31) e (32) acima mostram que vários constituintes podem separar o sujeito do verbo finito, independentemente do tipo semântico deste verbo: a) separado por um advérbio, (31h), (32e) e (32g); b) separado pelo objeto direto, (31b) e (31c); c) pelo predicativo do sujeito e particípio da voz passiva, (31j), (32a) e (32d); d) por um elemento preposicionado, (31a), (31d), (32b) e (32f). O exemplo (32f) é interessante porque mostra que mais de um XP pode aparecer entre o verbo e o sujeito.

<sup>39</sup> Este é um dos casos de coordenação de orações subordinadas que evitei usar na apresentação dos dados. Contudo, este dado se difere dos demais porque há dois XPs entre o verbo e o sujeito.



Os dados de sujeitos pós-verbais em (29) a (32) acima mostram que, assim como no caso dos sujeitos pré-verbais, não há restrição com relação à ordem em que os diversos constituintes se organizam pós-verbalmente. Contudo, como mostrarei na discussão dos dados abaixo, quantitativamente, a ordem V-XP-S é bem menos produtiva que a ordem V-S(-XP), o que parece indicar que a posição preferida para os sujeitos pós-verbais é aquela imediatamente posterior ao verbo.

Por fim, Vance, Donaldson e Steiner (2009) estudam o papel do *fronteamento* de orações subordinadas na perda do efeito V2 na história do francês. Comentam que, no alemão, quando uma oração subordinada é fronteada, a ordem V-S é desencadeada. No caso do francês antigo, já se encontrava a ordem S-V quando se tinha uma oração subordinada fronteada. Os autores comentam que este fato não é uma evidência de que o francês antigo não era uma língua V2, como alguns autores têm defendido, mas sim que a restrição V2 estava se enfraquecendo, num processo de mudança lingüística. No caso do espanhol antigo, considerando dados de orações adverbiais fronteadas entre os Séculos XII-XIV, na maioria dos casos em que o sujeito está realizado há inversão V-S<sup>40</sup>:

- (33) a. mas como se quitaba el cuerpo sobreuino un discipulo del medico joven de edad: (11YY)
- b. Ofrescidos en el templo muchos preciosos dones: comienz. recontar apolonio como el angel le había reuelado. (11YY)
- c. si tu entiendes el hecho perescera el nombre de padre en mi. (11YY)
- d. E como la doncella stuuiese pensando que haría de si. subitamente **entro** a ella su ama. (11YY)
- e. y segun se sigue es este mismo volumen otro libro clamado actoridades de los doctores de la iglesia. (1307)
- f. Mas si no hiciere pedimiento ante que las razones sean encerradas no ualdra lo que paso en el pleito. ni la sentencia que dio el alcalde.(1310)
- g. Mas si presente fuere el principal deudor primero le debe demandar el su deudor la deuda que le debe en juycio (1310)

---

<sup>40</sup> Também encontro no Século XII um caso de *fronteamento* de oração condicional dentro de uma oração subordinada completiva sem inversão V-S:

- (i) a. a la fin el fisico dijo que si no le cortaban el pie todo el cuerpo pereceria. (11XX)
- b. & que sy eneste tienpo esta cibdat fuese poblada que escogiese dos omes delos mas onrrados que enella oujese (1344)

Chamam a atenção, contudo, os exemplos (33d) e (33g): nos dois exemplos, há um advérbio entre o verbo e a oração fronteada; no exemplo (33d), embora o sujeito esteja em posição pós-verbal, não segue o verbo imediatamente, conforme acontece nos demais exemplos.

#### 2.4.3.3. O sujeito nulo

A literatura lingüística tem diferenciado dois tipos de sujeitos nulos: sujeitos referenciais e sujeitos expletivos. Os sujeitos referenciais são aqueles que são selecionados semanticamente pelo verbo e completam sua grade temática; os sujeitos expletivos são aqueles sujeitos que não são selecionados pelo verbo e só aparecem na oração para satisfazer algum requerimento sintático, como no caso dos verbos meteorológicos e algumas orações impessoais. Em (34) e (35) ilustro o contraste entre os dois tipos de língua com dados do espanhol e do inglês respectivamente<sup>41</sup>:

- (34) a. Juan dijo que \_\_\_\_ compro el libro.  
 b. \_\_\_\_ Pienso que \_\_\_\_ está lloviendo mucho.  
 c. \_\_\_\_ Ha llegado un muchacho.
- (35) a. John said that he bought the book.  
 a'. \*John said that \_\_\_\_ bought the book  
 b. I think that it is raining a lot.  
 b'. \*\_\_\_\_ Think that \_\_\_\_ is raining a lot.  
 c. It arrived a boy.  
 c'. \_\_\_\_ Arrived a boy.

Adams (1987a; 1987b) mostrou que o francês antigo só possuía sujeitos nulos em orações matrizes V2<sup>42</sup>. Fontana (1993) e Ribeiro (1995) mostram, por outro lado, que o espanhol e o português antigos não apresentavam restrição com relação ao sujeito nulo, sendo possível tanto em orações matrizes e orações subordinadas, seja com ordem V2 ou não V2. Os dados a seguir ilustram essa propriedade do espanhol antigo.

<sup>41</sup> Há línguas, como algumas do grupo germânico, que são parcialmente *pro-drop* no sentido de que possuem sujeitos expletivos nulos, mas não possuem sujeitos referenciais nulos. Para o caso do PB, que também possui sujeitos expletivos nulos, mas apresenta mais problemas com relação aos sujeitos referenciais, ver Kato (2000).

<sup>42</sup> Hulk e Van Kemenade (1995) destacam que, nas orações subordinadas do francês antigo, o sujeito era obrigatório mesmo nos contextos em que era co-referente ao sujeito da oração matriz.

- Sujeito nulo referencial em orações matrizes V2
- (36) a. y con honesta compañia **entro** en el templo. (11YY)  
 b. E dijeron: en los fonsarios **mora** toda via. (12YY)<sup>43</sup>  
 c. et por crebantamiento de casa **peche**. ccc. soldos. (1242)  
 d. é con Juda lo traedor **sea condepnado** en lo fundo de los infiernos, (1244)  
 e. Otrossi **tengo** por bien de tomar conmigo doce homes bonos legos del mio sennorio por mios alcaldes (1312A)  
 f. E por esto **mandaron** e **touieron** por bien que [...] (1367)  
 g. y exo mismo **clamaban**. edad al tiempo por venir (1390B)  
 h. Aesto vos **rrespondo** que [...] (1436)  
 i. e asi **fue tomado** preso. (1492)

- Sujeito nulo referencial em orações matrizes não V2<sup>44</sup>
- (37) a. **busco** mi hermano (11YY)  
 b. E **llevaon** el su cuerpo a aquella sepultura (11XX)  
 c. E asignado el dia que le habihanhemos de cortar el pie la noche ante **comienzo a llorar** fuerte mente deciendo señor acuerdesete de las mis obras primeras (11XX)  
 d. e del molino de Ribielli el medio **diemos** al monasterio (1206)  
 e. y no **pecho** nada por ella. (1280)  
 f. y **moro** en esa tierra algunos dias (1340B)  
 g. Et desi, por razon que el Seynor Rey quiso fortificar enel dicto logar, **mando destruir** et **derocar** la dicta casa ala dicta confraria et confrades (1381)  
 h. e todos días por pecados nuestros **cresçen** (1450B)

- Sujeito nulo referencial em orações subordinadas V2
- (38) a. desterrola en una isla donde con gran paciencia **acabo** su vida . (11XX)<sup>45</sup>  
 b. place te que este cuerpo **lance** en la mar. (11YY)  
 c. et si esto non **pudiere iurar**: peche. c. et viij. maravedis. (1242)  
 d. y por que si alguna de estas se firmase **envío** sus cartas de poderes cumplidos al infante don Fernando (12XY)

<sup>43</sup> Orações de discurso direto foram computadas como orações matrizes.

<sup>44</sup> Lembrar que não incluí nos dados selecionados aquelas orações em que não havia outro constituinte além do verbo. Quer dizer: orações V1 com sujeito nulo do tipo “Neg-V”; “V-que”; “Neg-V-que”; “que-Neg-V”, “que-V”, por exemplo, não foram incluídas nos dados.

<sup>45</sup> Com relação às orações relativas, há uma diferença entre orações como a ilustrada em (37a) e a ilustrada em (i) a seguir:

- (i) E como la doncella stuuiese pensando que haría de si. subitamente entro a ella su ama. La cual viendo la con cara llorosa. **dice** le por que tu anima se aflige deja manera. (11YY)

Para casos semelhantes do português antigo, Ribeiro (1995) pontua que, em orações como (38a) há, de fato, um sujeito nulo já que o elemento relativizado é um constituinte adverbial; por outro lado, em orações como (i) não há, já que o sujeito é relativizado e há um elemento nulo do tipo *variável* como vestígio do movimento. Mesmo que se assuma que a oração subordinada era de sujeito nulo, quando se aplica a derivação para relativização, a posição de sujeito é ocupada por outro elemento, embora nulo. Ou seja, apesar de a posição do sujeito da oração relativa em (i) estar superficialmente vazia, o sujeito nulo desta posição é diferente do sujeito nulo de (38a), que se caracteriza realmente como *pro*.

- e. y de los mudamientos Guerras y sucesiones que entre ellos **son** esdeuenidas (1307)
  - f. & por tal arte que nunca enel mundo fue omen que uerdadera mente **supiese** **dezir** como era fecha (1344)
  - g. quantos esta carta **vieren** (1407)
  - h. qual quier que el domingo **tomare** en su casa (1459)
  - i. por quanto bien contados realmente e con efeto **pasaron** de vuestro poder al mío sin engaño alguno en faz del notario e testigos d'esta carta. (1462)
- Sujeito nulo referencial em orações subordinadas não V2
- (39) a. En cuanto **dijiste**. por la maldad soy traído. no has mentido: (11YY)
  - b. E Rogo aquel santo padre que le **diese** licencia que aparejase la sepultura (11XX)
  - c. El cual ese dia con los discipulos a la ribera **andaba** (11YY)
  - d. y el daño que sobre esto **hiciera** pechelo doblado. (1280)
  - e. como **diste** a tu anima lo que meresce de saber. (12YY)
  - f. & después de su muerte que las **dexe** al dicho monesterio de Santo Ysidro de León. (1329)
  - g. por que **Recebio** el buen espiritu. (1390B)
  - h. y si a la su santisima piedad placiente **fuere** (1400)
  - i. Socrates Como **partiese** de atenas y [...] Sallo una boz que dijo (1450B)

Os dados em (36) a (39) acima mostram que, diferentemente do francês antigo, o espanhol antigo não apresentava restrição com relação ao aparecimento do sujeito nulo referencial, que podia ocorrer tanto em orações matrizes e orações subordinadas, ambas com ordem V2 e ordem não V2.

Com relação ao sujeito expletivo, encontrei o seguinte exemplo:

- (40) Esto **es** por fuero que si algun hombre compra Ropa de yacer. o bestidos de vestir. o baso de plata. o otras tales cosas de mueble (1280)

Em (40), parece que “esto” está realizando a função de sujeito expletivo já que o sujeito é oracional e está em posição pós-verbal. A existência desse dado, embora único, traz a necessidade de análise de outros documentos em pesquisas futuras para que se descubra qual é o estatuto do sujeito expletivo no espanhol antigo.

Adams (1987a; 1987b) propôs que o lugar do sujeito nulo, no francês antigo era em posição pós-verbal devido à direcionalidade da regência, da direita para a esquerda, nessa língua já que o verbo estava localizado em C°. No caso do espanhol antigo, no Capítulo 03, argumentarei que *pro* ocupa invariavelmente a mesma posição estrutural na oração, que pode ser superficialmente pré-verbal ou pós-verbal a depender do movimento do verbo.

#### 2.4.3.4. Recapitulando

Os dados apresentados nesta seção sobre sujeito mostram que, no espanhol antigo, o sujeito parece não ter uma posição fixa na oração, aparecendo em posição pré-verbal ou pós-verbal, podendo ordenar-se de forma variada com outros constituintes. Com relação aos sujeitos pré-verbais, são encontradas tanto a ordem S-XP-V como a ordem XP-S-V; com respeito aos sujeitos pós-verbais, são registradas as ordens V-S(-XP) e V-XP-S, sendo que tanto pré-verbal como pós-verbalmente, pode haver mais de um XP entre o sujeito e o verbo. Contudo, como mostrarei na discussão dos dados abaixo, parece haver uma preferência por sujeitos pré-verbais e, no caso dos sujeitos pós-verbais, a ordem V-S(-XP) é mais produtiva que a ordem V-XP-S, o que pode ser uma evidencia favorável para a análise de que o espanhol antigo era uma língua V2.

#### 2.4.4. Os complexos verbais

Nesta seção, apresentarei casos de complexos verbais em que algum elemento intervém entre os dois verbos e quais elementos são esses. Analisarei casos de tempos compostos e locuções<sup>46</sup> com verbos modais e auxiliares em que só um dos verbos é lexical. Casos de verbos de controle<sup>47</sup> e verbos ECM não serão analisados porque, embora possam aparecer amalgamados, possuem suas relações temáticas e projeções próprias.

- (41) a. y así **comienzo** el espiritu por las medulas **descender** (11YY)  
 b. a probar y ver si la soltura de la question **podrian** por ciencia de letras **alcanzar** (11YY)  
 c. porque el cuerpo del santo padre abad que a **hab'hanhemos** alli **puesto** lo tenía ocupado (11XX)  
 d. E estuvo Alejandro un dia por librar los omnes como **solia** siempre **hacer** (12YY)  
 e. por que **podra** aína **trobar** lo que demandara. (12XY)  
 f. O rey bienaventurado **he** yo ahora una casa **de hacer** (12YY)  
 g. a dios **debe** hombre **adelantar** y **poner** primeramientre. en todos los buenos hechos que quisiere començar. (12XZ)  
 h. **pod'hanhemos** en cierto ni complidamientre **dar** los juicios. (12XZ)  
 i. y **fuese** luego el Romero **querrellar** al alcalle (1280)  
 j. a quien son obligados que los no **debe** por si **tomar**. (1310)

<sup>46</sup> Estou usando o termo “locução” de uma forma mais abrangente.

<sup>47</sup> Verbos de controle são aqueles verbos que o sujeito do verbo subordinado, apesar de estar nulo, é obrigatoriamente co-referente ao sujeito do verbo matriz como “Maria quer comer maçã”. O verbo principal tem seus argumentos próprios: “Maria”, que é a experienciadora, e “comer a maçã”, que é o objeto da vontade. E o verbo subordinado também tem seus argumentos próprios: o sujeito nulo, que é identificado como Maria, que é o agente da ação, e “a maçã”, que é o tema da ação. Para uma apresentação breve dos verbos de controle e quais são as causas de o sujeito do verbo subordinado estar sempre nulo, ver também Miotto, Figueiredo Silva e Lopes (2004).

- k. E **puede** si quisiere **negar** la deuda que dice que le debía al otro. (1310)
- l. pues entendedes que **puede** muy bien **guardar** su alma [...] (1327)
- m. que un buey algunas vezes **oviese** con el **fablado** (1350)
- n. que no **puede** mi paciencia **tolerar** que haya subido en corazón humano conmigo en el ilícito amor comunicar su deleite. (1499)

Os exemplos em (41) mostram que o verbo auxiliar ou modal pode aparecer separado do verbo lexical por um ou mais constituintes. Podem ser separados por: a) sujeito (41a), (41f), (41g); b) advérbio (41c), (41d); c) complementos preposicionados (41j), (41m); d) oração subordinada (41k). Os dados em (41a) e (41f) mostram que mais dois ou mais constituintes podem separar os dois verbos.

Além dos exemplos em (41), são bem interessantes os dados em (42), em que há uma inversão da ordem dos dois verbos, em que o verbo lexical não-finito precede o verbo modal finito:

- (42) a. et si **auer** no lo **pudieren**: uaya por traydor. et por enemigo: de sus parientes por siempre. (1242)<sup>48</sup>
- b. et peche. cc. et. xvj. morabetinos si **prouarl. pudiere**. (1242)

#### 2.4.5. A posição do clítico em relação ao verbo finito

Vários trabalhos diacrônicos do espanhol já mostraram que a colocação dos complementos pronominais átonos no espanhol antigo se dava de forma diferente da colocação pronominal do espanhol atual (cf. LAPESA, 1981). Considerando que tem sido proposto na teoria gerativa que a diferença entre próclise e ênclise pode ser derivada a partir de diferentes posicionamentos do verbo na estrutura da oração (cf. KAYNE, 1989; URIAGEREKA, 1995 entre outros), mostro a seguir, as possibilidades de cliticização no espanhol antigo<sup>49</sup>. Sabe-se que as línguas românicas antigas apresentam uma restrição fonológica com relação ao posicionamento dos clíticos, conhecida como Lei Tobler-Mussafia, que determina que pronomes átonos não podem estar na primeira posição absoluta da oração. Esta restrição faz a previsão de que, em orações matrizes V1, a ênclise é

<sup>48</sup> Esse tipo de *fronteamento* é discutido por Fontana (1993) e Mesching (2009). Também acontece com outros complexos verbais:

(i) y hacer a mí, inmérito, tanta merced que **verte alcanzase**, y en tan conveniente lugar, que mi secreto dolor manifestarte pudiese. (1499)

<sup>49</sup> Para discussões mais extensas da questão, ver Granberg (1988), Fontana (1993).

categorica<sup>50</sup>. Por outro lado, esta restrição não prevê nada com relação ao uso de ênclise em orações subordinadas, embora preveja que, nesses contextos, a próclise é licenciada<sup>51</sup>.

Os dados em (43) a seguir ilustram os casos de ênclise em orações matrizes V1.

- (43) a. y **fallose** fuera del monasterio. (11XX)  
 b. y **vestio** se de purpura (11YY)  
 c. E **dixole** Alejandro (12YY)  
 d. Et **recebimos** vos en guarda e en deffendimiento del apostol sant Pedro (1257)  
 e. y **querrellose** a los alcaldes. y a los jurados que la había forzado (1280)  
 f. **Tsnemoslo** por bien (1312B)  
 g. & **adorolos** (1325)  
 h. y **dixole** todo lo que dixera la enperatriz. (1340B)  
 i. **rompen** se las nuues (1420)  
 j. **llaman** me por nonbre deseo. (1498)

Também se encontram casos de próclise em orações matrizes V1:

- (44) a. E no le **quis. decir** cual era suyo (11XX)  
 b. y le **dio** muchos dones (11YY)  
 c. et se **acogieren** a su casa. (1242)  
 d. y lo **guarde** de mal (1340B)  
 e. e se **confesará**. (1463)  
 f. y me **ayudes** en tan gran cuidado. (1488)

Ao contrário das orações V1 com ênclise, que podem ser a primeira oração do período, as orações V1 com próclise são sempre a segunda (ou posterior) oração coordenada. Ribeiro (1995)

---

<sup>50</sup> Benincà (2006, p. 81, nota 17) diz:

*This specification is necessary, as some medieval Romance languages (Old Venetian, Old French, etc.) systematically show proclisis in initial position in yes-no questions. Moreover, some varieties treat differently the first position of coordinate sentences: Old Florentine, Old Venetian, and all the medieval varieties of southern Italy behave like Old Spanish and Old Portuguese and have obligatory enclisis if the verb appears immediately after a coordinating conjunction (irrespectively of the syntactic nature of the clause to which they are coordinated, whether a main or a dependent clause). Old French, Old Piedmontese, and Old Lombard do not have obligatory enclisis in this context.*

Os dados que mostrarei a seguir e os de Ribeiro (1995) sobre o português antigo mostram que há casos de próclise em orações coordenadas.

<sup>51</sup> Com efeito, Benincà (1995, p. 326) diz:

*he observed (Mussafia 1886) that enclisis was obligatory in sentence-initial position, but was apparently possible everywhere.*

procura explicar esse tipo de oração no português antigo com o argumento de que muitas conjunções coordenativas funcionavam no português antigo como advérbios. Acredito, por outro lado, que a explicação pode ser dada através da própria Lei Tobler-Mussafia: a restrição é que o clítico apareça em primeira posição absoluta. Como a primeira posição da segunda oração coordenada não é a primeira posição absoluta (há uma conjunção e outra oração que a precedem), a próclise pode ser licenciada nesses contextos de oração V1.

Nas orações matrizes não V1, o clítico pode estar tanto proclítico como enclítico como mostram os exemplos em (45) e (46):

- (45) a. y cuando torno no lo **querian recibir** porque no lo cognoscian. (11XX)  
 b. y ella lo **rogaba** con lágrimas que no se dejase tocar de alguno (11YY)  
 c. e esta dicha donacion vos **do** e vos **fago** (1271)  
 d. amigo si tu has sabor de saber las partidas del mundo o quien poblo aprimas. E las provincias o las cibdades que en ella son: yo te **contare** lo que ende aprendi. (12YY)  
 e. & la muger simplemente lo **creo** (1350)  
 f. y entonces se **partieron** por las tierras. (1390B)  
 g. e a todos los **desbarato**, que ninguno volvio a su tierra (1454)  
 h. la bondad nos **obliga**. (1488)
- (46) a. e los monjes **abrieronla** (11XX)  
 b. entonces **sanole** el pie (11XX)  
 c. E el abad con el convento **dioles** carrera por Val de Viado [...] (1208)  
 d. aquel fiel **demuestreles** el plazo al qual apareçcan. (1218)  
 e. El molino **ganólo** ell abade don Martino teniendo aquella casa (1229)  
 f. e el señor del peño, sy non sacare el su peño fasta tres selmanas, **pierdalo** (1345)  
 g. E ellos **dizenle** (1411)  
 h. y despues que leriano de la verdad se informo **enbiole** al rey suplicandole que saluase a laureola de culpa (1488)

Com relação às orações subordinadas, são registrados tanto casos de próclise como casos de ênclise (embora a ênclise em orações subordinadas seja muito pouco produtiva) como mostram (47) e (48) respectivamente a seguir<sup>52</sup>:

<sup>52</sup> Benincà (2006, p. 77) estabelece a seguinte generalização:

*Generalization on Enclisis (Part 4):  
 Enclisis is never found in dependent clauses with overt complementizers.*

Os dados em (48) mostram a possibilidade de ênclise em orações subordinadas precedidas por complementizador. Ribeiro (2010) mostra os mesmos fatos para o português antigo.



- (47) a. comienzo recontar apolonio como el angel le **había reuelado**. (11YY)  
 b. se que dios me **ensalgo** de nada (11XX)  
 c. decir que se lo **emendaria** en esto y en todas las otras cosas que le pidieron (12XY)  
 d. con aquellas libertades e franqueças que auien a Bustiello de Llana quando la **dieron** a don Iohan Fferandes. (1288)  
 e. El enperador mando que le **troxiesen** vn leon (1325)  
 f. y como el Rey de Herminia se **torno**. (1390A)  
 g. que hubo .j. fijo que le **puso** nombre ysach (1390B)  
 h. dueleste por que te **corromperas** (1450B)
- (48) a. Dicen que un monje estando pensando qual serie el gozo en el cielo. y como podría ser gozo sin enojo. **fuele** enviada una avezjlla del par'abajo que cantaba muy dulce mente y fuese en pos de ella fuera del abadia. (11XX)  
 b. El qual oyendo lo que no queria oyr. mirando al mancebo **dijo** le. (11YY)

Como já comentei acima, embora a Lei Tobler-Mussafia não diga nada sobre o uso de ênclise em orações subordinadas, parece haver um claro contraste entre orações matrizes e subordinadas com relação ao uso da ênclise, sendo bastante produtiva em orações matrizes, especialmente nas orações V1, e muito pouco produtivas em orações subordinadas.

Também se registram, nos textos do espanhol antigo, casos de interpolação, em que o clítico não aparece adjacente ao verbo, mas, por outro lado, entre o clítico e o verbo intervém algum constituinte como se vê em (49) a seguir:

- (49) a. E se veniese, otorgo que me non **vala** en iuysio nin fuera del. (1271)  
 b. a qui nos fiziemos tantas merçedes e bienes que los no **podríemos poner** en carta, (1282)  
 c. contra esta merçet que les yo **fago**. (1288)  
 d. assi commo gelo yo **promety** por mi priuillegio (1301)  
 e. y enbiaronle dezjr que se non **podian ver** con el (1340B)  
 f. Espera, que yo te faré que te non **confieses**. (1411)  
 g. segund que lo yo **he e erede** (1413)  
 h. nuestra determinada voluntad es que se así **faga e cunpla** (1477)

A interpolação acontece exclusivamente em orações subordinadas. Os dados em (49) mostram que tanto o sujeito como a negação ou um advérbio podem interpolar com o clítico em posição pré-verbal. O exemplo em (49f) mostra também que a próclise sem interpolação e a interpolação co-existem na gramática do mesmo autor sem valor estilístico diferenciado.

Com relação à mesóclise, embora Fontana (1993) diga que existia no espanhol antigo, como ilustrado na introdução do capítulo em (4c), não encontrei no *corpus* que analisei nenhum caso de mesóclise no espanhol antigo.

Para concluir, o que me interessa discutir com relação à colocação dos clíticos é a sua relação com o efeito V2. Fontana (1993) e Halpern e Fontana (1994) propõem que os clíticos do espanhol antigo eram XP enquanto os clíticos do espanhol atual são X<sup>o</sup><sup>53</sup>. Desta forma, é importante averiguar como esses clíticos XP se relacionam com o efeito V2. Com base na exposição que foi feita até aqui, um fato é evidente: embora os clíticos sejam XP no espanhol antigo, esses elementos não contam como constituinte pré-verbal na satisfação da restrição V2 tendo em vista que a ordem XP-cl-V é gramatical e a ordem cl-V, em orações matrizes não coordenadas, não é registrada. No Capítulo 03 voltarei a esta questão.

#### 2.4.6. A clivagem

Estudando a histórica da clivagem no português, Kato e Ribeiro (2006, 2009)<sup>54</sup> propõem que há uma relação entre clivagem e efeito V2 no sentido de que as línguas V2 não possuem as construções de clivagem cuja cópula aparece em primeira posição:

- (50) a. SER X QUE...           \* em línguas V2.  
b. X SER QUE...           ok em línguas V2

Desta forma, interessa averiguar como funcionavam as construções de clivagem no espanhol antigo. No *corpus* que analisei, contudo, só encontrei apenas um exemplo de clivagem no espanhol antigo, que ilustro a seguir:

- (51) et commo quier que yo quitara la mi justia, que **ffuesse** la mi merced **que** mandasse entregar acada vno todo aquellos tomaron oles rrobaron oles quemaron, de aquellos quello ffezieron (1367)

<sup>53</sup> Halpern e Fontana (1994) mostram que a principal diferença entre clíticos XP e clíticos X<sup>o</sup> é que os clíticos XP não estão necessariamente adjacentes ao verbo.

<sup>54</sup> Longhin (1999) faz um estudo diacrônico das construções de clivagem no português com base em um *corpus* do Século XIII ao XX dentro do modelo funcionalista.

O tipo da clivagem em (51) é uma *clivada básica*, na qual a cópula aparece na primeira posição da oração subordinada. Fazendo buscas alternativas a textos fora dos que inclui no *corpus*, encontrei no banco de dados do CORDE algumas construções de clivagem cuja cópula não aparecia em primeira posição<sup>55</sup>.

De todas as maneiras, se o espanhol antigo era bastante produtivo em ordem V1, a restrição V2 não deveria bloquear as construções de clivagem em que a cópula aparece em primeira posição (essa restrição deve ser operante em línguas V2 rígidas). Parece que a restrição à clivagem do tipo de (50a) no espanhol antigo está relacionada com a restrição da cópula em primeira posição em construções copulativas em que há um constituinte oracional. Vejam-se os exemplos em (52):

- (52)
- a. Conocida cosa **sea** a los que son e a los que serán que [...] (1208)
  - b. Conoçuda cosa **sea** a todos los omnes que son e que seran, que [...] (1231)
  - c. Conocida cosa **sea** á todos quantos esta carta vieren como [...] (1244)
  - d. Ca çertera cosa **es** quele deujso en españa todas estas Cosas & otras muchas que dexjmos (1344)
  - e. Conoçida cossa **sea** a quantos esta carta vieren commo [...] (1379)
  - f. que en la dicha çibdad **es** vso e costumbre que qualquier o qualesquier personas que ouieren de venir a ella por pescado que lo non puedan sacar sin que por cada carga de pescado que sacaren trayan e ayán de traer otra carga de trigo, o de çeuada (1477)
  - g. nuestra determinada voluntad **es** que se así faga e cunpla sin que en ello les sea puesto embargo ni ynpedimiento ni obstáculo alguno. (1477)
  - h. verdad **es** que con diuersos fines (1492)

Só no final do Século XV é que aparece um exemplo com a cópula em primeira posição:

- (53) y **es** cosa justa el dicho Pedro Puerta cobre lo suyo (1489)

Esses dados são meramente especulativos, mas apontam para o fato de que há alguma relação entre a restrição da cópula em primeira posição quando há um constituinte oracional com a inexistência de construções de clivagem do tipo “SER X QUE”, já que o argumento de que o efeito

---

<sup>55</sup>

- (i) a. asi **es que** quando la luna esta departida a del sol mucho aluene (1218)
- b. et d'esto **es que** se dize (1250)

V2 é o que bane estas construções não se aplica no espanhol antigo (nem no português antigo) já que as construções V1 são bastante produtivas<sup>56</sup>.

#### 2.4.7. A relação de contigüidade entre verbo e objeto

Um dos testes utilizado por Pollock (1989) para mostrar que o verbo finito se posiciona em lugares diferentes no inglês e no francês foi a relação de contigüidade entre o verbo e o objeto. No inglês, nenhum constituinte pode intervir entre verbo e objeto; no francês, advérbios, por exemplo, podem se localizar entre o verbo e o objeto. Este contraste mostra que o verbo se move para uma posição mais alta no francês, mas não no inglês, onde há máxima adjacência entre os dois elementos.

Como já mostrei nas seções anteriores, o objeto direto, no espanhol antigo, pode aparecer separado do verbo por outros constituintes. Os exemplos em (54) a seguir ilustram esse fato.

- (54)
- a. E que **amilloredes** bien la uinea (1231)
  - b. e **retenemos** para nos el cellero e los [al]gorios e el peredo (1231)
  - c. De todo crebantamiento de casa **aya** el quereloso el tercio, et el Arçobispo las dos partes. (1242)
  - d. salva la renda del Rey de Aragon, que **ha aver** (pos de los mios dias) la quarta parte de los exidos (1244)
  - e. Si alguno furtare en las oueyllas el carnero que **traye** al pescuesço campaneta (1250)
  - f. e de todas las otras cosas que el sobredicho do Yuanes auía en Uilla Nueva del Carnero de que **lexó** a nos el husofrucho. (1279)
  - g. yo, Sancho Sanchiz de Guevara, cargo e vengo de connesçudo que **vendo** a vos [...], la mi casa de las ruedas [...] (1303)
  - h. Et si per auentura yo **diese** sin uuestra voluntad la dicha encomienda a otro alguno (1320)
  - i. et **guardara** a Dios el amor et el temor quel deue aver et las obras quel deue fazer. (1327)
  - j. E el Rey **dixo** a la rreyna el pleito que le cometiera el Rey de francia de casamiento de su hermana (1340A)
  - k. & que por esto **partiera** el las vistas (1340A)
  - l. Otrosi **afirman** los onbres & animales & brutos que un buey algunas vezes oviese con el fablado (1350)
  - m. que **faga** cada vno su majada a media legua (1367)

<sup>56</sup> Ribeiro (1995) mostra que mais de 50% do seu *corpus* do português antigo é formado por construções V1, o que implica que a restrição às construções de clivagem no português também não se deve à restrição V2.

- n. & **pague** en cada anno a nos el dicho abad & prior & conuento diez maravedís por la dicha fiesta de Santo Martino para el dicho enauersario. (1396)
- o. çiento e veynte maravedis desta moneda vsual que **fazen** dos blancas el maravedi (1413)
- p. e **rrevierte** en crimen lo que es loor a ty. (1425)
- q. e a mí, commo a otros, plega buscar e saber las tales cosas, **fago** deste trabajo reposito de los otros. (1444)
- r. si non **pagare** yo, o mis herederos, las dichas tres carga de pan (1467)

Os exemplos em (54) mostram que vários tipos de constituintes podem intervir entre o verbo e o objeto: a) um advérbio, como em (54a); b) o sujeito como em (54c), (54k), (54l) e (54m); c) o objeto indireto como em (54g) e (54j); d) um adjunto adverbial, como em (54d), (54e) e (54h); e) aqueles casos como (54p) e (54q), que indicam processo de transformação feito pelo sujeito, nos quais um elemento preposicionado intervém entre o verbo e o objeto; f) no exemplo (54n), o objeto é separado do verbo por três constituintes: um adjunto adverbial “en cada anno”, um objeto indireto “a nos” e o sujeito “el dicho abad & prior & conuento”.

Um segundo ponto relevante na caracterização do espanhol antigo como língua V2 é a existência de construções de *object shift* (ver a seção 1.6.3 do Capítulo 01 para uma exposição breve). Martins (2003) mostra dados em que o objeto aparece à esquerda do verbo, na ordem S-O-V, em configuração de *object shift*. Uma dificuldade, porém, para identificar esse tipo de construção no espanhol antigo é que, diferentemente as línguas germânicas atuais, o espanhol antigo possuía sujeito nulo, o que impossibilita de saber se o objeto na ordem O-V foi movido para uma posição medial, caracterizando o *object shift*, ou se foi movido para a posição inicial, caracterizando uma *topicalização*<sup>57</sup>. Os dados em (55) abaixo mostram que, no *corpus* analisado, também encontro casos de *object shift*:

- (55) a. porque esta doncella mucha pecunia **traxo** consigo. (11YY)
- b. dicen otrosi que un ortolano todo quanto había **daba** por dios en limosnas salvo lo que había menester para su mantenimiento (11XX)
- c. porque este cuerpo muchas lágrimas **ha dejado** a sus parientes: y amargos dolores. (11YY)
- d. con todas las otras cosas con que yo estos castiellos éy (1244)
- e. si el deudor otros bienes **tuviese** (1310)

<sup>57</sup> No final do Capítulo 03, no entanto, proponho uma análise em que, em ambos os casos, seja de ordem S-O-V ou de ordem O-V o objeto se move para a mesma posição.

Um fato interessante é que, tanto em Martins (2003) como nos dados que apresentei em (55) acima, as construções de *object shift* no espanhol antigo só acontecem em orações subordinadas.

#### 2.4.8. A posição do advérbio com relação ao verbo

Considerando ainda o trabalho de Pollock (1989), outro teste usado para identificar a posição do verbo no inglês e no francês é a relação do verbo com os advérbios que o modificam (ver exemplo (1) do Capítulo 01). Com base na ordem relativa ao verbo e o advérbio, interessa averiguar a disposição de advérbios modificadores da ação verbal com relação ao verbo que é modificado por esses advérbios. Pollock (1989) também compara a relação entre o verbo e a negação, que se comporta de maneira similar ao advérbio nessas línguas. Contudo, como a negação, em todas as fases do espanhol, é sempre pré-verbal, acredito que não ofereça nenhum diagnóstico claro das diferenças da posição do verbo<sup>58</sup>. Os exemplos em (56) e (57) ilustram exemplos do posicionamento do advérbio em relação ao verbo. Os exemplos em (56) ilustram casos de ordem Adv-V e os exemplos em (57) ilustram casos de ordem V-Adv. O verbo está destacado em negrito e o advérbio modificador sublinhado.

- (56) a. É porque siempre este nuestro donadio **sea** mas firme é mas estable para todos tiempos, fecímosvos esta carta de nuestro seello pendiente seellada. (1224)
- b. e los otros que después **tovieron** la casa tovieron el molino. (1229)
- c. é solamente lo **temptare** (1256)
- d. como agora **fezieron** el maestre don Pero Núñez, a qui nos fiziemos tantas merçedes e bienes que los no podríamos poner en carta, e los freyres desta orden que se acordaron con él alcándosenos con la nuestra tierra (1282)
- e. que bien **entendedes** vos que qual quier bien que omne faze por Dios, que lo deue fazer en cosa que tome omne algun trabajo por ello. (1327)
- f. & tanto **andouo** por españa faziendo estas cosas & otras muchas que nos aquj non dezjmos. (1344)
- g. & la muger simpemente lo **cre**. (1350)
- h. antes **son rrompidas** las mis entrañas (1425)
- i. E la mi cara desordenada siempre se **omedede** de la durable fuente de las lágrimas de mis ojos. (1425)
- j. Porque ya yo **daría** todo lo que tengo por conoscella. (1500)

<sup>58</sup> A única diferença notável entre a negação nas duas fases do espanhol com relação ao que está sendo abordado neste trabalho é a possibilidade de interpolação com clíticos na fase antiga. Na análise de Ribeiro (1995) para o português antigo, a negação possui dois estatutos diferentes: na ordem Neg-cl-V, a negação é analisada como um advérbio qualquer; e na ordem cl-Neg-V, a negação é analisada como clítico.

- (57) a. Et quyen esto quisiese quebrantar, **aja** la yra de Djos plenera myent (1225)  
 b. E que **amilloredes bien** la uinea (1231)  
 c. Elas quales casas e bodega **son assí determinadas** (1279)  
 d. E **renunçio expresament** a la exçeption de non contados e de non regibidos dineros (1303)  
 e. & que el non **podia sostener** la presençia angelica corporalmente (1350)  
 f. **morieron aqui** las dos partes o mas de los nuestros lauradores e coyllaços que nos auiamos en la dicha villa d'Areyllano (1356)  
 g. **Dormid agora** e folgad (1411)  
 h. ca quatro días **ha ya** que non dormistes (1411)  
 i. e **pasaron** del vuestro poder al mio buenament e paçificament (1427)

Os dados acima mostram que os advérbios, ao contrário da negação, não apresentam um comportamento uniforme, mesmo aqueles advérbios do mesmo tipo (por exemplo, advérbios de tempo), inclusive os mesmos advérbios.

Além disso, é interessante notar que tanto em posição pré como pós-verbal, os advérbios não se situam no mesmo lugar na oração. Com relação às posições pré-verbais, os advérbios podem se situar: a) antes do sujeito, como em (56a) e (56j); b) entre o sujeito e o verbo, como em (56g) e (56i). Sobre os advérbios em posição pós-verbal, são encontradas as seguintes possibilidades: a) depois do sujeito (XP-V-S-Adv), como em (57a); b) entre o verbo e o sujeito como em (57f); c) entre o verbo e o objeto, como em (57b); d) entre o verbo flexionado e o particípio na voz passiva, como em (57c).

#### 2.4.9. Sintetizando as propriedades do espanhol antigo

Hernanz e Brucart (1987), ao discutirem a ordem de palavras no espanhol atual, comentam que há dois tipos de línguas: línguas com ordem livre de palavras e línguas com ordem livre de constituintes. As línguas do primeiro tipo possuem orações em que partes de um mesmo constituinte podem aparecer de forma descontínua na oração. Já nas línguas do segundo tipo, somente constituintes inteiros podem ser deslocados na oração. O espanhol antigo pode ser classificado como uma língua de ordem livre de constituintes (embora se registrem alguns casos em que constituintes coordenados apareçam em posições diferentes assim como um complemento nominal aparece separado do nome a que completa, conforme mostram os exemplos em (6)).

Nesta seção, apresentei algumas propriedades do espanhol antigo que estão relacionadas com a questão principal desta Tese, que é a caracterização desta fase como uma língua V2.

Com relação à posição do verbo, mostrei que são possíveis tanto a ordem V2 como a ordem não V2 (V1 e V>2) e que não há restrição com relação ao tipo semântico do verbo nas construções V1 e V2. Nas construções V2, qualquer constituinte pode ocupar a primeira posição. Nas construções V>2, não há restrição com relação à ordem em que os constituintes pré-verbais aparecem na oração, podendo alternar entre si.

Mostrei que o espanhol antigo possuía bastante ordem O-V sem retomada clítica em contextos de *tematização* (ver o Capítulo 04 para dados que reforçam a análise).

Os sujeitos podem ocupar tanto as posições pré-verbais como as posições pós-verbais.

Os pronomes complementos átonos (clíticos) podiam se posicionar de forma proclítica ou enclítica. Nas orações matrizes V1, a ênclise é categórica, obedecendo a Lei Tobler-Mussafia. Nas orações matrizes V1 coordenadas e nas orações não V1, a próclise é licenciada. As orações subordinadas tendem a ser proclíticas, mas também exibem ênclise. E a interpolação é um fenômeno de oração subordinada.

A restrição da clivagem do tipo “SER X QUE” parece não estar relacionada com a propriedade V2 já que o espanhol antigo licenciava construções V1.

Os objetos do verbo não estão obrigatoriamente adjacentes ao verbo e há ocorrências de construções de *object shift*.

Por fim, os advérbios não se localizam na mesma posição na oração. O mesmo advérbio pode se posicionar em diferentes lugares.

Esses dados trazem a impressão de que o espanhol antigo não tinha uma ordem básica. Contudo, na discussão dos dados, no item 2.6. mostrarei que há padrões preferidos na fase antiga e que outras formas são ocorrências bem residuais.

## **2.5. A ordem de constituintes no espanhol europeu atual**

Antes de entrar na apresentação dos dados do espanhol atual, uma observação é importante. Sabe-se que o espanhol é falado em muitas partes do mundo, principalmente na América, perfazendo, segundo Moreno Fernández (2000), mais de 350 milhões de falantes nativos, sendo que, evidentemente, a maioria dos quais está fora do território espanhol.



Vários trabalhos têm apontado para o fato de que há várias políticas lingüísticas no sentido de apagar a variação do espanhol como ferramenta de manutenção de um colonialismo/imperialismo perdido há pouco mais de um século (cf. VAZQUEZ VILLANUEVA, 2008). Embora o tema desta Tese não esteja relacionado com questões de análise do discurso nem de política lingüística, é necessário deixar claro que, ao falar de *espanhol atual* e de *espanhol europeu atual*, estou consciente da complexidade que os termos carregam. Entendo que o espanhol europeu atual não é um uma língua homogênea; que, tampouco, pode ser oposto em bloco ao espanhol americano, como sinalizou Fontanella de Weinberg (1993); e que o espanhol europeu não pode ser posto numa hierarquia superior às variedades do espanhol americano, como também já sinalizava Alonso (1942). Estendendo a definição de espanhol americano que propõe Fontanella de Weinberg (1993, p. 15)<sup>59</sup> para um contexto mais amplo, da língua espanhola como um todo, entendo, assim, o espanhol atual como o conjunto de variedades da língua espanhola, faladas tanto na Espanha como nos países americanos, constituídas historicamente, através de vários processos sociolingüísticos e sócio-históricos.

Para evitar prolixidade no texto, utilizarei a etiqueta *espanhol atual* para me referir aos dados do espanhol europeu a partir do Século XIX, que são os dados analisados nesta Tese. O leitor deve estar atento e ter sempre em mente que os fatos do espanhol europeu podem ser diferentes dos fatos do espanhol de outras regiões e que, até mesmo dentro da própria Espanha, pode haver variação com relação aos dados apresentados<sup>60</sup>.

---

<sup>59</sup> *Lo que acabamos de considerar nos lleva a plantearnos a qué llamamos español americano, si — tal como hemos visto — no podemos hablar legítimamente de que se trate de una entidad dialectal que se oponga en bloque al español europeo. La conclusión es que entendemos por español americano una entidad que se puede definir geográfica e históricamente. Es decir, es el conjunto de variedades dialectales del español habladas en América, que comparten una historia común por tratarse de una lengua trasplantada a partir del proceso de conquista y colonización del territorio americano. Esto no implica desconocer el carácter complejo y variado de este proceso y sus repercusiones lingüísticas, dado que debemos diferenciar las regiones de poblamiento temprano (las Antillas, Panamá y México, por ejemplo) de otras de poblamiento más tardío (Río de la Plata en general y Uruguay en particular); las regiones de poblamiento directo a partir de España, de las de expansión americana; los distintos tipos de relación con la metrópoli, etc.*

<sup>60</sup> Só para citar uns poucos exemplos: Toribio (2000) mostra que o espanhol caribenho, em especial o da República Dominicana, se comporta bastante diferente com relação ao licenciamento do sujeito nulo e traços verbais. Ordóñez (2010) mostra uma grande variação na manifestação do leísmo, tanto na Espanha como na América. Fernández-Ordóñez (2008) mostra que o licenciamento de objetos nulos no espanhol do País Basco é diferente de outras partes da Espanha. Company-Company (1997) mostra que a perda de “vosotros” causou grandes mudanças no sistema pronominal do espanhol mexicano, provocando uma gramaticalização dos clíticos.

### 2.5.1. A posição superficial do verbo

Nesta seção apresentarei os dados considerando os elementos pré-verbais tendo em vista a proposta de Zubizarreta (1998) de que o espanhol atual ainda seria uma língua V2 como era o espanhol antigo. Vale destacar que o fato de o verbo aparecer na segunda posição linear nas ordens S-V-O ou Top-V etc. não caracteriza uma língua como V2. Outros fatores podem estar fazendo o verbo aparecer na segunda posição linear, tais como possibilidade de sujeito nulo, inversão estilística, movimento prosódico etc. que são diferentes dos fatores que levam o verbo para a segunda posição nas línguas V2.

#### 2.5.1.1. As orações matrizes

Os dados em (58) a seguir ilustram casos de orações matrizes V2:

- (58)
- a. Todos los hombres célebres **tienen** sus parciales y paniaguados (1811)
  - b. Atrasadas **estaban**, sin duda, las universidades de España (1813)
  - c. mi humor **es** el mismo de siempre (1819B)
  - d. Aquí **hay** un hombre, tío Cabesal (1839)
  - e. Voto va Deu -**gritó** a esta sazón el teniente- que la moza es guapa (1834)
  - f. Acabado el sacrificio **siguió** Telémaco a Mentor por las sendas sombrías de un pequeño bosque (1843)
  - g. Hondísima mella **produjo** en su corazón esta desgracia (1879)
  - h. Al acreedor y deudor **podrá acompañar**, en calidad de hombre bueno, una persona por cada parte que exponga su derecho. (1890)
  - i. Al andar, **movíanse** sus faldas rígidos con desmayada soltura, como si dentro de ellas sólo existiese aire (1905)
  - j. Ya **verá** usted. (1920)
  - k. En el aire **ondeaba** una luz indecisa (1966)
  - l. En la puerta de entrada al beaterio **está** Pedrosa. (1980)
  - m. - ¿Y cómo quieres que lea? Si no puedo dormirme -**contestó** la otra. (1989)
  - n. Por su mente **debía de estar pasando** lo mismo que por la mía (2000)

Os dados em (58) mostram que vários tipos de constituintes também podem ocupar a primeira posição na ordem V2 no espanhol atual: o sujeito (58a), (58c); um advérbio (58d), (58j); um elemento preposicionado (58k), (58l); uma oração adverbial (58f), (58i); o objeto direto (58e), (58g); o objeto indireto (58h); o predicativo do sujeito (58b).

Os dados em (59) a seguir mostram casos de orações matrizes V1. Como no espanhol antigo, não há restrição com relação ao tipo semântico do verbo que aparece em primeira posição:

- (59) a. y **dio** con él a sus pies. (1834)  
 b. **gritó** el concurso alborozado (1839)  
 c. y **observa** alteradas repentinamente las facciones de su amigo; (1843)  
 d. **Está** la noche muy buena (1862)  
 e. **Hay**, por último, un fragmento de un poema épico sobre la Cava [...] (1878)  
 f. Se **harán constar** en el expediente referido los motivos de la deuda expuestos por el acreedor, bien sea por escrito ó por declaración á virtud de comparecencia, uniéndose á los autos los documentos justificativos. (1890)  
 g. Se **lavaba** poco la cara, como todas las mujeres de la isla; (1902)  
 h. Y se **marchó** el rey (1920)  
 i. **Aprenda** usted que las mujeres más fáciles son las casadas. (1931)  
 j. **Enseña** el libro. (1961)  
 l. Lo **siento** en el alma. Y todo por mi culpa. (1989)

Por fim, os dados em (60) ilustram casos de orações matrizes com ordem V>2:

- (60) a. Yo por mi parte no **he querido** por esa consideración retraerme de dar a V. esta demostración pública de aprecio, de agradecimiento y de cariño. (1829)  
 b. Hasta entonces Usdróbal **había sufrido** la mofa que le había hecho sin decir palabra, y había reprimido el deseo de despertarle de su embriaguez. (1834)  
 c. [A veces] en la amarga espina **está** la salud, y en la rosa el veneno de la víbora. (1862)  
 d. antes bien, colchón de guijarros **hace** buenos madrugadores. (1874)  
 e. Dueño de ellas, al cabo, por muerte de su padre, el ya hecho y derecho mozo Román **acabó de aficionarse** a la vida de labrador (1879)  
 f. y él en vez de oírle, **tomó** escalera arriba como un frenético, (1881)  
 g. Las mujeres aún **ofrecían** un aspecto más doloroso. (1905)  
 h. Por eso la hija de su profesor, la dulce enfermita, le **atraía** con la triste ternura que el débil inspira al ser fuerte y generoso. (1928A)  
 i. y, tímidamente, el agua **comenzó a teñirse** de rosa. (1966)  
 j. Coloreado por la sangre de los pescados el sol **brillaba** en el mar rotundo como un platillo de cobre. (1966).  
 k. Cuando eso ocurrió, Pan Ku se **subió** a una estrella (1981)

Os exemplos em (60) mostram que vários constituintes podem aparecer em posição pré-verbal na ordem V>2 e que tampouco há restrição com relação à ordem dos constituintes

### 3.5.1.2. As orações subordinadas<sup>61</sup>

Os exemplos em (61), (62) e (63) ilustram dados de orações subordinadas V2.

<sup>61</sup> No espanhol atual não encontro orações com “duplo que”.

## Orações completivas

- (61) a. que haga que zu tío ponga por hipoteca la parte trazera der macho (1839)  
 b. dijo el bizco, que a duras penas había acertado con la cueva (1834)  
 c. que Artegui estaba en París (1881)  
 d. así es que, convidado a las funciones de la iglesia, acostumbraba retirarse tan pronto como se acababan las ceremonias (1886)  
 e. Es que a nada se le podría comparar. (1956)  
 f. y que de su piel surgieron todas las razas de árboles (1981)  
 g. antes de que el tiempo se inventara. (1981)

## Orações relativas

- (62) a. aunque otra parece que es el arma que mejor maneja (1811)  
 b. no había gato ni perro en las secretarías a quien ella no conociera (1820)  
 c. y a las manos que frecuentemente llevaba a su rostro. (1881)  
 d. de una palidez de papel mascado, que el sol no lograba calentar (1905)  
 e. le atraía con la triste ternura que el débil inspira al ser fuerte y generoso. (1928A)  
 f. a esa chica morenilla que cada día está más mona (1953)  
 g. plumas de paloma que al caer en el suelo relinchan como caballitos (1975)

## Orações adverbiais

- (63) a. Y si Floridablanca limitó su solicitud paternal por la España á la legislacion civil, (1808)  
 b. aunque otra parece que es el arma que mejor maneja (1811)  
 c. pues con un carácter tan corriente y leal, sería su reverencia un muy bizarro guerrero. (1830)  
 d. y mientras los caballos daban la vuelta para cortarle la retirada, (1849)  
 e. Cuando Román volvió a Coteruco (1879)  
 f. si a vosotros os obliga la vida cara, como tú dices, ellas se ven obligadas por la vida y por vosotros. (1928B)  
 g. porque yo y mi familia vivimos del fútbol. (2000B)

Os dados acima sugerem que há um contraste entre as orações subordinadas V2 do espanhol antigo com as orações subordinadas do espanhol atual. No espanhol antigo, as orações subordinadas V2 apresentavam mais tipos de constituintes em primeira posição; no espanhol atual, além de serem raras, há preferência pelo sujeito ou um elemento adverbial em primeira posição. As orações (61e) e (63f) são uma das exceções.

Os exemplos em (64), (65) e (66) a seguir ilustram casos de orações subordinadas V1.

- Orações completivas
- (64) a. hacían que **existiesen** entre los regulares de España algunos individuos muy dignos de respeto por todos títulos. (1813)  
 b. [...] le diga ar cuñado, que **pía** a la sobrina der regidor [...] (1839)  
 c. Pero confesad que **es** muy triste verme así abandonada y solitaria (1862)  
 d. Diga vm. a su madre qe se **cuide** mucho (1886)  
 e. Que el pelma del jefe quiere que le **haga** media cuartilla acerca de esta mierda. (1861)  
 f. - Pues eso es bueno, maja; que **almuerces** con gana después del tute que te diste ayer [...] (1963)  
 g. una muerte que **enturbiaba** sus rasgos con un soplo impreciso (1966)
- Orações relativas
- (65) a. Me divierto en lo qe no me **cuesta** un cuarto (1819B)  
 b. la instruccion pública, cuyo arreglo, meditado primero en comisiones particulares, discutido después en diferentes sesiones, **fué decretado** por último al terminarse la segunda legislatura. (1822)  
 c. una canción de amor, que **acompañaba** el rumor de aquella fuente (1862)  
 d. demás lugares donde se **guardan** telas. (1914)  
 e. aquella lluvia que **caía** lentamente, tristemente, sobre la ciudad (1945)  
 f. espejos mediante los cuales **hizo arder** la escuadra asaltante. (1985)  
 g. Me contaban cómo **era** Madrid antes de la guerra (1994).
- Orações adverbiais
- (66) a. y si **soplan** buenos vientos, (1811)  
 b. que segun **declara** el Sr. Calvo [...] (1811)  
 c. Alargó el brazo Roldán cual si **quisiera aligerar** al cenobita de su peso (1830)  
 d. pues se **veía** muy avanzado en edad, no muy cabal de salud (1879)  
 e. Si no le **cuesta** a usted la vida. (1920)  
 f. y sus nervios serpearon los declives de la tierra como lo **hacen** las panteras y leopardos. (1981)  
 g. porque **había sido** capaz de hacer su parte. (2000A)

Com relação à ordem V2, os dados em (64) a (66) mostram, que, assim como nas orações matrizes do espanhol atual e nas orações matrizes e orações subordinadas do espanhol antigo, não há restrição com relação ao tipo semântico do verbo em primeira posição e também não é relevante se o verbo está na voz passiva ou na voz ativa.

A seguir, de (67) a (69), ilustro casos de orações subordinadas com ordem V>2.

- Orações completivas
- (67) a. o que alguna vez, de tarde en tarde, **viniese a escuchar** una canción de amor, que acompañaba el rumor de aquella fuente (1862)

- b. Afeminaciones, afeminaciones- gruñía entre dientes, convencidísimo de que la virtud en el sacerdote, para ser de ley, ha de presentarse bronca, montuna y cerril, aparte de que un clérigo no pierde, ipso facto, los fueros de hombre, y el hombre debe oler a bravío desde una legua. (1886)
- c. á no ser que alguna de las partes, en el término de cuarenta y ocho horas, interponga recurso de alzada ante el Consejo Supremo de Guerra y Marina. (1890)
- d. En el siglo xiii, escribió Ioanne Zonoras que, durante el cerco a Constantinopla por la flota mandada por Bitellius, un individuo llamado Proclus empleó una serie de espejos mediante los cuales hizo arder la escuadra asaltante. (1985)

#### Orações relativas

- (68) a. sugeto que si no era muy célebre en los fastos militares y literarios de España ántes del día 16 del que rige, ya es de los mas nombrados en Cádiz, la Isla y sus adyacencias (1811)
- b. y su hijo era, al fin, el único llamado a heredarle y a cuidar de aquellas labranzas que él también había heredado y mejorado no poco. (1879)
- c. y le decía una broma, con una palabra confusa, que yo apenas entendía. (1938)

#### Orações adverbiais

- (69) a. y como él siempre ha tenido el genio corto (1820)
- b. y hubiera ciertamente perecido víctima de su honradez si el capitán en este momento, esgrimiendo su formidable hacha en alto, no se **hubiese arrojado** en medio de la pelea. (1834)
- c. porque para el abad de Ulloa, la última de las degradaciones en que podía caer un hombre era beber agua, lavarse con jabón de olor y cortarse las uñas (1886)
- d. como si dentro de ellas sólo existiese aire (1905)

A pouca quantidade de dados em (67) a (69) acima sugere que a ordem V>2 seja pouco produtiva em orações subordinadas do espanhol atual<sup>62</sup>. Contudo, nesses poucos dados, também há variação com relação ao ordenamento dos constituintes.

Os dados apresentados com relação ao posicionamento do verbo tanto no espanhol antigo como no espanhol atual indicam que tanto a ordem superficial V2 como as ordens superficiais não V2 são possíveis nas duas fases da língua. Há um contraste com relação às orações subordinadas V2, que, no espanhol atual, parecem ser mais restritivas que no espanhol antigo. Por fim, a ordem V>2 parece ser pouco produtiva nas orações subordinadas de ambas as fases.

<sup>62</sup> O contraste com os dados do espanhol antigo parece ser apenas aparente já que a parte dos Séculos XIII-XV tem mais orações que a parte dos Séculos XIX-XX. Abaixo, apresentarei as porcentagens.

## 2.5.2. A ordem O-V e a retomada clítica

Os exemplos em (70) e (71) ilustram casos de ordem O-V sem duplicação em orações matrizes e orações subordinadas e os exemplos em (72) e (73) ilustram casos de ordem O-V com duplicação clítica em orações matrizes e orações subordinadas respectivamente<sup>63</sup>:

- Ordem O-V sem retomada em orações matrizes
- (70) a. O es ilusión de mi vista, o a doña Inés el artista aquí **representa**, creo. (1852)  
 b. Hondísima mella **produjo** en su corazón esta desgracia (1879)  
 c. Al acreedor y deudor **podrá acompañar**, en calidad de hombre bueno, una persona por cada parte que exponga su derecho. (1890)  
 d. Pero nada **recuerdo** del presidente de la República. (1981)
- Ordem O-V sem retomada em orações subordinadas
- (71) Cuando esto **decía** (1874)
- Ordem O-V com retomada em orações matrizes
- (72) a. al Marques no le **faltaban**. (1811)  
 b. y al abad de Ulloa, en cambio, le **exasperaba** Julián, a quien solía apodar mariquitas, porque para el abad de Ulloa, la última de las degradaciones en que podía caer un hombre era beber agua, lavarse con jabón de olor y cortarse las uñas (1886)  
 c. y esto me lo **habéis de tolerar** para alentarme (1899B)  
 d. A su mujer le **sentaba** muy bien un punterazo a tiempo (1945)  
 e. A mí se me **olvidaban** las penas, como si no hubiera tenido ni una sola. (1956A)  
 f. pero a mí me **quitas** la vida. (1986)
- Ordem O-V com retomada em orações subordinadas
- (73) a. si a vosotros os **obliga** la vida cara, (1928B)  
 b. Pero, ¿usted cree que a las mujeres **debe dárselos** dinero? (1931)

Os dados de (70) a (73) mostram que há ordem O-V com retomada clítica e ordem O-V sem retomada clítica. Contudo, os dados oferecem um claro contraste com relação ao espanhol antigo. No espanhol atual, a ordem O-V sem retomada clítica é pouco produtiva. Além disso, a ordem

<sup>63</sup> Nos dados do espanhol atual aparecem muitas construções de discurso direto em que o objeto do verbo *descendi* aparece em primeira posição:

(i) Voto va Deu -**gritó** a esta sazón el teniente- que la moza es guapa, (1834)

Esses casos não foram incluídos na análise da ordem O-V.

O(direto)-V com retomada clítica no espanhol atual só tem uma ocorrência no *corpus*, ilustrada no exemplo (72c).

Nos casos de ordem O-V sem retomada clítica, quando realizado, o sujeito aparece em posição pós-verbal como mostram (70b) e (70c). Somente no exemplo (70a), o sujeito aparece em posição pré-verbal, o que é intrigante por se tratar de um objeto focalizado. No caso dos objetos retomados pelo clítico, nos dois casos em que o sujeito está realizado, também aparecem em posição pós-verbal.

Vários trabalhos dizem que construções como “la vi a ella”, “lo conocí a Pedro” são exclusivas do espanhol rio-pratense. Groppi (2009) analisa um *corpus* espanhol de língua falada e mostra que essas construções também existem no espanhol europeu. A autora conclui que o que está em jogo não é uma variação estrutural, mas sim uma variação diafásica, de registro. Muitos trabalhos descrevem as construções de *tematização* no espanhol atual; a sua pouca produtividade no *corpus* pode estar relacionada com fatores de registro.

Além disso, se observa, nos dados do espanhol atual, construções com “se” com o sintagma nominal em posição pré-verbal. Hernanz e Brucart (1987) comentam que essas construções são usadas como recurso de *tematização*. Como as construções com ordem O-V com retomada clítica parecem ser características da oralidade, se usam as construções com “se” para tematizar o objeto direto<sup>64</sup>:

- (74) a. Los aéreos picos del Himalaya se **coronan** de nieblas oscuras en cuyo seno hierva el rayo (1861)  
 b. Esta función se **restablece** á beneficio de los expresados medicamentos en una proporción de un 92 por 100. (1899A)  
 c. esta metamorfosis se **traduce** en inquietudes internas (1928A)  
 d. y las serpientes se  **cubren** de erizos de mar que les hacen cosquillas (1975)

O que é interessante é que a voz passiva analítica (*ser + participio*), que também é um recurso de *tematização*, é pouco registrada nos dados do espanhol atual, sendo mais registrada nos dados do espanhol antigo.

Por fim, no espanhol atual, diferentemente do espanhol antigo, não se registram casos de complementos pronominais tônicos sem a retomada pelo clítico, mesmo em posição pós-verbal:

<sup>64</sup> Entendo que essas construções com “se” têm o mesmo funcionamento da voz passiva analítica, em que o tema do verbo é alçado para a posição de sujeito. Por isso, há concordância entre o verbo e o tema.



(75) y al **mirarla a ella**, uno se reproduce millones de veces, (1975)

### 2.5.3. A posição do sujeito em relação ao verbo

Nesta seção, apresentarei as posições em que os sujeitos podem aparecer na oração no espanhol atual. Não discutirei, contudo, o sujeito nulo porque bem se sabe que o espanhol atual é uma língua *pro-drop*.

#### 2.5.3.1. Os sujeitos pré-verbais

O sujeito pode aparecer em posição pré-verbal numa configuração superficial V2 como mostram os exemplos em (76) e (77):

- Ordem S-V em orações matrizes
- (76) a. sus chiquillos me **quieren** (1819B)  
 b. Ellos **podráB quemar** un libro, matar un hombre (1822)  
 c. y nosotros **responderemos** cándidamente (1841)  
 d. El lecho en que yacíamos no **convidaba** por sus blanduras a dormir perezosamente la mañana (1874)  
 e. El pintor **aguzó** los oídos. (1931)  
 f. Tito **miraba** el torso asténico de Santos (1956B)
- Ordem S-V em orações subordinadas
- (77) a. es así que una de estas miserias **fue** sin duda el frío (1841)  
 b. que Artegui **estaba** en París (1881)  
 c. con que el espíritu **obtiene** el galardón de la fama (1899B)  
 d. Si tu aserto **fuera** una verdad (1928B)  
 e. para evitar quizás que su cuñado **llegase** al puntapié (1945)  
 f. Es un hecho histórico el que este pueblo **conocía** las leyes prácticas de las lentes, (1985)

Os exemplos em (76) e (77) mostram que vários tipos de sujeito podem ocupar a primeira posição pré-verbal numa ordem superficial V2.

Os dados em (78) e (79) a seguir mostram que outro constituinte pode preceder o sujeito na ordem XP-S-V. Como comentei acima, a ordem V>2 em orações subordinadas, nos dados do

espanhol atual, é pouco produtiva. Além disso, é interessante observar que, nesses dados, um advérbio que modifica o verbo não aparece em primeira posição, precedendo o sujeito<sup>65</sup>.

- Ordem XP-S-V em orações matrizes
- (78) a. Hasta entonces Usdróbal **había sufrido** la mofa que le había hecho sin decir palabra (1834)
- b. Mas, ¡cielos, qué es lo que veo! O es ilusión de mi vista, o a doña Inés el artista aquí representa, creo. (1852)<sup>66</sup>
- c. tratándose de un sacerdote, el abad **ponía** estos delitos en parangón con la simonía. (1886)
- d. Con esta tramitación, el instructor **citará** á su presencia al acreedor y al deudor (1890)
- e. y á cada paso sus ropas **despedían** un rabioso perfume de almizcle (1902)
- f. En la iglesia, Isabel no me **miraría** más de tres veces (1956A)
- Coloreado por la sangre de los pescados el sol **brillaba** en el mar rotundo como un platillo de cobre. (1966)

- Ordem XP-S-V em orações subordinadas
- (79) a. porque para el abad de Ulloa, la última de las degradaciones en que podía caer un hombre **era** beber agua, lavarse con jabón de olor y cortarse las uñas (1886)
- b. escribió Ioanne Zonoras que, durante el cerco a Constantinopla por la flota mandada por Bitellius, un individuo llamado Proclus **empleó** una serie de espejos mediante los cuales hizo arder la escuadra asaltante. (1985)

Os dados em (80) e (81) a seguir mostram exemplos em que o sujeito precede um XP em posição pré-verbal.

- Ordem S-XP-V em orações matrizes
- (80) a. Las aguas contenidas un momento por su locura, recobrando su curso y su nivel, **arrollan** los vanos parapetos que se les ponen delante (1822)
- b. la vida, en fin, **puede compararse** a una larga cadena con eslabones de hierro y de oro. (1861)

<sup>65</sup> Os casos em que o advérbio precede o sujeito são casos de advérbios modificadores de toda a oração como em:

- (i) a. Así, su principio político **fué** afirmar y vigorizar la autoridad real, dirigiéndola al mismo tiempo á la prosperidad pública. (1808)
- b. A veces en la amarga espina **está** la salud, y en la rosa el veneno de la víbora. (1862)
- c. inesperadamente, todo **era** de color rojo (1966)

Só há um caso de advérbio modificador da ação verbal posicionado antes do sujeito:

- (ii) Mal la muerte **podría deshacer** con torpe mano el semblante soberano que un ángel envidiaría. (1852)

<sup>66</sup> Este dado é interessante porque é um contexto em que, por se tratar de *focalização*, se esperaria a ordem V-S.

- c. El fragmento, sin embargo, está en coplas de arte mayor (1878)
- d. Las mujeres aún ofrecían un aspecto más doloroso. (1905)
- e. Fermín aquel día pensó intervenir, para evitar quizás que su cuñado llegase al puntapié (1945)
- f. y el cielo, a poniente, adquiriría fulgores de incendio (1966)
- (81) Ordem S-XP-V em orações subordinadas
- a. y hubiera ciertamente perecido víctima de su honradez si el capitán en este momento, esgrimiendo su formidable hacha en alto, no se **hubiese arrojado** en medio de la pelea. (1834)
- b. verme abandonada cuando yo más le **amaba** (1862)
- c. a cuidar de aquellas labranzas que él también **había heredado** y **mejorado** no poco. (1879)
- d. á no ser que alguna de las partes, en el término de cuarenta y ocho horas, **interponga** recurso de alzada ante el Consejo Supremo de Guerra y Marina. (1890)
- e. con una palabra confusa, que yo apenas **entendía**. (1938)

Os dados em (80) e (81) acima mostram que elementos adverbiais e preposicionados podem intervir entre o sujeito e o verbo. Não registro, nos dados do espanhol atual, dados de interpolação do sujeito com um pronome clítico nem de ordem S-O-V, característica das construções de *object shift*, como se registra no espanhol antigo.

A apresentação dos dados acima mostra que, superficialmente, não há diferenças entre o espanhol antigo e o espanhol atual com relação à posição do sujeito pré-verbal já que também pode aparecer nas ordens (XP-)S-V e S(-XP)V<sup>67</sup>. Observou-se, entretanto, no espanhol atual a ausência de alguns tipos de constituintes que poderiam ocupar a posição do XP nessas ordens no espanhol antigo.

### 2.5.3.2. Os sujeitos pós-verbais

A seguir, apresento dados de sujeitos pós-verbais. Em (82) e (83) apresento exemplos de ordem (XP-)V-S, em que vários tipos de verbos (embora sejam predominantemente verbos inacusativos e *dicendi*) apresentam seus sujeitos, que podem ser de vários tipos, em posição pós-verbal:

<sup>67</sup> Pode haver uma diferença de cunho informativo entre as duas fases do espanhol. Sabe-se que, no espanhol atual, os sujeitos pré-verbais não podem desempenhar o papel de foco informativo (cf. HERNANZ e BRUCART, 1987; ZUBIZARRETA, 1998).

- Ordem (XP-)V-S em orações orações matrizes
- (82) a. y tan perverso **era el sistema de estudios en que consistía** (1813)  
 b. **exclamó Ángela.** (1862)  
 c. **Entiendo yo,** señores (1889)  
 d. Y al cortarla **salió una fiera** (1920)  
 e. en los cafés no **quedaba ser vivo** (1930)  
 f. Sin embargo, en las últimas horas **han aparecido inconvenientes económicos** (2000B)
- Ordem (XP-)V-S em orações orações subordinadas
- (83) a. que segun **declara el Sr. Calvo** (1811)  
 b. Necesita pues que **vaya su mujer** (1820)  
 c. en esa aversion que la **tienen los tiranos** (1822)  
 d. llamas de furor a las que no **conseguía amortiguar la lluvia** (1945)  
 e. y sus nervios serpearon los declives de la tierra como lo **hacen las panteras y leopardos.** (1981)  
 f. - ¿Y cómo quieres que lea? Si no puedo dormirme **-contestó la otra.** (1989)

Os dados a seguir, em (84) e (85), mostram que outro elemento pode seguir o sujeito superficializando a ordem (XP-)V-S-XP:

- Ordem (XP-)V-S em orações orações matrizes
- (84) a. No me **cansaré yo** en probar á mis conciudadanos la necesidad de esta reforma. (1808)  
 b. **dejó caer el paje** el rollo de pergamino (1849)  
 c. **Está la noche** muy buena. (1886)  
 d. **decía Yin cogiendo** en sus manos el libro (1966)  
 e. **Morirá el rey Fernando** con la maldición de ir viendo su misma pudrición (1980)  
 f. En el siglo xiii, **escribió loanne Zonoras** que [...] (1985)
- Ordem (XP-)V-S em orações orações subordinadas
- (85) a. que me parece imposible no **dejase el guardabosque** algún poco de licor con que rociar estos sabrosos manjares. (1830)  
 b. y nadie es mejor que nosotros, que tan buenos los **he visto yo** servir de pasto a los grajos, y estar colgados por los caminos. (1834)  
 c. Porque **quiero yo** que os acordéis de mí. (1847)  
 d. Vaya una gandulitis que nos **traemos todos** esta mañana. (1956B)

Por fim, os dados em (86) e (87) ilustram casos em que o sujeito pós-verbal aparece separado do verbo por um XP qualquer:

- Ordem (XP-)V-XP-S em orações orações matrizes
- (86) a. **Alargó** el brazo Roldán (1830)  
 b. y **resplandece** en ellos un fuego celestial en vez de la austeridad de sus miradas (1843)  
 c. No le **pesó** a su padre el conocerlo (1879)  
 d. pero jamás **faltaba** sobre ella una capa de polvos (1902)  
 e. **resonaba** muy límpida la voz. (1956B)  
 f. - ¡Arriba Flora!, ya **está** amanecido el día. (1986)
- Ordem (XP-)V-XP-S em orações orações subordinadas
- (87) a. y que vino á España porque le **obligaron** á ello sus soldados (1811)  
 b. hacían que **existiesen** entre los regulares de España algunos individuos muy dignos de respeto por todos títulos. (1813)  
 c. porque, según mis observaciones, **es** malo [estar malo]. (1819B)  
 d. que una vez que **arreglaron** el enganchón esas señoritas santas de la maquina, iban a quedar como nuevas. (1953)  
 e. [...] creí que ese día **habían entrado** en la ciudad [os reyes de un país nórdico, unos reyes de película] (1989)

Os exemplos em (86) e (87) mostram que vários constituintes podem intervir entre o verbo e o sujeito.

A partir da exposição acima, parece não haver diferença com relação ao posicionamento superficial do sujeito pós-verbal nas duas fases do espanhol. Em ambas as fases, são registradas as ordens V-S(-XP) e V-XP-S<sup>68</sup>.

#### 2.5.4. Os complexos verbais

Com relação aos complexos verbais, os dados em (88) a seguir mostram que, no *corpus* analisado, são encontrados poucos casos em que o verbo auxiliar ou modal finito é separado do verbo lexical não-finito.

- (88) a. que no la **haya** una y mil veces **demostrado**. (1808)  
 b. En cuanto al baile, me parece qe **puede** vm. **dejarlo** p<sup>a</sup> mejor ocasión. (1819B)  
 c. o se **iría** él solo a **seguir** el negocio, que era lo regular (1820)  
 d. y **hubiera** ciertamente **perecido** víctima de su honradez (1834)  
 e. Pibe, que se casó en julio, **está** en estos momentos **pagando** un piso en Milladoiro (2000B)

<sup>68</sup> Assim como no caso dos sujeitos pré-verbais, diferença entre os sujeitos pós-verbais nas duas fases pode ser de cunho informativo. Ordóñez (1997) diz que, na ordem V-XP-S do espanhol atual, o sujeito sempre está focalizado; por outro lado, na ordem V-S-XP, o sujeito não tem necessariamente um estatuto focal.

Diferentemente do espanhol antigo, no espanhol atual os tempos compostos só podem aparecer de forma não adjacente se um advérbio se localizar entre os dois verbos. Não há um só caso de tempo composto em que o sujeito intervenha entre as duas formas, como registrei nos dados do espanhol antigo.

### 2.5.5. A posição do clítico

A colocação pronominal no espanhol atual é bem descrita e se sabe que, com verbos finitos, a próclise é categórica, inclusive em orações matrizes com ordem V1. Ou seja, no espanhol atual, ao contrário do espanhol antigo, a Lei Tobler-Mussafia não é operante<sup>69</sup>. Observem-se os dados em (89) e (90) de orações matrizes e orações subordinadas a seguir:

- Próclise em orações matrizes
- (89) a. en lo qe se paga, me **voy** con mucho tiento (1819B)  
 b. La **encargo** a vm. un trago a mi salud (1919B)  
 c. Así que conoces en ti alguna falta, la **confiesas**. (1862)  
 d. Le **conozco** más que a las niñas de mis ojos. (1874)  
 e. y se **casó**, a los treinta años de edad (1879)  
 f. Yo no me **refería** a eso (1886)  
 g. y se **pone** en lugar fresco. (1914)  
 h. Te **callas** lo mejor. (1961)  
 i. no lo **puedo evitar**. (1986)  
 j. La **vi** desde los brazos de papá. (1989)
- Próclise em orações subordinadas
- (90) a. que no la **conozca** (1808)  
 b. como el de la educación moral que les **precedía** (1813)  
 c. mientras la suerte lo **permite** (1819B)  
 d. esde luego pedirá a zu prima que le **diga** ar cuñao (1839)  
 e. Dicen que no se **debe pegar** nunca a las mujeres (1886)  
 f. por el afecto que el agraciado le **inspiraba** (1902)  
 g. si a vosotros os **obliga** la vida cara (1928B)  
 h. Porque ya lo **dijo** Malules (1953)  
 i. una gandulitis que nos **traemos** todos esta mañana. (1956B)  
 j. y cuando se le **mira** comienza a llover del cielo plumas de paloma (1975)

<sup>69</sup> Neste aspecto, o espanhol se distingue do português europeu e se aproxima do português brasileiro. O português europeu ainda apresenta restrição com relação à próclise em primeira posição. Contudo, segundo Galves e Sândalo (2011), essa restrição à próclise em primeira posição não é do mesmo tipo que a restrição da fase antiga do português (e do espanhol), imposta pela Lei Tobler-Mussafia.

Contudo, essa característica é bastante recente. Como se verá nos dados em (91), os dados do Século XIX e do começo do Século XX ainda apresentavam ênclise com verbos finitos em orações matrizes:

- Ênclise em orações matrizes
- (91) a. y tendiendo los brazos al anacoreta, **conjurele** por cuantos santos moraban en el paraíso para que registrase de nuevo los rincones y escondrijos de la ermita (1830)
- b. **Practicolo** el ermitaño (1830)
- c. **Echarémosla** aquí de escolásticos (1841)
- d. pero **introducíanse** sus palabras cual el rayo en el corazón de Telémaco. (1843)
- e. **bórrase** el colorido de sus ojos (1843)
- f. **dióle** un palo sobre el lomo (1849)
- g. **Volvióse** el marqués bruscamente. (1886)
- h. **Oíase** el cuarrear de la ranas en el estanque (1886)
- i. Al andar, **movíanse** sus faldas rígidos con desmayada soltura, como si dentro de ellas sólo existiese aire (1905)

Os dados em (91) mostram a existência da ênclise em orações. Vale destacar os exemplos (91a) e (91i), que possuem orações fronteadas, o que favoreceria a próclise.

Os dados de colocação pronominal mostram um contraste entre o espanhol antigo e o espanhol atual: a) no espanhol antigo, não era possível o uso de próclise em orações matrizes V1, salvo nas segundas orações de uma coordenação enquanto o espanhol atual exibe próclise em orações matrizes V1 independentemente de serem a primeira ou segunda oração; b) o espanhol antigo apresentava uma pequena quantidade de orações subordinadas com ênclise enquanto o espanhol atual não apresenta nenhum caso de ênclise em orações subordinadas; c) no espanhol antigo havia interpolação e mesóclise enquanto que no espanhol atual essas construções são inexistentes. Os dados parecem mostrar que a mudança lingüística com relação à colocação dos clíticos, no espanhol europeu, termina no começo do Século XX.

O diferente comportamento dos pronomes clíticos nas duas fases do espanhol leva Fontana (1993) a analisar esses elementos como constituintes diferentes em cada fase: no espanhol antigo, os clíticos eram XP; no espanhol atual, os clíticos são X°. Além da interpolação, onde se vê o clítico separado do verbo por um outro constituinte, outra evidência a favor da análise de Fontana (1993) e Halpern e Fontana (1994) é o contraste que há entre as orações subordinadas das duas fases: no espanhol antigo, embora o clítico estivesse proclítico ao verbo, algumas vezes,

estava enclítico ao elemento pré-verbal; no espanhol atual, o clítico sempre está proclítico ao verbo e não pode ser separado dele por nenhum elemento<sup>70</sup>. Esse contraste pode explicar também por que, no espanhol antigo, embora a Lei Tobler-Mussafia fosse operante, se encontravam orações matrizes coordenadas V1 com próclise: como havia uma conjunção coordenando a oração, o clítico poderia se cliticizar à direita da conjunção na forma de ênclise e, como não havia nenhum constituinte antes do verbo, superficializava linearmente a próclise.

### 2.5.6. A clivagem

Com relação à clivagem, são encontradas as seguintes construções no espanhol atual<sup>71</sup>:

- (92)
- a. a quien suelo ver alguna vez en la calle, **es** a Dn Pedro, al otro no. (1919B)
  - b. Eso sí que se **llama** tratarme a guisa de antiguo camarada, exclamó (1830)
  - c. **es** así que una de estas miserias fue sin duda el frío (1841)
  - d. Lo que siento **es** el golpe que le tocó al chiquillo. (1886)
  - e. así **es** que, convidado a las funciones de la iglesia, acostumbraba retirarse tan pronto como se acababan las ceremonias, sin aceptar jamás la comida que era su complemento indispensable. (1886).
  - f. Lo que más me gustó en la casa **fue** el paisaje que se divisaba desde una de las ventanas del estudio. (1938)
  - g. Esos mismos hombres **fueron** los que después inventaron el sueño (1981)
  - h. y **fueron** los hombres viciosos insectos que poblaron más tarde su oscura pelambrea. (1981)

Diferentemente do espanhol antigo, os dados do espanhol atual apresentam vários tipos de construções de clivagem: construções encabeçadas pela cópula (92c), (92h); pelo foco (92b) e (92g); pela oração relativa (92a) e (92f).

<sup>70</sup> A esse respeito, ver também Martins (2003).

<sup>71</sup> Em Pinto (2008) fiz um estudo das construções de clivagem em quatro variedades do espanhol. De qualquer forma, os dados que encontrei lá são bem mais representativos do que os resultados que encontrei nesta investigação. Em Pinto (2011a, 2011b) questiono, a partir de dados de aquisição e alguns dados de fala espontânea, os resultados que apresentei em Pinto (2008) e que outros autores, como Moreno Cabrera (1999), mostram. Os dados apresentados em Pinto (2011a, 2011b) indicam que parece haver uma pressão normativa na produção da clivagem no espanhol europeu.



### 2.5.7. A relação entre verbo e objeto

Assim como para o espanhol antigo em 2.4.7., interessa averiguar se, no espanhol atual, o verbo pode aparecer de forma não adjacente ao seu objeto direto. A resposta é afirmativa, como se ilustra em (93) a seguir:

- (93) a. y ademas, **exigía** ella sola toda la vida de un grande hombre. (1808)  
 b. y **ha acreditado** despues el suceso (1811)  
 c. La **doy** a vm. los días de Sn Francisco (1819B)  
 d. Este descubrimiento, como todos los demás, **tuvo** después su sucesivo desarrollo (1841)  
 e. y a la manera que **borra** Aurora las sombras de la noche (1843)  
 f. **Abandonó** por un instante la lid (1849)  
 g. Así que **conoces** en ti alguna falta, la confiesas. (1862)  
 h. De los párrocos de las inmediaciones, con ninguno **había hecho** Julián tan buenas migas como con don Eugenio, el de Naya. (1886)  
 i. Papá, yo quiero que me **traiga** usted una rosa. (1928A)  
 j. Porque **han gustado** ya la mecánica enloquecedora del amor. (1931)  
 k. No **hice** yo el menor comentario. (1938)  
 l. La ciudad lejana, la ciudad perdida **despertaba** en mí sentimientos nuevos. (1994)

Os exemplos em (93) acima mostram que o verbo pode aparecer separado do verbo por outros elementos, como o sujeito em (93a) e (93m), um advérbio ou adjunto adverbial como em (93b), (93f) e (93j), ou pelo objeto indireto, como em (93c).

Esses fatos mostram que, tanto no espanhol antigo como no espanhol atual, o verbo se move de sua posição de base para alguma posição superior na oração. A discussão que farei no próximo capítulo é a de argumentar que, embora o verbo se mova do VP em ambas as fases, o lugar de pouso é diferente em cada uma delas.

### 2.5.8. A posição do advérbio com relação ao verbo

A seguir são apresentados dados que mostram a relação do verbo com o advérbio que o modifica na oração.

- (94) a. me **recojo** temprano en mi casa (1819B)  
 b. Aquí **hay** un valensiano que dará todo esto (1839)  
 c. No, no te **quedes** aquí. (1862)  
 d. **Volvióse** el marqués bruscamente. (1886)

- e. pero jamás **faltaba** sobre ella una capa de polvos (1902)
- f. Las mujeres aún **ofrecían** un aspecto más doloroso. (1905)
- g. después se **tapa** herméticamente la caja (1914)
- h. - ¡Vaya, pues ya **he encontrao** la rosa pa mi hija! (1920)
- i. No **sentía** aún esa malsana curiosidad del niño-hombre por los placeres de la vida (1928A)
- j. pero ella **entraba** ya en su coche (1956A)
- k. Para ti **estará** siempre. (2000)

Os dados em (94) acima mostram que, da mesma forma que no espanhol antigo, os advérbios modificadores da ação verbal, inclusive os mesmos advérbios como “ya” em (94f) e (94i), podem se posicionar tanto antes como depois do verbo.

### 2.5.9. Sintetizando as propriedades do espanhol europeu atual

Os dados apresentados nesta seção ofereceram uma visão do comportamento do espanhol atual. Mostrei que, no *corpus* analisado, são encontradas orações V1, V2 e V>2, sendo que as orações V>2 são bastante raras em orações subordinadas. Em segundo lugar, mostrei que a ordem O-V sem retomada clítica se limita aos contextos de *focalização*. Depois, discutindo a posição do sujeito, mostrei que o sujeito pode aparecer tanto em posição pré-verbal, nas ordens (XP-)S-V e S-XP-V (sendo que a ordem S-O-V não é atestada), como em posição pós-verbal, nas ordens V-S(-XP) e V-XP-S. Diferentemente do espanhol antigo, os complexos verbais aparecem mais amalgamados e não há casos de ordem Aux-S-Part nos tempos compostos. Com relação aos clíticos, o espanhol atual não apresenta restrição à ordem V1 em que o pronome aparece proclítico ao verbo em orações matrizes não coordenadas; não há casos de ênclise em orações subordinadas e a ênclise em orações matrizes só é atestada até o início do Século XX. Tampouco se registra casos de mesóclise e interpolação. Não há restrição com relação às construções de clivagem; são atestadas construções em que a cópula é o primeiro constituinte. Por fim, com respeito ao posicionamento do verbo em relação ao objeto direto e aos advérbios modificadores da ação verbal, mostrei que o espanhol atual se comporta da mesma forma que o espanhol antigo, exibindo orações em que o verbo não está adjacente ao objeto e orações em que o mesmo advérbio ora aparece antes ora aparece depois do verbo.

A partir dessa breve exposição, é possível observar que, embora o espanhol atual também seja uma língua de ordem livre de constituintes<sup>72</sup>, apresenta mais restrições que o espanhol antigo.

## 2.6. Uma discussão dos dados

Na apresentação acima, procurei fazer uma descrição da ordem superficial/linear dos dados, dizendo quase nada sobre sua posição estrutural, o que pode ter causado a impressão de que as duas fases são estruturalmente idênticas porque, em muitos casos, apresentam a mesma ordem superficial. Contudo, como salientam Lightfoot (1991) e Kroch (2001), línguas-I diferentes podem gerar línguas-E idênticas<sup>73</sup>. Esta seção tem a finalidade de apresentar, considerando os aspectos acima, uma comparação empírica e quantitativa do espanhol antigo com o espanhol atual a fim de mostrar evidências de que as duas fases não apresentam a mesma estrutura, ou seja, não são o mesmo tipo de gramática, língua-I, embora superficialmente pudessem desencadear, em alguns casos, a mesma ordem superficial, ou seja, a mesma língua-E.

Primeiro considerarei rapidamente os aspectos não diferenciadores (ou que não oferecem evidências para a distinção das duas fases) e, em seguida, passarei com mais vagar aos aspectos diferenciadores.

---

<sup>72</sup> Hernanz e Brucart (1987) argumentam que, mesmo que uma língua apresente ordem livre de constituintes, sempre terá algum tipo de restrição. Por exemplo, citam o caso do walpiri, língua indígena australiana, cuja única restrição é a de que o verbo auxiliar apareça na segunda posição da oração. O que fica claro a partir de vários estudos sobre a relação entre sintaxe e estrutura informativa (cf. LAMBRECHT, 1994, 2001) é que a ordem de palavras está relacionada intimamente com a estrutura informativa da oração. Neste sentido, Hernanz e Brucart (1987), Zubizarreta (1999) e Gutiérrez Ordóñez (2000) assumem que a ordem básica do espanhol atual é S-V-O porque esta ordem é que responde a uma pergunta como “O que aconteceu?”, em que toda a resposta é informação nova e não está dividida em *tema* e *rema*. Por outro lado, há quem defenda, por exemplo Rodríguez (2009), que o espanhol não tem uma ordem básica já que vários ordenamentos são encontrados nesta língua. Pelo que entendo da proposta de Rodríguez (2009), esse posicionamento se origina do fato de que não se assume uma relação entre sintaxe e estrutura informativa. Mas apenas se consideram as possibilidades sintáticas da língua. Neste sentido, seria possível afirmar que tanto o português brasileiro como o inglês, por exemplo, seriam línguas de ordem livre de constituintes já que ambas possuem construções de *tematização* como “esse livro, eu gosto”/“this book I like” ao lado de ordens canônicas como “eu gosto desse livro”/“I like this book”.

<sup>73</sup> Lightfoot (1991, p. 161) diz:

*However, if such things could be quantified in some appropriate fashion, there would be no one-to-one relation between similarities at that surface level and similarities in the underlying system. Because grammars are abstract objects, grammars with quite different structural properties might generate sets of sentences which were more similar to each other, and grammars differing in just one parametric setting might generate wildly different outputs.*

## 2.6.1. Aspectos não diferenciadores

### 2.6.1.1. A posição do verbo com relação aos advérbios e o objeto direto

O primeiro aspecto que não oferece distinção entre as duas fases com relação ao movimento do verbo é o posicionamento de advérbios. Pollock (1989) mostrou o seguinte contraste:

(95)		inglês	Francês
a.	S-V-Adv-O	*	OK
b.	S-Adv-V-O	OK	*

O esquema em (95) mostra que, dado que apenas uma ordem é possível em cada língua, os advérbios modificadores da ação verbal se posicionam superficialmente de forma fixa na oração e, a partir daí, se conclui que em cada língua o verbo se move para posições estruturais diferentes.

No caso do espanhol, tanto na fase antiga como na fase atual, um mesmo advérbio, por exemplo, um locativo ou um temporal, pode se posicionar tanto em posição pré-verbal como em posição pós-verbal. A ordem V-Adv pode indicar que o verbo se moveu, mas por outro lado, a ordem Adv-V pode indicar que o verbo não se moveu. Desta forma, não é possível diagnosticar, através da relação do verbo com o advérbio, se o verbo saiu de sua posição do VP e para que posição na estrutura foi<sup>74</sup>.

Um quadro semelhante ao quadro em (95) pode ser feito também com base nas discussões de Pollock (1989) sobre a relação entre verbo e objeto na ordem V-O:

(96)		inglês	Francês
	S-V-XP-O	*	OK

O esquema em (96) mostra que, no inglês, um constituinte não pode se localizar entre o verbo e o objeto, mas no francês sim. Mais uma vez, no caso do espanhol, a disposição da ordem V-O tampouco oferece evidências para diagnosticar a posição do verbo e contrastar as duas fases já que, em ambas, o espanhol exhibe outros elementos intervindo entre o verbo e o objeto.

<sup>74</sup> O mesmo contraste se observa com a negação no inglês e no francês. No caso do espanhol, tampouco é possível usar a negação para buscar algum diagnóstico da posição do verbo já que sempre é pré-verbal e está junta ao verbo. Uma evidência para mostrar que a negação no espanhol é clítica, ou seja, um X<sup>o</sup>, e não um XP como no inglês e no francês, é a interpolação. No espanhol antigo, o clítico podia aparecer separado do verbo por algum constituinte (o sujeito, a negação ou um advérbio). Contudo, nada intervém na relação entre o verbo e a negação. Somente o clítico pode aparecer amalgamado ao complexo verbal.

A junção dos dois fatores em (95) e (96) para o caso da história do espanhol só permite uma conclusão com relação ao movimento do verbo: nas duas fases, o verbo sai da sua posição de base dentro do VP e se move para uma posição mais alta na oração. Caso o verbo permanecesse dentro do VP, as ordens esperadas seriam Adv-V e V-O adjacente. No entanto, se o verbo faz um movimento curto para IP ou um movimento longo para CP, não é possível diagnosticar através desses dois critérios.

#### 2.6.1.1. A clivagem

Com relação à clivagem, tampouco é possível tecer algum comentário consistente, principalmente por falta de dados da clivagem no espanhol antigo. Contudo se as observações de Kato e Ribeiro (2006, 2009) sobre as restrições de clivagem em línguas V2 estiverem corretas (ou seja, línguas V2 não apresentam construções de clivagem do tipo “SER X QUE”), a possibilidade de ocorrência de UMA construção de clivagem, do tipo *clivada básica*, mesmo que em oração subordinada, no espanhol antigo pode ser explicada pelo fato de que, embora exibisse uma ordenação V2, o espanhol antigo também licenciava construções V1. Assim a restrição que Kato e Ribeiro (2006, 2009) só se aplicariam a línguas V2 rígidas.

No entanto, vale a pena observar se a restrição do espanhol antigo está relacionada com a clivagem especificamente ou se está relacionada com alguma restrição à cópula em primeira posição em orações com constituinte oracional, já que construções copulativas equativas do tipo “SER + PREDICATIVO + QUE...” tampouco são registradas no espanhol antigo.

#### 2.6.1.3. As ordens V1, V2 e V>2

Apresentei na seção 2.4.1. acima as possibilidades de elementos pré-verbais no espanhol antigo e mostrei que, tanto em orações matrizes como em orações subordinadas, são encontradas orações V2 e não-V2. Mostrei, em 2.5.1., que o espanhol atual também apresenta orações V2 e orações não V2. Vale destacar que o que torna uma língua uma língua V2 não é o fato de o verbo se localizar na segunda posição independentemente da ordenação dos constituintes. Por exemplo, numa língua S-V-O, o verbo está geralmente na segunda posição da oração, mas não é uma língua V2. O que torna uma língua V2 é a possibilidade de que outros elementos além do sujeito estejam em primeira posição seguidos imediatamente pelo verbo.

Apresentarei a seguir dados estatísticos das orações matrizes e das orações subordinadas que podem lançar um pouco de luz à questão. A Tabela 2 mostra a distribuição geral da posição linear do verbo; a Tabela 3 mostra a distribuição da posição linear do verbo em orações matrizes; a Tabela 4 mostra a posição linear do verbo em orações subordinadas.

**Tabela 2:** Distribuição geral da posição do verbo nas duas fases do espanhol<sup>75</sup>

	<b>Século XII</b>	<b>Século XIII</b>	<b>Século XIV</b>	<b>Século XV</b>	<b>Século XIX</b>	<b>Século XX</b>
<b>V1</b>	44,77	55,88	51,61	47,89	53,28	51,96
<b>V2</b>	42,18	40,04	42,06	43,68	42,93	41,48
<b>V&gt;2</b>	12,93	3,74	5,55	8,70	6,64	6,12

**Tabela 3:** Distribuição posição do verbo em orações matrizes nas duas fases do espanhol

	<b>Século XII</b>	<b>Século XIII</b>	<b>Século XIV</b>	<b>Século XV</b>	<b>Século XIX</b>	<b>Século XX</b>
<b>V1</b>	31,62	40,92	36,01	38,40	38,99	41,93
<b>V2</b>	48,76	53,63	54,88	49,50	52,30	49,16
<b>V&gt;2</b>	19,43	5,27	8,91	12,00	8,55	8,67

**Tabela 4:** Distribuição da posição do verbo em orações subordinadas nas duas fases do espanhol

	<b>Século XII</b>	<b>Século XIII</b>	<b>Século XIV</b>	<b>Século XV</b>	<b>Século XIX</b>	<b>Século XX</b>
<b>V1</b>	59,07	64,29	59,40	53,37	68,90	71,90
<b>V2</b>	34,94	32,66	36,13	40,25	26,44	27,48
<b>V&gt;2</b>	5,82	2,90	3,93	6,30	4,52	1,37

A Tabela 2 mostra que a ordem V1 sempre foi preferida nas duas fases da língua; mostra que a ordem V2 é bastante produtiva, quase competindo com a ordem V1; e mostra que a ordem V>2 é a menos produtiva, tendo maior representação nos Séculos XII e XV.

A Tabela 3 das orações matrizes mostra que a ordem V2 é a preferida neste tipo de oração. A ordem V1 também é bastante produtiva. A ordem V>2 não pode ser considerada residual nas orações matrizes do Século XII já que supera os 19%.

Com relação às orações subordinadas, a Tabela 4 mostra que a ordem V1 é, de longe, a mais produtiva. A ordem V2 é produtiva; mas a ordem V>2 é residual, chegando a 1% no Século XX.

<sup>75</sup> As cifras, em TODAS AS TABELAS, indicam porcentagem.

Os dados das Tabelas 2-4 acima mostram que a diferença entre as duas fases não está relacionada diretamente com a posição linear do verbo na oração. Em ambas as fases, a ordem V2 é preferida nas orações matrizes enquanto a ordem V1 é preferida nas orações subordinadas.

#### 2.6.1.4. A ordem S-V e a ordem V-S

Como comentei acima, na introdução do capítulo, Zubizarreta (1998) propõe que, embora a ordem V-S, no espanhol atual, esteja em declínio, ainda faça parte da intuição dos falantes. Uma das perguntas que cabem neste contexto é se o declínio da ordem V-S é um declínio gradual desde as origens da língua, como aconteceu com a ênclise, conforme mostram as Tabelas 6-8 abaixo, ou se é um declínio referente a alguma mudança que aconteceu no meio do caminho.

Na Tabela 5 abaixo, apresento a proporção de ordem S-V e de ordem V-S nas duas fases do espanhol. Considerei, nesta tabela, somente sujeitos nominais ou pronominais, desprezando da quantificação sujeitos oracionais. Além disso, excluí da quantificação dois tipos de sujeito: a) sujeitos de verbos inacusativos porque, como se sabe, mesmo em línguas que apresentam uma ordem S-V rígida, como o inglês, se encontra a ordem V-S com verbos inacusativos; b) sujeitos de orações com “se” porque esses sujeitos ora se comportam como sujeitos de verbos inacusativos e ora se comportam como objeto do verbo. Todas as possibilidades de sujeito pré e pós-verbais foram agrupadas sem distinguir se o sujeito estava linearmente adjacente ao verbo ou não<sup>76</sup>.

**Tabela 5:** Ordem S-V e ordem V-S nas duas fases do espanhol

	<b>Século XII</b>	<b>Século XIII</b>	<b>Século XIV</b>	<b>Século XV</b>	<b>Século XIX</b>	<b>Século XX</b>
<b>S-V</b>	78,04	74,94	71,34	72,86	64,00	73,87
<b>V-S</b>	21,96	25,06	28,66	27,14	36,00	26,13

A Tabela 5 mostra que já no espanhol antigo a preferência era a ordem com sujeitos pré-verbais. No Século XIX, houve um aumento da ordem V-S em relação ao Século XV. A ordem V-S volta a decair no Século XX, mantendo a mesma proporção que no espanhol antigo. Os dados do Século XIX sugerem que o declínio da ordem V-S, no espanhol atual, seja um declínio em relação a

<sup>76</sup> Tampouco isolei na quantificação se os sujeitos estavam marcados discursivamente. Ou seja, não considerei se o sujeito era um tópico ou se era um foco.

um período intermediário da história da língua e não ao espanhol antigo. Como mostrarei no Capítulo 04, essa sugestão se confirma.

A preferência pela ordem S-V no espanhol antigo pode ser explicada facilmente mesmo que se considere, como propôs Fontana (1993) e estou mantendo nesta Tese, que o espanhol antigo era uma língua V2. Arteaga (1998) e Hinterhölzl e Petrova (2010) mostram que, nas línguas V2, a posição pré-verbal deve possuir o traço [+tópico]; contudo, quando não há um elemento com este traço, o sujeito é quem deve ocupar a primeira posição da oração devido a restrições da faculdade da linguagem, tal como a *Minimal Link Condition*<sup>77</sup>. Desta forma, é de se esperar que, mesmo em línguas V2, a ordem S-V seja mais produtiva que a ordem V-S<sup>78</sup>.

Voltando à idéia de que gramáticas (língua-I) diferentes podem gerar estruturas superficiais (língua-E) idênticas, a conclusão que se pode fazer a partir da Tabela 5 acima é que, mesmo que a ordem S-V seja preferida nas duas fases, fatores diferentes geram essa ordem em cada uma delas. No Capítulo 03 a seguir, argumentarei que tanto sujeito como o verbo estão em posições diferentes na ordem S-V do espanhol antigo e na ordem S-V do espanhol atual.

## 2.6.2. Aspectos diferenciadores

Passarei agora aos aspectos que oferecem alguma evidência sobre as diferenças gramaticais entre as duas fases do espanhol: a posição do clítico, a ordem O-V, a posição do sujeito, os complexos verbais e o efeito V2, que estão estreitamente relacionados já que línguas V2 permitem a ordem O-V sem duplicação clítica e não têm uma posição pré-verbal exclusiva para o sujeito.

### 2.6.2.1. A colocação pronominal

A possibilidade de ênclise, mesóclise e interpolação com verbos finitos no espanhol antigo é algo que diferencia as duas fases, já que, no espanhol atual, a próclise é categórica nas orações

---

<sup>77</sup> Como comentei rapidamente no Capítulo 01, essa restrição determina que, se dois elementos competem pela mesma posição, o que estiver mais próximo é o que deve se mover.

<sup>78</sup> Vários trabalhos sobre as línguas germânicas V2 mostram que o sujeito representa a maior proporção dos constituintes em posição pré-verbal. Contudo, a proporção desses sujeitos não ultrapassa 70% dos constituintes em posição pré-verbal (cf. JÖRGENSEN, 1976; GERRITSEN, 1984; BOUMA, 2008). O fato de uma língua ser caracterizada como V2 não implica que esta língua tenha que frontear mais outros constituintes diferentes do sujeito. O que caracteriza uma língua como V2, na minha opinião, é a possibilidade de que qualquer outro constituinte possa aparecer em primeira posição. De todas as formas, o caso do espanhol antigo parece ser mais complicado. Retomarei esta questão mais abaixo.



finitas<sup>79</sup>. Segundo a proposta de Fontana (1993) para a mudança dos clíticos, o que mudou ao longo da história do espanhol foi o status mesmo do pronome clítico. Na fase antiga, o clítico era uma projeção máxima independente, um XP; no espanhol atual, o clítico é um afixo.

Não me deterei exaustivamente na situação dos clíticos já que o que interessa nesta investigação é a relação entre colocação pronominal e movimento do verbo. Entretanto, farei algumas considerações que parecem ser relevantes para a relação que pretendo estabelecer. As tabelas abaixo consideram a posição do clítico com verbos finitos nas duas fases da língua, discriminando ênclise, próclise e interpolação tanto em orações com uma única forma verbal como em orações com locução verbal. No caso das locuções, os casos de próclise são aqueles nos quais o pronome se cliticiza à forma finita; e os casos de ênclise são aqueles em que o pronome se cliticiza às formas não-finitas. Também houve caso de locuções em que o clítico estava enclítico à forma finita; estes casos foram computados como ênclise simples.

A Tabela 6 mostra a colocação pronominal tanto em orações matrizes como em orações subordinadas. A primeira linha de cada século mostra a porcentagem de formas simples e locuções separadamente e a segunda linha mostra a soma das duas formas para cada posição do clítico<sup>80</sup>.

**Tabela 6:** Colocação pronominal nas duas fases do espanhol

	próclise	próclise locuçã.	ênclise	ênclise locuçã.	interpolaçã.
	cl-V	cl-V <sub>[+fin]</sub> -V <sub>[-fin]</sub>	V-cl	V <sub>[+fin]</sub> -V <sub>[-fin]</sub> -cl	cl-XP-V
<b>Século XII</b>	53,29	10,22	35,04	0,73	
	63,51		35,77		
<b>Século XIII</b>	60,30	11,15	24,75	1,80	3,15
	71,45		26,55		
<b>Século XIV</b>	64,24	9,68	18,48	0,88	5,72
	73,92		19,36		
<b>Século XV</b>	64,35	15,21	14,43	3,90	3,12
	79,56		18,33		
<b>Século XIX</b>	75,02	8,06	8,06	8,68	
	83,08		16,74		
<b>Século XX</b>	86,54	6,27	4,03	3,13	
	92,81		7,16		

<sup>79</sup> Assim como a ênclise é categórica nos contextos não-finitos. No espanhol antigo, todavia, também havia variação entre ênclise e próclise com formas não-finitas.

<sup>80</sup> No Capítulo 04, apresento uma tabela para os clíticos considerando apenas formas simples e uma tabela considerando as orações com ordem V1 absoluto.

A Tabela 6 mostra que, nas duas fases do espanhol, a próclise sempre foi mais produtiva que a ênclise tanto em formas simples como em locuções<sup>81</sup>. Os dados da Tabela 6 mostram também que há um aumento da próclise e um decréscimo da ênclise tanto entre os Séculos XII-XV como entre do Século XIX para o Século XX. A interpolação é um fenômeno registrado somente entre os Séculos XIII-XV.

As Tabelas 7 e 8 a seguir apresentam separadamente os dados de orações matrizes e orações subordinadas respectivamente.

**Tabela 7:** Colocação pronominal em orações matrizes nas duas fases do espanhol

	próclise	próclise locuçã.	ênclise	ênclise locuçã.	interpolaçã.
	cl-V	cl-V <sub>[+fin]</sub> -V <sub>[-fin]</sub>	V-cl	V <sub>[+fin]</sub> -V <sub>[-fin]</sub> -cl	cl-XP-V
<b>Século XII</b>	38,57	6,65	54,53		
	45,22		54,53		
<b>Século XIII</b>	28,98	8,82	57,96	3,78	
	37,80		61,74		
<b>Século XIV</b>	39,40	10,64	47,88	1,33	
	50,04		49,21		
<b>Século XV</b>	54,24	5,65	38,42	1,13	
	59,89		39,35		
<b>Século XIX</b>	74,10	5,70	14,82	5,70	
	79,80		20,52		
<b>Século XX</b>	83,49	7,56	6,21	2,76	
	91,05		8,97		

A Tabela 7 acima mostra, com relação ao espanhol antigo, que, entre os Séculos XII-XIII, a ênclise era mais produtiva do que a próclise em orações matrizes. No Século XIV as duas formas se equilibram e, no Século XV, a próclise se torna mais produtiva. Com relação ao espanhol atual, a tabela mostra que a próclise é muito mais produtiva que a ênclise no Século XIX e, se pode dizer, categórica no Século XX. Os dados de ênclise com formas simples no Século XX são um total de 9 casos, sendo 8 formas de verbos no imperativo e apenas 1 forma não imperativa. Como já comentei acima, essa única forma é do ano de 1905, ou seja, do início do Século XX. Os casos de ênclise em locuções não são relevantes para a questão já que, de fato, o pronome está enclítico à forma não-finita.

<sup>81</sup> Não sei até que ponto a ênclise em formas V<sub>[+fin]</sub>-V<sub>[-fin]</sub>-cl seja relevante ou tenha alguma relação com a Lei Tobler-Mussafia já que há registro de formas V<sub>[+fin]</sub>-cl-V<sub>[-fin]</sub>, que resolvem do mesmo jeito o problema de o clítico estar em primeira posição.

**Tabela 8:** Colocação pronominal em orações subordinadas nas duas fases do espanhol

	<b>próclise</b>	<b>próclise locuçã.</b>	<b>ênclise</b>	<b>ênclise locuçã.</b>	<b>interpolaçã.</b>
	cl-V	cl-V <sub>[+fin]</sub> -V <sub>[-fin]</sub>	V-cl	V <sub>[+fin]</sub> -V <sub>[-fin]</sub> -cl	cl-XP-V
<b>Século XII</b>	71,72	14,67	11,41	1,63	
	86,39		13,04		
<b>Século XIII</b>	75,48	12,24	6,12	0,68	4,76
	87,72		6,80		
<b>Século XIV</b>	76,56	9,24	3,96	0,66	8,58
	85,80		4,62		
<b>Século XV</b>	68,33	19,85	1,75	5,26	4,67
	88,18		7,01		
<b>Século XIX</b>	76,16	10,88		12,24	
	87,78		12,24		
<b>Século XX</b>	92,16	3,84		3,84	
	96,00		3,84		

A Tabela 8, das orações subordinadas, mostra que a próclise é o padrão nesse tipo de oração e que a ênclise vai decrescendo em formas simples até desaparecer no Século XVI<sup>82</sup>, se tornando categórica no espanhol atual (mais uma vez, a ênclise em locuções é irrelevante). A interpolação, característica das orações subordinadas, é preferida no Século XIV.

Os dados das Tabelas 7 e 8 acima confirmam quantitativamente as diferenças qualitativas entre as duas fases. As tabelas mostram ainda que, no espanhol antigo, há um contraste entre orações matrizes e orações subordinadas com relação à colocação pronominal, sendo que as orações matrizes apresentam mais ênclise e as orações subordinadas apresentam mais próclise. Este contraste pode ser explicado pela Lei de Tobler-Mussafia, que restringe o uso da próclise em orações matrizes V1. O espanhol atual, por outro lado, não apresenta esse contraste entre orações matrizes e subordinadas já que a próclise é categórica com verbos finitos em ambas orações. A diferença com relação aos usos de ênclise em orações matrizes e subordinadas, no Século XX, pode ser explicada pelo fato de que imperativos são formas de orações matrizes. Como não há imperativos em orações subordinadas, nestes contextos não se registra nenhum caso de ênclise.

<sup>82</sup> A ênclise em orações subordinadas aparece novamente no Século XVII, mas é somente uma ocorrência.

### 2.6.2.2. A ordem O-V e a duplicação clítica

Discutindo a *tematização* e a *focalização* na *prosa alfonsí*, Fernández-Ordóñez (2009) comenta que o espanhol antigo se comportava da mesma forma que o espanhol atual com relação ao uso de clíticos e objetos fronteados: quando o objeto fronteadado era um tópico, havia a retomada pelo clítico; quando o objeto era um foco, não havia a retomada. Considerando que o espanhol antigo foi analisado como uma língua V2 por Fontana (1993), em Pinto (2010a) questionei se, de fato, as duas fases se comportam da mesma forma com relação a ordem O-V e o uso de clíticos já que o que se espera em línguas V2 é a possibilidade de ordem O-V sem retomada clítica em contextos em que línguas não V2 exigem a retomada clítica.

Como os contextos de *focalização* não oferecem nenhum esclarecimento à questão porque já são os contextos em que o clítico não é usado no espanhol atual, interessa observar se há retomada clítica por um clítico em contextos de *tematização*<sup>83</sup> e contextos neutros. Os dados do

---

<sup>83</sup> Hernanz e Brucart (1987), Lambrecht (1994, 2001) e Gutiérrez Ordóñez (2000) expõem que o *tema* é sobre o que trata a oração e o *rema* é o que se fala sobre o tema. Muito simplificada, a *tematização* é um recurso para pôr o tema em destaque e a *focalização* é um recurso para pôr o rema em destaque. Neste sentido, os objetos sublinhados em (97) representam, todos, casos de temas, já que são sobre o que se fala em seguida. Vallduvi (1990) faz uma interessante discussão sobre o componente informacional, revisa acuradamente as teorias que foram propostas até então e mostra que algumas noções não são completamente correspondentes, entre elas, por exemplo, as dicotomias “tema-rema”, “tópico-comentário” e “foco-suposição”. Vallduvi (1990) também propõe um modelo no qual seja possível capturar que uma oração contenha vários elementos discursivos. Por exemplo, a resposta de um contexto como em (i)

- (i) A: O que João bebeu?  
B: João bebeu vinho.

nos modelos anteriores não tinha uma estrutura em que “João”, “bebeu” e “vinho” tivessem cada uma função informativa. Duas possíveis análises são:

- (ii) a. João (tópico) / bebeu vinho (comentário)  
b. João bebeu (suposição) / vinho (foco).

No modelo de Vallduvi (1990), a estrutura informativa é organizada da seguinte maneira:

- (iii) a. S = {FOCUS, GROUND}  
b. GROUND = {LINK, TAIL}  
(VALLDUVI, 1990, p. 50)

FOCUS representa a informação nova (o foco); GROUND (que pode ser traduzido como *fundo*) representa a suposição. O que é interessante neste modelo é que se recupera o fato de que, na suposição, pode haver um elemento de destaque. Daí, a suposição ser dividida em LINK, que representa este elemento saliente; e TAIL (que pode ser traduzido como *cauda*), que é a parte não saliente da suposição. Voltando ao exemplo em (i), no modelo de Vallduvi (1990), a resposta seria organizada informativamente da seguinte maneira:

- (iv) [João (link) / bebeu (tail)] (ground) / vinho (focus).

espanhol antigo apresentados em (19) a (22) mostraram que, nestes dois contextos, embora haja casos de retomada clítica, há casos também de construções sem retomada pelo pronome clítico. Em (97) a seguir recupero alguns casos.

- (97) a. E esta carta **otorga** la abatíssima Sancha Garcíez, e la priora doña María Fortúnez e tod el convento. (1206)  
 b. e del molino de Ribíella el medio **diemos** al monesterio e otro medio **damos** a vós (1206)  
 c. e al huesped **sea asignada** parte para donde rrazonable mente pueda estar conlos que lo han de seruir. (1390B)  
 d. E tod aquel quj esta carta **quebrantar**, seia maldicto & descomungado (1223)  
 e. cualquier que este hataud **hallare** pido que haya los diez marcos de oro (11YY)

Os dados em (97a), (97b) e (97c) ilustram claramente casos de *tematização*. O primeiro caso é um fragmento do fechamento de uma carta de doação, em que o sintagma nominal “esta carta” aparece varias vezes no texto e não há contraste com nenhuma outra carta nem documento (Nos termos de VALLDUVI, 1990, “esta carta” é o *link*). A informação nova da oração é quem outorga a carta. O segundo caso trata do que se fez com um moinho, que é o tópico discursivo<sup>84</sup>. As outras duas metades são o tópico/tema de cada oração; posteriormente se diz o que se fez com cada metade. O terceiro caso é interessante porque se trata de um caso de voz passiva, que, como pontuado por Hernanz e Brucart (1987), é um recurso de *tematização*, já que tira o objeto da posição de tema e o coloca na posição de sujeito. Por outro lado, os dados em (97d) e (97e), se não representam contextos neutros de fato, tampouco representam contextos típicos de *tematização*.

Quando os exemplos em (97) do espanhol antigo são comparados com as suas contrapartes (traduções) do espanhol atual, se observa um claro contraste sintático entre as duas fases. No espanhol atual, os exemplos (97a), (97b) e (97c) só seriam gramaticais com a presença do clítico; os exemplos (97d) e (97e) não são possíveis nem com clítico nem sem clítico: a única

---

<sup>84</sup> Zubizarreta (1999) diferencia o *tema discursivo* do *tema oracional*. Veja-se o exemplo (i) a seguir tomado de Zubizarreta (1999, p. 4218):

- (i) El Sr. González es un científico muy erudito, pero su originalidad deja mucho que desear.

Uma oração como (i) pode ter como *tema discursivo* as possibilidades em (ia) e (ib), porém só (ia) pode ser considerado *tema oracional*.

- (i) a. O Sr. González.  
 b. A habilidade científica do Sr. González.

possibilidade é a ordem V-O. Vejam-se (98) e (99) a seguir, que ilustram o contraste de gramaticalidade. (98) ilustra as formas gramaticais do espanhol atual; (99) ilustra as formas traduzidas constituente por constituente do espanhol antigo, que são agramaticais no espanhol atual.

- (98) a. Y esta carta la **escriben** la abatíssima Sancha Garcéz y la priora doña María Fortúnez y todo el convento.  
 b. Y del molino de Ribielle la mitad (se) la **dimos** al monesterio y la otra mitad se la **damos** a usted.  
 c. y al huésped le **sea asignada** parte para [...]  
 d. Y el que no **cumpla** esta carta [...]  
 e. A cualquier que **halle** este ataúd le pido que quede con los diez marcos de oro.
- (99) a. \*Y esta carta **escriben** la abatíssima Sancha Garcéz y la priora doña María Fortúnez y todo el convento.  
 b. \*Y del molino de Ribielle la mitad **dimos** al monesterio y la otra mitad **damos** a ustedes  
 c. \*y al huésped **sea asignada** parte para [...]  
 d. \*Y el que esta carta no **cumpla** [...]  
 e. \*Cualquier que este ataúd **halle** pido que quede con los diez marcos de oro.<sup>85</sup>

A diferença entre as duas fases com relação ao *fronteamento* de constituintes fica evidente também quando se consideram os pronomes complementos tônicos. No espanhol antigo, as formas tônicas podiam aparecer sem as respectivas formas átonas (clíticos) tanto antes como depois do verbo. No espanhol atual, as formas tônicas, independentemente de se estão pré- ou pós-verbalmente, só podem aparecer se as respectivas formas átonas estiverem presentes<sup>86</sup>. Os dados em (100) ilustram as possibilidades do espanhol antigo e os dados em (101) e (102) ilustram as possibilidades e as impossibilidades do espanhol atual respectivamente:

<sup>85</sup> Os exemplos (97e), (98e) e (99e) são interessantes porque, além da obrigatoriedade da ordem V-O na oração relativa, é necessário também usar o clítico para retomar o objeto indireto do verbo principal “pedir”. A forma “cualquier que halle este ataúd pido que...”, embora tenha a ordem V-O na oração relativa, também é agramatical.

<sup>86</sup> Essa restrição só é válida para objetos diretos e indiretos. Outros casos, por exemplo, quando o pronome é complemento de uma preposição, permitem a forma tônica sem a forma átona:

- (i) Esto es para mí.

- Pronomes tônicos no espanhol antigo
- (100) a. y a mi no **place** otra cosa si no el remedio de la muerte. (11YY)  
 b. e otro medio **damos a vós** (1206)  
 c. é á vos é á la Orden **peche** quanto demandare (1244)  
 d. e de todos los derechos que a ellas **perteneçen** (1303)
- Possibilidades de pronomes tônicos no espanhol atual
- (101) a. y a mi no me **place** otra cosa si no el remedio de la muerte  
 b. Y la outra mitad se la **damos a ustedes**  
 c. y a ustedes y a la Orden les **pague** cuanto demande  
 d. y de todos los derechos que a ellas les **pertenecen**
- Impossibilidades de pronomes tônicos no espanhol atual
- (102) a. \*y a mi no **place** otra cosa si no el remedio de la muerte.  
 b. \*Y la outra mitad la **damos a ustedes**<sup>87</sup>  
 c. Y\* a ustedes y a la Orden **pague** cuanto demande  
 d. \*y de todos los derechos que a ellas **pertenecen**,

A diferença estrutural dos pronomes tônicos nas duas fases da língua fica evidente quando se traz à discussão contextos de *focalização*, em que o espanhol atual não requer a duplicação pelo clítico. Quando um pronome tônico é focalizado (mesmo *in situ*), o pronome átono também é obrigatório:

- (103) a. Aquí estamos las tres, pero ahora me toca A MÍ.  
 b. \*Aquí estamos las, pero ahora **toca A MÍ**.<sup>88</sup>

O contexto de (103) era o seguinte: uma programação em que se apresentaram três cantoras, sendo que a última era a mais antiga de todas. Quando entrou no palco, esta última cantora disse a oração em (103a). Fica claro que ela está fazendo um contraste entre as outras duas e ela.

<sup>87</sup> Embora o clítico de acusativo esteja presente retomando o objeto direto fronteadado, se o clítico de dativo não estiver presente, a oração permanece agramatical.

<sup>88</sup> Poderia ser argumentado que, neste caso, o problema está relacionado com o verbo “tocar” já que, mesmo com sintagmas nominais plenos, exige o pronome clítico, assim como o verbo “gustar” e “parecer” (ver FONTANA, 1993, a esse respeito). No entanto, se são considerados outros verbos que não obriguem o uso do clítico com sintagmas nominais plenos, o contraste continua:

- (i) a. Maria vio/llamó/invitó/saludó a Juan.  
 b. \*Maria vio/llamó/invitó/saludó a mí.  
 c. Maria me vio/llamó/invitó/saludó a mí.

O contraste nas possibilidades de uso dos pronomes tônicos e nas possibilidades de *fronteamento* de complementos verbais com ou sem retomada clítica nos contextos que não os de *focalização* é talvez o ponto mais relevante na diferenciação do espanhol antigo do espanhol atual dentre os aspectos que apresentei neste capítulo. Diante deste quadro, fica evidente que, mesmo que quantitativamente as duas fases da língua apresentem a mesma proporção com relação ao posicionamento superficial/linear do verbo, como mostrarei no próximo capítulo, nas duas fases as ordenações superficiais são decorrentes de estruturas diferentes.

### 2.6.2.3. A ordem XP-V e a posição do sujeito

Como mostrei acima, o espanhol antigo exibia a ordem O-V sem duplicação clítica, mesmo em contextos neutros e de *tematização*, diferentemente do espanhol atual, que só exhibe a ordem O-V sem duplicação clítica em contextos de *focalização*. Esse fato conduz à conclusão de que há alguma diferença no estatuto da posição imediatamente pré-verbal entre o espanhol antigo e o espanhol atual. Os exemplos em (104) e (105) a seguir ilustram esse contraste entre as duas fases do espanhol:

- (104) a. E esta carta **otorga** la abatíssima Sancha Garcíez, e la priora doña María Fortúnez e tod el convento. (1206)  
 b. Y en verdad que ninguno **he visto** yo tan apasionado de letargía que tan olvidado esté de sí mesmo. (1500)
- (105) a. Las acelgas María las **detesta**.<sup>89</sup>  
 b. Al guardia María lo **atizó**.

(HERNANZ e BRUCART, 1987, p. 82/89)<sup>90</sup>

<sup>89</sup> Embora Zubizarreta (1998), onde se diz que o espanhol atual tem a mesma estrutura que o espanhol antigo, trabalhe essencialmente com a ordem TOP-V-S, em Zubizarreta (1999), há uma série de exemplos com TOP-S-V (grifos meus):

- (i) a. [El sillón]<sub>TOP</sub>, Pedro lo **compró** en el mercado de **pulgas**.  
 b. [A una amiga]<sub>TOP</sub>, Pedro la **invitó** a bailar.  
 c. [Dinero]<sub>TOP</sub>, todo el mundo **necesita**.  
 d. Estoy segura de que [a sus amigos]<sub>TOP</sub>, María los **invitó** a cenar.  
 (ZUBIZARRETA, 1999, p. 4220/4222)

O exemplo (ic) é interessante porque se trata de sintagma nominal de massa frontado sem determinante, único caso em que o objeto direto pode ser *tematizado* sem duplicação clítica no espanhol já que o clítico tem um caráter [+específico] e os nomes de massa têm um caráter [-específico].

<sup>90</sup> Tomei o exemplo de Hernanz e Brucart (1987) porque não encontro esses casos de *tematização* no *corpus* que analisei para o espanhol atual e sei que fazem parte da gramática dos falantes nativos.



Além da questão da presença/ausência do clítico, uma diferença entre as duas fases do espanhol com relação à ordem O-V é que, no antigo, como mostra (104), o sujeito está posposto (também pode estar nulo, como mostrei acima), superficializando a ordem O-V(-S) e, no atual, como mostra (105), o sujeito pode estar disposto pré-verbalmente, entre o objeto e o verbo, superficializando a ordem O-(S-)cl-V.

Outro aspecto interessante sobre a posição do sujeito na ordem XP-V vem da observação do *fronteamento* de orações subordinadas, como discutido em (33) acima. Vance, Donaldson e Steiner (2009) mostram que, já no francês dos Séculos XII-XIII, quando se fronteava uma oração subordinada, o sujeito podia aparecer em posição pré-verbal. Os dados que apresentei em (33) mostram que, no espanhol antigo, quando se fronteava uma oração subordinada, o sujeito aparecia em posição pós-verbal. No espanhol atual, por outro lado, não há restrição ao sujeito pré-verbal quando se fronteia uma oração subordinada, vide a gramaticalidade de dados como os ilustrado nos exemplos em (106):

- (106) a. Si llueve mucho, Juan no **va** a ir a la escuela.  
 b. Como me digas algo, yo te **doy** una paliza.

O que o contraste, tanto com relação à ordem O-V como em relação às orações subordinadas fronteadas entre o espanhol antigo e o espanhol atual, mostra é que, no espanhol antigo, o sujeito não tinha uma posição pré-verbal exclusiva para si, ao contrário do espanhol atual, que dispõe de uma posição pré-verbal exclusiva para o sujeito.

A hipótese de Fontana (1993) para explicar a mudança do espanhol antigo de um sistema V2-IP para o espanhol atual, caracterizado por um sistema não V2, é justamente a hipótese de que alguma coisa mudou na posição pré-verbal do espanhol antigo para o espanhol atual. No próximo capítulo, argumentarei no sentido contrário: a mudança na posição pré-verbal não é a causa da mudança lingüística, mas sim a consequência dela.

#### 2.6.2.4. Os complexos verbais e a posição do sujeito

O último aspecto, dentre os apresentados em 2.4. e 2.5., que diferenciam as duas fases do espanhol é a possibilidade de que outros constituintes, principalmente o sujeito, apareçam mais livremente entre o verbo auxiliar/modal e o verbo lexical no espanhol antigo:

(107)		Espanhol Antigo	Espanhol Atual
	Aux-S-V	OK	?

Se a ordem Aux-S-V não é de todo impossível no espanhol atual, é muito pouco produtiva<sup>91</sup>. Se a possibilidade de ordem Aux-S-V indica que o verbo se moveu para uma posição mais alta na estrutura, este contraste entre as duas fases do espanhol pode indicar que, no espanhol antigo, o verbo está em outra posição, diferente da posição que ocupa no espanhol atual.

Uma evidência a mais para o fato de que os complexos verbais se comportam de forma diferente é dada por Fontana (1993), quando mostra que as formas não-finitas podem ser fronteadas:

- (108) a. con las condiciones que **dichas son** (1320)  
 b. que **deuida le sea** (1489)  
 c. y en tan conveniente lugar, que mi secreto dolor **manifestarte pudiese**. (1499)

Os exemplos em (108) mostram que, tanto na voz passiva como na locução com o verbo modal, a forma não-finita se move para antes do verbo finito. Pode-se dizer que os exemplos (108a) e (108b) ilustram casos de ordem V2 e o exemplo (108c) ilustra um caso de construção de *object*

<sup>91</sup> Rizzi (1991), Ordóñez (2005) dizem que, em línguas românicas, a ordem Aux-S-Participio é impossível. Contudo, Ordóñez (2005) mostra que, no espanhol, esta restrição não opera sobre sujeitos pronominais.

Fazendo uma pesquisa aleatória em uma página de buscas na Internet, encontrei os seguintes resultados (as cifras se referem às ocorrências):

había yo hecho: 25.900	habías tu hecho: 8
yo habia hecho: 3.510.000	tu habias hecho: 21.500
había hecho yo: 1.460.000	habías hecho tu: 37.800
había él hecho: 5.190	habíamos nosotros hecho: 8
él habia hecho: 3.850.000	nosotros habíamos hecho: 109.000
había hecho él: 412.000	habíamos hecho nosotros: 46.600

Embora não seja possível fazer uma análise rigorosa dos resultados tendo em vista que não foi possível filtrá-los nem analisar os contextos em que aparecem efetivamente, é possível ter uma noção de que a forma Aux-S-Participio é pouco produtiva realmente inclusive com sujeitos pronominais.

*shift*, considerando que o infinitivo é uma forma nominal e é estruturalmente complemento do verbo modal<sup>92</sup>.

## 2.7. Conclusão

No começo do capítulo, levantei o problema principal desta Tese com relação ao espanhol, que é saber se o espanhol atual seria ainda uma língua V2 como era o espanhol antigo. Em seguida apresentei os dados do espanhol antigo e os dados do espanhol atual. A comparação das duas fases mostrou que há aspectos que, isoladamente, não podem distinguir as duas fases. São eles: a posição do verbo em relação ao objeto direto e os advérbios modificadores da ação verbal; a clivagem; a posição do sujeito nas ordens S-V e V-S; e a posição linear do verbo nas ordens V1, V2 e V>2 já que esses quatro aspectos são encontrados indistintamente em ambas as fases do espanhol. Outros aspectos, no entanto, oferecem algumas evidências de que as duas fases do espanhol são sistemas lingüísticos diferentes: a colocação dos pronomes clíticos; a ordem O-V e as formas tônicas dos pronomes complementos; a posição do sujeito na ordem XP-V; os complexos verbais.

---

<sup>92</sup> Fontana (1993) e Mesching (2009) destacam que estes dados são também uma evidência a favor do movimento remanescente (*remnant movement*) tendo em vista que as formas não-finitas são geradas como núcleo e são movidas para a frente da oração. Essas formas não podem ter se movido para a posição de núcleo por duas razões: 1) teriam que saltar o verbo finito, o que feriria *Head Movement Constraint*, já que os núcleos só podem se mover ciclicamente para a primeira posição de núcleo superior; se a forma finita se move do V<sup>o</sup> para C<sup>o</sup>, salta o verbo finito em alguma posição intermediária; 2) embora os exemplos em (108) sejam exclusivamente de formas verbais nuas, Fontana (1993, p. 81) dá exemplos em que um verbo com seu objeto é fronteado como o que ilustro em (i):

- (i) Et sy ... su vezina tan hermosa fuese que desalabar su fermosura no **puede**.

Fontana (1993) também mostra que essas construções de *fronteamento* de VP, pelo menos com o infinitivo, são possíveis no espanhol atual:

- (ii) a. Cocinar tan bien como Merche no **puedo**, pero si que sé preparar un curry muy bueno.  
b. Salir del edificio no **puedo**, pero me han dado absoluta libertad para moverme por cualquiera de sus habitaciones y pasillos.

(FONTANA, 1993, p. 80-81)

Os exemplos do espanhol atual contrastam claramente com os do espanhol antigo no sentido de que, no espanhol atual, o *fronteamento* de VP só acontece em caso de foco/contraste, como mostram os exemplos em (ii). Em contextos neutros, essas construções são agramaticais:

- (iii) a. \*Maria se fue a casa pronto para que su mamá dormir pudiera.  
b. \*Maria se fue a casa pronto para que dormir pudiera su mamá.

Os dados apresentados confirmam o fato de que gramáticas diferentes podem gerar estruturas superficiais<sup>93</sup> idênticas. Neste sentido, o espanhol antigo não pode ser caracterizado como uma língua V2 somente pelo fato de apresentar ordem superficial V2 ou não; assim como o espanhol atual tampouco pode ser caracterizado pelo mesmo critério. Uma análise qualitativa das duas fases é necessária para esclarecer a questão. Além disso, como Fontana (1993) matiza, o rótulo “língua V2” não pode ser entendido estritamente, ou seja, como se a língua só apresentasse ordem linear V2, já que mesmo as línguas V2 mais prototípicas apresentam ordens V1 e V>2 sob condições específicas, como é o caso da ordem V1 narrativa. Uma língua V2, portanto, deve ser definida estruturalmente a partir do tipo de movimento que o verbo realizada na estrutura e da relação do verbo com outros constituintes com os quais se relaciona. Neste sentido, a diferença entre as duas fases do espanhol não é quantitativa, mas sim qualitativa já que, embora as mesmas ordens sejam encontradas nas duas fases da língua com a mesma proporção, há diferenças qualitativas consideráveis entre elas.

Um exemplo dessa relação pode ser trazido da ordem V>2. No espanhol antigo é registrada a ordem S-O-V, em casos que representam construções de *object shift*; apesar de a ordem V>2 ser encontrada também no espanhol atual, a ordem S-O-V não é registrada.

Os dados do espanhol antigo apresentados na seção 2.4. levam ainda a uma consideração bastante relevante: o espanhol antigo parece não possuir uma gramática V2 pura, mesmo que se considere o efeito V2 das línguas românicas antigas diferente do efeito V2 das línguas germânicas atuais. Fontana (1993) e Martins (2003), por um lado, constroem seus argumentos com base nas estruturas V2 e por isso consideram as duas fases distintas. Fernández-Ordóñez (2009), por outro lado, constrói seus argumentos com base nas estruturas não V2, idênticas às estruturas da gramática atual. O que fica claro a partir da observação dos dados, como já pontuado por Mesching (2009) e Pinto (2010b), é que havia variação entre estruturas V2 e estruturas não V2 no espanhol antigo<sup>94</sup>. Pode-se supor, portanto, que o espanhol antigo apresentava um processo de competição de gramáticas no sentido de Kroch (2001)<sup>95</sup>.

---

<sup>93</sup> Ter em mente que não estou empregado o termo no sentido técnico, como o nível de representação, que se opõe à *estrutura profunda*.

<sup>94</sup> Note-se, por exemplo, a existência de ordem O-V sem retomada clítica e ordem O-V com retomada clítica. Outro ponto que também evidencia a existência de duas gramáticas diferentes no espanhol antigo é a posição do sujeito pós-verbal. Como mostrei, o espanhol antigo apresenta tanto a ordem V-S(-XP) como a ordem V-XP-S. Nas línguas V2 prototípicas, quando o sujeito não é o primeiro XP, aparece sempre imediatamente depois do verbo, na ordem XP-V-S(-XP). Neste sentido, o fato de que o espanhol antigo apresente também a ordem V-XP-S é uma evidência a

Por fim, umas palavras sobre a ausência de ocorrências no *corpus*<sup>96</sup>. Vários trabalhos sobre línguas antigas com base em *corpus* (cf. BENINCÀ, 2006, para o caso das línguas românicas) têm assumido que a ausência de dado implica em agramaticalidade. No caso do espanhol atual, há pouquíssimas ocorrências de CLLD no *corpus* estudado; no entanto, se sabe que essas construções são gramaticais e bastante freqüentes na língua oral<sup>97</sup>. Se este caso for levado ao espanhol antigo, pode-se pensar que, do mesmo modo, se uma construção não foi registrada, não implica necessariamente que esta construção não existia na língua falada da época. Como não é possível consultar a intuição de falantes nativos nos estudos sobre fases passadas das línguas, os lingüistas se colocam mais ou menos na posição de crianças em processo de aquisição da linguagem: têm somente evidências positivas. Como conseqüência disto, outro aspecto que merece cuidado é a freqüência dos dados. Se não ocorrência no *corpus* não indica agramaticalidade, pouca freqüência tampouco indica, isoladamente, alguma coisa. Falando concretamente, há apenas uma

---

favor da existência de uma gramática não V2. A hipótese de que as línguas românicas antigas possuíam uma competição de gramáticas também é defendida por Salvi (2001) com base em dados do francês antigo e do galego-português.

<sup>95</sup> O seguinte trecho de Kroch (1989, p. 3), também sustenta essa afirmação:

*To study the process of change, we must recognize that the historical texts from which we abstract our data are records of language in use. They have preserved, for us to re-experience or to study, past human linguistic activity; and this activity was not that of ideal speaker/hearers in a homogeneous setting but that of actual people in specific historical circumstances.[...] Furthermore, the widespread occurrence of bilingualism and diglossia show that people often know more than one grammatical system; and the striking phenomenon of intra sentential code-switching reveals that, in using their knowledge, people may switch fluently between forms from different systems.*

<sup>96</sup> Um segundo aspecto que merece observação é a influência da norma nos textos escritos. Contudo, Fontana (1993, p. 12) diz o seguinte:

*The second related worry, namely the potential for prescriptivist influence on the texts, is in principle more serious. However, it is important to remember that prescriptive pressures, while a very familiar aspect of certain modern formal registers, perhaps most acute in the case of standard French as noted above, are not ubiquitous. This is particularly true for the earlier stages in the development of the Romance languages during the middle ages. It is hardly questionable that some sort of consciousness on the part of the author about style and eloquence must have been part of the activity of writing even in the early middle ages. However, most scholars agree that nothing corresponding to contemporary notions of grammatical correctness was developed for the vernaculars of the time (whether written or spoken).*

<sup>97</sup> Vale lembrar também o trabalho de Groppi (2009) sobre a duplicação clítica, como em “la vi a María” no espanhol com base em *corpus* de língua falada. Groppi (2009) mostra que a ausência de duplicação clítica se deve a uma variação estilística, devido à organização do discurso na língua falada e na língua escrita. Com efeito, Kroch (1989, p. 1) diz:

*The difficulty will be mitigated if two reasonable assumptions are made [...] 2) For reasonably simple sentences, if a certain type does not occur in a substantial corpus, then it is not grammatically possible in the language of that corpus. Here the assumption is, of course, problematic since non-occurrence in a corpus may always be due to non-grammatical, contextual factors or even to chance.*

ocorrência de sujeito expletivo no *corpus* que analisei do espanhol antigo. Esta ocorrência, na minha opinião, apenas sugere que alguma coisa podia estar acontecendo de diferente do espanhol atual e que este fato precisa ser investigado. A partir desta uma ocorrência não é possível concluir se sujeitos expletivos eram de fato inexistentes, como na gramática atual, ou se, por outro lado, havia a possibilidade de sujeitos expletivos e em que contextos apareciam.

Nos próximos capítulos tentarei responder a algumas perguntas que se levantam a partir da exposição feita ao longo deste capítulo. No Capítulo 03, proporei uma análise para o posicionamento do verbo no espanhol antigo e no espanhol atual. No Capítulo 04, tentarei explicar o processo de mudança pelo qual o espanhol passou, observando que a competição de gramática é apenas aparente ou que, pelo menos, havia um predomínio da gramática V2. Além disso, tentarei relacionar os fatos estruturais a questões sócio-históricas do espanhol europeu.

# CAPÍTULO 03

---

## O MOVIMENTO DO VERBO NAS DUAS FASES DO ESPANHOL

### 3.1. Introdução

No Capítulo 01, discuti questões relacionadas com a análise formal do efeito V2 nas línguas germânicas atuais, enfatizando o problema da variação no efeito V2 nas orações subordinadas. As primeiras línguas V2 a serem estudadas foram o alemão e o holandês, que apresentam assimetria entre orações matrizes e orações subordinadas e foi proposto por Den Besten (1989) que, nas orações matrizes dessas línguas, o verbo se move para C°. Posteriormente, quando outras línguas germânicas foram estudadas, se mostrou que há línguas que não exibem a assimetria entre os dois tipos de oração e se postulou que, nessas línguas simétricas como o iídiche e o islandês, o verbo se move somente até I°. Alternativamente, apareceram outras propostas para explicar a diferença entre os dois tipos de língua, entre as quais, a proposta de recomplementação de CP, em que se propôs que, nas línguas simétricas, o CP subordinado tem duas projeções. Esta análise tampouco esteve isenta de críticas. Contudo, Vikner (1995) a retoma e apresenta argumentos bem consistentes que parecem não deixar dúvidas sobre a sua adequação na explicação do efeito V2 nas línguas germânicas. Retomei a proposta de Vikner (1995) e a combinei com propostas mais recentes de Julien (2009, 2010) sobre o papel da força ilocucionária na manifestação do efeito V2 e propus uma análise unificada para o movimento do verbo em ambos os tipos de línguas (simétricas e assimétricas).

No Capítulo 02, levantei o problema da ordem de palavras/constituintes no espanhol, se as duas fases da língua são o mesmo tipo de gramática (língua-I) ou não. Os dados que apresentei levaram à conclusão de que as duas fases do espanhol possuem aspectos semelhantes (a posição do verbo em relação ao objeto e aos advérbios, a posição do sujeito, a posição linear do verbo na oração), que não permitem esclarecer a questão, mas também apresentam aspectos distintivos (a colocação dos clíticos, os complexos verbais, e a distribuição da ordem O-V), que indicam que as

duas fases são gramáticas diferentes, sendo o espanhol atual caracterizado como uma gramática não V2 e o espanhol antigo caracterizado como uma gramática V2, assim como Fontana (1993) propôs, de forma semelhante a algumas línguas germânicas atuais.

Neste sentido, dentre os aspectos distintivos das duas fases, também foi observado que, no espanhol antigo, as duas variantes eram possíveis, tanto a variante distintiva como a variante não distintiva. Por exemplo, se encontram construções de *fronteamento* de objeto (ordem O-V) tanto com retomada clítica como sem retomada clítica. A partir dessa constatação, concluí, assim como Mesching (2009) e Pinto (2010b), que havia um processo de competição de gramáticas no espanhol antigo. Ou seja, o espanhol antigo apresentava tanto uma gramática semelhante como uma gramática diferente da gramática do espanhol atual. Diacronicamente, o que dados parecem indicar é que não houve uma mudança paramétrica, mas sim a eliminação de uma das duas gramáticas, no caso, da gramática V2.

Neste capítulo, proporei uma análise formal do movimento do verbo na gramática do espanhol atual e na gramática V2 do espanhol antigo. Em primeiro lugar, discutirei uma questão central, que é a posição do sujeito no espanhol atual. Em seguida, discutirei questões relacionadas com o *fronteamento* de objetos nas duas fases da língua. A partir daí, proporei uma análise para o movimento do verbo em cada uma das fases do espanhol. Considerando que as gramáticas V2 são mais marcadas que as gramáticas não V2 (como vários trabalhos discutem, para que o verbo se mova até C°, obrigatoriamente tem que passar por I°), começarei a discussão pela gramática do espanhol atual. Depois, discutirei o movimento do verbo no espanhol antigo e como as principais ordens de constituintes podem ser derivadas dentro deste sistema V2. Para finalizar, farei uma pequena discussão sobre as ordens não V2 do espanhol antigo.

### **3.2. A posição do sujeito**

Nesta seção, discutirei questões relacionadas com a posição do sujeito. Em primeiro lugar, discutirei os sujeitos pós-verbais, tanto na ordem V-S(-XP) como na ordem V-XP-S. Proporei uma análise, seguindo Bobaljik e Jonas (1996) e Ordóñez (2005), na qual, em ambos os casos, o sujeito se move do VP para posições superiores na estrutura. Na segunda parte, discutirei a posição dos sujeitos pré-verbais, enfatizando a questão de se as línguas de sujeito nulo têm uma posição pré-verbal exclusiva para o sujeito. Para isso, me deterei na posição dos sujeitos referenciais. A minha



análise, a partir da proposta de Costa (2001) e Costa e Duarte (2002) para o português europeu, é a de que, mesmo em línguas de sujeito nulo, o sujeito referencial pré-verbal pode ter uma posição exclusiva para si dentro da oração.

Embora a discussão esteja baseada nos dados do espanhol atual, os principais aspectos dela se aplicam também ao espanhol antigo já que ambas as fases apresentam sujeito nulo, sujeitos pré-verbais e sujeitos pós-verbais. Quando discutir o movimento do verbo no espanhol antigo, na seção 3.4.2., retomarei a discussão e apresentarei a diferença na posição do sujeito nas duas fases.

### 3.2.1. Sujeitos pós-verbais

Ordóñez (1997) e Zubizarreta (1998, 1999) mostram que o espanhol atual tem duas possibilidades de sujeitos pós-verbais: uma posição final, sendo o último constituinte da oração, na ordem V-XP-S, como mostra o exemplo em (1); e uma posição intermediária, na ordem V-S-XP, seguindo imediatamente o verbo, como ilustra o exemplo em (2):

(1) Espero que te **devuelva** el libro Juan.

(ORDÓÑEZ, 1997, p. 26)

(2) Espero que te **devuelva** Juan el libro.

(ORDÓÑEZ, 1997, p. 26)

No exemplo em (1), o sujeito sempre representa o foco da oração. No exemplo em (2), o sujeito não está necessariamente focalizado<sup>1</sup>.

#### 3.2.1.1. A ordem V-XP-S<sup>2</sup>

A partir da hipótese de que o sujeito é gerado dentro do VP, como proposto por Zagana (1982) e Koopman e Sportiche (1991), quando se encontra na ordem V-XP-S, segundo Ordóñez

<sup>1</sup> Ordóñez (1997) diz que a ordem V-S-O pode ser usada para responder à pergunta “¿Qué pasó?” enquanto a ordem V-O-S não. Para um estudo mais detalhado, ver Ordóñez (1999).

<sup>2</sup> Este parece ser um ponto em que o espanhol varia. Gutierrez Bravo (2002) observa que a ordem V-O-S no espanhol mexicano só é possível se a primeira posição estiver ocupada.

(1997) e Zubizarreta (1998), o sujeito permanece dentro do VP, em Spec<sub>v</sub>P. Para Zubizarreta (1998), a checagem dos traços-D do DP sujeito é feita na sintaxe invisível após *spell out*.

A colocação do sujeito em posição pós-verbal depende também de fatores prosódicos e informativos. Zubizarreta (1998, 1999), seguindo as teorias fonológicas no sentido de que o constituinte de maior proeminência na oração receberá um acento nuclear<sup>3</sup>, propõe a existência de dois acentos nucleares: o acento nuclear neutro e o acento nuclear contrastivo. O *acento nuclear neutro* identifica o foco informativo e o *acento nuclear contrastivo*, por sua vez, identifica o foco contrastivo. No caso do espanhol, segundo Zubizarreta (1998), a acentuação nuclear neutra é determinada pela regra fonológica em (3):

- (3) *Given to sister categories C<sub>i</sub> and C<sub>j</sub>, the one lower in the asymmetric c-command ordering is more prominent.*<sup>4</sup>

(ZUBIZARRETA, 1998, p. 9/124)

A regra em (3) determina o que Zubizarreta (1998) chama de *p-movement*, ou seja, movimento prosodicamente motivado. De acordo com esta regra, o elemento mais encaixado na estrutura é o elemento fonologicamente mais proeminente, recebendo o *acento nuclear neutro*. Se um constituinte é marcado com o traço [+F(oco)], este constituinte precisa receber o *acento nuclear neutro*, devendo estar na posição mais encaixada na sentença; mas, para isso, outros constituintes

---

<sup>3</sup> Zubizarreta (1999, p. 4228) diz:

*...todo enunciado va acompañado de una melodía o entonación la cual se puede describir a un nivel más abstracto como una secuencia de acentos tonales. La melodía puede estar constituida por uno o más grupos melódicos (o constituyentes prosódicos). En ciertos casos, la pausa indica una frontera entre dos constituyentes prosódicos. En otros casos, la frontera no coincide con pausa alguna, y se manifiesta mediante propiedades de la curva melódica. Por ejemplo, en una oración declarativa, puede indicarse mediante el descenso completo de la curva melódica, seguida inmediatamente de un ascenso. (Así en el caso de la dislocación a la izquierda A María, Pedro la ama, la frontera entonativa entre el constituyente dislocado y el sujeto puede o no coincidir con una pausa.) El constituyente prosódico está constituido por una o más palabras prosódicas, y cada palabra está prosódica está asociada a un acento tonal. Dicho de modo más preciso, el acento tonal se asocia a la sílaba de mayor prominencia dentro de la palabra (por ejemplo, se asocia a la primera sílaba de la palabra mesa y a la segunda sílaba de la palabra sillón). Los acentos tonales pueden ser altos, bajos, ascendentes o descendentes. Dentro del constituyente prosódico (o grupo melódico), una de las palabras se destaca como más prominente. Llamaremos "acento nuclear" al acento tonal asociado a la palabra de mayor prominencia perceptiva dentro del grupo melódico...*

<sup>4</sup> Dadas duas categorias irmãs C<sub>i</sub> e C<sub>j</sub>, aquela mais baixa na ordenação de c-comando assimétrico é a mais proeminente.

que são concatenados em posições mais baixas que este constituinte marcado com o traço [+F] devem ser movidos para outras posições.

O espanhol, segundo Hernanz e Brucart (1987) e Zubizarreta (1999), é uma língua cuja ordem básica é a ordem S-V-O. Portanto, o sujeito não é naturalmente o elemento mais encaixado na estrutura. Uma pergunta como (4a), tendo o sujeito como foco, exige que a resposta seja necessariamente (4b), o que mostra que o sujeito focalizado não pode estar na posição canônica<sup>5</sup>:

- (4) a. ¿Quién comió la manzana?  
 b. Pues... La manzana, se la **comió** Pedro.  
 c. #Pues... La manzana Pedro se la **comió**.

Nas análises de Ordóñez (1997) e de Zubizarreta (1998)<sup>6</sup>, nestes contextos, o sujeito permanece dentro do VP e os demais elementos são movidos para posições superiores. Um dos argumentos que Ordóñez (1997) usa para mostrar que o sujeito está dentro do VP e o objeto, por exemplo, é quem foi movido para fora do VP é o fato de que na ordem V-O-S o objeto c-comanda o sujeito enquanto que, na ordem V-S-O, o objeto não pode c-comandá-lo. Veja-se o contraste em (5):

- (5) a. \*Este libro se lo regaló su<sub>i</sub> amigo [a cada niño]<sub>i</sub>  
 b. Este libro se lo regaló [a cada niño]<sub>i</sub> su<sub>i</sub> amigo.

(ORDÓÑEZ, 1997, p. 34)

Em (5a), o sujeito “su amigo” precede o objeto indireto “a cada niño”. “Su” é uma anáfora e precisa ser c-comandada pelo seu antecedente. Como o sujeito está numa posição mais alta que o objeto, a anáfora não pode ser c-comandada; logo, a oração é agramatical. Por outro lado, em (5b), que é gramatical, a anáfora está numa posição em que pode c-comandar o sujeito. Este contraste, penso, não mostra que o sujeito está em Spec<sub>v</sub>P na ordem V-XP-S. O que esse contraste mostra é

<sup>5</sup> Esta regra só se aplica ao foco informativo. O foco contrastivo pode receber o *acento nuclear contrastivo* em qualquer posição da estrutura. Zubizarreta (1998, p. 2-7) define o foco informativo através da forma lógica em (i):

- (i) Existe um  $x$  tal que  $x$  comeu a maçã.  
 O  $x$ , tal que  $x$  comeu a maçã, é Pedro.

Ou seja, na forma lógica em (i), o foco é o elemento que fixa o valor da variável deixada em aberto pelo pronome interrogativo. Por outro lado, o foco contrastivo vai negar ou corrigir uma asserção feita previamente.

<sup>6</sup> Costa e Duarte (2002) propõem uma análise similar para o português europeu.

que o XP está localizado numa posição mais alta que o sujeito, independentemente de onde o sujeito esteja localizado.

Considerando que o sujeito é sempre um foco na ordem V-XP-S, assumirei a proposta de Belletti (1999, 2003, 2004) da periferia do VP para a explicação desta ordem de constituintes<sup>7</sup>. Belletti (2004) faz um contraste entre a inversão V-S do italiano e a do francês, como mostram os exemplos em (6):

- (6)
- a. Ha parlato Gianni (italiano)  
Falou Gianni
  - b. E' partito Gianni (italiano)  
Saiu Gianni
  - c. \*A parlé Jean (francês)  
Falou Gianni
  - d. \*Est parti Jean (francês)  
Saiu Gianni
  - e. Le jour où a parlé/est parti Jean (francês)  
O dia em que falou/saiu Gianni
  - f. Il faut que parle/parte Jean (francês)  
É necessário que fale/saia Gianni
  - g. Il giorno in cui ha parlato/è partito Gianni (italiano)  
O dia em que falou/saiu Gianni
  - h. E' necessario che parli/parta Gianni (italiano)  
É necessário que fale/saia Gianni

(BELLETTI, 2004, p. 18)

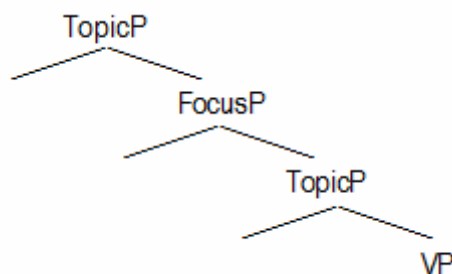
Belletti (2004) comenta que há diferenças entre os tipos de inversão atestados nos exemplos acima. A inversão estilística (*stylistic inversion*) é aquela que é desencadeada em um contexto específico, como na presença de uma *oração-WH*, como se observa em (6e-g). Já a inversão livre (*free inversion*) acontece sem um desencadeador visível, como se observa em (6a-b). Com base no contraste entre os exemplos (6a-b) / (6c-d) e (6e-f) / (6g-h), pode ser atestado que o

<sup>7</sup> Esta análise já foi assumida em Pinto (2008).

francês não apresenta a chamada inversão livre, como uma consequência da mudança no parâmetro do sujeito nulo. O contraste dos exemplos em (6) com relação à possibilidade de inversão do sujeito corrobora a hipótese de Belletti (1999) de que o sujeito pós-verbal no italiano deve ser interpretado como sujeito focalizado<sup>8</sup>. E Belletti (2004) diz que, na inversão livre, o sujeito pós-verbal não está tão alto na estrutura quanto o sujeito da inversão estilística.

Desta forma, Belletti (1999; 2004) assume a existência de uma periferia interna da oração, semelhante à periferia esquerda de Rizzi (1997), que vai ser responsável pelo lugar de pouso do sujeito focalizado na inversão livre, já que o sujeito não está tão baixo, como em Spec $\nu$ P, nem tão alto, como SpecIP. A periferia do VP é proposta por Belletti (1999; 2003; 2004) como representado em (7) abaixo:

(7)



(BELLETTI, 2004, p. 25)

A periferia do VP está localizada entre IP e  $\nu$ P e, evidentemente, só pode possuir projeções de foco e tópico. Força e finitude são projeções exclusivas da periferia esquerda, que são as projeções que subcategorizam toda a oração.

A partir da exposição acima, surge a pergunta a seguir. Segundo as regras fonológicas propostas por Zubizarreta (1998), o acento nuclear, que identifica o foco informativo, é alinhado com a posição mais encaixada da estrutura. Na ordem V-XP-S, quando o XP é movido do VP, o sujeito se torna o constituinte mais encaixado na estrutura. Por quê precisa se mover, então, de Spec $\nu$ P para SpecFocP?

Esta pergunta é bastante difícil de ser respondida empiricamente já que, como dito, o sujeito é o constituinte mais encaixado na estrutura e todos os outros elementos devem estar posicionados

<sup>8</sup> Belletti (1999) diz que as ordens V-S-O/V-S-XP são agramaticais; contudo, a ordem V-S-CP é gramatical.

antes dele. Para mostrar que o objeto foi movido para fora do VP, Ordóñez (2005) usa o teste da relação entre quantificadores flutuantes e advérbios de modo e mostra que, em espanhol, o objeto se posiciona à esquerda do advérbio de modo<sup>9</sup>:

- (8) a. Juan lo hace todo bien.  
b. \*Juan lo hace bien todo<sup>10</sup>.

Os exemplos em (8) mostram que a ordem V-O-Adv é gramatical e a ordem V-Adv-O é agramatical. Considerando que os advérbios de modo se posicionam à borda esquerda do vP, o contraste indica que o objeto direto foi movido para uma posição mais alta. Quando o sujeito está em posição pós-verbal, o mesmo contraste se observa:

- (9) a. (lo) hace todo bien Pedro.  
b. \*?Aquí (lo) hace bien todo Pedro.

(ORDÓÑEZ, 2005, p. 263)

Os dados em (9) mostram o mesmo contraste observado em (8): a ordem O-Adv é gramatical enquanto que a ordem Adv-O é agramatical. O fato de o sujeito estar posposto em (9) e a ordem V-O-Adv-S ser possível sugere que o sujeito permaneceu dentro do VP já que o advérbio está marcando a borda do VP.

Observem-se agora os dados em (10) e (11):

- (10) a. Las estudiantes lo hacen todas todo bien.  
b. \*Las estudiantes lo hacen todo todas bien.

(ORDÓÑEZ, 2005, p. 263-264)

---

<sup>9</sup> Ordóñez (2005) se inspira na discussão de Kayne (1975) que mostra que os objetos quantificados se deslocam do VP em francês porque se localizam à esquerda do verbo:

- (i) Jean a [tout] mangé [\*tout].  
(KAYNE, 1975 apud ORDÓÑEZ, 2005, p. 262)

Como em espanhol não há esta possibilidade, Ordóñez (2005) aplica o teste dos advérbios.

<sup>10</sup> Os dados originais (ORDÓÑEZ, 2005, p. 263) apresentam sujeito pós-verbal. Como quero isolar os fatos, adaptei os dados pondo o sujeito em posição pré-verbal.

- (11) a. Ayer lo hizo/encontró Juan todo bien.  
 b. \*Ayer lo hizo/encontró todo Juan bien.

(ORDÓÑEZ, 2005, p. 264)

Em (10a) e (11a), o sujeito quantificado e o sujeito nominal aparecem na ordem V-S-O-Adv. Em (10b) e (11b), por outro lado, os sujeitos se realizam na ordem V-O-S-Adv. Os dados em (10) e (11) mostram que tanto o sujeito quantificado como o sujeito nominal não podem intervir entre o objeto e o advérbio.

No Capítulo 01, comentei a proposta de Bhatt e Yoon (1992), que propõe que modo deve ser identificado de alguma forma na estrutura. Algumas línguas, como o coreano, inserem partículas; outras línguas realizam o movimento do verbo. Da mesma forma, é possível pensar que, em línguas configuracionais, nas quais há relação entre função sintática e estrutura informativa, o foco precisa ser identificado estruturalmente<sup>11</sup>. Ordóñez (2005) comenta que o sujeito pode estar focalizado na ordem V-S-O. Em Pinto (2008), registro precisamente casos de ordem V-S-XP em que S é o foco:

- (12) La cuidé yo durante un año.

(PINTO, 2008, p. 154)

Se o XP “durante un año”, que também modifica a ação verbal, está adjungido ao  $\nu$ P e o sujeito focalizado está à esquerda do XP adverbial, parece que o sujeito está localizado numa posição mais alta na estrutura<sup>12</sup>. Parece, portanto, que o contraste entre os exemplos (10a)/(10b) e

<sup>11</sup> Lapesa (1981, p. 555) comenta que, em algumas variedades indígenas do espanhol do Paraguai, Misiones e Corrientes, estas últimas na Argentina, há a inserção de uma partícula em orações interrogativas:

- (i) ¿la conoces pa?

O dado em (i) pode ser interpretado de duas formas: a) ou complexo cl+V (todo o IP) se moveu via *remnant movement* para SpecCP e *pa* é uma realização fonológica do núcleo  $C^0_{[+wh]}$ ; b) ou o complexo cl+V permanece em IP e a partícula *pa* é uma realização fonológica de Foc<sup>o</sup> da periferia do VP.

<sup>12</sup> Em Pinto (2008) proponho que um processo de mudança lingüística pode estar acontecendo no espanhol tendo em vista ter registrado no *corpus* que analisei esse tipo de dado. Também encontro em Pinto (2008) XPs focalizados informativamente à esquerda do verbo, como em (i).

- (i) a. aquí estudié yo.

(11a)/(11b) pode ser explicado não pelo fato de que o sujeito permanece dentro do  $\nu$ P, mas pelo fato de que o advérbio está muito baixo na estrutura. A visão cartográfica, que estou seguindo, é incompatível com a visão mais minimalista de múltiplos especificadores, na qual se propõe que o objeto verifique seus traços em  $\text{Spec}\nu$ P porque se assume, dentro da cartografia, que cada projeção tem traços específicos e pode ter apenas um especificador. Desta forma, se o sujeito não se movesse do  $\nu$ P e o objeto estivesse adjungido a  $\text{Spec}\nu$ P, na visão de múltiplos especificadores, o exemplo (9b), com ordem V-Adv-O-S, deveria ser gramatical. No entanto, a agramaticalidade de (9b) dá evidência de que não há múltiplos especificadores. Como  $\text{Spec}\nu$ P é uma posição exclusiva para o sujeito devido às propriedades temáticas do verbo e à hipótese de sujeito gerado dentro do  $\nu$ P, o objeto precisa se mover para uma posição mais alta na estrutura para ter seus traços verificados.

Retomando-se as opções estruturais de (9), (10) e (11), se chega à síntese em (13):

- (13)
- a. V-S-O-Adv
  - b. V-O-Adv-S
  - c. \*V-O-S-Adv
  - d. V-O-Adv
  - e. \*V-Adv-O

Contrastando as possibilidades em (13) com o dado em (12), pode-se pensar que o sujeito sempre é focalizado na mesma posição estrutural, fora do  $\nu$ P, mas se o falante optar por uma derivação na qual se aplique a regra fonológica para alinhamento do *acento nuclear* com o foco, o advérbio também precisa se mover para uma posição mais alta. Caso o falante opte por uma

---

b. Yo también soy provinciana... de Córdoba soy...  
(PINTO, 2008, p. 155)

O exemplo (ia) é o fragmento de uma fala do filme “La mala educación”, numa cena em que dois travestis passam pela porta de um convento e um diz para o outro “aquí estudié yo”. Penso que este dado seja um claro exemplo de *focalização* porque uma construção de clivagem poderia ser empregada no mesmo contexto; o exemplo em (ii) a seguir poderia ser empregado igualmente no lugar de (ia):

- (ii) mira, aquí fue donde (yo) estudié.

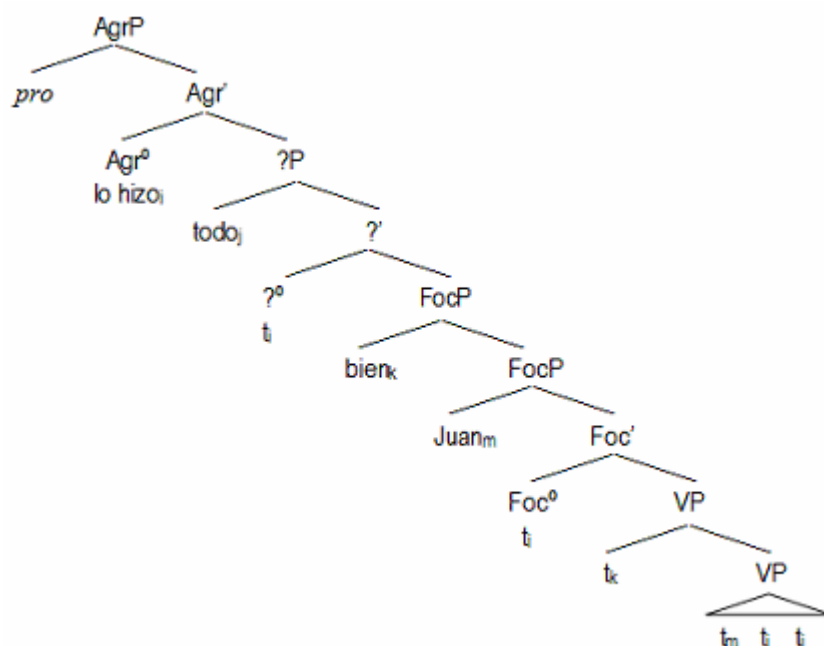
Os exemplos em (i) mostram que parece que esteja havendo um relaxamento das regras fonológicas para identificação do foco informativo e o foco esteja passando a ser identificado estruturalmente. De fato, sujeitos e objetos não podem ser focalizados informativamente em posição pré-verbal; mas sintagmas preposicionais e advérbios sim.



derivação que não faça uso do alinhamento do foco com *acento nuclear*, o sujeito não precisa se localizar na posição mais encaixada.

Em (14) a seguir apresento a representação que proponho para a análise da ordem V-XP-S, em que o sujeito está sempre focalizado e as regras fonológicas são operantes. Neste contexto, tanto o movimento do objeto como o movimento do advérbio, quando há, são motivados não por razões formais; mas por razões de interface entre fonologia e estrutura informativa:

(14)



Na estrutura em (14)<sup>13</sup>, usei ?P para não me comprometer, neste momento, com a posição para a qual o objeto se move, se é SpecTP, como proposto por Bobaljik e Jonas (1996) para as construções de *object shift* do islandês, ou se é uma projeção funcional mais baixa diferente de TP<sup>14</sup>. O verbo se move de  $v^o$ <sup>15</sup> para Agr° através de movimentos cíclicos, passando por Foc° e ?°. O

<sup>13</sup> Observar que, de acordo com a discussão do Capítulo 01, todas as orações são nucleadas pelo CP, mesmo que sejam declarativas matrizes. Por questões de simplificação da representação, não projetarei o CP nas estruturas em que o CP não esteja realizado por nenhum constituinte.

<sup>14</sup> Propor que o objeto se move para TP tem a vantagem de não proliferar o inventário funcional da faculdade da linguagem. Contudo, tem a desvantagem de não oferecer uma explicação clara para o fato de o espanhol atual não possuir construções de *object shift*. Na seção 3.4.2.3. reanaliso as construções de *object shift* e proponho que também haja nelas movimento do verbo para CP.

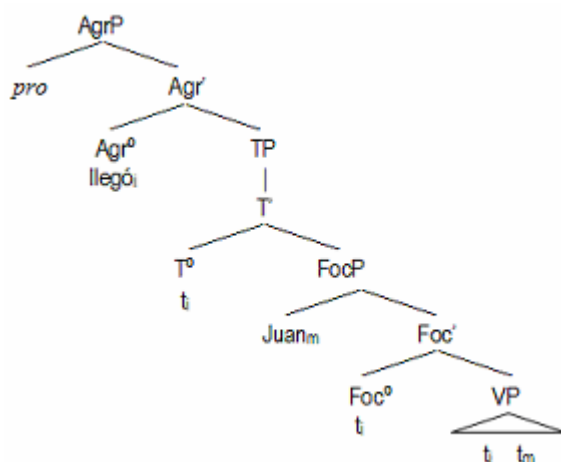
<sup>15</sup> Como Chomsky (2006) pontua, o movimento do verbo para TP é parametrizado. Contudo, o movimento do verbo de V° para  $v^o$  acontece invariavelmente em todas as línguas. Para evitar a prolixidade, sempre que me referir ao movimento do verbo para fora do VP, partirei de  $v^o$ .

objeto se move para Spec?P e o advérbio “bien” se move de adjunção de VP para se adjungir à FocP. O sujeito se move de Spec<sub>v</sub>P para SpecFocP<sup>16</sup>. Nos casos de ordem V-O-S sem nenhum advérbio, nada acontece neste sentido já que não há nenhum advérbio na estrutura.

No caso da ordem V-S, com sujeito focalizado, como no exemplo em (15), a representação equivalente é a proposta em (16):

- (15) A: ¿Quién llegó?  
B: Llegó Juan.

(16)



Deixando à parte se TP projeta ou não especificador na ordem V-S com sujeito focalizado<sup>17</sup>, a derivação de (16) é semelhante à de (17): o verbo se move ciclicamente de  $v^{\circ}$  para Agr $^{\circ}$ , passando por Foc $^{\circ}$  e T $^{\circ}$  e o sujeito focalizado se move de dentro do VP, especificamente de complemento de V $^{\circ}$ , para SpecFocP<sup>18</sup>. Como não há outros constituintes, nada mais acontece.

De todos os modos, os movimentos dos constituintes nas estruturas em (14) e (16) acima são desencadeados por questão de interface fonologia-estrutura informativa. E não por

<sup>16</sup> Um ponto discutível é se nos casos de sujeito pós-verbais há necessidade de *pro* em SpecAgrP. Se for assumida a visão de que línguas de sujeito nulo não têm uma posição pré-verbal específica para o sujeito, SpecAgrP sequer é projetado e o traço EPP é verificado pelo movimento do verbo. Contudo, se for assumido que línguas de sujeito nulo também têm uma posição pré-verbal para o sujeito, SpecAgrP precisa ser projetado e o traço EPP é verificado através da concatenação de *pro*. Na proposta de Belletti (2003), há um DP complexo [*pro*, DP]. O DP interno se move para SpecFocP e o DP complexo remanescente [*pro*, t] se move para SpecAgrP para chegar EPP.

<sup>17</sup> Também é irrelevante para o ponto desta discussão se na ordem V-S *pro* entra na derivação já que os traços de AgrP podem ser checados via *Agreement*, com *probe* e *goal*. Contudo, como discutirei mais abaixo, parece que *pro* entra na derivação da ordem V-S.

<sup>18</sup> Se fosse um argumento de verbo transitivo ou inergativo, o sujeito se moveria de Spec<sub>v</sub>P.

requerimentos exclusivamente sintáticos (formais). A pergunta que precisa ser respondida para que a análise seja mais forte é, evidentemente, por que o sujeito não pode permanecer dentro do VP.

Segundo Chomsky (2008), há dois tipos de operação de concatenação (*merge*): uma operação de concatenação externa (*external merge*), que retira os itens da numeração e os insere na derivação formando um objeto sintático; uma operação de concatenação interna (*internal merge*), que move os objetos sintáticos já inseridos na derivação e os concatena em outra posição deixando uma cópia no lugar de origem. Chomsky (2008) propõe que a operação de concatenação externa esteja relacionada com relações semânticas de base, como a seleção argumental, e a operação de concatenação interna esteja relacionada com questões discursivas e escopo:

At the semantic interface, the two types of Merge correlate well with the duality of semantics that has been studied within generative grammar for almost forty years, at first in terms of “deep and surface structure interpretation” (and of course with much earlier roots). To a large extent, EM yields generalized argument structure (y-roles, the “cartographic” hierarchies, and similar properties); and IM yields discourse-related properties such as old information and specificity, along with scopal effects.

[...]

[...]The hypothesis is that C-I incorporates a dual semantics, with generalized argument structure as one component, the other being discourse-related and scopal properties. Language seeks to satisfy the duality in the optimal way, EM serving one function and IM the other, avoiding additional means to express these properties.

(CHOMSKY, 2008, p. 140-141)

Neste sentido, parece que o foco precisa ser identificado estruturalmente em uma posição fora do VP<sup>19</sup>. Uma evidência para o fato de que o foco precisa ser identificado estruturalmente pode ser trazida a partir dos dados de Belletti (2005), que faz um estudo comparativo da produção de clivagem em falantes nativos de italiano (uma língua de sujeito nulo, assim como o espanhol europeu atual<sup>20</sup>) e falantes de italiano como L2 cuja L1 é o francês (uma língua que não apresenta mais a propriedade do sujeito nulo). A autora mostra que, enquanto os falantes nativos de italiano produzem sempre a inversão V-S para focalizar o sujeito, os falantes de francês, aprendizes de italiano, tendem a produzir uma *clivada básica*, transferindo da L1 para a L2. Este fato mostra que,

<sup>19</sup> Há outros argumentos para o movimento do DP sujeito para fora do VP. Um deles é baseado em questões internas à teoria, relacionadas com a teoria do movimento. Na seção seguinte, quando tratar da ordem V-S-XP discutirei essa questão.

<sup>20</sup> O espanhol do Caribe não apresenta mais a propriedade de sujeito nulo, como mostram López Morales (1992) e Toribio (2000).

no francês, uma língua que não apresenta mais *inversão livre*<sup>21</sup>, (ver exemplos em (6)), o sujeito focalizado é identificado estruturalmente através da clivagem<sup>22</sup>. Um fato semelhante acontece com o português brasileiro, como ilustro em (17) a seguir:

- (17) A: Eu queria saber quem foi que comeu o meu chocolate, hein?!  
 B: Ah, foi o João que comeu o teu chocolate. Ele veio aqui de madrugada e pegou.  
 B: \*Ah, comeu o teu chocolate o João. Ele veio aqui de madrugada e pegou<sup>23</sup>.

<sup>21</sup> O termo *inversão livre*, na verdade, parece pouco adequado já que a *inversão livre* é mais usada como um recurso de *focalização*. No caso de verbos inacusativos, essa restrição não existe já que, mesmo em línguas de sujeito obrigatório, se encontra a ordem V-S com esse grupo de verbos.

<sup>22</sup> Lambrecht (2001, p. 488) identifica o princípio a seguir:

PRINCIPLE 1:

*The occurrence of cleft constructions in a language correlates with the degree of positional freedom of prosodic accents and syntactic constituents in that language.*

Este princípio pode explicar também por que não há ocorrências de clivagem no espanhol antigo: como o espanhol antigo era uma língua com bastante liberdade de ordem de constituintes, a sintaxe e a prosódia se encarregavam de identificar as relações informativas, não sendo necessário o uso da clivagem. No Século XVI, quando a mudança lingüística acontece e se perde a propriedade V2, a clivagem começa a ser mais atestada.

<sup>23</sup> Acredito que a ordem S-V também seja inadequada neste contexto, o que reforça a idéia de que as funções informativas precisam ser codificadas estruturalmente. Se a língua não tem inversão, a posição pré-verbal tampouco pode ser usada para *focalização*. Britto (1998) faz um estudo de como a ordem S-V e a ordem V-S codificam os juízos categórico e tético no português brasileiro e mostra que, enquanto no português europeu ainda há inversão e as ordens S-V e V-S podem ser usadas para juízo categórico e tético respectivamente, o português brasileiro, que perdeu a *inversão livre*, precisa se valer de outras estratégias. Acredito que o mesmo contraste encontrado entre o PB e o PE é encontrado com relação ao espanhol geral e o espanhol caribenho. Como Toribio (2000) mostra, a perda da propriedade do sujeito nulo desencadeou, no espanhol caribenho, varias mudanças sintáticas, entre elas, um desenvolvimento de mais estruturas de clivagem que as existentes no espanhol geral. Em Pinto (2008) mostro que, no Caribe, se usa uma construção *clivada básica* "SER X QUE" para responder a uma pergunta em contexto de foco informativo:

- (i) C.E.: ¿Y hubo alguna Institución que te apoyaba en este tipo de....?  
 C.M.: Sí, fue la Fundación Naumann, [...] la que financió mi viaje y la que ayudó a las distintas instituciones liberales de cada uno de estos países a que a su vez organizaran la recepción y la logística del movimiento por cada uno de estos países.

(PINTO, 2008, p. 87)

Como o espanhol caribenho não dispõe mais da ordem V-S para focalizar, se vale da clivagem. Esta construção de clivagem, embora gramatical no espanhol europeu, por exemplo, só pode ser usada em contextos de contraste:

- (ii) A: Ah, ¿te ayudó la Fundación A a hacer tu libro?  
 B: No, no... fue la Fundación B la que me ayudó a hacerlo.

Como não é mais possível focalizar o sujeito em posição pós-verbal, como mostra a agramaticalidade de (17B'), a clivagem é usada para substituir esta estratégia e identificar o foco estruturalmente.

Discutindo o caso do EPP, Chomsky (2008, p. 156-157):

Let us turn finally to the mysterious property EPP, which has been an annoying problem ever since it was originally formulated to describe the obligatory presence of expletives in subject position of English-type languages if nothing raises to that position. EPP problems are considerably more general, however. Thus, while *v* typically permits both long-distance agreement and raising, *v\** does not:

(22) \*There will [a student [*v\** [take the class]]]

Rather generally, it seems, if languages of the relevant typology lack an expletive, the closest noun phrase raises to Spec-T, sometimes with default agreement morphology (or none) on T.

Ou seja, somente verbos inacusativos permitem que seus sujeitos, que na verdade são tema (objetos), permaneçam dentro do VP. No caso dos verbos que possuem um argumento externo, se a língua não possui expletivo, o sujeito, que é o DP mais próximo, se move para SpecIP para satisfazer o EPP<sup>24</sup>. O sujeito não pode permanecer dentro do VP porque o VP é uma projeção na qual se estabelecem as relações temáticas/lexicais do verbo com seus elementos. As relações gramaticais e informativas são estabelecidas fora do VP. Veja-se, por exemplo, que concordância é uma relação que se estabelece fora do VP, em posições superiores, como IP. Assim como interrogação e negação são estabelecidas fora do VP.

### 3.2.1.2. A ordem V-S-XP

A ordem V-S-XP é um aspecto que divide as línguas românicas de sujeito nulo em dois grupos. O português e o espanhol, por um lado, exibem a ordem V-S-XP (cf. COSTA, 1996; COSTA e DUARTE, 2002; ORDÓÑEZ, 1997; 2005); o italiano e o catalão, por outro, não possuem a ordem V-S-XP (cf. BELLETTI, 1999, 2004; ORDÓÑEZ, 1997; 2005)<sup>25</sup>:

<sup>24</sup> Este fato explica por que *pro* entra na derivação da ordem V-S se for assumido que línguas de sujeito nulo também projetam SpecIP.

<sup>25</sup> Ordóñez (1999) discute dados do espanhol, catalão, francês e italiano. E divide as quatro línguas em 3 grupos:

espanhol = V-S-O / V-O-S

catalão e italiano = \*V-S-O / V-O-S

francês = \*V-S-O / \*V-O-S

- (18) a. **Partiu** o Paulo a janela. (português)  
 (COSTA, 1996, p. 1)
- b. Hoy **comprará** Juan comida. (espanhol)  
 (ORDÓÑEZ, 2005)
- c. \***Ha comprato** Maria il giornale. (italiano)  
 (BELLETTI, 2004, p. 28 )
- d. \*Avui **comprará** en Joan el menjar. (catalão)  
 (ORDÓÑEZ, 2005, p. 261)

Ordóñez (1997, 2005) diz que a diferença entre os dois grupos de línguas é que, no caso das línguas que dispõem da ordem V-S-O, há uma posição medial na oração disponível para o sujeito; por outro lado, nas línguas que não possuem essa ordem, essa posição medial não está disponível. Como na ordem V-O-S o sujeito sempre está focalizando, Ordóñez (1997) denomina esta posição medial, na qual o sujeito não está necessariamente focalizado, de NeutralP. Ordóñez (2005) denomina esta posição de SubP. Denomine-se esta posição como se denominar, o fato é o mesmo: há uma posição imediatamente pós-verbal disponível para o sujeito no espanhol e no português que não está disponível no catalão e no italiano.

Cardinaletti (2004) faz um estudo das posições do sujeito em diversas línguas e propõe que haja três posições na estrutura (incluindo SpecVP) para sujeitos pós-verbais, que são determinadas, entre outros fatores, pelo tipo de DP, se é um pronome forte ou fraco ou se é um DP nominal pleno, como ilustrado em (19):

(19)

spec??P	??°	spec?P	?°*	specVP	V°
weak pronouns * <i>pro</i>		DPs strong pronouns predicative DPs		DPs strong pronouns	

No esquema em (19), sem tentar etiquetar as projeções funcionais, Cardinaletti (2004) mapeia as diferentes posições para os sujeitos pós-verbais. SpecVP é uma posição que abriga DPs plenos e pronomes fortes. A razão pela qual pronomes fracos não podem ocorrer em SpecVP é que precisam ser licenciados por Caso (por isso tampouco podem ser realizados na segunda posição

pós-verbal<sup>26</sup>). *pro* não pode aparecer em posição pós-verbal porque, além de ser licenciado por Caso, precisa ser licenciado por um núcleo que tenha traços- $\phi$ <sup>27</sup>.

Que DPs pronominais e DPs plenos se comportam de formas diferentes é algo atestado em varias línguas inclusive em posição de objeto. Com relação ao sujeito, Belletti (2004) diz que a ordem V-S-O é possível com DPs pronominais. Com relação ao objeto, nas línguas escandinavas há um contraste nas construções de *object shift*: somente DPs pronominais podem ser “shifted” nessas línguas. Contudo, a diferença pode não ser estrutural no sentido de que DPs pronominais se movem para posições diferentes de DPs plenos, mas pode ser uma diferença nas características das posições, umas abrigariam somente DP[+pronominais] outras não fariam distinção dos traços do DP.

Uma evidência que poderia ser trazida para mostrar que DPs diferentes se posicionam em projeções diferentes seria a distribuição complementar dos dois tipos de DP nas ordens V-S-XP e V-XP-S. Contudo, Cardinaletti (2004) não apresenta esse tipo de evidência<sup>28</sup>.

Cardinaletti (2004) sugere que construções com ordem V-S-O no espanhol devam ser comparadas com as construções transitivas expletivas do islandês. As construções transitivas expletivas (*transitive expletive constructions* - TEC) são construções nas quais um expletivo é inserido na posição de sujeito pré-verbal e o sujeito e o objeto do verbo permanecem em posição pós-verbal, como ilustrado em (20) com um exemplo do islandês:

---

<sup>26</sup> Parece que, além disso, há questões fonológicas que impedem os pronomes fracos de serem realizados em SpecVP. Em várias análises, se propõe que o sujeito dentro do VP está focalizado. Se a posição mais encaixada é a que recebe o acento da estrutura, um pronome fraco não pode estar nesta posição. Um exemplo disso pode ser observado no português brasileiro:

- (i) a. amanhã o vô pro cinema.
- b. quem vai pro cinema amanhã é/sô eu.
- c. \*quem vai pro cinema amanhã é/sô o.

O pronome fraco “o” pode ser realizado em posição pré-verbal, como ilustra (ia), mas não pode estar na posição de foco, no final da oração (representei com a clivagem porque, como já comentado anteriormente, a ordem V-S para focalizar, no PB, não funciona mais). Contudo, parece que, de fato, o problema seja gramatical e não fonológico já que o pronome fraco pode ser focalizado em posição pré-verbal:

- (ii) o é que vô pro cinema.

<sup>27</sup> Na análise de Adams (1987a, 1987b), *pro* é analisado como estando em posição pós-verbal no francês antigo. Contudo, vale destacar que, no francês antigo, o verbo se movia para C<sup>o</sup>, licenciando *pro* em SpecIP.

<sup>28</sup> Uma evidência apresentada pela autora é que, no hebraico, ambos os DPs podem aparecer depois da negação. Contudo, em orações equativas, somente DPs pronominais são permitidos. Na minha opinião, este contraste está mais relacionado com a questão que de traços diferentes que com a questão de posições diferentes.

- (20) Pað luku sennilega einhverjir stúdentar alveg verkefninu.  
 EXP terminaram provavelmente alguns estudantes completamente DEF.transferência  
 (BOBALIJK e JONAS, 1996, p. 212)

Bobaljik e Jonas (1996) dizem que a análise tradicional que vinha sendo feita para as TECs era que ambos, sujeito e objeto, permaneciam dentro do VP<sup>29</sup>. Contudo, os autores propõem uma análise alternativa dentro da teoria da checagem, de Chomsky (1993, 1995). No modelo proposto por Bobaljik e Jonas (1996), o sujeito deve se mover necessariamente do VP nas TECs, caso contrário, o objeto não consegue checar seus traços após *spell out* porque violará *minimalidade relativizada*<sup>30</sup>. A partir daí, é proposto que tanto os sujeitos pós-verbais nas TECs como os pré-verbais nas construções de *object shift* estejam posicionados fora do VP, embora os sujeitos das TECs estejam posicionados mais baixo que os sujeitos das construções de *object shift*<sup>31-32</sup>.

Ordóñez (2005) também assume que a ordem V-S-O do espanhol é semelhante à ordem V-S-O das TECs do islandês e faz uma comparação com o inglês, língua na qual as TECs não são possíveis:

<sup>29</sup> Interessante notar que, segundo os autores, as TECs são a imagem espelhada das construções de *object shift*, nas quais ambos, sujeito e objeto são movidos do VP.

<sup>30</sup> Bobaljik e Jonas (1996) se baseiam na proposta de *minimalidade relativizada* proposta por Chomsky (1993, 1995), que é determinada a partir das noções de domínio e equidistância: se dois elementos estão no mesmo domínio eles estão equidistantes de qualquer outra posição. Se o sujeito se move do VP e o verbo se move em seguida, o objeto tem condições de se mover porque ambos, sujeito e objetos, estão no mesmo domínio do verbo, já que, quando o verbo se move para IP, estende o seu domínio. Se o sujeito não se move do VP, o objeto não pode sair porque sujeito e objeto estão em domínios diferentes. Este argumento explica também por que o sujeito não pode permanecer no VP na ordem V-XP-S. Se o XP é um complemento do verbo, se o sujeito não se move, o XP não pode sair do VP. E, neste caso, ainda é pior porque o movimento do XP é antes de *spell out*. Por outro lado, esta análise gera o problema de que o sujeito não se move por necessidades próprias, mas por necessidade de outro constituinte (No entanto, CHOMSKY, 2008, comenta, com relação à ordem EXP-V-DAT-S das TECs do islandês, que, se o dativo permanece *in situ*, interfere nas relações de concordância entre T-S). Uma saída é assumir que os traços fortes do DP precisam ser checados fora do VP antes de *spell out*, considerando que o VP é exclusivamente o lugar das relações temáticas, como comentei acima seguindo Chomsky (2008).

<sup>31</sup> Acredito que o único caso em que o sujeito pós-verbal pode permanecer dentro do VP é no caso dos verbos inacusativos. Como o sujeito desses verbos não é, de fato, o argumento externo, mas o argumento interno, tendo em vista que é tema do verbo, quando o sujeito está localizado pós-verbalmente, em línguas de sujeito realizado, um pronome expletivo aparece na posição pré-verbal, o que indica que o sujeito não foi alçado. Diferentemente das TECs, os verbos inacusativos não têm outro argumento para mover depois do sujeito para checagem de traços, o que faz com que a procrastinação dentro do VP não ofereça nenhum problema para *minimalidade relativizada*.

<sup>32</sup> A comparação das TECs do islandês com a ordem V-S-O do espanhol é problemática quando se assume que o islandês é uma língua V2 com movimento do verbo para CP. Na seção 3.4. voltarei a esta questão.



- (21) a. \*There has someone eaten an apple.  
EXP tem alguém comido uma maçã

(ORDÓÑEZ, 1997, p. 262)

- b. Það hafa marginir jólasveinar borðað buðing.  
EXP tem alguns gnomos natalinos comido pudim

(BOBALJIK e JONAS, 1996, p. 209)

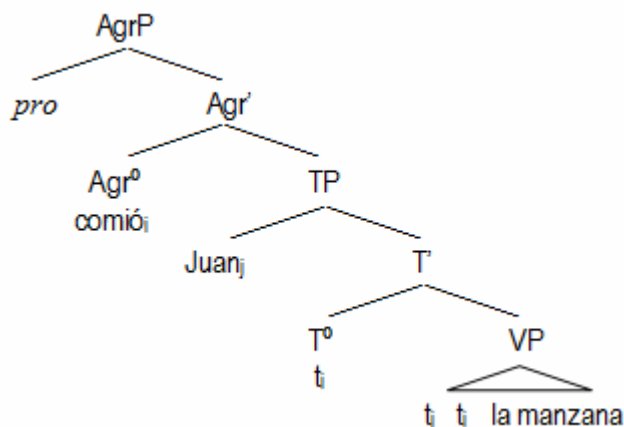
O contraste de gramaticalidade entre (21a) e (21b), na opinião de Ordóñez (2005), é uma evidência de que SpecTP está disponível no islandês, mas não no inglês. Assim como Cardinaletti (2004), Ordóñez (2005) estende a análise das TECs para a ordem V-S-O do espanhol, embora o espanhol não apresente restrição de definitude. A diferença entre o islandês e o espanhol está relacionada ao fato de o espanhol ser uma língua de sujeito nulo enquanto que o islandês não o é. Ou seja, em ambos os casos, na ordem V-S-O há um expletivo em posição pré-verbal; no islandês, o expletivo é realizado fonologicamente; no espanhol, o expletivo é nulo (*pro*).

Com relação ao posicionamento do sujeito, a ordem V-S-O, no entanto, tem duas funções informativas diferentes, podendo ser usada em contextos em que o sujeito é neutro e em contextos em que o sujeito é focalizado. Como comentei na seção anterior, nos contextos em que o sujeito é focalizado, regras fonológicas não são operantes e o foco é identificado somente através da estrutura a partir do movimento do sujeito para SpecFocP. No caso do contexto em que o sujeito não é focalizado, o sujeito se move para uma posição superior, que não está vinculada a aspectos informativos<sup>33</sup>. A estrutura que representa a ordem V-S-O neutra é a que ilustro em (22) a seguir:

---

<sup>33</sup> Vou assumir esta posição como SpecTP, seguindo Bobaljik e Jonas (1996) e Costa e Duarte (2002). Não obstante, não fica claro se NeutralP, de Ordóñez (1997), ou SubP, de Ordóñez (2005), são projeções diferentes de SpecTP.

(22)



Em (22), o verbo se move ciclicamente de  $v^o$  para  $Agr^o$ , passando por  $T^o$  e o sujeito se move de  $SpecvP$  para  $SpecTP$ .

É necessário saber se o objeto permanece dentro do VP ou se sai do VP para uma posição mais alta na ordem V-S-O. Mais uma vez, averiguar se o objeto aparece antes ou depois do advérbio é um bom teste, conforme procede Ordóñez (2005):

- (23) a. Allí dibujaba cuidadosamente paisajes.  
 b. Allí dibujaba paisajes cuidadosamente.

(ORDÓÑEZ, 2005, p. 267-268)

Os dados em (23) mostram que tanto a ordem Adv-O como a ordem O-Adv são possíveis. Contudo, como Zubizarreta (2001) pontua, a ordem O-adv só é possível quando o advérbio é focalizado. Neste sentido, parece que o objeto somente se move para fora do VP a partir de uma necessidade de interface fonologia-estrutura informativa, assim como acontece na ordem V-O-S. Mas, para que posição o objeto se move?

Orações com sujeito realizado, como ilustra (24), esclarecem a questão:

- (24) Allí dibujaba Marisa paisajes cuidadosamente.

(ORDÓÑEZ, 2005, p. 268)

Em (24), o sujeito precede o objeto. Se, na análise da ordem V-S-O com sujeito neutro, o sujeito está em SpecTP, o objeto, quando extraído do VP, deve aparecer em uma posição abaixo de TP. Isto responde, também, que a projeção ?P que usei para representar a posição para a qual o objeto se move na ordem V-O-S não é TP<sup>34</sup>.

Esta análise tem a vantagem de explicar por que o espanhol atual não possui a ordem S-O-V, ordem característica de construções de *object shift*. Se *object shift* tiver alguma correlação com línguas V2, pode-se dizer que em línguas V2, assim como qualquer XP pode ocupar a primeira posição da oração, o objeto pode ocupar a posição de SpecTP. Se uma língua não é V2, SpecTP é uma posição exclusiva para o sujeito<sup>35</sup>.

### 3.2.1.3. Sintetizando a análise do sujeito pós-verbal

Nos dois itens acima, discuti questões relacionadas com a posição do sujeito pós-verbal, propondo uma análise na qual, em qualquer caso, o sujeito pós-verbal é movido do VP para posições superiores na estrutura.

No caso da ordem V-XP-S, o sujeito é sempre focalizado e a necessidade de identificação do foco na estrutura faz com que o sujeito seja movido de SpecvP para SpecFocP. Como o sujeito é sempre o foco e o foco precisa estar alinhado com o *acento nuclear*, os outros constituintes são movidos para posições mais altas que SpecFocP por uma necessidade fonológica, conforme propôs Zubizarreta (1998).

No caso da ordem V-S-XP, há duas possibilidades: a) quando o sujeito é neutro, o sujeito se move para a posição de SpecTP, assim como nas construções transitivas expletivas do islandês; b) quando o sujeito é focalizado, se move para SpecFocP; neste caso, as regras fonológicas não atuam na derivação e o sujeito é identificado focalmente apenas através da estrutura sintática.

Essa análise tem a vantagem de oferecer um tratamento unificado para o sujeito pós-verbal no sentido de que sempre é movido do VP, antes de *spell out*, considerando seus traços-D fortes ou

<sup>34</sup> Pode-se assumir que, na realidade, no espanhol o VP sempre fica vazio, quer dizer, somente com os traços (cópias apagadas) dos elementos movidos. Se o objeto é sempre o elemento mais proeminente na ordem S-V-O e V-S(-XP)-O nas quais não há um elemento focalizado, pode-se inferir que, por ser mais proeminente, o objeto deva se mover para SpecFocP, para receber o acento nuclear da estrutura.

<sup>35</sup> Penso que este fato não implique que TP seja uma projeção sincrética em línguas V2. Entendo que isto signifique que SpecTP é uma *posição A*, na qual o objeto pode chegar seus traços. Esta análise explica a ordem S-O-V no modelo de Bobaljik e Jonas (1996), no qual o verbo se localiza em IP. Contudo, mais abaixo proporei uma análise da ordem S-O-V na qual o verbo se move para CP, em conformidade com a proposta que apresentei no Capítulo 01 de que línguas V2 exibem sempre um movimento longo do verbo.

traços informativos que precisam ser checados. Na minha opinião, se os traços do DP sujeito são sempre fortes (nenhum trabalho apresenta evidências para mostrar que, quando o sujeito é pós-verbal seus traços-D são fracos<sup>36</sup>), não há motivos para propor um tipo de procrastinação do sujeito dentro do VP.

### 3.2.2. Sujeitos pré-verbais

Nesta seção, discutirei os sujeitos pré-verbais, que, no espanhol podem ter dois estatutos informativos: ser neutros ou estar focalizados contrastivamente. Como mencionei acima, o foco informativo está associado à posição mais encaixada na estrutura e, por isso, a posição pré-verbal não pode ser usada para esta função informativa, como se vê em (25):

- (25) A: ¿Quién comió la manzana?  
 B: #Juan se la comió.  
 B': Se la comió Juan.

Em (25), a resposta B com sujeito pré-verbal é inadequada. Somente a resposta B', com sujeito pós-verbal, pode ser usada neste contexto.

Por outro lado, de acordo com as regras fonológicas de Zubizarreta (1998), o *acento nuclear contrastivo* não está associado a nenhuma posição específica, mas pode ser colocado em qualquer posição na oração:

- (26) A: Ay, que este Juan es tremendo. Siempre se come mi manzana.  
 B: No, mamá... ¡PEDRO se la comió!

Em (26), como há um contraste entre “Juan”, sobre quem é feita uma asserção prévia, e “Pedro”, que é sobre quem realmente a asserção se refere, o foco contrastivo pode ser realizado em posição pré-verbal.

Mais debates, porém, são feitos sobre os sujeitos pré-verbais neutros.

Até os anos 1980, o sujeito pré-verbal era analisado como sendo inserido diretamente em IP. Só com as propostas de Zagona (1982) e Koopman e Sportiche (1991) é que se começa a

---

<sup>36</sup> Toribio (2000) discute algumas diferenças entre o espanhol caribenho e o espanhol geral a partir da questão do sujeito nulo. A autora, contudo, propõe que em espanhol TP domina AgrP.

analisar os sujeitos como sendo gerados dentro do VP e, no caso dos sujeitos pré-verbais, sendo movidos em seguida, para SpecIP.

Dentro desse quadro, surgem muitas discussões sobre as diferenças entre as línguas de sujeito nulo e as línguas de sujeito obrigatório. Considerando o contraste entre verbos metereológicos e impessoais de línguas de sujeito nulo e línguas de sujeito obrigatório, como ilustrado em (27) e (28) abaixo, é proposto que todas as orações possuem sujeito sintático, já que um elemento pronominal aparece na posição de sujeito mesmo com esses verbos que semanticamente não possuem argumento externo, o que ficou conhecido como Princípio da Projeção Estendido (*Extended Projection Principle* - EPP).

- (27) a. it rains.  
 b. \*rains.  
 \*(EXP) chove

- (28) a. \*él llueve.  
 b. llueve.  
 (\*EXP) chove

### 3.2.2.1. Sujeitos pré-verbais estão fora de IP

A partir daí, uma série de estudos foi feita discutindo a posição do sujeito pré-verbal em línguas de sujeito nulo. No caso do espanhol, são pioneiros os trabalhos de Olarrea (1997) e Ordóñez e Treviño (1999), que propõem que, ao contrário do que tradicionalmente vinha sendo assumido na teoria gerativa, os sujeitos pré-verbais estão localizados fora da sentença, acima de IP<sup>37</sup>.

Olarrea (1997) distingue três tipos de sujeitos pré-verbais: os sujeitos referenciais, os sujeitos não referenciais e os sujeitos negativos<sup>38</sup>. Seguindo Laka (1990) e Bosque (1994), Olarrea (1997) assume que a negação tem sua própria projeção em espanhol e os sujeitos negativos, como “nadie”, “ninguno”, estariam localizados em SpecNegP, seguindo o *Critério-Neg*, de Heageman e Zanuttini (1991)<sup>39</sup>. Os sujeitos não referenciais, como “alguien”, “todos”, se localizam numa projeção

<sup>37</sup> Para o português europeu, ver Barbosa (2006), onde a autora faz uma discussão extensa da proposta que defendeu ao longo do tempo.

<sup>38</sup> A proposta de Ordóñez e Treviño (1999) difere da de Olarrea (1997) no sentido de que Ordóñez e Treviño (1999) dão o mesmo tratamento para todos os tipos de sujeito.

<sup>39</sup> O *Critério-Neg* de Heageman e Zanuttini (1991) é idêntico ao *Critério-WH* de Rizzi (1991), no sentido de que deve haver uma relação de especificador-núcleo entre o operador negativo e o núcleo negativo.

funcional, SpecFP, superior a IP via movimento de *focalização*. Os sujeitos referenciais, por fim, não estariam localizados em SpecIP, mas estariam localizados numa posição funcional também superior a IP, como acontece com os elementos em construções de CLLD.

Deter-me-ei, nesta seção, exclusivamente na análise dos sujeitos referenciais. Essa análise de que os sujeitos estão sempre deslocados à esquerda faz uma boa previsão, como apontado por Costa (2001), sobre as diferenças entre as línguas de sujeito nulo e as línguas de sujeito realizado: línguas de sujeito nulo não têm uma posição para o sujeito em IP<sup>40</sup>.

Seguindo trabalhos de outros autores como Hernanz e Brucart (1987) e Cinque (1990), Olarrea (1997) apresenta as características das construções de *deslocamento à esquerda* (*Left dislocation* - LD) e de *deslocamento à esquerda clítico* (CLLD). As principais diferenças entre elas, segundo Olarrea (1997) são: a) a LD só permite DP deslocados, a CLLD permite deslocamento de qualquer constituinte; b) a LD só é possível em orações matrizes; c) a LD permite o uso de um DP pleno dentro da sentença; a CLLD exige um clítico equivalente. Vejam-se os exemplos abaixo, os quais ilustram as diferenças entre a LD e a CLLD (dados de OLARREA, 1997, p. 42-46):

- (29) a. Juan, no me acuerdo de él. (LD)  
 a'. \*De Juan, no me acuerdo de él.
- b. A Juan lo vimos en la fiesta. (CLLD)  
 b'. De Juan no me acuerdo.
- (30) a. \*Todos dicen que John Coltrane, ese saxofonista es el mejor. (LD)  
 b. Todos piensan que de Juan no deberíamos hablar. (CLLD)
- (31) a. El ordenador, yo odio esas máquinas infernales. (LD)  
 b. \*El ordenador las odio. (CLLD)

A partir desses dados, Olarrea (1997) propõe que os sujeitos referenciais pré-verbais em espanhol nunca estejam na mesma posição que o *pro*, ou seja, o sujeito nulo, e propõe também que se comportem como os elementos deslocados na CLLD. Os dados em (32) a (36) são evidências para Olarrea (1997) de que o sujeito está deslocado à esquerda.

<sup>40</sup> Ver que a questão não é, como em Diesing (1990) e Santorini (1989; 1995), para o efeito V2 das línguas simétricas, ou em Zubizarreta (1998), que SpecIP é uma *posição A* e *A-Barra* ao mesmo tempo. A questão é: línguas de sujeito nulo NÃO projetam SpecIP.

Os dados em (32) mostram que nem o sujeito nem um objeto deslocado pode intervir entre o elemento interrogativo e o verbo. Para Olarrea (1997), esse fato mostra que o sujeito não está dentro da sentença<sup>41</sup>.

- (32) a. ¿Qué quiere?  
 b. \*¿Qué Juan quiere?  
 c. \*¿Dónde estos libros los compraste?

(OLARREA, 1997, p. 58-59)

A partir de Cinque (1990), Olarrea (1997) mostra que em espanhol os elementos deslocados na CLLD<sup>42</sup> não estão limitados a um elemento só. Os dados em (33) mostram que, como a ordem dos elementos é variável, tanto sendo possível sujeito-objeto e objeto-sujeito, o sujeito também está deslocado à esquerda.

- (33) a. Creo que Juan a María le dio un regalo.  
 b. Creo que a María Juan le dio un regalo.  
 c. Creo que Juan un regalo se lo dio a María.  
 d. Creo que un regalo Juan se lo dio a María.

(OLARREA, 1997, p. 62)

Os exemplos em (34) e (35) mostram que do mesmo modo que os objetos não referenciais não podem ser topicalizados como ilustrado em (34), os sujeitos referenciais não específicos/definidos, como em (35) não podem aparecer em posição pré-verbal. Isso é uma evidência de que os sujeitos referenciais específicos/definidos pré-verbais estão em posição de deslocamento.

---

<sup>41</sup> Para Ordóñez e Treviño (1999), esse fato ainda mostra que o verbo não se move para CP nas orações interrogativas. Lois (1989) e Suñer (1994) também assumem que, no espanhol, o verbo não se move para CP em orações interrogativas.

<sup>42</sup> Os dados em (33) contrastam com os dados de LD apresentados também por Olarrea (1997, p. 62), nos quais só é possível um único constituinte frontado:

- (i) a. \*Creo que Juan a María dio un regalo.  
 b. \*Creo que a María Juan dio un regalo.  
 c. \*Creo que Juan un regalo dio a María.  
 d. \*Creo que un regalo Juan dio a María.

- (34) a. A alguien (\*lo) vi  
 b. Algo (\*lo) haré  
 c. A nadie (\*lo) vi  
 d. Nada (\*lo) haré

(OLARREA, 1997, p. 64)

- (35) a. Llegaron alumnos.  
 b. \*Alumnos llegaron.

(OLARREA, 1997, p. 64)

Em (36) a seguir, o fato de que o verbo em (36a) e o clítico em (36b) possa concordar com outras pessoas diferentes da pessoa gramatical do sujeito indica que o sujeito não está numa posição argumental.

- (36) a. Los estudiantes de Lingüística tenemos/tenéis/tienen que ser pacientes.  
 b. A los estudiantes no nos/os/los ha visto nadie.

(OLARREA, 1997, p. 67)

Os dados apresentados acima são evidência para Olarrea (1997) de que os sujeitos pré-verbais em espanhol não estão localizados dentro do IP, fazendo com que haja uma diferença estrutural entre línguas de sujeito obrigatório e línguas de sujeito nulo: as línguas de sujeito obrigatório projetam SpecIP e um expletivo realizado fonologicamente sempre ocupa esta posição quando um sujeito argumental não está lá; as línguas de sujeito nulo não projetam SpecIP e, conseqüentemente, sequer teriam em seu inventário funcional pronomes expletivos de qualquer tipo.

### 3.2.2.2. *Sujeitos pré-verbais podem estar em IP também*

No sentido oposto, Costa (2001) e Costa e Duarte (2002) levantam uma serie de evidências contrárias à análise de que os sujeitos pré-verbais em PE estejam sempre deslocados numa *posição A-Barra* e propõem que ambas as análises, de sujeitos deslocados e sujeitos internos ao IP, sejam necessárias para explicar os sujeitos pré-verbais em PE. Considerando a grande semelhança



de fatos com relação à ordem dos constituintes entre o espanhol e o português europeus<sup>43</sup>, assumo, para o espanhol, a proposta de Costa (2001) e Costa e Duarte (2002) de que o sujeito pré-verbal não está necessariamente deslocado. Para sintetizar a discussão, apresentarei algumas evidências a favor de uma análise flexível, ou seja, de que mesmo em línguas de sujeito nulo, o sujeito pré-verbal não está necessariamente deslocado (embora, como qualquer outro constituinte, possa estar deslocado) e pode ter uma posição para si dentro da oração.

A primeira evidência contra a análise que propõe que o sujeito está sempre deslocado é tomada de Costa (2001). Quando se tem uma pergunta cuja resposta inteira é informação nova, como ilustrado em (37), a ordem emergente é S-V-O. Se o sujeito fosse categoricamente idêntico ao objeto deslocado, se esperaria que a ordem O-S-V fosse gramatical já que, nesta visão de que os sujeitos pré-verbais das línguas de sujeito nulo estão sempre deslocados, a previsão que se faz é a de que a CLLD não estaria associada a fatores informativos.

- (37) a. ¿Qué pasó?  
 b. Pedro se comió la manzana.  
 b'. #La manzana, Pedro se la comió.

Considerar que a posição do sujeito referencial pré-verbal é sempre uma *posição A-Barra* sobre o IP faz a predição de que os sujeitos referenciais pré-verbais estão sempre relacionados a um tópico ou que a *posição A-Barra* das CLLD não tem nenhum valor informativo, o que é invalidado pelo exemplo (37b'), em que a ordem Top-S-cl-V é inadequada.

Em segundo lugar, a CLLD pode ser múltipla e não impõe restrições com relação à ordem dos elementos fronteados:

- (38) a. A Pedro, el libro, Maria se lo dio.  
 b. El libro, a Pedro, Maria se lo dio.

Se o sujeito estivesse obrigatoriamente deslocado, as mesmas possibilidades de (38) com os objetos seriam disponíveis com o sujeito, fato que não se verifica, conforme mostra (39):

---

<sup>43</sup> Como mencionei na discussão dos sujeitos pós-verbais, o espanhol e o português exibem a ordem V-S-O e o catalão e o italiano não.

- (39) a. ¿Qué pasó con la manzana?  
b. \*Pedro, la manzana, se la comió.

É interessante observar que o mesmo resultado de (39) é observado se um objeto indireto é fronteado:

- (40) a. ¿Qué pasó con la manzana?  
b. \*A Pedro, la manzana, se la robaron.  
c. \*La manzana, a Pedro, se la robaron.<sup>44</sup>

Uma terceira evidência é dada pelo sujeito da passiva. Costa (2001) mostra que alguns tipos de sujeito só podem se analisados como deslocados à esquerda, caso contrário seriam casos de super-alçamento:

- (41) a. El hombre parece que comió la manzana.  
b. \*Un hombre parece que comió la manzana<sup>45</sup>.

Como o sujeito em (41) só pode estar deslocado, tendo em vista que é sujeito do verbo da oração subordinada e não da oração matriz, este sujeito apresenta restrição de definitude, dado o contraste entre (41a) e (41b), já que elementos indefinidos não podem ser topicalizados.

Os sujeitos das passivas, pelo contrário, não apresentam restrição de definitude como ilustram os exemplos em (42):

- (42) a. El libro fue leído por el estudiante.  
b. Un libro fue leído por el estudiante.

---

<sup>44</sup> Como observa Francisco Ordóñez em comunicação pessoal, o objeto indireto pode aparecer fronteado respondendo a uma pergunta de foco largo como:

- (i) a. ¿Qué pasó?  
b. A Maria le ha tocado la lotería.

Efetivamente, ouvi um dado parecido com este em conversa espontânea nas ruas de Barcelona. De qualquer maneira, se o sujeito estivesse fora da oração, como na CLLD, (39b) deveria ser possível. O contraste entre (40) e (i) pode se dar por outras razões informativas.

<sup>45</sup> Se esta oração for gramatical, a análise de sujeitos internos ao IP é corroborada ainda mais.

Se os sujeitos pré-verbais estivessem necessariamente deslocados à esquerda, o mesmo contraste entre os exemplos em (41) deveriam ser observados entre os exemplos em (42).

O ultimo argumento (acredito que um dos mais consistente, inclusive) vem da proposta de Campos (1992) sobre o licenciamento de lacunas parasíticas. Considerando as orações em (43), Campos (1992) determina a condição de licenciamento de lacunas parasíticas, que transcrevo em (44) abaixo:

- (43) a. Wich report<sub>i</sub> did you file t<sub>i</sub> without reading e?<sup>46</sup>  
Que relatório você arquivou sem ler?
- b. \*The report<sub>i</sub> was filed t<sub>i</sub> without reading e.  
O relatório foi arquivado sem ler
- c. \*They filed the report without reading e.  
Eles arquivaram o relatório sem ler
- d. \*They filed it without reading e.  
Eles arquivaram-no sem ler

(CAMPOS, 1992, p. 117)

- (44) Condição de licenciamento de lacunas parasíticas:

*A parasitic gap is licensed by an S-structure wh-trace*<sup>47</sup>

(CAMPOS, 1992, p. 117)

Em adição aos dados do espanhol que apresenta, equivalentes aos dados do inglês em (43), Campos (1992) adiciona um contexto mais no qual o espanhol licencia lacuna parasítica:

- (45) ¿Tú archivaste cuál libro sin leer?

(CAMPOS, 1992, p. 120)

e propõe que o licenciamento de lacunas parasíticas em espanhol, além da condição em (44) pode se dar por um elemento WH *in situ*<sup>48</sup>.

<sup>46</sup> t indica o vestígio do movimento do constituinte. e indica que a posição está vazia.

<sup>47</sup> Uma lacuna parasítica é licenciada por um vestígio-WH em estrutura superficial.

Campos (1992) faz uma análise dos dados e propõe que a categoria vazia da lacuna parasítica só é licenciada quando é interpretada como co-referente do tópico do discurso:

- (46) a. ¿Qué hiciste con ese artículo? – Lo<sub>i</sub> archivé OP<sub>i</sub> antes de leer e.  
 b. \*Ese artículo<sub>i</sub> muestra que lo<sub>i</sub> archivé pro<sub>i</sub> antes de leer e.  
 c. Ese artículo<sub>i</sub> muestra que lo<sub>i</sub> archivé pro<sub>i</sub> antes de leerlo<sub>i</sub>.

(CAMPOS, 1992, p. 125)

Se o objeto é o tópico do discurso, como em (46a), a lacuna parasítica é licenciada. Se o objeto não é o tópico do discurso, como em (46b) e (46c), a lacuna parasítica não é licenciada.

Por fim, Campos (1992) discute se a análise proposta para objetos topicalizados é válida com os sujeitos. A resposta é positiva a partir dos dados em (47):

- (47) a. ¿Qué pasó con el avión? – Explotó antes de hacer revisar.  
 b. \*El avión explotó antes de hacer revisar.<sup>49</sup>

(CAMPOS, 1992, p. 125)

A partir desses resultados, Campos (1992) propõe que o sujeito nulo pode ser realizado por duas categorias vazias diferentes: *pro* e variável. Quando o sujeito nulo é vinculado por uma *posição A*, é *pro*; quando é vinculado por uma *posição A-Barra*, é uma variável.

<sup>48</sup> Kato (2008) propõe uma análise em que em *perguntas-WH in situ* do português brasileiro, como em “você comeu o quê?”, o pronome interrogativo tenha se movido para a periferia do VP.

<sup>49</sup> Consultei falantes nativos de várias procedências e parece haver variação no juízo de gramaticalidade de (46a) e (47a). Para uns falantes, ambas são agramaticais e, para outros, somente (46a) é gramatical. No caso de (47a), inclusive ofereci orações contextualmente mais fáceis como:

- (i) A: ¿qué pasó con el pastel?  
 B: \*fue vendido antes de cocinar.

mas não as consideram gramaticais. Ou seja, em algumas variedades, a lacuna parasítica do objeto é gramatical; a lacuna parasítica do sujeito não é. A minha interpretação é que este fato reforça a proposta de que os sujeitos pré-verbais podem estar dentro do IP. Se as lacunas parasíticas são licenciadas por um vestígio-WH e o exemplo (46a), no qual há uma lacuna parasítica de objeto, é gramatical, o fato de construções como (47) não licenciarem uma lacuna parasítica correferente ao sujeito evidencia que o sujeito não está numa *posição A-Barra*. Em adição, talvez a possibilidade de lacunas parasíticas esteja relacionada com a possibilidade de objeto nulo: nas variedades que possuem objeto nulo, há licenciamento de lacuna parasítica; nas variedades que não há objeto nulo, a lacuna parasítica não é licenciada. Isso, no entanto, é apenas uma conjectura que precisa ser analisada empiricamente com dados dialetais.

Esses dados mostram claramente que o sujeito não está necessariamente deslocado à esquerda em espanhol. Caso os sujeitos estivessem sempre deslocados à esquerda, ou seja, numa *posição A-Barra*, a previsão que se faz é que deveriam licenciar categoricamente lacunas parasíticas, previsão essa que é negada pelos dados em (47b) acima e (48) a seguir:

(48) \*Los restos del avión muestran que explotó sin hacer revisar.

(CAMPOS, 1992, p. 125)

A exposição acima mostra que, assim como no português europeu, os sujeitos referenciais pré-verbais no espanhol não estão necessariamente deslocados. Assim como Costa (2001) e Costa e Duarte (2002) propõem para o português europeu, acredito que as duas análises são necessárias para explicar a distribuição dos sujeitos pré-verbais no espanhol.

### 3.2.2.3. *Análise formal da ordem S-V*

Os argumentos apresentados por Costa (2001) e Costa e Duarte (2002) para o português europeu, paralelos aos apresentados acima para o espanhol, levam à proposta de que o sujeito pré-verbal em português europeu está localizado em SpecIP. No entanto, é um desafio para Costa e Duarte (2002) explicar por que, em alguns casos, o sujeito interno ao IP tem a mesma interpretação que elementos deslocados à esquerda. Para isso, recorrem a outros trabalhos para mostrar que a mesma relação de predicação estabelecida entre elementos deslocados e o IP é estabelecida entre SpecIP e o restante da estrutura como mostram as representações em (49):

(49) a. [ Topic/Op<sub>i</sub> [IP .....vbl<sub>i</sub>.....]]  
 b. [IP Subj<sub>i</sub> ...[<sup>i</sup>t<sub>i</sub>.....]]

A interpretação de tópicos iniciais não sujeitos é determinada por uma regra de predicação a partir da relação de irmandade<sup>50</sup>. Em (49a), o tópico adjungido ao IP, ao ser movido para esta posição, deixa uma variável dentro do IP e, como é irmão do IP, é identificado como o sujeito da predicação. Do mesmo modo, o sujeito em SpecIP, ao se mover para esta posição, deixa um

<sup>50</sup> Dois nódulos são irmãos se são dominados imediatamente pela mesma projeção.

vestígio dentro do VP, e por ser irmão de I', pode ser identificado também como sujeito da predicação.

Assume-se que checagem de EPP é universal e que todos os núcleos funcionais carregam um traço EPP. Seguindo Alexiadou e Anagnostopoulou (1998), Costa e Duarte (2002) assumem que EPP pode ser checado através do movimento de um XP para SpecYP ou através do movimento de um núcleo X<sup>o</sup> para o núcleo Y<sup>o</sup>. Neste sentido, propõem que as duas opções estão disponíveis em português europeu, sendo que, em umas construções, a checagem é feita pelo movimento do núcleo e, em outras, a checagem é feita pelo movimento do XP para SpecYP.

Também se assume duas suposições motivadas independentemente: a) assume-se um IP cindido, como proposto por Pollock (1989), em que AgrP domina TP, e a partir da ordem dos advérbios em português, francês, inglês e italiano, assume-se que o verbo, em português europeu, não se move para Agr<sup>o</sup> na ordem S-V-O; b) assumem um princípio de atração proposto por Pesetsky e Torrego (2000), que diz que, se um núcleo K atrai X, nenhum constituinte Y está mais perto de K que X.

A união desses três aspectos vai explicar a ordem de palavras no português europeu. O sujeito se move para SpecTP e verbo se move para T<sup>o</sup>. O EPP de T<sup>o</sup> é checado pelo movimento do verbo. O EPP de Agr<sup>o</sup> pode ser checado pelo movimento do verbo ou pelo movimento do sujeito, como ilustram as representações em (50):

- (50) a. [<sub>AgrSP</sub> DP Agr [EPP] [<sub>TP</sub> t<sub>DP</sub> V-T [<sub>VP</sub>.....  
 b. [<sub>AgrSP</sub> V-Agr [EPP] [<sub>TP</sub> DP t<sub>V</sub> [<sub>VP</sub>.....

Em (50a), o EPP de Agr<sup>o</sup> foi checado pelo movimento do DP sujeito para SpecAgrP e, em (50b), o EPP de Agr<sup>o</sup> foi checado pelo movimento do complexo V+T para Agr<sup>o</sup>. A partir do princípio de atração de Pesetsky e Torrego (2000), as duas derivações são economicamente idênticas, já que tanto V+T como o DP contam como mais próximos de Agr<sup>o</sup>.

A análise proposta em (50) faz a predição de que, se (50a) acontece, há uma relação de predicação e a oração recebe um juízo categórico<sup>51</sup>. Se (50b) acontece, não há relação de

<sup>51</sup> Kuroda (1972, p. 154 apud BRITTO, 1998, p. 11) define juízo categórico e tético da seguinte maneira:

*This theory assumes, unlike either traditional or modern logic, that there are two different fundamental types of judgments, the categorical and thethetic. Of these, only the former conforms to the traditional paradigm of subject-predicate, while the latter represents simply the recognition or rejection of material of a judgment.*

predicação e a oração recebe juízo tético, e o sujeito não pode ser interpretado nem como tópico nem como foco<sup>52</sup>.

Uma evidência apresentada por Costa e Duarte (2002) para o fato de que o sujeito e o verbo não estão na mesma projeção na ordem S-V é a posição de advérbios de tempo, que podem se localizar entre o sujeito e o verbo:

- (51) a. O PM ontem morreu.  
b. Morreu ontem o PM.

Em (51a) o sujeito está em SpecAgrP, o advérbio está adjungido a TP e o verbo se localiza e T°. Por outro lado, em (51b), o sujeito se localiza em SpecTP, o advérbio está adjungido a TP e o verbo se move para Agr°.

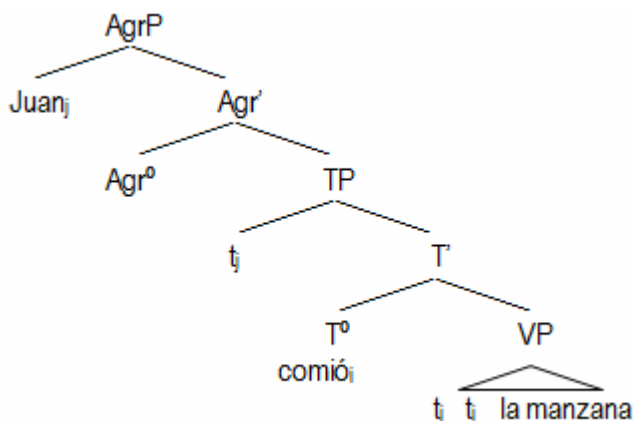
Dada a similaridade dos fatos entre o português europeu e o espanhol europeu, conforme discuti nas seções anteriores com base em questões empíricas, acredito que a análise proposta por Costa e Duarte (2002) para a ordem S-V do português europeu pode ser mantida para o espanhol. Ambos, verbo e sujeito, se movem para TP e, no caso da ordem S-V-O, o sujeito se move para SpecAgrP:

---

*Moreover the categorial judgment is assumed to consist of two separate acts, one, the act of recognition of that which is to be made the subject, and other, the act of affirming or denying what is expressed by the predicate about the subject.*

<sup>52</sup> Costa e Duarte (2002) propõem que a ordem V-S-O pode ter duas análises diferentes, uma decorrente do movimento do sujeito para SpecTP, com sujeito neutro; outra com o sujeito dentro do VP, onde recebe leitura focal. Para descartar a ambigüidade, fazem testes com advérbios que marcam a borda do VP e mostram que, quando o sujeito é focalizado, a ordem V-Adv-S é a encontrada. Quando o sujeito não é foco, a ordem encontrada é a V-S-Adv. Contudo, como argumentei acima, quando o sujeito é focalizado na ordem V-Adv-S, uma restrição fonológica move o advérbio para uma posição mais alta.

(52)



O espanhol, assim como o português europeu, exhibe a ordem S-Adv-V:

(53) Juan siempre viene.

O que corrobora a idéia de que verbo e sujeito não estão na mesma projeção também no espanhol.

Por fim, há que falar alguma coisa sobre a ordem S-V com sujeito focalizado. Sabe-se que a única possibilidade para sujeito pré-verbal focalizado, em espanhol, é quando o sujeito representa um foco contrastivo:

(54) A: ¿Quién ha lIego?  
 B: #Pedro ha lIegado.  
 B': Ha lIegado Pedro.

(55) A: ¿Ha lIegado Juan?  
 B: No... PEDRO ha lIegado.  
 B': No... ha lIegado PEDRO.

Em (54), a ordem S-V, da resposta B, é inadequada porque há uma *pergunta-WH* e o constituinte que fixa o valor da variável deixada em aberto pelo pronome interrogativo deve estar localizado na posição mais encaixada para ser alinhado com o *acento nuclear neutro* ou deve estar identificado estruturalmente na periferia do VP. Por outro lado, em (55), a ordem S-V, com *acento nuclear* no sujeito, é adequada já que representa um contraste. A questão que deve ser respondida



é se o sujeito se moveu do IP ou se localiza em IP já que pode receber o *acento nuclear* nesta posição. Não tenho uma posição conclusiva; ofereci, entretanto, duas possíveis análises.

Belletti (2005) comenta que, embora o sujeito possa ser focalizado em posição pré-verbal em algumas línguas, não se move necessariamente para CP. Só é adequado analisar o sujeito como se movendo para CP nos casos em que outros constituintes também são movidos para CP<sup>53</sup>. Veja-se o esquema abaixo que representa o comentário de Belletti (2005):

(56)	Pergunta:	<i>Quem comeu a maçã?</i>	<i>O que João comeu ?</i>
	Resposta:	Língua A: S-V-O	Língua A: S-V-O
		Língua B: S-V-O	Língua B: O-S-V / O-V-S

Se uma língua, como a língua A, usa a ordem S-V-O para foco informativo no sujeito e usa a ordem S-V-O também para focalizar o objeto, nesta língua, o sujeito focalizado não se move para CP. Por outro lado, se uma língua, como a língua B, usa a ordem S-V-O para focalizar o sujeito e usa a ordem com objeto em primeira posição para focalizar o sujeito, nesta língua o sujeito se move para uma posição mais alta.

No caso do espanhol, as duas opções são possíveis para contrastar o objeto:

- (57) A: ¿Has comido la manzana?  
 B: No, he comido LA PERA.  
 B': No, LA PERA he comido (yo).

Em (57B), o contraste é realizado através da ordem V-O e, em (57B'), o contraste é realizado pela ordem O-V. Isso sugere que, no caso do sujeito, as mesmas possibilidades estejam disponíveis; ou seja, o sujeito pode ser focalizado através do acento, dentro do IP, ou pode ser movido para SpecCP. Que o sujeito pré-verbal pode ser focalizado em CP fica evidenciado pelo uso de partículas focalizadoras:

- (58) a. YO sí voy al cine.  
 b. EL FOTÓGRAFO que es Bueno.

<sup>53</sup> Lembrar que a noção de CP usado nesta Tese é o CP cindido de Rizzi (1997). Neste caso, os elementos focalizados se moveriam para uma projeção de FocP. Por simplificação, usarei a etiqueta CP quando não for necessário discriminar as várias projeções do CP.

Uma questão mais complicada, no entanto, é se o verbo se moveu para C° ou se permaneceu em IP neste tipo de construções. Na seção 3.4. voltarei a esta questão.

### 3.2.3. Sintetizando as posições do sujeito no espanhol atual

Nas seções 3.2.1. e 3.2.2. acima, discuti a posição dos sujeitos pós e pré-verbais respectivamente. Na análise que propus, o sujeito sempre se move do VP. As razões do movimento podem ser informativas (o foco precisa ser identificado estruturalmente) ou gramaticais (checagem de traços, principalmente EPP). Nesta análise, há uma simetria entre os sujeitos pré e pós-verbais no sentido de que ambos dispõem de duas posições antes ou depois do verbo respectivamente. Uma posição não marcada e outra posição reservada para questões informativas. No caso das posições informativas, a posição pós-verbal, SpecFocP da periferia do VP, pode ser usada para foco informativo e para foco contrastivo, o que contrasta com a posição pré-verbal, SpecFocP do CP, que só pode ser usada para foco contrastivo.

A análise, contudo, apresenta, um problema, que é a debatida possibilidade de opcionalidade no sistema. Considerando sujeitos neutros, por que o EPP em Agr° pode ser checado ora pelo movimento do verbo e ora pelo movimento do sujeito, gerando a ordem V-S e S-V respectivamente? Não tenho uma resposta estrutural clara para essa questão. Mas, tenho duas considerações.

Em primeiro lugar, há que averiguar se as ordens S-V e V-S, com sujeito neutro, podem ser usadas efetivamente nos mesmos contextos. Costa e Duarte (2002) indicam que há alguma diferença, embora sutil, entre as duas ordens quando falam que a ordem S-V é destinada ao juízo categórico e a ordem V-S é destinada ao juízo tético. Não estou seguro de que esta distinção seja efetiva no espanhol.

Em segundo lugar, acredito que, nessas línguas do tipo *koiné*<sup>54</sup> cujas populações mantiveram uma série de contatos ao longo de suas histórias, o que está em jogo não é realmente uma opcionalidade do sistema, mas uma convivência de gramáticas paralelas. Os trabalhos em aquisição da linguagem mostram que crianças expostas a duas línguas diferentes adquirem os dois

---

<sup>54</sup> Tuten (2003) discute o processo de *koinização* na história do espanhol europeu e diz que uma língua só tem caráter de *koiné* enquanto é o resultado do contato das populações adultas. Uma vez que uma geração de crianças adquire esta *koiné* como L1, esta língua perde o caráter de *koiné*. Fontanella de Weinberg (1993) usa este conceito de *koinização* para caracterizar o espanhol americano.

sistemas de forma independente. Como os dois sistemas têm a mesma fonologia e o mesmo léxico, fica bastante difícil distinguir um do outro. Assim o falante pode ter adquirido duas gramáticas levemente diferentes, porém idênticas fonológica e lexicalmente e, nesses casos de opcionalidade superficial, o que pode estar em jogo é um ponto de divergência das duas gramáticas<sup>55</sup>.

### 3.3. Os objetos fronteados

O espanhol atual tem, pelo menos, quatro tipos de construções A-Barra, conforme ilustro nos exemplos em (58) a seguir:

- |      |   |                                     |
|------|---|-------------------------------------|
| (58) | a. <u>A Nuria</u> <sub>i</sub> le <sub>i</sub> dieron un libro anoche.    | <i>Clitic left dislocation</i>      |
|      | b. <u>Libros</u> <sub>i</sub> , sólo tengo romances.                      | <i>Left dislocation</i>             |
|      | c. <u>Libros</u> <sub>i</sub> , dicen que Nuria tiene ____ <sub>i</sub> . | <i>Topicalization</i> <sup>56</sup> |
|      | d. ¿ <u>qué libros</u> tienes?  | <i>Wh-movement</i>                  |

Em (58a), o objeto é recuperado por um clítico dentro da oração; em (58b), o XP fronteado não tem correspondência dentro da oração; em (58c) o objeto fronteado deixa um vazio dentro da oração; em (58d) o objeto fronteado é o elemento interrogado.

Um aspecto que contrasta claramente o espanhol atual com o espanhol antigo é a maior flexibilidade para *fronteamento* de constituintes no espanhol antigo e a maior possibilidade de *fronteamento* de objetos sem a recuperação com o clítico<sup>57</sup>.

Discutindo a noção de operador, Cinque (1995, p. 107) mostra o seguinte contraste:

- (59) Gianni<sub>i</sub>, lo<sub>j</sub> invitero domani (non oggi)  
Gianni, o convidarei amanhã (não hoje)

<sup>55</sup> Como se sabe, as línguas européias, desde antes da expansão do Império Romano, já estavam em contato entre si, devido ao ir e vir dos diversos povos, guerras, sociedades ainda nômades. Ao longo dos séculos, o contato de línguas permaneceu. É evidente que o conceito de “deriva”, de Sapir (1921), ou de “memória histórica”, como discutido em Coseriu (1979), não podem explicar a mudança lingüística no quadro gerativista. Contudo, o fato de que dois ou mais sistemas lingüísticos parecidos estejam convivendo paralelamente durante séculos trará conseqüências para aquisição da linguagem e mesmo um modelo mentalista não pode se esquivar desta questão. No Capítulo 04 retomo essa questão ao discutir a dinâmica da mudança lingüística no espanhol.

<sup>56</sup> O que Cinque (1995) chama de *topicalização* é equivalente a *focus movement*. Assumo, como apresentei na Introdução desta Tese, que a *topicalização* é um movimento A-Barra que deixa uma posição vazia dentro da oração. Se esse movimento é usado como recurso de *tematização* ou de *focalização* é algo que pode variar entre as línguas.

<sup>57</sup> Como o espanhol tem um sistema de clíticos defectivo, a retomada só pode ser observada com objetos diretos e indiretos. Línguas que possuem um sistema de clíticos mais ricos deverão exibir os mesmos fatos com outras funções sintáticas.

- (60) GiANNI<sub>j</sub> (\*I<sub>o<sub>j</sub>) invitero (non Pietro)  
Gianni (\*o) convidarei (não Pietro)</sub>

Os dados em (59) e (60) mostram que, na CLLD, a presença do clítico é requerida e, na *topicalização*, é proibida. Os dados em (60) também mostram que somente a *topicalização* é gerada via *movimento-WH*<sup>58</sup> tendo em vista o paralelismo entre (60) e (61).

- (61) \*Chi<sub>i</sub> lo<sub>i</sub> inviterai?  
(CINQUE, 1995, p. 108)

A pergunta que Cinque (1995) procura é responder é por que o NP em TopP, como em (59), não pode ficar sem ser duplicado pelo clítico, como mostra a agramaticalidade de (62):

- (62) \*Gianni<sub>j</sub>, ho visto \_\_\_\_<sub>j</sub>  
Gianni, Aux visto  
(CINQUE, 1995, p. 109)

Na análise de Cinque (1995), o problema de (62) é que o DP “Gianni” não se caracteriza como um operador e o DP nulo dentro da oração não pode ser caracterizado como nenhum tipo de categoria vazia. Não pode ser PRO porque é governado; não pode ser *pro* porque é não identificado; não pode ser vestígio de NP porque é livre na sua categoria de regência; e não pode ser variável porque não é vinculado por um operador<sup>59</sup>.

<sup>58</sup> Rivero (1980) assume que a *topicalização* é diferente de *movimento-WH* a partir de dados como (i) e (ii)

- (i) a. \*¿Qué te pregunta (que) por qué no tiene?  
b. \*¿Qué preguntan (que) quién tiene?  
(ii) a. Dinero, te pregunta (que) por qué no tiene.  
b. Dinero, preguntan (que) quién tiene.  
(RIVERO, 1980, p. 380)

Se *topicalização* e *movimento-WH* fossem o mesmo tipo de movimento, as orações em (ii) não deveriam ser possíveis. Contudo se são o mesmo tipo de movimento ou não é irrelevante para a discussão. O que é relevante é que ambas construções são derivadas via um tipo de movimento A-Barra.

<sup>59</sup> Cinque (1995) diz um operador pode ser definido inerentemente, como os quantificadores nus, ou estruturalmente, como alguns DPs em CP.

Cinque (1995) comenta que a falta de *movimento-WH*, nesse tipo de construção, é um argumento crucial<sup>60</sup>, tendo em vista que, se houvesse um *movimento-WH*, a categoria vazia poderia se caracterizar como variável já que seria vinculada pelo operador<sup>61</sup>.

A inserção do clítico, neste tipo de construção, é uma estratégia de *último recurso* para licenciar a categoria vazia dentro do VP. Quando o clítico é inserido, a categoria vazia é caracterizada como uma anáfora e pode ser licenciada.

Com relação ao exemplo em (61), a explicação vai no sentido contrário: como o DP no início da oração é caracterizado como operador já que é derivado via *movimento-WH*, este DP é capaz de vincular a categoria vazia dentro da oração caracterizando-a como variável. Se o clítico é introduzido, a oração se torna agramatical não porque a categoria vazia fica sem ser caracterizada, como no caso da CLLD, mas porque o operador não pode vincular nenhuma variável (o operador vincularia o clítico, que não é uma variável).

A partir da exposição de Cinque (1995), é possível ter uma explicação para o contraste entre as duas fases do espanhol. No espanhol antigo, assim como nas línguas V2, o traço EPP em CP, mais especificamente em FinP, atrai o verbo e o movimento do verbo para Fin<sup>o</sup> permite que qualquer constituinte seja movido para SpecFinP. Assim, quando se tem a ordem O-V, no espanhol antigo (e nas línguas V2 em geral), o objeto frontado se caracteriza como um operador e pode licenciar a categoria vazia, que é caracterizada como variável, deixada dentro do VP. No espanhol atual, como não há um traço EPP em FinP, o verbo não se move para Fin<sup>o</sup> e não permite que qualquer constituinte ocupe esta posição, como já comentado no Capítulo 02 a partir de dados de Hernanz e Brucart (1987) e Fontana (1993). Como o objeto não pode ser movido para SpecFinP, mas somente pode ser concatenado diretamente em SpecTopP através da operação de concatenação externa, não se caracteriza como operador e a presença do clítico é necessária.

---

<sup>60</sup> Que este tipo de construção não é derivado através de movimento é evidenciado pelo fato de que podem aparecer em contextos de ilha, como mostra o exemplo do espanhol:

(i) El dinero Maria ignora quién lo tiene.  
(HERNANZ e BRUCART, 1987, p. 86)

Se houvesse movimento de dentro da oração relativa para o início da oração matriz, a oração deveria ser agramatical já que orações relativas são caracterizadas como ilhas e não podem ter constituintes extraídos de dentro de si. Ver também Rivero (1980).

<sup>61</sup> Lembrar que a definição de operador de Rizzi (1991), no *Critério-WH* por exemplo, passa obrigatoriamente pela questão do movimento. Se uma categoria não se move, não se caracteriza como operador.

Por essa razão, se nota o interessante cruzamento de dados em Fontana (1993): quando a ordem O-V sem clítico diminui, a ordem O-V com clítico aumenta; o que é um reflexo da mudança lingüística<sup>62</sup>.

A conclusão que se obtém dessa discussão é que os objetos fronteados no espanhol antigo e no espanhol atual ocupam lugares diferentes na estrutura. No espanhol antigo, o elemento (seja o objeto ou qualquer outro constituinte) em primeira posição ocupava SpecFinP, devido ao traço EPP de FinP. Tal movimento era desencadeado por questões meramente formais, por isso, qualquer constituinte, independentemente de sua função informativa, podia ocupar a primeira posição sem a duplicação pelo clítico.

No espanhol atual, devido à mudança lingüística, a periferia esquerda da oração é destinada para usos informativos. Quando um objeto é movido, no caso da *focalização*, o seu lugar de pouso é SpecFocP. No caso da *tematização*, o objeto é concatenado diretamente em SpecTopP. Como no espanhol atual o *fronteamento* de constituintes é decorrente de fatores informativos, a ordem O-V em contextos neutros é banida já que não há lugar de pouso disponível para o objeto (SpecFinP não é uma posição ativa no espanhol atual). Por isso, orações do espanhol antigo, como as ilustradas em (63) a seguir, são agramaticais no espanhol atual:

- (63) a. E tod aquel quj esta carta **quebrantar**, seia maldicto & descomungado (1223)  
 b. quyen esto **quisiese quebrantar** (1225)

A contraparte gramatical das orações em (63) no espanhol atual exhibe obrigatoriamente a ordem V-O.

Esta análise explica também porque o espanhol atual apresenta restrições à *tematização*, principalmente de complementos circunstanciais, como apontaram Hernanz e Brucart (1987) e

---

<sup>62</sup> Este aspecto da história do francês é trazido por Kroch (1989) a partir da proposta de Adams (1987a; 1987b):

*In sentences with preposed adverbs and prepositional phrases, the only effect of the change in accent on word order will be a decline in the rate of subject-verb inversion; but in sentences with preposed noun phrase complements, there will be an additional effect, an increase in the rate of use of the resumptive clitic pronouns required by left dislocation.*

[...]

*If we fit a logistic curve to Priestley's data via regression and compare the logistic transform of the fitted curve with Fontaine's results, we obtain the pattern in Figure 5 below. We have, of course, reversed the sign of the slope of the regression, since the rise in left dislocation corresponds to the loss of topicalization.*

(KROCH, 1989, p. 13-14)

Fontana (1993). Complementos circunstanciais são selecionados pelo verbo lexical, assim como os objetos diretos e indiretos. Quando esses elementos são tematizados, a categoria vazia deixada dentro do VP precisa ser caracterizada de alguma forma: como esses elementos não possuem clíticos, a categoria vazia não pode ser caracterizada como uma anáfora; como a *tematização* no espanhol atual é gerada via concatenação, esses elementos fronteados não se caracterizam como operadores e não podem caracterizar a categoria vazia como uma variável. No espanhol antigo, como o verbo se movia para Fin<sup>o</sup> e qualquer constituinte podia ocupar a posição de SpecFinP, esses complementos circunstanciais fronteados conseguiam caracterizar as categorias vazias deixadas no VP como variável porque se caracterizavam como operadores.

### 3.4. O movimento do verbo

Fontana (1993), seguindo a análise de Santorini (1989) e Diesing (1990) entre outros para as línguas V2 simétricas, propôs que, no espanhol antigo, o verbo se movia somente até IP, que era uma *projeção sincrética*, ou seja, ora *projeção A*, ora *projeção A-Barra*. Na proposta de Fontana (1993), o que muda, então, ao longo da história do espanhol são as características da posição pré-verbal, SpecIP, que deixa de ser uma *posição sincrética* para ser exclusivamente uma *posição A*<sup>63</sup>.

No Capítulo 01, discuti a análise do efeito V2 e *propus*, seguindo Vikner (1995), que, tanto nas línguas simétricas como nas línguas assimétricas, o efeito V2 é realizado em CP. Desta maneira, o efeito V2 no espanhol antigo precisa ser reinterpretado dentro dessa proposta.

#### 3.4.1. O movimento do verbo no espanhol atual

No Capítulo 02, trouxe para o caso do espanhol antigo e do espanhol atual alguns dos argumentos de Pollock (1989) para diagnosticar a posição do verbo no inglês e no francês, entre eles a relação entre o verbo e o objeto na ordem V-O e a posição do advérbio em relação ao verbo. Os dados em (64) abaixo mostram claramente que o verbo se move do VP no espanhol atual:

---

<sup>63</sup> Lembrar que Zubizarreta (1998) propõe que o espanhol atual ainda possua um IP sincrético. Entretanto, como fica evidenciado, entre outros aspectos, pela discussão da seção anterior, se o espanhol atual possuísse uma posição de SpecIP sincrética como o espanhol antigo (de acordo com FONTANA, 1993), esta posição se caracterizaria como uma *posição A-Barra* e poderia abrigar operadores, que licenciariam categorias vazias dentro do VP. Os dados mostram, entretanto, que esta opção não está disponível no espanhol atual.

- (64) a. Juan **comió** hoy la manzana.  
b. Juan **viaja** a menudo.

O exemplo (64a) mostra que o verbo é separado do objeto por um advérbio de tempo; o exemplo (64b) mostra que o verbo aparece à esquerda do advérbio. Esses dois fatores são evidências para Pollock (1989) de que o verbo se moveu para fora do VP.

Suñer (1994) acrescenta a evidência de que o espanhol atual exhibe morfologia flexiva bastante robusta como mostra o exemplo (65):

- (65) caminá-ba-mos

em que há morfologia de tempo e modo “ba” e de número e pessoa “mos”<sup>64-65</sup>.

Suñer (1994) conclui que o verbo, no espanhol atual, se move, pelo menos para IP (considerando o IP cindido de POLLOCK, 1989). E procura averiguar se o verbo se move para CP. Para isso, a autora analisa a posição de advérbios modificadores de oração, a ordem em orações interrogativas<sup>66</sup> e a relação de advérbios com a negação:

- (66) a. La viejita apenas **puede** leer los periódicos.  
b. ¿A quién jamás **ofenderías** tú con tus acciones?  
c. Los investigadores no **tienen** suficientes pruebas.  
d. El otro ya no **decía** nada.

(SUÑER, 1994, p. 344-346)

O exemplo (66a) exhibe a ordem S-Adv-V; se o sujeito se localiza em SpecIP e o advérbio está entre o verbo e o sujeito, é um sinal de que o verbo não se moveu para CP; o exemplo (66b) mostra a ordem WH-Adv-V-S, que contrasta com a ordem WH-do-S-adv-V do inglês, o que mostra

<sup>64</sup> No modelo de Suñer (1994), ainda pré-minimalista, o movimento do verbo se dava para concatenação dos itens morfológicos. No modelo minimalista, a partir de Chomsky (1993, 1995), os itens lexicais já entram completos na derivação e o movimento se dá por necessidade de checagem.

<sup>65</sup> Neste sentido, a variação morfológica do verbo no espanhol geral em relação ao espanhol caribenho parece se restringir à morfologia de número e pessoa.

<sup>66</sup> Não estou de acordo com o tratamento unificado que Suñer (1994) parece dar às orações declarativas e orações interrogativas. Como vários trabalhos, entre eles Rizzi (1991) e Roberts (2004), o movimento do verbo nos dois tipos de orações é motivado por razões independentes.



também que o verbo não se moveu para CP no espanhol atual<sup>67</sup>; o exemplo (66c) mostra que a negação precede o verbo; o que é corroborado pelo exemplo (66d), em que a negação segue o advérbio e precede o verbo, também indicando, para Suñer (1994), que o verbo não se move para CP.

Outros dois argumentos que Suñer (1994) usa para mostrar que o verbo não se move para CP em espanhol são: a) verdadeiras línguas V2 apresentam assimetria entre orações matrizes e subordinadas; b) com movimento do verbo para CP, a ênclise em orações matrizes é categórica devido ao fato de o verbo cruzar a posição do clítico. Com relação ao primeiro argumento, no Capítulo 01, apresentei várias evidências de que, mesmo em línguas V2 simétricas, o verbo se move para CP e que a simetria entre orações matrizes e orações subordinadas é explicada por outros motivos. Com relação ao segundo argumento, uma saída é assumir as análises de Franco (1993, 2000) e Fontana (1993), nas quais os clíticos do espanhol atual não representam argumentos, mas sim morfemas de concordância<sup>68</sup>.

Seguindo a argumentação que apresentei no Capítulo 01, parece incontroverso que o espanhol atual não exiba movimento do verbo para CP, pelo menos em orações declarativas; não só pelas propriedades que exibe, conforme argumentado por Suñer (1994), mas também pelas que não exibe. O espanhol atual apresenta restrição com relação aos elementos fronteados; não apresenta ordem O-V sem retomada clítica em contextos neutros e de *tematização*<sup>69</sup>; não apresenta a ordem Aux-S-V, sendo S[-pronominal], em tempos compostos. Com relação à ordem Aux-S-V, Ordóñez (2005) mostra que é um aspecto que diferencia o espanhol do islandês:

(67) [ Auxiliary Have [ Past participle [ SubjP subject ]]] (espanhol)  
 [ Auxiliary Have [TP subject [ Past participle ]]] (islandês)

(ORDÓÑEZ, 2005, p. 266)

<sup>67</sup> Suñer (1994) assume que o CP possui apenas uma projeção. Se um elemento intervém entre WH e verbo é sinal de que o verbo está mais baixo.

<sup>68</sup> A negação em espanhol atual funciona como um elemento clítico ao verbo, no mesmo sentido que o “ne” do francês como apontado por Pollock (1989). Desta maneira, a negação em espanhol vai estar sempre onde o verbo estiver e em posição pré-verbal, não servindo de diagnóstico para o movimento do verbo.

<sup>69</sup> Voltar à discussão da ordem O-V na seção anterior e no Capítulo 01 para ver que é o movimento do verbo para CP que licencia o movimento de qualquer constituinte para SpecCP, o que licencia a categoria vazia em dentro da oração no caso dos objetos fronteados.

Ordóñez (2005) explica a diferença entre as duas línguas propondo que, no espanhol, SubjP está mais baixo que a projeção em que está localizado o Particípio Passado; no islandês, aconteceria o contrário. Contudo, se a proposta de Kayne (1994) for trazida para a discussão, a faculdade da linguagem não exhibe variação na ordenação das suas projeções funcionais. Portanto, a explicação para o contraste entre as duas línguas deve ser outra; no caso, penso que a explicação seja o movimento do verbo para CP em islandês, devido ao fato de ser uma língua V2. Como em espanhol o verbo se localiza em IP, o sujeito não pode intervir entre as duas formas verbais<sup>70</sup>.

Acima, quando discuti a posição do sujeito, já apresentei os movimentos do verbo no espanhol, que, em orações declarativas, é sempre para o campo IP, conforme fica corroborado pela discussão desta seção. Na ordem V-S, o verbo se localiza em Agr<sup>o</sup>; na ordem S-V, o verbo se localiza em T<sup>o</sup>. No caso da ordem V-S, o sujeito, evidentemente, está mais baixo que o verbo na estrutura; como também há evidências de que o verbo não se moveu para CP, a opção é analisar o verbo como Agr. No caso da ordem S-V, o sujeito está mais alto que o verbo na estrutura e, como há evidências de que o verbo e o sujeito não estão na mesma projeção (veja-se a ordem S-Aux-V), a análise é a de que o verbo esteja em T<sup>o</sup>.

Embora haja evidências empíricas para o fato de que o verbo está numa posição na ordem V-S e em outra posição na ordem S-V, uma oração como (68) poderia ser uma evidência para o fato de que o verbo também pode se localizar na mesma projeção que o sujeito:

- (68) A: Me gustaría saber qué come Marc en la cena...  
 B: En la cena, Marc **come** siempre pechuga de pollo a la plancha.

Em (68), há um exemplo com a ordem XP-S-V-Adv-O, em que o objeto é o foco informativo da oração. Como discuti acima, o foco informativo deve ser identificado estruturalmente e o objeto tem que se mover de dentro do VP para SpecFocP. Regras prosódicas para alinhamento do foco com o *acento nuclear* tiram o advérbio da borda do VP e o movem para uma posição mais alta. Poderia ser proposto que o advérbio se adjuge à TP e o verbo estaria em Agr<sup>o</sup>. Contudo, comentei

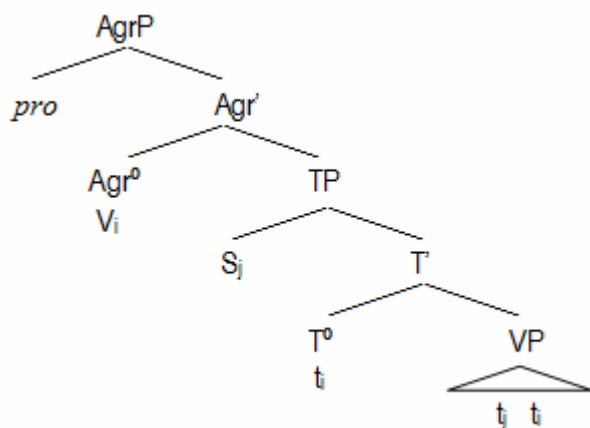
---

<sup>70</sup> A história parece mais complicada já que sujeitos pronominais podem aparecer entre o auxiliar e particípio e não pode ser assumido que o pronome sujeito estaria cliticizado ao verbo já que os pronomes sujeitos do espanhol não apresentam nenhum comportamento de clítico, começando pelo fato de serem pronomes fortes. Também não pode ser assumido, como discutido em Rizzi (1991), que Aux-V formam um complexo já que alguns advérbios podem intervir entre as duas formas em italiano, por exemplo, que tampouco permite a intervenção do sujeito.

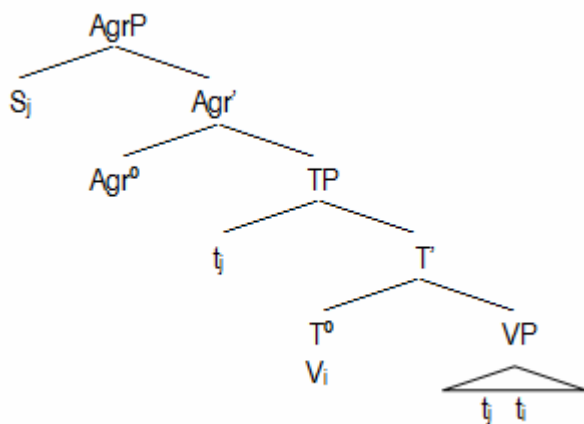
que na ordem V-O-Adv-S, com sujeito focalizado, a posição que o objeto ocupa, diferentemente das construções de *object shift*, não é SpecTP (segundo o modelo de BOBALJIK e JONAS, 1996), mas uma projeção inferior dado que, quando se focaliza um advérbio, a ordem é V-S-O-Adv. Logo, parece que na ordem S-V-Adv-O, com objeto focalizado, o advérbio não esteja adjungido a TP<sup>71</sup>.

Em (69) e (70) represento a estrutura da ordem S-V e da ordem V-S em orações declarativas não marcadas no espanhol atual:

(69) Ordem V-S, com sujeito neutro



(70) Ordem S-V com sujeito neutro



<sup>71</sup> Permanece ainda a questão de saber se o advérbio está adjungido a FocP, como propus em (14) ou se o advérbio está adjungido à projeção funcional ?P que abriga o objeto na ordem V-O-S. Contudo, esta discussão não está no escopo desta Tese.

Na proposta de Alexiadou e Anagnostopoulou (1998), o EPP pode ser checado ou pelo núcleo ou pelo especificador. Em um determinado momento da derivação, o sujeito e o verbo estão na mesma projeção, em TP. Se a oração é marcada [+tético], o verbo se move para Agr<sup>o</sup>; se a oração é marcada [+categórico], o sujeito se move para SpecAgrP para estabelecer a relação de predicação. Desta forma, na ordem S-V, embora o sujeito passe por SpecTP (caso o movimento fosse direto de Spec<sub>v</sub>P para SpecAgrP, haveria violação de *minimalidade relativizada*), ele não pode permanecer na mesma projeção que o verbo<sup>72</sup>.

Em orações marcadas, há mais controvérsia, porém, com relação ao movimento do verbo. Torrego (1984) e Hernanz e Brucart (1987) propõem que, em orações interrogativas e focalizadas, o verbo se mova para uma posição mais alta (COMP/CP) devido à inversão V-S que é desencadeada nesses contextos:

- (71) a. EL LIBRO **leyó** Juan.  
b. ¿Qué **leyó** Juan?

Bem verdade é que nem o sujeito nem um tópico podem aparecer entre WH/foco e o verbo nessas construções, o que evidencia um suposto movimento do verbo para CP<sup>73</sup>:

- (72) a. \*EL LIBRO Juan **leyó**.  
b. \*¿Qué, a Maria, le **regaló** Juan?<sup>74</sup>

Mas, como aponta Suñer (1994), advérbios podem aparecer entre WH e foco:

- (73) ¿A quién jamás **ofenderías** tú con tus acciones?  
(SUÑER, 1994, p. 345)

<sup>72</sup> Com relação à ordem V-S com sujeito focalizado, representei em (14) o verbo se movendo para AgrP, da mesma forma que nas orações com ordem V-S com sujeito neutro. A questão é saber se a diferença entre as duas ordens V-S se refere somente à posição do sujeito ou se o verbo também se localiza em posições diferentes. Esta pergunta não tem respostas evidentes.

<sup>73</sup> No espanhol caribenho, a ordem WH-S-V é gramatical. Ordóñez e Olarrea (2006) fazem uma análise na qual derivam as orações interrogativas a partir de *remnant movement*. Neste sentido, a parte relevante que diferenciaria a variedade caribenha das demais variedades do espanhol é o fato de que na variedade caribenha, como não há mais inversão, ao mover o IP para CP, a ordem seria WH-[S-V]; por outro lado, nas demais variedades, como ainda há inversão, quando o IP fosse movido para CP, a ordem do IP seria WH-[V-S].

<sup>74</sup> Suñer (1994) mostra que a restrição de adjacência é exclusiva de argumentos-WH. No caso de adjuntos-WH, como “por qué” e “cómo”, não há impedimento para a ordem S-V.

O exemplo em (73), com ordem WH-Adv-V-S é um bom argumento para mostrar que o verbo não se moveu para CP, considerando que adjunção a CP é vetada pela faculdade da linguagem conforme discutem Chomsky (1986a) e Schwartz e Vikner (1996). Retomando argumentos de Schwartz e Vikner (1996) discutidos no Capítulo 01, se adjunção a CP fosse permitida, se esperaria que as construções em (74) não apresentassem contraste de gramaticalidade:

- (74) a. Ich weiß, daß letzte Woche Peter tatsächlich ein Buch gelesen hat.  
Eu sei que na última semana Peter realmente o livro tinha lido
- b. \*Letzte Woche Peter hat tatsächlich ein Buch gelesen.  
Na última semana, Peter tinha realmente o livro lido

(SCHWARTZ e VIKNER, 1994, p. 12-13)

Considerando que, no alemão, as orações matrizes exibem movimento do verbo para CP, e as orações subordinadas não exibem movimento V-to-I-to-C, se adjunção a CP fosse permitido, as orações matrizes poderiam exibir a ordem Adv-S-V, diferentemente do que os fatos mostram em (74b). No mesmo sentido, se o verbo se movesse para CP em espanhol, a ordem WH-Adv-V não deveria ser permitida, mas, pelo contrário, como mostra (73), esta ordem é possível<sup>75</sup>.

Outro argumento que é apresentado por Ordóñez e Treviño (1999) a favor da hipótese de que o verbo não se move para CP nas orações interrogativas do espanhol atual é o fato de que, em orações interrogativas, o clítico permanece em posição pré-verbal (proclítico):

- (75) a. ¿Cómo te **llamas**?  
b. ¿Qué nos **dará** Juan de cumpleaños?  
c. ¿Quién me **invitará** a la fiesta?  
d. EL LIBRO le **di** a Maria anoche.

A proposta de Uriagereka (1995)<sup>76</sup> é a de que há uma posição FP específica para o clítico entre CP e IP e as ordens V-cl e cl-V são derivadas a partir da posição do verbo (mais alto que o clítico na ênclise e mais baixo que o clítico na próclise). A previsão que essa proposta faz é a de

<sup>75</sup> Suñer (1994, p. 364-366) mostra que não são todos os tipos de advérbio que podem intervir nesta ordem.

<sup>76</sup> Ver também Shlonsky (2004).

que, se o verbo se movesse para CP, nas orações interrogativas, a ordem seria V-cl. Contudo, como os exemplos em (75) mostram, a ordem é cl-V.

Esta hipótese é problemática, no entanto, para explicar a próclise categórica nos verbos finitos do espanhol. O clítico sempre está adjacente ao verbo, mesmo na ordem S-V. A ordem cl-S-V, característica da interpolação, é agramatical no espanhol atual. Na proposta de Uriagereka (1995), para derivar a ordem S-cl-V, o sujeito precisaria se mover para SpecFP<sup>77</sup>. Contudo, como discutido na seção 3.2. acima, o sujeito pré-verbal no espanhol não é, necessariamente, nem um tópico, nem um foco. Pode estar neutro e localizado dentro do IP. Não há razões, no meu entendimento, pelas quais o sujeito deveria se mover para SpecFP. Por esta razão, as propostas de Franco (1993, 2000) e Fontana (1993) me parecem mais adequadas para explicar a colocação pronominal do espanhol atual: o clítico é um afixo, um morfema verbal<sup>78</sup>, e, por isso, se localiza sempre adjacente ao verbo<sup>79</sup>.

<sup>77</sup> FP/SpecFP não deve ser confundido com FocP/SpecFocP.

<sup>78</sup> Fontana (1993) argumenta que, em muitas variedades do espanhol atual, o uso do clítico é obrigatório quando se tem um objeto indireto. O status de concordância do clítico no espanhol atual é reforçado quando se consideram as construções de *focalização*, seja na ordem XP-V ou na clivagem. Quando o objeto direto é focalizado, não há retomada pelo clítico:

- (i) a. LA MANZANA comí yo.
- b. LA MANANZA fue lo que yo comí.
- c. \*LA MANZANA la comi yo.
- d. \*LA MANZANA fue lo que la comi.

Por outro lado, quando o objeto indireto é focalizado, o clítico permanece:

- (ii) a. A PEDRO le di la manzana.
- b. A PEDRO fue a quien le di la manzana.

Se o clítico não fosse um afixo do verbo, a estrutura teria vários problemas já que a relação operador-variável que é estabelecida quando o objeto indireto se move para a esquerda da oração não poderia ser estabelecida de fato. O objeto indireto, caracterizado como operador, não poderia vincular a categoria vazia porque o clítico, que está mais próximo, já a estaria vinculando. Caso pudesse vincular a categoria vazia, o clítico também a vincularia e a categoria vazia seria interpretada como anáfora e como variável. Por fim, se a vinculação acontecesse por meio de uma cadeia, a categoria vazia seria identificada como anáfora, mas o operador não estaria vinculando uma variável.

No caso do objeto direto, também se registra, na fala espontânea, casos em que o objeto relativizado é duplicado por um clítico dentro da oração:

- (iii) El libro que lo compré ayer es muy bueno.

Se o clítico não fosse um afixo, neste caso, os mesmos problemas de (ii) seriam encontrados.

<sup>79</sup> Essas propostas também me parecem menos problemáticas para explicar a colocação dos clíticos com infinitivo. Não há razão para se postular que os infinitivos se movem mais alto que os verbos finitos dentro de uma teoria que propõe que movimento é último recurso e só acontece quando algum traço forte precisa ser checado. Não me parece plausível que os infinitivos tenham algum traço a mais que os verbos finitos que precise ser checado em CP. A ordem V-S

No caso da *tematização*, por outro lado, é evidente que não há movimento de verbo tendo em vista a possibilidade de ordem Top-S-V. Além disso, como proposto por Rizzi (1991, 1997), a relação especificador-núcleo para a satisfação de critérios só é obrigatória quando há um operador. E, para que um constituinte se caracterize como operador, é necessário que haja sido movido. Como mostrado acima, os tópicos são gerados na base, não são operadores e, portanto, não desencadeiam o movimento do verbo para CP.

### 3.4.1.1. Sintetizando e apontando problemas

Nesta seção, discuti o movimento do verbo no espanhol atual. Com relação às orações declarativas não marcadas, é consensual que o espanhol atual somente apresenta movimento do verbo até IP. Em adição, considerando as semelhanças entre o português europeu e o espanhol europeu, seguindo a análise de Costa e Duarte (2002) para o português europeu, estou propondo também para o espanhol europeu atual que, na ordem V-S, o verbo se localiza em Agr<sup>o</sup> e, na ordem S-V, o verbo se localiza em T<sup>o</sup>. Nas construções de *focalização* e nas orações interrogativas, não é ponto pacífico que o verbo se localize em CP, como no inglês. A discussão de Suñer (1994) parece ser acertada (embora alguns argumentos não evidenciem, de fato, que o verbo se localiza em IP) ao propor que, em orações interrogativas (e por extensão em construções de *focalização*) o verbo se localize em IP, como nas orações declarativas. Nas construções de *tematização*, o verbo evidentemente se localiza em IP.

Propor que o verbo se localiza em IP em orações interrogativas e em construções de *focalização* com ordem WH/Foc-V-S gera um problema para o *Critério-WH*, de Rizzi (1991). O *Critério-WH* é definido da seguinte maneira:

#### (76) *Critério WH*

- A. A WH-operator must be in a Spec-head configuration with X<sup>o</sup>[+WH]
  - B. An X<sup>o</sup>[+WH] must be in a Spec-head configuration with a WH-operator.<sup>80</sup>
- (RIZZI, 1991, p. 2)

---

obrigatória com os infinitivos pode ser explicada pela defectividade de AgrP com verbos [-finito] em espanhol, que não é capaz de receber o sujeito do verbo.

<sup>80</sup> A. Um operador WH deve estar numa configuração Spec-Head com um X<sup>o</sup>[+WH].  
B. Um X<sup>o</sup>[+WH] deve estar numa configuração Spec-Head com um operador WH.

No caso de haver uma relação Spec-Head, o fato de um elemento adverbial poder intervir entre WH e V é um problema para o *Critério-WH*. Contudo, como há uma assimetria entre elementos adverbiais, por um lado, e elementos nominais (tópicos e sujeito) por outro, e também há uma assimetria entre *argumentos-WH* e *adjuntos-WH*, Súnier (1994) propõe a Condição de Licenciamento Argumental (*Argument Agreement Licensing*):

(77) Condição de Licenciamento Argumental

a. *Argumental Wh-phrases must be licensed through symmetric Arg-agreement between  $\alpha$  (= SpecC) and  $\beta$  (= C).*

b.  *$\beta$  Arg-agrees with  $\gamma$  (=V) only if  $\beta$  and  $\gamma$  are Arg-marked and no other Arg-marked element is closer to  $\gamma$ .*<sup>81</sup>

(SUÑER, 1994, p. 361)

A condição de licenciamento em (77) explica por que há assimetria entre os dois tipos de constituintes-WH e por que advérbios podem aparecer entre WH e V quando há um *argumento-WH*<sup>82</sup>. Ou seja, ao contrário do que Rizzi (1991) propôs, o licenciamento de *operadores-WH*, no espanhol, não necessita estar numa relação Spec-Head. A condição necessária é que o *núcleo-WH* concorde com o verbo. Para que haja a concordância entre os dois núcleos, não pode haver nenhum constituinte do mesmo tipo do constituinte-WH entre ele e o verbo. Quando há um *argumento-WH*, nem o sujeito nem o tópico, que são também argumentos do verbo, podem intervir entre WH e V (o advérbio, por ser um adjunto, não causa interferências). Quando há um *adjunto-WH*, o sujeito e o tópico podem intervir porque não atrapalham a relação de concordância<sup>83</sup>.

Outra evidência empírica, ademais, para o fato de que, em algumas línguas, a relação entre WH/Foc e núcleo C<sup>o</sup> (seja realizado por um marcador focal, seja realizado pelo verbo) não é de Spec-Head é dada por Ribeiro (2009) a partir de dados do português brasileiro:

<sup>81</sup> a. *Sintagmas-WH argumentais devem ser licenciados através de concordância-Agr simétrica entre  $\alpha$ (=SpecC) e  $\beta$ (=C).*

b.  *$\beta$  Arg-concorda com  $\gamma$ (=V) apenas se  $\beta$  e  $\gamma$  são Arg-marcado e nenhum outro elemento Arg-marcado está mais perto de  $\gamma$ .*

<sup>82</sup> No caso do português brasileiro, não há nenhuma restrição com relação à ordem WH-S-V. Kato e Miotto (2005) explicam essa liberdade propondo que, no PB, um operador nulo ocupe a posição de C<sup>o</sup> (este operador nulo realizaria a mesma função que o “do-suporte” do inglês).

<sup>83</sup> Martín (2003) propõe uma análise não unificada para os elementos-WH no espanhol. Alguns elementos-WH se localizariam em SpecCP; outros, em SpecIP. Mais uma vez: há argumentos suficientes para considerar SpecIP exclusivamente uma *posição A*, incompatível com elementos-WH.



- (78) a. Segundo Maria, foi João que meu irmão viu.  
b. Foi João, segundo Maria, que meu irmão viu.

(RIBEIRO, 2009, p. 5)

- (79) a. Segundo Maria, quem (é) que deve continuar o trabalho?  
b. Quem, segundo Maria, (é) que deve continuar o trabalho?

(RIBEIRO, 2009, p. 5)

Se a relação entre WH/Foc fosse necessariamente de Spec-Head com o núcleo C°, os exemplos (78b) e (79b) não deveriam ser gramaticais já que há uma oração parentética entre foco, em (78), e WH, em (79), e seus respectivos verbos.

Quando há uma relação de Spec-Head, nada pode intervir entre os dois constituintes:

- (80) a. Jan, **wè** novi ce mo  
b. \*Jan, to Mari si ayixa me, **wè** novi ce mo  
“De acordo com Mari, foi João que meu irmão viu”<sup>84</sup>

(ABOH, 2006 apud RIBEIRO, 2009, p. 5<sup>85</sup>)

Em (80) há evidências para a relação Spec-Head já que o marcador focal “we” não pode ser separado do foco “Jan” por uma oração parentética conforme se vê pelo contraste entre (80a) e (80b).

A conclusão parece ser que cada língua tem uma opção disponível para licenciar seus *operadores-WH*: a) relação Spec-Head com núcleo realizado fonologicamente; b) relação Spec-Head com algum elemento nulo no núcleo; c) relação de concordância entre o núcleo C° nulo e um núcleo mais baixo preenchido.

Em suma: o espanhol atual tem apenas um tipo de movimento de verbo: um movimento curto até IP em qualquer tipo de oração.

Por fim, é necessário fazer uma observação sobre a ordem V-S-O do espanhol e a ordem EXP-V-S-O das TECs do islandês. No Capítulo 01, assumi que as línguas simétricas, como o iídiche e o islandês possuem, assim como as línguas assimétricas, movimento do verbo para CP. Logo, a

<sup>84</sup> Excepcionalmente neste exemplo, inseri a tradução equivalente.

<sup>85</sup> Demonte e Fernández-Soriano (2009) também discutem esse tipo de dados com base em Aboh (2006).

análise de que a ordem V-S-O do espanhol atual é idêntica a ordem V-S-O do islandês não pode ser mantida. Neste sentido, a alternativa que resta para explicar a ordem EXP-V-S-O do islandês é assumir que o expletivo está em SpecCP, o verbo em C° e o sujeito em SpecIP. Mais uma vez, se encontra um caso em que gramáticas diferentes produzem ordens superficiais semelhantes ou idênticas. Se o islandês é uma língua V2, que desencadeia necessariamente o movimento do verbo para CP, a ordem V-S-O desta língua não pode ter a mesma representação que a ordem V-S-O do espanhol atual, que não exibe movimento do verbo para CP.

### 3.4.2. O movimento do verbo no espanhol antigo

Nesta seção, discutirei o movimento do verbo no espanhol antigo. Como discutido no Capítulo 02, o espanhol antigo apresentava algumas diferenças com relação ao espanhol atual, que são: a) variação na colocação pronominal; b) ordem O-V sem retomada clítica; c) maior flexibilidade de intervenção na ordem Aux-V; d) complemento pronominal tônico sem a contraparte átona realizada; e) inversão V-S obrigatória quando havia uma oração subordinada fronteira. Os dados em (81) a (85) ilustram essas propriedades (os exemplos são recuperados do Capítulo 02):

- (81) a. **llaman** me por nonbre deseo.  
b. y lo **guarde** de mal.
- (82) a. y su cabeza **colgaban** sobre la puerta del palacio.  
b. cualquier que este hataud **hallare** pido que haya los diez marcos de oro:
- (83) a. y así **comienzo** el espiritu por las medulas **descender**:  
b. que un buey algunas vezes **oviese** con el **fablado**.
- (84) a. y a mi no **place** otra cosa si no el remedio de la muerte.  
b. e otro medio **damos** a vós
- (85) a. Ofrescidos en el templo muchos preciosos dones: **comienzo** **recontar** apolonio como el angel le hab'a reuelado.  
b. y segun se sigue **es** este mismo volumen otro libro clamado actoridades de los doctores de la iglesia.

Minha proposta para explicar essas diferenças é que, no espanhol antigo, havia duas gramáticas em competição (já que dados idênticos aos do espanhol atual também são encontrados, em especial, a ordem Top-cl-V), e na gramática divergente, o movimento do verbo era diferente do

movimento do verbo no espanhol atual. Assumo, como Fontana (1993), que a gramática divergente do espanhol antigo era uma gramática V2; contudo, me afasto da proposta dele quando assumo que, em línguas V2, mesmo nas línguas simétricas, o movimento do verbo é sempre para CP. Seguindo a proposta de Chomsky (1986a), sobre movimentos cíclicos, e as de Vikner (1995) e Heycock e Sorace (2007), para que uma língua tenha movimento do verbo para C°, o verbo precisa passar por I°<sup>86</sup>. Desta forma, considero os movimentos do verbo até IP, no espanhol antigo, idênticos aos movimentos do verbo até IP no espanhol atual: V°-to-v°, v°-to-T°, T°-to-Agr°. O passo a mais do espanhol antigo seria o movimento Agr°-to-Fin°.

Parte das diferenças das duas fases já foi discutida indiretamente nas seções anteriores; aqui, retomarei algumas e discutirei questões remanescentes.

Começando pela questão da ordem O-V sem retomada clítica, foi discutido, na seção 3.3., que a categoria vazia deixada dentro da oração precisa ser caracterizada e licenciada de alguma forma. No caso do espanhol atual, como o verbo se move somente até IP, se um elemento tematizado<sup>87</sup> é incluído na numeração, a numeração precisa incluir um clítico para licenciar a categoria vazia porque o elemento tematizado não se caracteriza como operador (e embora possa vincular a categoria vazia, não pode caracterizá-la como variável). No espanhol antigo, se observou, no Capítulo 02, que a ordem O-V pode ser usada sem clítico inclusive em contextos de *tematização*. Isso implica que o constituinte tematizado pode caracterizar e licenciar a categoria vazia dentro da oração. Se este constituinte fosse gerado na base, como no espanhol atual, não se caracterizaria como operador. A única possibilidade é que este elemento tenha se movido para alguma posição de especificador de uma *projeção A-Barra*. Como argumentei no Capítulo 01, esta posição não pode ser SpecIP. Logo, o objeto se move para SpecCP. Como o objeto pode ocupar SpecCP independentemente de sua função informativa, este movimento deve ser para uma posição neutra e, como discutido no Capítulo 01, esta posição é SpecFinP, que possui um traço EPP e atrai o verbo para o seu núcleo. Ou seja, a ordem XP-V no espanhol antigo é licenciada pelo movimento do verbo para Fin°, que atrai um XP para a posição de SpecFinP.

Este fato explica por que a ordem O-V do espanhol antigo tem, como equivalentes, ordens diferentes no espanhol atual:

---

<sup>86</sup> Vikner (1995) e Heycock e Sorace (2007) mostram que, em algumas línguas escandinavas, não há movimento independente do verbo para IP. Mas se o verbo se move para CP, deve passar por IP.

<sup>87</sup> Ter em mente que o ponto relevante para a discussão é o fato de o objeto não ser focalizado; já que, na *focalização*, o objeto não é recuperado pelo clítico, mesmo no espanhol atual.

(86)

<b>Contexto</b>	<b>Espanhol antigo</b>	<b>Espanhol atual</b>
<i>Focalização</i>	O-V	O-V
<i>Tematização</i>	O-V	O-cl-V
Neutro	O-V	V-O

O campo pré-verbal do espanhol antigo não era usado para fatores informativos. O campo pré-verbal do espanhol atual é (se o objeto não é marcado com nenhum valor informativo, não pode se mover para a posição pré-verbal)<sup>88</sup>. Desta forma, as duas fases da língua se valem de construções sintáticas diferentes para organizar sua estrutura informativa.

O movimento do verbo para Fin<sup>o</sup> também explica por que a ordem Aux-V pode ser interferida com mais facilidade. Aqui, aparecem duas questões. A primeira está relacionada com a ordem Aux-S-V (sem nenhum outro elemento entre sujeito e verbo) como em (87):

(87) que no **puede** mi paciencia **tolerar** que [...]

Uma parte da derivação de (87) é idêntica à derivação da ordem S-V do espanhol atual: verbo finito em T<sup>o</sup> e sujeito em SpecAgrP. O espanhol antigo atraía o verbo para Fin<sup>o</sup> (passando por Agr<sup>o</sup>) e, por isso, se chega à ordem em (87), que é idêntica à ordem do islandês (exceto pela ausência do pronome expletivo), que também exhibe movimento do verbo para C<sup>o</sup>. A diferença entre o espanhol antigo e o islandês, por um lado, e o espanhol atual e o italiano, por outro, não seria variação na ordem das projeções SubjP e Participio Passado, como propõe Ordóñez (2005), mas sim nos diferentes movimentos do verbo nos dois tipos de língua: no espanhol antigo/islandês sendo mais alto que no espanhol atual/italiano.

A questão de por que os sujeitos pronominais e alguns advérbios podem intervir entre as formas verbais no espanhol atual e no italiano pode ser explicado por uma condição de licenciamento semelhante à condição de licenciamento de *argumentos-WH* proposta por Suñer (1994). Como o auxiliar e o verbo lexical formam um único complexo temático (a rede argumental é determinada pelo participio), esses dois verbos precisam concordar estruturalmente. Pode-se supor

<sup>88</sup> No Capítulo 04, apresento contextos mais amplos que corroboram essa análise no momento em que discuto o processo de transmissão linguística irregular.

que os sujeitos pronominais e alguns advérbios não interferem, por alguma razão, nessa relação de concordância.

A segunda questão relacionada com os complexos verbais é quando aparece algum constituinte diferente do sujeito entre os dois verbos, como ilustrado em (83) e repetido em (88) a seguir:

- (88) a. y así **comienzo** el espíritu por las medulas **descender**:  
 b. que un buey algunas vezes **oviese** con el **fablado**.

(88a) tem a ordem Adv-V-S-XP-V. Com relação à parte Adv-V-S, a derivação é idêntica à derivação V2<sup>89</sup>: o sujeito permanece em SpecAgrP, o verbo se move para Fin<sup>o</sup> e o advérbio se move para SpecFinP. Com relação à parte XP-V, o XP se move para uma posição de SpecXP que abriga a forma verbal não-finita<sup>90</sup>. (88b) tem a ordem S-Adv-V-XP-V. A derivação da parte XP-V é idêntica à derivação da parte XP-V de (88a). Com relação à ordem S-Adv-V, discutirei este aspecto mais abaixo.

Como discutido também no Capítulo 01, nas línguas germânicas V2, o sujeito, quando não é o primeiro XP, se localiza em posição imediatamente pós-verbal, sendo que esta posição é SpecIP. No espanhol antigo, quando se fronteava uma oração, a ordem superficial era a ordem Oração-V-S. No espanhol atual, quando uma oração é fronteada, a ordem pode ser S-V. Esse contraste sugere que a ordem Oração-V-S do espanhol antigo seja derivada também via movimento do verbo para CP.

A partir da discussão acima, uma representação para o movimento do verbo no espanhol antigo é a que ilustro em (89), idêntica à representação proposta para as línguas germânicas atuais no Capítulo 01:

---

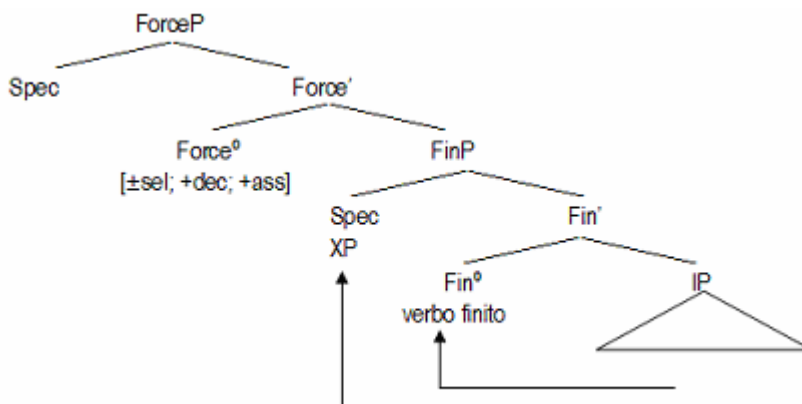
<sup>89</sup> Não estou preocupado com a ordem dos processos, mas sim com o que acontece em cada processo. De qualquer forma, estou ciente que a derivação começa de baixo para cima. Ou seja, primeiro se concatenam os elementos dentro do VP e logo se vai aplicando mova-a e concatenando os constituintes em outras posições. Por não ser relevante para a discussão, me deterei exclusivamente no tipo de processo em vez de discutir a ordem dos mesmos.

<sup>90</sup> Mostrei, no Capítulo 02, com dados como (i), que, no espanhol antigo, o objeto podia ser movido para a esquerda do verbo não-finito:

- (i) y mando el hataud **lanzar** en la mar con gran lloro.

Em (i) o verbo “mandar” tem sua grade temática independente da grade temática do verbo “lanzar”.

(89)



Quando o traço de Force° é [-selecionado], a oração é matriz; quando o traço é [+selecionado], a oração é subordinada. Qualquer XP pode ocupar a primeira posição; quando o XP é diferente do sujeito, o sujeito aparece imediatamente após o verbo, em SpecIP.

#### 3.4.2.1. Considerações sobre os clíticos

Como todas as línguas românicas antigas possuíam variação entre a ordem O-V e a ordem O-cl-V, Benincà (1995, 2006) faz uma análise em que propõe que a periferia esquerda dessa fase era idêntica à periferia esquerda das línguas atuais<sup>91</sup>. Benincà (1995) assume que, em línguas V2 rígidas, como as línguas germânicas atuais e o francês antigo, só há uma projeção CP; nas línguas V2 menos rígidas, haveria uma projeção TopP superior a CP, que seria responsável pelos casos de CLLD.

Neste sentido, a diferença entre as fases antigas e as fases atuais se refere somente ao lugar de pouso do verbo nas duas fases. Na fase V2, propõe que o verbo se localize no núcleo que

<sup>91</sup> *The descriptive generalizations on medieval Romance pointed out in this chapter are accounted for if we assume that the lowest field in CP—the Focus field—is reserved to constituents that move there leaving a trace. In contrast, the higher fields host elements that are base generated (or moved with a different kind of movement, see note 5) and resumed by a clitic. The requirements for clitic doubling in medieval Romance are identical to those of modern Italian (see above, section 2): only direct objects in Topic or Frame are obligatorily doubled; HTs are distinguished from LD by the lack of Case-matching. Direct objects in Focus are moved and cannot be clitic doubled.*

corresponde à função informativa desempenhada pelo XP em primeira posição. Na fase atual, o verbo não se moveria para CP em muitas línguas<sup>92</sup>.

Esta análise é problemática, desde o meu ponto de vista, por várias razões. Primeiro, se assume que o movimento do verbo se dá por razões informativas a fim de checar critérios, como propõe também Chruschina e Sitaridou (2009). Se o movimento do verbo é para checar critérios e não por uma razão formal, como se explica, no caso do espanhol antigo, a possibilidade da ordem O-V em contextos que o espanhol atual só exhibe a ordem V-O? Se a ordem O-V das fases antigas estivesse relacionada necessariamente com fatores informativos, a contraparte desses contextos, nas fases atuais, sempre exibiria a ordem O-V ou O-cl-V. Mas, como mostrei no Capítulo 02, pelo menos no caso do espanhol, a situação não é esta. Em adição, é proposto que o verbo se move para Top<sup>o</sup> exceto em casos em que há um foco<sup>93</sup>. Se TopP é uma posição que não hospeda operadores, como assumido pela própria Benincà (1995) e discutido em Cinque (1995), o que motivaria o movimento do verbo para Top<sup>o</sup>? Uma possível saída seria assumir que o verbo se move para Top<sup>o</sup> para evitar o clítico em primeira posição (BENINCÀ, 1995, 2006, assume que o clítico está hospedado em Top<sup>o</sup>); contudo, Benincà (1995) não concorda que a fonologia interfira em processos sintáticos<sup>94</sup>.

---

<sup>92</sup> Poletto (2000) mostra que muitos dialetos do norte italiano ainda se comportam como línguas V2. Benincà (1995) assume que o português atual ainda dispara movimento do verbo para C, da mesma forma que o português antigo, tendo em vista a variação V-cl/cl-V.

<sup>93</sup> Benincà (1995) assume a proposta de Fontana (1993) sobre V1 narrativo. A proposta de Fontana (1993) vai no mesmo sentido da proposta de Hinterhölzl e Petrova (2010): a ordem V1 é usada como marcador de coesão textual e só aparece um XP em primeira posição, quando há mudança de tópico. Benincà (1995) assume que há um tópico nulo em primeira posição na ordem V1.

<sup>94</sup> Benincà (1995, p. 331) diz:

*It is worthwhile at this point to discuss briefly the "prosodic hypotheses." The T-M Law has been interpreted as a purely prosodic constraint which prohibits a sentence from beginning with unstressed constituents. This kind of interpretation has been recurrently advanced throughout the long history of the studies on this topic, from Tobler and Mussafia themselves, through W. Meyer-Liibke, to Adams.*

*It is difficult to think of a phonological (prosodic) constraint that is able to read syntactic labels in order to distinguish clitic pronouns from other kinds of clitic (unstressed) constituents. Moreover, the constraint would have to distinguish between different preverbal constituents: as I will show later, clitics have to be enclitics in certain circumstances even if they are preceded in a sentence by a word (or constituent) to which they could cliticize (phonologically), but they do not have to be enclitics if the word or constituent is not in the required syntactic position.*

*If a phonological constraint were at work in the cases we are considering, it would only be able to displace the stress: processes of this kind are described and analyzed, for example, in Kenstowicz (1990). As far as I know, it has never been reported, nor can be expected on theoretical grounds, that phonological constraints feed syntactic movements.*

O segundo aspecto se refere ao afrouxamento da restrição V2 nessas línguas. Há casos de ordem V>2 que não podem ser explicados dentro de um sistema V2. Além disso, fica inexplicada a opcionalidade entre *tematização* em FinP sem clítico e *tematização* em TopP com clítico.

O terceiro problema está relacionado com a análise da colocação dos clíticos. Benincà (2006) faz a seguinte generalização sobre a colocação dos clíticos nas línguas românicas medievais:

- (90) 1. *Enclisis and proclisis are sensitive to verb movement and the content of CP.*  
 2. *When the verb moves to C, we have enclisis if and only if the Focus field is empty.*<sup>95</sup>

(BENINCÀ, 2006, p. 54)

A generalização acima parece ser operativa em algumas línguas românicas antigas e, em parte, no português europeu atual. No caso do espanhol antigo, a generalização parece não ser operativa.

Benincà (2006) diz que nas línguas românicas antigas, pelo menos até o Século XIV, sempre havia próclise com partículas equivalente a “then” e “so” do inglês sempre desencadeiam próclise. No espanhol antigo, há casos equivalentes com ênclise:

- (91) a. entonces **sanole** el pie (11YY)  
 b. y después **sacaronlos** fuera (11YY)  
 c. e demás **otorgámosles** que [...] (1280)

Outro aspecto relevante é que Benincà (2006) diz que, quando acontece a ordem O-V, se o objeto é duplicado pelo clítico, o clítico é sempre pós-verbal. Os dados do espanhol mostram que há casos de ordem O-V com clítico pré-verbal:

- (92) a. todo lo **demeto** e lo **do** a uos (1299)  
 b. et el çenso se **pague** en la fiesta de Sancta Maria de agosto (1345)

Em adição, Benincà (2006) faz a seguinte generalização sobre a ênclise:

---

<sup>95</sup> 1. *Ênclise e próclise são sensíveis ao movimento do verbo e ao conteúdo do CP.*  
 2. *Quando o verbo se move para C, há ênclise se e somente se o campo Foco está vazio.*



- (93) Generalização sobre ênclise (Parte 1):

*Enclisis is found when the verb has moved to C°, and the XP which immediately precedes it is not in the Focus field, but rather in the Topic field or in the Frame field.*<sup>96</sup>

(BENINCÀ, 2006, p. 69)

Mais uma vez, os dados do espanhol antigo parecem contrariar a generalização acima:

- (94) a. O rey la razon yo la **puedo haber** por mi: (12YY)  
 b. e esta dicha donacion vos **do** e vos **fago** (1271)  
 c. E en africa te **digo** que hay doce provincias que son estos sus nombres. (12YY)

No exemplo (94a), aparece o vocativo “O rey”, o tópico “la razón” e o sujeito “yo” e o clítico em posição pré-verbal; o foco deste exemplo é o PP “por mi”. Em (94b), “esta dicha donación” é o tema da oração e ainda assim se observa a ordem cl-V. Em (94c), por fim, há um caso de tópico pendente seguido da ordem cl-V.

Também é sugerido por Benincà (2006) que a ênclise seja obrigatória em orações matrizes coordenadas com ordem V1. Outra vez, os dados do espanhol antigo contrariam a previsão:

- (95) a. y le **dio** muchos dones (11XX)  
 b. et se **acogieren** a su casa.(1242)  
 c. y lo **guarde** de mal (1340B)

Por fim, é feita a seguinte generalização sobre orações subordinadas:

- (96) Generalização sobre ênclise (Parte 4):

*Enclisis is never found in dependent clauses with overt complementizers.*<sup>97</sup>

(BENINCÀ, 2006, p. 77)

<sup>96</sup> Ênclise é encontrada quando o verbo se moveu para C° e o XP que imediatamente o precede não está no campo de Foc, mas pelo contrário, no campo de Topic ou no campo de Frame.

<sup>97</sup> Ênclise não é encontrada nunca em orações subordinadas com complementizadores realizados.

A generalização em (96) diz que a ordem que-V-cl é impossível. Contudo, dados como o ilustrado em (97) mostram o contrário<sup>98</sup>:

- (97) *comme yo, [...], conosco e otorgo que por faser bien e merçed a vos, [...], do vos en prestamo para el mi solar en que vos morades (1379)*

Em suma, que a colocação dos clíticos no espanhol antigo era diferente da colocação do clítico no espanhol atual é um fato atestado por diversos autores (LAPESA, 1981; GRANBERG, 1988; FONTANA, 1993). Que a colocação pronominal é sensível ao movimento do verbo parece ser um fato também. O que não parece plausível é que a colocação pronominal esteja determinada exclusivamente por fatores sintáticos. Na proposta de Benincà (2006), o clítico está localizado em Top°. O verbo sempre se move para esta posição (exceto se houver um foco) e por isso acontece a ordem Top-V-cl. Quando há um foco, o verbo se localiza em Foc° e se deriva a próclise. Não fica explicado, no entanto, por que a ordem é Foc-cl-V e não cl-Foc-V, já que o clítico e o verbo estão em projeções diferentes.

A análise de Benincà (1995, 2006) me parece problemática, por fim, porque considera a periferia esquerda das línguas românicas antigas idêntica à periferia esquerda das línguas românicas atuais, o que não parece ser o caso. Por exemplo, se colocam como opções da mesma gramática fatos que são gerados por gramáticas diferentes. Uma gramática que gera Top-V sem clítico não gera Top-cl-V. A gramática que gera Top-V não licencia as projeções discursivas TopP e FocP e precisa do movimento do verbo para Fin° para que o tópico seja movido para esta posição e seja caracterizado como operador. A gramática que gera Top-cl-V não tem movimento do verbo para Fin° e o clítico caracteriza a categoria vazia como anáfora<sup>99</sup>. Ou seja, o fato de que havia uma competição de gramática é perdido nesta análise.

Sem propor uma discussão muito detalhada da questão já que o que me interessa dos clíticos é a sua relação com o movimento do verbo, uma proposta para a gramática V2 do espanhol antigo pode ser trazida quando se considera a análise de Fontana (1993) quando discute os clíticos

---

<sup>98</sup> De fato, parece haver alguma restrição sobre a ênclise com complementizadores realizados, porque a maioria dos casos de ênclise em orações subordinadas está relacionada com orações subordinadas coordenadas.

<sup>99</sup> Poderia ser assumido que a ordem Top-cl-V é derivada através do movimento do tópico para SpecFrameP. Contudo, como proposto por Benincà (2006), FrameP é uma projeção para tópicos pendentes e marcadores de cena, que evidentemente não são recuperados por um clítico.

de segunda posição. Neste sentido, poderia ser assumido (assim como DEN BESTEN, 1989, mostrou para o alemão) que o clítico está adjacente à projeção de complementizador mais alta; nas orações matrizes, como o verbo se move para CP, encontra-se a ênclise; nas orações subordinadas, como não há movimento do verbo para CP, encontra-se a próclise.

Esta proposta se encaixa perfeitamente em línguas assimétricas e nas línguas em que o clítico se comporta categoricamente em posição complementar entre orações matrizes e orações subordinadas. Entretanto, quando se considera o CP cindido e línguas que não se comportam de forma uniforme com relação à colocação dos clíticos e apresentam efeito V2 em ambas as orações, a história se complica<sup>100</sup>.

Neste momento, não tenho respostas para a questão. Contudo, acredito que há, realmente, uma relação entre colocação pronominal e movimento do verbo no espanhol antigo. E acredito também que há uma relação fonológica envolvida já que não se atesta a ordem cl-V em orações matrizes absolutas nem em primeiras orações de uma coordenação, mas se atesta a ordem cl-V em segundas orações coordenadas. Além disso, como venho propondo, o espanhol antigo apresentava variação gramatical; neste sentido, é necessário isolar a colocação dos clíticos em cada uma das duas gramáticas para que seja possível explicar como se dá a colocação de clíticos na gramática V2<sup>101</sup>.

---

<sup>100</sup> Não me deterei na questão dos clíticos; mas, de fato, esta questão precisa ser resolvida e buscarei respostas em trabalhos posteriores.

<sup>101</sup> Salvi (2001) também propõe que as línguas românicas antigas apresentam um processo de competição de gramática e mostra que a distribuição dos clíticos era bem uniforme em uma das gramáticas (dados do português antigo):

- (i) a. logo *lhe* el-rrei taxava que...
  - b. que nunca *lhe* mais fez pagamento...
- (SALVI, 2001, p. 302)

O exemplo (ia) ilustra oração matriz com ordem XP-cl; o mesmo ocorre em (ib) na oração subordinada. Como mostrei no Capítulo 02, o espanhol antigo se comporta de maneira diferente. No *corpus* que analisei, não há registro de interpolação em orações matrizes como em (ia); encontram-se, no espanhol antigo, as seguintes ordens em orações matrizes XP-cl-V; XP-V-cl; V-cl; coord-cl-V. A única restrição que o espanhol antigo apresentava com relação à colocação dos clíticos, de acordo com o *corpus* estudado, é o fato de que o clítico não podia aparecer em posição inicial absoluta.

Neste sentido, acredito que, para isolar as gramáticas diferentes dos clíticos é necessário analisar a colocação dos clíticos após o Século XVI, quando a gramática V2 desaparece, e depois retroceder ao espanhol antigo.

Este ponto me parece relevante porque, embora a ênclise em orações subordinadas vá decrescendo gradualmente, em orações matrizes continua bastante produtiva até o Século XVIII. O que sugere que, mesmo na gramática não V2 do espanhol antigo, havia restrição de próclise em primeira posição absoluta, o que se difere da gramática não V2 atual. Também é importante observar (como se verá no Capítulo 04), que a ênclise em orações matrizes (neste cômputo, não isolei as orações com ordem V1 absoluta) cai numa média de 10% de um século para o outro. Porém, do Século XV para o Século XVI, a queda é de somente 2%.

### 3.4.2.2. *A ordem V1 no espanhol antigo*

Ribeiro (1995), ao estudar a ordem de palavras no português antigo, mostra um resultado bastante semelhante ao que apresentei no Capítulo 02 com relação à ordenação dos constituintes: mais de 50% de seus dados correspondem à ordem V1. Na análise de Ribeiro (1995), um operador discursivo nulo estaria ocupando a posição de SpecCP, satisfazendo assim, o efeito V2. Kaiser (1999) critica a análise de Ribeiro (1995) de que o português antigo era uma língua V2 (KAISER, 1999, vai contra a hipótese de que o português tenha passado por uma mudança paramétrica) e, com relação à ordem V1, diz que o alemão antigo, língua V2 prototípica, é muito mais restrita com relação à ordem V1 que o português antigo (no alemão, a ordem V1 declarativa só é possível em contextos de coordenação em que o sujeito da segunda oração coordenada é o mesmo da primeira oração). O autor acrescenta que Ribeiro (1995) “Infelizmente não mostra nos seus dados como tal mecanismo entra em jogo” e “estaria atribuindo uma importância muito grande a um mecanismo pouco claro e excepcional” (KAISER, 1999, p. 253).

Fontana (1993), ao discutir aparentes exceções ao efeito V2 em diferentes línguas, relaciona essas aparentes exceções com as orações com ordem V1 narrativa e mostra que línguas que são inquestionavelmente V2, como o islandês e o iídiche, também apresentam esse tipo de oração<sup>102</sup>. E comenta que o termo V2 deve ser entendido não como um requerimento linear. Fontana (1993, p. 126) conclui:

In summary, given the above facts, it becomes clear that the notion of V2 must be relativized if it is to be useful at all as a descriptive term. None of the putative V2 languages discussed require that the finite verb be in absolute second position in main clauses. Rather, the common denominator crucially distinguishing them from languages such as Modern English, French, and Spanish, is the fact that in the framework adopted here they are characterized by obligatory verb movement (to INFL or to COMP depending on the group of languages) and by the availability of an A-bar position (Spec(IP) or Spec(CP)), that acts as a potential landing site for both subject and non-subject constituents. As we have seen, this is the only valid generalization that can be made if we are to continue to use V2 to characterize a single group of languages. Apart from this, the languages in this group differ considerably among themselves, including in whether they permit the construction known as V1 declarative, and in whether they allow a certain range of constituents to adjoin to positions external to IP or CP boundaries.

---

<sup>102</sup> Vikner (1995) faz a correção de que somente línguas V2 simétricas exibem ordem V1 narrativa.

Ou seja, neste sentido, línguas V2 devem ser entendidas como “línguas que exibem movimento do verbo para C° em contextos não marcados”. Dentro deste contexto, parece haver “línguas V2 rígidas”, que exigem a presença de um e apenas um XP em posição pré-verbal, e “línguas V2 frouxas”, que permitem que a posição pré-verbal esteja ocupada por mais de um XP.

Fontana (1993), com base em outros autores, mostra que em línguas de movimento do verbo para CP, a ordem V1, muitas vezes, desempenha um fator coesivo<sup>103</sup>. Hinterhölzl e Petrova (2010) seguem essa mesma linha de argumentação para explicar a mudança gramatical pela qual algumas línguas germânicas passaram e mostram que as línguas germânicas antigas eram línguas de movimento do verbo para CP e que o verbo dividia informativamente a oração: elementos pré-verbais representavam informação antiga e elementos pós-verbais representavam informação nova. No caso do alemão antigo, a primeira posição só podia ser ocupada por um tipo especial de tópico, o *aboutness topic*; no caso do inglês e do saxão, vários elementos informativamente antigos podiam aparecer em posição pré-verbal. Desta forma, nestas línguas, o efeito V2 aparecia ocasionalmente, quando havia um constituinte informativamente velho na estrutura<sup>104</sup>. Na análise de Hinterhölzl e Petrova (2010), a mudança gramatical foi justamente o fato de o alemão atual ter generalizado o uso da primeira posição.

Neste sentido, se as línguas românicas antigas podem ser comparadas com alguma língua germânica para que seja avaliado o movimento do verbo, essa comparação deve ser feita com as línguas germânicas antigas e não com as línguas germânicas atuais. E, quando esta comparação, mesmo que superficial, é feita, é possível observar que o comportamento era bastante semelhante.

A proposta de Kaiser (1999) é que, já no português antigo, o verbo se movesse somente até IP. Fica sem explicação, na proposta de Kaiser (1999), como a ordem O-V sem clítico, que também é encontrada no português antigo, era licenciada. Se o português antigo não é diferente parametricamente do português atual, algo precisa ser dito sobre essas construções, que eram exibidas na fase antiga e não são exibidas na fase atual.

Resumindo, o fato de o espanhol antigo, assim como o português antigo, exibirem ao redor de 50% do total de suas orações finitas orações com ordem V1 não exclui o fato de que, nessa fase,

---

<sup>103</sup> *Declarative V1 orders in main clauses are, in general, prompted by strong discourse cohesion (or continuity...)] and] are most common in particularly cohesive texts, such as modern memoirs of various sorts, narrative letters and diaries, some argumentative texts, many folk tales, and most of the Old Icelandic sagas.*

(SIGURÐSSON 1990, p. 45 apud FONTANA, 1993, p. 102)

<sup>104</sup> Benincà (1995) segue esta mesma linha de pensamento e propõe que, em orações V1, haja um tópico nulo.

ambas as línguas apresentavam movimento do verbo para CP. Outro argumento de Kaiser (1999) para questionar a Tese de Ribeiro (1995) de que o português antigo era uma língua V2 é o fato de que algumas construções, por exemplo, a ordem V-S e a ordem XP-V, podem ser analisadas pelas duas gramáticas (V2 e não V2), e não constituem evidência, para a criança, de uma gramática V2. Entretanto, como se sabe, do ponto de vista paramétrico, a criança não precisa analisar todas as orações da língua. Se a criança tem acesso a uma oração que expressa o parâmetro, esse dado é suficiente para que o parâmetro seja fixado<sup>105</sup>. Penso, portanto, que se uma criança tem acesso a orações como:

- (98) a. Ofrescidos en el templo muchos preciosos dones: **comienzo recontar apolonio** como el angel le había reuelado.  
 b. cualquier que este hataud hallare pido que haya los diez marcos de oro:  
 c. e otro medio **damos a vós**  
 d. si el deudor otros bienes tuviese

a criança tem evidências suficientes para analisar sua língua como uma língua V2.

Portanto, a ordem V1 do espanhol e do português antigos não é evidência de que, nestas línguas, o verbo não se moveu para CP. Pelo contrário, há construções com ordem V1 que só podem ser explicadas a partir do movimento do verbo para CP. Em uma gramática sem movimento do verbo para CP, a oração em (99) não tem como ser analisada:

- (99) O rey bienaventurado **he yo ahora una casa de hacer**

O fato de que tanto o português como o espanhol antigos apresentem muitas construções que podem ser analisadas pelas duas gramáticas pode ser um indicio, como já comentei, do processo de competição de gramáticas que essas línguas (pelo menos o espanhol, com certeza) apresentavam e que essas gramáticas apresentam “pontos de interseção”, ou seja, não são gramáticas totalmente excludentes, mas sim gramáticas que produzem enunciados semelhantes.

Por fim, como mostrei no Capítulo 02, no caso do espanhol antigo, entre os Séculos XII-XV, em orações matrizes, a ordem V1 corresponde a uma média de 36% e a ordem V2 representa uma média de 51%; em orações subordinadas, a ordem V1 corresponde a uma média de 58%, e a

---

<sup>105</sup> A esse respeito, ver Lightfoot (1998) e Roberts e Roussou (2003).

ordem V2 corresponde a 35%. A ordem V>2 tem uma média de 13% em orações matrizes e 7% em orações subordinadas. Ou seja, dentro dessa proposta de que a ordem V1 representa um elemento de coesão textual, o espanhol antigo parece se comportar de forma adequada: orações matrizes, que são as mais adequadas para introdução de um tópico novo, exibem principalmente a ordem V2; orações subordinadas, que já têm um tópico introduzido pela oração matriz, apresentam majoritariamente ordem V1.

#### 3.4.2.3. A ordem V>2 no espanhol antigo

Mesmo apresentando baixa porcentagem, o espanhol antigo possui dados de ordem em que o verbo aparece em terceira ou quarta posição, que precisam ser explicados. Como estou assumindo que o espanhol antigo apresentava variação gramatical, discutirei dados que podem ser produzidos pela gramática V2; os demais dados, darei por pressuposto que são produzidos pela gramática não V2<sup>106</sup>.

Segundo a proposta de Roberts (2004), em línguas V2, a ordem V>2 só é possível nos casos em que o primeiro elemento é um tópico (entendido aqui como tópico pendente) devido ao fato de que o traço EPP em SpecFinP bloqueia o movimento de um constituinte para uma posição superior. Como os tópicos pendentes e os marcadores de cena são concatenados numa posição acima de SpecFinP, podem aparecer livremente na primeira posição de línguas V2, derivando uma ordem V>2.

Benincà (1995) propõe uma análise em que línguas V2 não rígidas dispõem de uma posição a mais na periferia esquerda. Na análise de Benincà (1995), essa posição é TopP, que seria responsável também por derivar a CLLD. Vou assumir essa generalização, porém farei a adaptação de que esta posição extra não é TopP, mas FrameP. As razões para não assumir a existência de TopP em línguas V2 já foram explicitadas: em línguas V2, o verbo se move para Fin<sup>o</sup> devido a requerimentos estruturais e um XP qualquer se move para SpecFinP. TopP e FocP da periferia esquerda são incompatíveis com uma gramática V2 tendo em vista que SpecFinP já tem a

---

<sup>106</sup> Por exemplo:

(i) O rey la razon yo la **puedo haber** por mi

é claramente um dado que não é produzido por uma gramática V2.

capacidade de abrigar qualquer constituinte. Adaptarei a generalização de Benincà (1995) preliminarmente da seguinte forma:

(100) Generalização sobre CP em línguas V2 (parte 1)

*Línguas V2 não rígidas podem projetar FrameP.*

A generalização em (100) explica por que, mesmo o espanhol antigo sendo uma língua V2 (V2 sendo entendido, como matizado por FONTANA, 1993, como um requerimento estrutural; e, como assumo, esse requerimento estrutural é o movimento do verbo para C°), são possíveis orações com ordem V>2. Neste caso, o primeiro elemento é sempre um tópico pendente ou um marcador de cena. Os dados em (101) ilustram essas possibilidades:

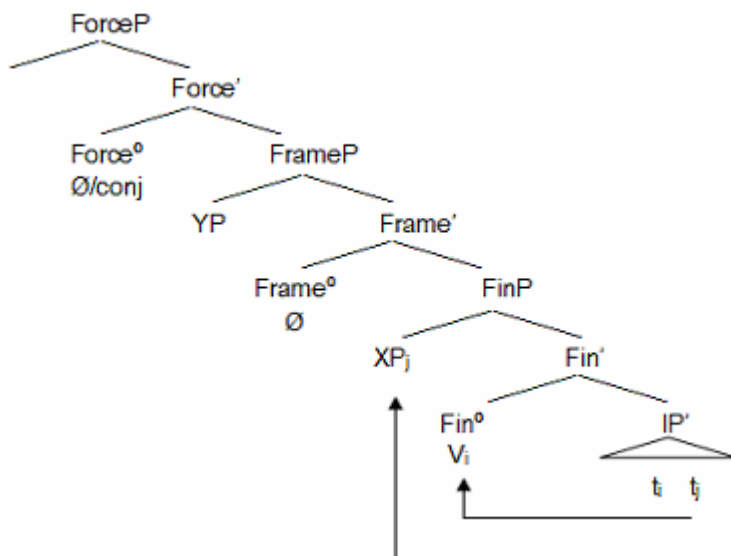
- (101) a. a la fin el fisico dijo que si no le cortaban el pie todo el cuerpo pereceria (11YY)  
 b. e del molino de Ribella el medio diemos al monesterio e otro medio damos a vós (1206)  
 c. Et sobre el que cayere la suerte, aquel sea iuez et no otro. (1218)  
 d. Mas si presente fuere el principal deudor primero le **debe demandar** el su deudor la deuda que le debe en juycio (1310)  
 e. y fasta que aya Respuesta desto yo non comere (1340B)  
 f. mas de las cosas del ladron primeramente sean tornados los furtos al señor de las cosas a quien fizieren el furto; (1345)  
 g. & la muger simplemente lo creo (1350)

Os dados em (101b), (101c) e (101f) ilustram casos de tópicos pendentes; o exemplo (101b) é o mais claro de todos já que é compartilhado informativamente por duas orações. Os exemplos (101a), (101d) e (101e) expressam marcadores de cena.

A representação para orações como as ilustradas em (101) é a dada em (102) a seguir:



(102)



A diferença da derivação de (102) para a derivação de uma oração V2 é simplesmente o fato de que, após o movimento do verbo e do XP para FinP, há a concatenação de mais um elemento, YP, em FrameP.

Há também casos de ordem linear V>2 que podem ser interpretados estruturalmente como V1 ou V2:

- (103) a. & algunas vezes, cayendo en tierra, lançava espuma (1350)  
 b. E yo la dicha Maria Domínguez estando presente, otorgo todo quanto sobre dicho es en esta carta. (1271)  
 c. Mas uos compliendo las conuenientias deuant ditas, ningun abbat ni monge de Yrach non aya poder de toller uos las deuant ditas heredades,  
 d. Et por esto, car puesto que la dicta garitas fues fecha en deffension et goarda de toda la uilla, aqueilla seria fecha enel muro que es enla casa

Os dados em (103a) e (103b) podem ser interpretados estruturalmente como orações V1, com coordenação em FrameP já que ambos os constituintes em posição pré-verbal são marcadores de cena ou tópico pendente. Os exemplos em (103c) e (103d) podem ser interpretados estruturalmente como orações V2: os dois primeiros XPs estariam coordenados em FrameP, pelas mesmas razões que os exemplos (103a) e (103b), e o terceiro XP estaria em SpecFinP.

Para finalizar, uma consideração sobre *object shift*. No Capítulo 02, mostrei que o espanhol antigo possui a ordem S-O-V, assim como algumas linguas germânicas atuais. Parece que a possibilidade de *object shift* está relacionada com a possibilidade de movimento do verbo para Fin°:

(104)	V2 assimétrico	V2 simétrico limitado	V2 simétrico generalizado
	alemão/holandês	escandinavas	islandês/espanhol antigo
	<i>object shift</i> (*)	<i>object shift</i> (DP pronominal)	<i>object shift</i> (DP pleno)

Na análise de Bobaljik e Jonas (1996), o *object shift* no islandês é analisado da seguinte maneira: o sujeito está em SpecAgrP e o objeto está em SpecTP. Essa análise pode ser resultado da assumpção que o islandês é uma lingua com movimento do verbo somente até IP. Contudo, se a análise de Vikner (1995), que retomei no Capítulo 01, estiver correta, o movimento do verbo é sempre para CP, tal como estou assumindo nesta Tese. Neste sentido, o *object shift* precisa ser reinterpretado. A partir da generalização em (100) e da estrutura em (102), orações como (105)

- (105) a. porque esta doncella mucha pecunia **traxo** consigo. (11YY)  
 b. dicen otrosi que un ortolano todo cuanto había **daba** por dios en limosnas salvo lo que hab'a menester para su mantenjmiento (11XX)  
 c. porque este cuerpo muchas lágrimas **ha dejado** a sus parientes: y amargos dolores. (11YY)  
 d. con todas las otras cosas con que yo estos castiellos **éy** (1244)  
 e. si el deudor otros bienes **tuviese** (1310)

Podem ser analisadas como orações V2, com movimento do verbo para CP. Ou seja, as construções de *object shift* não feririam a restrição V2, que exige o movimento do verbo para CP. O sujeito estaria localizado em SpecFrameP e o objeto em SpecFinP. O verbo estaria localizado sempre em Fin°. Esta análise é corroborada pelo fato de que, em todos os casos em que a ordem S-O-V é registrada, não há nenhum outro elemento em posição pré-verbal, conforme se vê pelos exemplos em (105).

A discussão acima esclarece a proposta de movimento do verbo que fiz no Capítulo 01. O alemão e o holandês se comportam de maneira muito semelhante, exibindo várias propriedades em comum: 1) efeito V2 somente em orações matrizes; 2) rigidez com relação a um e somente um XP em primeira posição; 3) o clítico está ligado ao primeiro elemento da oração (V-cl, nas orações matrizes; Conj-cl, nas orações subordinadas); 4) orações subordinadas V2 sem a presença do

complementizador; 5) não possuem construções de *object shift*. Esses cinco fatos parecem responder à pergunta deixada em aberto no Capítulo 01 sobre o movimento do verbo *ser* para *Fin*<sup>o</sup> ou *Force*<sup>o</sup> nesse grupo de línguas.

Desta forma, a generalização em (100) pode ser refeita da seguinte maneira:

(106) Generalização sobre CP em línguas V2 (parte 2)

*O verbo se move para ForceP em línguas V2 assimétricas.*

Essa generalização evita a variação no léxico funcional das línguas V2. Todas as línguas V2 teriam as mesmas projeções funcionais (*ForceP*, *FrameP* e *FinP* – as línguas V2 só não projetariam *FocP* e *TopP*<sup>107</sup>) e o que as diferencia é a força dos traços e o movimento dos constituintes. Quando o verbo e o XP se movem para *ForceP*, não é possível ter nenhum outro constituinte em primeira posição, daí, se tem uma língua assimétrica e rígida (em orações subordinadas o verbo não se move para CP porque o traço é checado pela concatenação da conjunção). Em línguas não rígidas, o verbo não é atraído para *ForceP*, os traços de *ForceP* não tem força suficiente para atrair o verbo para si; então o verbo e o XP se localizam em *FinP* e *FrameP* está mais alto que esses constituintes. Como *ForceP* não é capaz de atrair o verbo nem o XP, nas orações subordinadas se encontra a conjunção juntamente com efeito V2<sup>108</sup>.

### 3.5. Conclusão

No Capítulo 02, indiquei duas perguntas principais com relação à ordem de palavras na história do espanhol para serem respondidas nesta pesquisa:

I. O que mudou com relação à ordem de constituintes na história do espanhol?

II. Como o espanhol antigo e o espanhol atual podem ser caracterizados com relação ao efeito V2? O espanhol atual ainda seria uma língua V2?

---

<sup>107</sup> A faculdade da linguagem pode impor a seguinte restrição: Se há EPP em *FinP*; *FocP* e *TopP* não podem ser projetados. Não projetar *FocP* nem *TocP* não é um problema para o léxico funcional porque, mesmo na proposta de Rizzi (1997), essas projeções só são projetadas caso haja um elemento deste tipo na estrutura. Pensando em termos minimalistas, fica difícil de aceitar que haja uma projeção vazia somente para manter o esqueleto da estrutura.

<sup>108</sup> Como comentei no Capítulo 01, esta análise vai no mesmo sentido que a análise de Hinterhölzl e Petrova (2010), para o caso do alemão. Contudo, no caso das línguas simétricas, assumir que o verbo se move para *ForceP* implicaria em incrementar desnecessariamente o aparato funcional da faculdade da linguagem.

A análise empírica e estatística dos dados do espanhol antigo e do espanhol atual mostra que somente o espanhol antigo pode ser considerado qualitativamente uma língua V2. Embora estatisticamente o espanhol atual e o espanhol antigo apresentem proporções parecidas de ordem V1, V2 e V>2, o espanhol atual se caracteriza como uma língua S-V, sendo que o sujeito pode estar nulo, enquanto o espanhol antigo se caracteriza como uma língua V2. A análise dos dados do espanhol antigo, comparando-o com outras línguas V2, mostra que a etiqueta V2 deve ser matizada e entendida não estritamente como ordem linear, mas como movimento do verbo para CP.

A análise qualitativa dos dados mostra que alguns pontos principais diferem as duas fases do espanhol. No espanhol antigo, na gramática divergente da gramática atual, o movimento do verbo era generalizado para CP devido ao núcleo Fin\*, derivando a ordem V1. Esse movimento do verbo podia desencadear opcionalmente o movimento de um XP para SpecFinP, devido a um traço EPP, desencadeando a ordem V2. No espanhol atual, o movimento do verbo é sempre para o campo IP.

O movimento do verbo no espanhol antigo representa um passo a mais que o movimento do verbo no espanhol atual. As posições disponíveis para o sujeito nas duas fases são as mesmas: o sujeito é sempre movido de VP, exceto nos casos dos sujeitos de verbos inacusativos. Contudo, a ordem S-V, com sujeitos referenciais, do espanhol antigo difere da ordem S-V do espanhol atual: no espanhol atual, a ordem S-V é obtida ou a partir de uma CLLD ou a partir do sujeito em SpecIP; no espanhol antigo, a ordem S-V era obtida a partir do movimento do sujeito de SpecIP para SpecFinP.

Neste capítulo apresentei uma análise formal para as principais diferenças entre a ordem de constituintes no espanhol antigo e no espanhol atual. Seguindo Kayne (1994) e Roberts e Roussou (2003), todas as línguas têm a mesma estrutura funcional e o que muda entre elas, a partir da proposta de Chomsky (1993, 1995) é a força dos traços do léxico funcional. Neste sentido, o espanhol atual e o espanhol antigo teriam as mesmas projeções lexicais e funcionais (exceto os campos discursivos FocP e TopP do CP que não são ativados nas línguas V2, e portanto não são manifestados no espanhol antigo), mas não seriam o mesmo tipo de gramática, ou seja, são línguas-I diferentes. No espanhol antigo, o CP tinha uma projeção Fin\*, que desencadeava o movimento do verbo para Fin<sup>o</sup> e, conseqüentemente, um XP qualquer para seu especificador. O espanhol atual, por outro lado, não tem tal traço em seu CP, reservando-o para usos informativos.

# CAPÍTULO 04

---

## AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM, CONTATO DE LÍNGUAS E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

### 4.1. Introdução

Como diversos estudos preocupados com a mudança lingüística dentro da gramática gerativa têm proposto a partir dos estudos de Lightfoot (1979, 1991), a aquisição da linguagem é o lugar da mudança devido a uma fixação de parâmetros diferente da fixação paramétrica da geração anterior. Esta fixação paramétrica diferenciada se deve a uma mudança no ambiente lingüístico no qual as duas gerações adquiriam a sua língua.

Como discutido por sociolingüístas desde o trabalho pioneiro de Weinreich, Labov, and Herzog, (1968), os falantes/ouvintes não vivem em comunidades de fala homogêneas; pelo contrário, aprendem e usam a língua em contextos heterogêneos e fatos de bilingüismo e diglosia relevam que os falantes sabem mais que um único sistema gramatical. Dentro desse contexto, Kroch (1989) discute uma proposta de modelagem estatística da mudança lingüística; porém, levanta um problema metodológico central para estudo diacrônico das línguas pontuando, essencialmente, que: não é possível fazer uso de um modelo experimental, ou seja, recorrer à intuição e ao julgamento do falante, como nos estudos sincrônicos; e que os dados que se tem nem sempre refletem com exatidão a língua falada na época tendo em vista que várias questões entram em jogo na análise do texto escrito<sup>1</sup>.

Neste sentido, Paixão de Sousa (2004) comenta que não é adequado que as pesquisas em sintaxe diacrônica, mesmo dentro de um quadro formal como a gramática gerativa, ignorem os fatos históricos. Paixão de Sousa (2004, p. 18-19) diz: “[e]ntendo que um texto escrito será antes de tudo um objeto histórico (concreto, se quisermos), pois é produzido, recebido, preservado e investigado

---

<sup>1</sup> Embora Kroch (1989) faça esta importante ressalva na introdução do texto, ao longo do trabalho toda a discussão é gramatical e estatística. Em nenhum momento, questões externas à estrutura são trazidas para a discussão.

em circunstâncias historicamente construídas” (grifos da autora). Paixão de Sousa (2006, p. 36) acrescenta:

No caso da documentação sobre as línguas, os dados históricos principais são os registros escritos que chegam até nós. Ora, esses registros representam um fragmento dos acontecimentos. *Mais que isso: um fragmento daquilo que um determinado contexto histórico julgou relevante registrar; que um segundo momento histórico julgou importante preservar; e que um terceiro momento histórico considerou pertinente examinar.* Trazendo esse problema mais para perto, isso significa que como documentação das línguas espanholas medievais temos acesso, hoje, aos fragmentos da língua escrita nas cortes cristãs – por exemplo, os códigos de leis e outros documentos legais; as crônicas históricas dos feitos dos reis cristãos. Importantes e interessantíssimos fatos lingüísticos nos são revelados por estes testemunhos; não podemos esquecer, entretanto, que há todo um universo de fatos lingüísticos contemporâneos a eles, e aos quais não temos acesso por meio de documentação – porque tais fatos nunca foram registrados. Não foram julgados dignos de registro em sua época; ou não foram considerados dignos de preservação.

Ou seja, mesmo que a preocupação da lingüística gerativa seja a mente, quando esse modelo teórico é deslocado de uma análise sincrônica para uma análise diacrônica, tais fatos históricos, como os pontuados por Paixão de Sousa (2004, 2006), não podem ser simplesmente abstraídos da investigação lingüística. Se a mudança lingüística acontece, de fato, no momento da aquisição da linguagem, que, embora seja guiada geneticamente pela faculdade da linguagem, está deterministicamente relacionada com o ambiente lingüístico, os processos históricos que constituíram esse ambiente devem ser incluídos fatidicamente na análise lingüística.

Mattos e Silva (2008) comenta que há uma diferença entre *lingüística diacrônica* e *lingüística histórica*. A primeira se deteria na análise das mudanças internas ao sistema; a segunda levaria em conta o contexto social em que tais mudanças ocorreram. No entanto, é possível concluir, pela posição de Paixão de Sousa (2004, 2006), que, mesmo nos quadros formalistas, uma análise meramente diacrônica, nesta distinção feita por Mattos e Silva (2008), pode fornecer resultados incompletos, parciais e até mesmo não verdadeiros do processo de mudança lingüística.

Charlotte Galves, em comunicação pessoal, comenta que na história do português há uma mudança lingüística retratada nos textos que não se deve a uma mudança de gramáticas através da aquisição da linguagem, ou seja, um parâmetro que mudou devido a uma fixação paramétrica diferente da fixação da geração anterior; mas, a uma mudança no centro de prestígio de Portugal na época. Isto é, como a escrita era privilégio de poucos, quando o centro letrado e escritor mudou, a

língua registrada também mudou. Se o investigador não tem essa informação pode considerar os fatos da história da língua como um *continuum* lingüístico, quando, na verdade, houve uma interrupção e substituição lingüísticas.

Desta forma, mesmo que este trabalho se insira no quadro da gramática gerativa, é mister um conhecimento da sócio-história do espanhol especificamente e, em alguma medida, das línguas românicas e germânicas em geral para que uma boa análise diacrônica da sintaxe do espanhol seja feita.

Nos capítulos anteriores, apresentei os dados do espanhol antigo e do espanhol atual, aponte as principais diferenças entre as duas fases da língua com relação à ordem de constituintes, levantei a questão de que o espanhol antigo apresentava variação gramatical (competição de gramáticas) entre uma gramática V2 e uma gramática não V2 semelhante à gramática atual e propus uma análise formal para a gramática atual e para a gramática V2 do espanhol antigo. Neste capítulo, discutirei dois aspectos principais. O primeiro é o papel do contato de línguas na formação da língua espanhola, mais especificamente, a influência de outros povos na sintaxe do espanhol antigo para propor uma explicação para a origem da gramática V2 nesta fase. O segundo aspecto se refere à perda do efeito V2 ao longo da história do espanhol. Como consequência da proposta de que havia duas gramáticas na fase antiga, a hipótese de partida é que não houve uma mudança paramétrica com relação ao movimento do verbo entre uma fase e outra, mas sim a eliminação de uma das gramáticas, no caso, da gramática V2. Embora acredite que a configuração sintática do espanhol antigo tenha sido determinada fortemente pelos contatos lingüísticos que aconteceram na Península Ibérica ao longo da Idade Média, não tenho evidências para levantar a hipótese e problematização de que a perda do efeito V2 (ou a eliminação desta gramática) também esteja relacionada diretamente com fatores de contato de línguas.

## **4.2. Algumas considerações gerais sobre a mudança lingüística na teoria gerativa**

As principais correntes dentro dos estudos lingüísticos até a metade da década de 1950 consideravam a língua como um objeto autônomo e independente do ser humano. A língua tinha

vida própria<sup>2</sup>. Os estudos estruturalistas nos Estados Unidos, influenciados pela corrente behaviorista da psicologia, acreditavam que a aquisição da linguagem era feita de modo empiricista, ou seja, a partir da audição e repetição daquilo que os adultos pronunciavam.

No entanto, com o advento da gramática gerativa, se começa a questionar tal perspectiva de aquisição da linguagem mostrando evidências de que o processo de aquisição da linguagem não pode ser explicado desta maneira, mas pela existência de um dispositivo específico para linguagem que guia a criança durante o processo de aquisição da linguagem tendo em vista que muito do que a criança aprende não é obtido a partir da relação com a experiência lingüística que tem. Chomsky (1975) faz algumas reflexões sobre a linguagem e sua pergunta crucial é: Como aprendemos tanto em tão pouco tempo? Essa questão, conhecida como *Problema de Platão*, é o ponto central dentro do quadro teórico da gramática gerativa (ver CHOMSKY, 1975, 1986a, 1993, 1995; LIGHTFOOT, 1991; RAPOSO, 1992 entre outros).

Diante desses fatos e fazendo uma relação com outros órgãos do corpo humano, Chomsky (1975) conclui que os seres humanos nascem com um órgão específico para a linguagem e que, com relação ao aspecto estrutural da linguagem<sup>3</sup>, o homem só aprende aquilo que já está programado geneticamente para aprender<sup>4</sup>.

Radford (1997, p. 8-9) sintetiza os argumentos apresentados por Chomsky a favor da hipótese inatista, que são: a) a habilidade de adquirir e usar uma língua é específica da espécie humana; b) todos os seres humanos adquirem uma língua independentemente de outras habilidades cognitivas a menos que tenham algum problema patológico específico; c) as gramáticas construídas

---

<sup>2</sup> Isso fica claro não só com o advento do estruturalismo, mas com as visões teóricas anteriores, quando tratam a língua como se fossem organismos vivos, que nascem, se expandem e morrem. Veja-se, por exemplo, o tratamento dado ao latim e as línguas românicas durante o século XIX. Para uma discussão da questão, ver Lyons (1987).

<sup>3</sup> Esse é um aspecto importante do pensamento chomskyano e sobre o qual tem havido muita confusão: a teoria gerativa defende que uma parte do conhecimento lingüístico seja inata e não que todo ele o seja. Em outras palavras, a teoria defende que a capacidade de aquisição de uma língua na infância é devida a uma característica genética, que os princípios que regem a aquisição são pré-existentes na mente humana e que o aspecto estrutural da linguagem, ou seja, as possibilidades da estrutura gramatical das línguas são codificadas geneticamente. Isso não significa que o convívio social não seja importante e mesmo determinante no processo de aquisição da linguagem. O convívio social e a exposição a um *input* são necessários para que essas possibilidades inatas sejam restringidas e a criança adquira sua primeira língua. Caso contrário, se tal exposição não fosse necessária e o conhecimento fosse dado geneticamente, deveria ser esperado que as crianças já nascessem falando e que todo o mundo falasse a mesma língua ou que as pessoas em uma comunidade lingüística falassem línguas aleatórias. No entanto, o que se comprova empiricamente é que há uma certa homogeneidade (que não deve ser entendida como total igualdade) na língua falada por pessoas de uma mesma comunidade lingüística.

<sup>4</sup> Chomsky (1975) faz um paralelo com a visão: o ser humano enxerga o mundo da forma como enxerga (e, neste ponto, enxergar se refere unicamente ao aspecto físico-biológico da visão, captação da imagem a partir dos olhos) porque o seu cérebro está preparado para enxergar dessa forma e não de outra.



variam levemente de falante para falante da mesma língua; d) as crianças adquirem uma língua a partir de um *input* degenerado e imperfeito (o *Problema de Platão*).

Assim, a teoria gerativa provoca uma mudança de perspectiva nos estudos lingüísticos: passa-se “do estudo do comportamento e seus ‘produtos’ (textos, por exemplo) para os mecanismos internos que entram em jogo no pensamento e na ação” (CHOMSKY, 1997, p. 52)<sup>5</sup>. Neste sentido, Chomsky (1986a) propôs uma distinção entre língua-I e língua-E: a língua-I seria essa representação mental, internalizada e individual; a língua-E seria a parte social, coletiva, os produtos.

#### 4.2.1. A aquisição da Linguagem

A capacidade humana para a linguagem, dada geneticamente, é chamada de *faculdade da linguagem*. A partir de Chomsky (1986a), propõe-se que a faculdade da linguagem seja composta por uma gama de princípios invariáveis e comuns a todas as línguas e uma gama de princípios variáveis em aberto, os parâmetros, que são os responsáveis pela diferenciação das línguas.

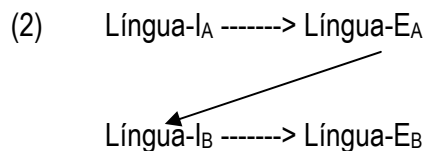
A gramática universal é entendida como o estado inicial da faculdade da linguagem e a aquisição da linguagem é resultante da interação entre a faculdade da linguagem e o *input* ao qual a criança está exposta: uma criança no estágio S., ao entrar em contato com os dados lingüísticos primários (*primary linguistic data, PLD*), ou seja, os dados lingüísticos aos quais a criança é exposta durante o período de aquisição da linguagem, vai gerar uma gramática de uma língua particular como ilustrado em (1):

(1) dados lingüísticos primários → gramática universal → gramática de uma língua particular

Essa proposta, em que a língua é um objeto mental, internalizado, implica que o conhecimento que a geração nova tem da sua língua não é obtido diretamente do conhecimento que a geração anterior tem da sua, mas do ambiente lingüístico. Ou seja, uma dada língua-I é obtida indiretamente a partir de uma dada língua-E e não diretamente a partir de outra língua-I:

---

<sup>5</sup> Correa (2006) faz uma síntese da questão, apresentando os principais pontos da chamada *Segunda Revolução Cognitiva*.



Dentro desta visão, a criança nasce com uma gama de princípios que não precisam ser aprendidos (vêm de graça na faculdade da linguagem) e uma gama de parâmetros (a idéia predominante é que os parâmetros têm valores binários, como um interruptor – 0 ou 1) que a criança precisa fixar durante o processo de aquisição da linguagem. Os valores dos parâmetros são fixados a partir de evidências robustas no *input* para a fixação deste determinado parâmetro<sup>6</sup>.

Como mostrarei a seguir, essa abordagem levanta questões novas e intrigantes para a teoria da mudança lingüística e conseqüentemente traz novos elementos bastante elucidativos da questão.

#### 4.2.2. A teoria da gramática e a mudança lingüística

Ao situar a língua como um objeto mental, novas considerações precisam ser feitas sobre a mudança lingüística. Lightfoot (1993) faz uma exposição de como a mudança lingüística é abordada em outros modelos, como o neogramático e o estruturalista, que propunham a mudança lingüística a partir de leis universais e generalizantes, e propõe, com base em seus trabalhos anteriores (LIGHTFOOT, 1979, 1991), que a mudança lingüística se dá na aquisição da linguagem, a partir da fixação de parâmetros.

A proposta do autor (LIGHTFOOT, 1979, 1991) é que a língua muda quando a criança não fixa os parâmetros corretamente de acordo com o *input* oferecido pelos dados produzidos pela gramática da geração anterior, à qual esteve exposta. Este ponto é matizado por Roberts e Roussou (2003, p. 13): se fixação correta de parâmetros significar fixar os parâmetros de modo que a gramática convergente seja idêntica à gramática adulta, há uma contradição entre o problema lógico da mudança lingüística e o problema lógico da aquisição da linguagem, porque a previsão que se faz

---

<sup>6</sup> Lightfoot (1991) discute vários aspectos do processo de aquisição da linguagem dentro de um modelo mentalista como o gerativismo, dentre os quais merecem destaque: a proposta de que a criança só se guia pelas orações matrizes (o que ele chama de *grau-0 de aprendizagem*), as orações subordinadas não são analisadas pela criança; nem todas as orações que a criança ouve servem de evidência para a fixação do parâmetro, mas somente aquelas que exibem determinado parâmetro.

é que as línguas não mudariam nunca. Roberts e Roussou (2003) propõem, então, que a aquisição da linguagem seja um processo *fracamente determinístico*, ou seja, a criança deve fixar os parâmetros de forma consistente com o *input* e não com a gramática adulta. Os autores salientam, no entanto, que, quase sempre, há convergência com a gramática adulta.

Lightfoot (1998, 2006) propõe que haja pistas nas quais os aprendizes se guiam para a fixação de parâmetros no processo de aquisição da linguagem<sup>7</sup>. Segundo Lightfoot (2006, p. 149), uma pista é algum tipo de estrutura, elemento da gramática, derivado do *input*. A criança ouve o dado e faz uma análise dele. O processo é concluído com a fixação do parâmetro em questão a partir do *input* recebido e da análise feita pela criança<sup>8</sup>.

Um exemplo de pistas para aquisição pode ser obtido a partir das línguas V2. Lightfoot (1991, 1995, 2006) propõe que a pista que uma criança tem para saber que sua língua é uma língua V2 é a existência de um constituinte qualquer, independentemente de qualquer função gramatical ou papel temático, em primeira posição seguido imediatamente pelo verbo<sup>9</sup>. No entanto, quando a pista não é clara, os aprendizes podem não fixar o parâmetro de acordo com a gramática adulta.

Kroch (2001) discute a perda do V2 no francês antigo e mostra que uma oração como a ilustrada em (3) a seguir pode receber tanto uma análise V2 como uma análise não V2 como se observa em (4) abaixo<sup>10</sup>:

- (3) Si **firent** grant joie la nuit.  
então fizeram grande alegria à noite

(KROCH, 2001, p. 710)

<sup>7</sup> A natureza dessas pistas ainda é bastante discutida. Ver Roberts e Roussou (2003) e Roberts (2007) para uma discussão.

<sup>8</sup> Os trabalhos em aquisição da linguagem têm discutido esse aspecto da fixação de parâmetros. Algumas questões intrigantes são colocadas: a) o que acontece se a criança não encontra a pista até determinado momento? Roberts e Roussou (2003) propõem um *mecanismo de segurança* que determina que, se uma determinada pista não é encontrada, a criança fixa a opção mais econômica; b) até que momento a criança espera a pista?; c) que quantidade de dados é necessária para ser caracterizada como uma pista?

<sup>9</sup> Lightfoot (1991, 1995, 2006) diz que essa é a única informação que a criança precisa aprender para a aquisição do V2. o restante do processo é atribuído à gramática universal. A noção de parâmetro também tem sido bastante discutida (ver RAPOSO, 1992; KATO, 2002 por exemplo). Mas, vale lembrar que, nesta abordagem, ao fixar um parâmetro, a criança leva de graça uma série de propriedades relacionadas com o parâmetro fixado.

<sup>10</sup> Esse dado não seria relevante para a aquisição, segundo Lightfoot (1995, 2006), porque se trata de uma oração subordinada. Para o autor, a criança apenas observa orações simples e matrizes.

- (4) a. Análise V2:  
[<sub>CP</sub> si [<sub>C</sub> firent<sub>i</sub>] [<sub>IP</sub> *pro* *t<sub>i</sub>* grant joie la nuit]]
- b. Análise não V2  
[<sub>IP</sub> si [<sub>IP</sub> *pro* firent grant joie la nuit]]

(KROCH, 2001, p. 710)

Como o francês antigo era uma língua de sujeito nulo (ver ADAMS, 1987a, 1987b), as orações subordinadas<sup>11</sup> com ordem V-O podem indicar que o verbo se moveu para C°, como em (4a) ou que o verbo permaneceu em I°, como em (4b). Se o aprendiz não tiver nenhuma evidência mais de que o verbo se moveu para C°, ou seja, um dado em que outro elemento ocupe a primeira posição, o aprendiz pode analisar a oração em (3) ou como (4a) ou como (4b). E assim a mudança lingüística começa a ser desencadeada.

Dentro desta abordagem, como foi exposto acima, a mudança lingüística é desencadeada a partir da fixação de parâmetros de forma diferente da gramática anterior<sup>12</sup>. E tal fixação divergente é decorrente da alteração no ambiente lingüístico, que é diferente do ambiente da geração anterior, no qual os aprendizes adquirem sua língua. Neste sentido, vários trabalhos também têm proposto que nem todas as mudanças lingüísticas são explicadas diretamente a partir de uma fixação paramétrica diferente. O próprio Lightfoot (1991) discute este aspecto e comenta que não é possível explicar parametricamente, por exemplo, por que o inglês recebeu influências do francês e não de outra língua. Contudo, afirma que, embora essas situações não possam ser explicadas a partir de um modelo mentalista, causam alteração do ambiente lingüístico, que é o que vai fazer com que a língua mude. Logo, a mudança acontece de forma abrupta e não gradual e é o resultado da substituição de gramáticas, de forma discreta e descontínua. As possíveis gradações devem ser explicadas a partir de outras questões<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> Neste aspecto, a proposta de Kroch (2001) diverge da proposta de Lightfoot (1991), por exemplo, no ponto em que para Kroch (2001), a criança analisaria também a oração subordinada. Para Lightfoot (1991), a criança é *aprendiz de grau-0*.

<sup>12</sup> Por exemplo, contato de línguas, erosão fonológica, conservadorismo da escrita, flutuação na frequência de determinado fenômeno, questões estilísticas, o tempo que uma determinada mudança leva para atingir toda a comunidade lingüística ou um processo de difusão lexical, no qual uns itens com determinados traços vão sendo afetados antes de outros.

<sup>13</sup> Um bom exemplo de mudança lingüística provocada pela erosão fonológica é o caso do espanhol caribenho. Toribio (2000) mostra que o enfraquecimento do fonema /s/ no espanhol caribenho foi o responsável por uma série de mudanças sintáticas ocorridas na região: perda da propriedade *pro-drop*, perda da inversão V-S em orações

Um exemplo bastante interessante de que a mudança lingüística é abrupta é trazido por Kroch (1989) quando discute estatisticamente a perda do efeito V2 na história do francês com base nos dados de Adams (1987a, 1987b). Kroch (1989) mostra que, quando o verbo pára de se mover para C°, uma série de outras propriedades também são perdidas (por exemplo, ordem O-V sem clítico, inversão V-S) e a contraparte derivada de uma gramática não V2 (por exemplo, construções de CLLD, ordem S-V) é incrementada. Se a mudança fosse naturalmente gradual, o que se esperaria, neste cenário do francês, é que primeiro o verbo deixasse de se mover até C°, depois outra propriedade fosse diminuindo e assim por diante, o que de fato não acontece quando um parâmetro é fixado de forma diferente da geração anterior<sup>14</sup>.

#### 4.2.3. O contato de línguas e a transmissão lingüística irregular

Como comentei nas duas seções acima, na abordagem da gramática gerativa, a aquisição da linguagem é explicada através de um processo determinístico e guiado geneticamente culminando na fixação de parâmetros de acordo com o *input* ao qual o aprendiz foi exposto e a mudança lingüística é decorrente de uma fixação de parâmetros diferente da fixação paramétrica da geração anterior. A fixação de parâmetros de forma diferente se deve a alterações no ambiente lingüístico, que se tornou diferente do ambiente lingüístico ao qual a geração anterior esteve exposta no momento em que adquiriu sua língua.

Segundo Roberts (2007), três fatores podem tornar os dados lingüísticos primários opacos: refixação paramétrica a partir do contato de línguas; refixação paramétrica a partir das pistas; refixação paramétrica a partir da morfologia. Os três fatores não necessitam ser entendidos de forma excludente; por outro lado, podem atuar em conjunto.

Com relação especificamente ao contato de línguas, que é o ponto que quero ressaltar na história do espanhol, a parte relevante da proposta é que uma gramática estranha, diferente da gramática da geração anterior é inserida na comunidade e provoca uma alteração nos dados. Essa inserção de uma gramática *alienígena*, como a denomina Roberts (2007), pode se dar de diversas

---

interrogativas, aparecimento de determinados tipos de construções de clivagem em orações interrogativas e conseqüentemente em orações declarativas etc.

<sup>14</sup> Observe-se que este caso do francês é diferente da difusão lexical. Na difusão lexical, os itens são independentes (a mudança num traço [+animado] não precisa afetar necessariamente a mudança num traço [-animado]); no caso da mudança do francês, por outro lado, quando se perdeu o movimento do verbo, as propriedades que eram licenciadas por este movimento também são perdidas.

formas: migração, casamento de pessoas de línguas diferentes (que configura o contato direto) ou quando a criança é criada num ambiente em que se fala uma segunda língua, no caso dos *pidgins*<sup>15</sup> (que configura o contato indireto).

Roberts (2007) mostra, com dados do francês de Prince Edward Island, uma região do Canadá que foi colonizada por franceses mas mantém intenso contato com o inglês, que houve ali um processo de aprendizagem imperfeita ou de transmissão lingüística irregular. Sabe-se que, em *orações-WH* (interrogativas, relativas), por exemplo, em inglês, existe a possibilidade de mover todo o sintagma preposicionado ou mover somente o sintagma nominal, deixando a preposição sozinha na posição de origem. Por outro lado, em francês, somente existe a primeira opção. Veja-se o contraste entre os exemplos (5) e (6), do inglês e do francês respectivamente a seguir:

- (5) a. Who did you speak to \_\_\_?  
b. John was spoken to \_\_\_.

(ROBERTS, 2007, p. 238)

- (6) a. \*Qui as-tu parlé à \_\_\_?  
b. A qui as-tu parlé \_\_\_?

(ROBERTS, 2007, p. 238)

Roberts (2007) mostra que o francês desta região se comporta como o inglês, permitindo que a preposição permaneça *stranded*, ou seja, que o sintagma nominal se mova sozinho deixando a preposição na sua posição de origem:

- (8) a. Où ce-qu'elle vient de \_\_\_?  
b. Ça, c'est le weekend que je me souviens de \_\_\_

(ROBERTS, 2007, p. 239)

O francês de Prince Edward Island se comporta como o inglês possibilitando ambos os movimentos, de todo o sintagma preposicionado ou do sintagma nominal somente, deixando a

---

<sup>15</sup> Lightfoot (1991) faz uma interessante discussão de como os crioulos se inserem no modelo em que a aquisição da linguagem é o ponto central para a mudança lingüística.

preposição *stranded*<sup>16</sup>. Contudo, esta variedade do francês permite o movimento exclusivo do sintagma nominal mesmo em contextos em que o inglês exige o movimento de todo o sintagma preposicionado, como se vê pelo contraste entre (9) e (10) a seguir:

(9) \*Who did Pugsley give a book yesterday to \_\_\_?

(HORNSTEIN e WEINBERG, 1981 apud ROBERTS, 2007, p. 241)

(10) Quoi ce-que tu as parlé hier à Jean de \_\_\_?

(ROBERTS, 2007, p. 241)

Em síntese, o fato de o francês de Prince Edward Island estar em contato intenso com o inglês permitiu que esta variedade do francês desenvolvesse um movimento de constituinte não permitido no francês, mas permitido no inglês. No entanto, o aprendizado desse traço da língua inglesa não se deu de forma correta ou perfeita<sup>17</sup>: o francês de Prince Edward Island estendeu os contextos nos quais é possível, em inglês, deixar a preposição *stranded*.

A transmissão lingüística irregular parece ser um fato presente em muitas sociedades em que há contato de línguas. Embora a tradição em Lingüística Românica tenha proposto que as línguas românicas sejam filhas diretas do latim, quando se consideram aspectos externos da sócio-história dessas línguas (e mesmo a expansão do latim ao longo dos séculos junto com a expansão do Império Romano), pode-se imaginar que um processo de crioulização e transmissão lingüística irregular aconteceu (em especial no caso da expansão do latim) tendo em vista que o latim foi transplantando de Roma para o resto da Europa e entrou em contato com diversos outros povos cujas línguas eram bastante diferentes do latim. Embora a tradição reconheça a variação dialetal do latim, nada diz com relação ao papel que os contatos de línguas desempenharam na expansão e

---

<sup>16</sup> King (2000 apud ROBERTS, 2007, p. 240) relaciona esse fato ao empréstimo de preposições do inglês como se pode ver pelos exemplos abaixo:

- (i) a. Ils avont layé *off* du monde à la factorie.  
 b. Il a parlé *about* le lien fixe.  
 c. Qui ce-qu'a été layé *off* \_\_\_?  
 d. Quoi ce-qu'il a parlé *about* \_\_\_?

<sup>17</sup> Lembrar que *correto* e *perfeito* aqui não tem nenhuma relação com os conceitos da gramática normativa, mas com a convergência da gramática da geração nova com a gramática da geração antiga, como exposto acima.

história do latim pelo mundo então conhecido. Nas próximas seções, procurarei discutir esta relação com base nos fatos da história do espanhol europeu.

### 4.3. A história do espanhol

Os dados apresentados e discutidos no Capítulo 02 levantaram duas questões importantes: a) o espanhol atual apresenta diferenças gramaticais com relação ao espanhol antigo; b) o espanhol antigo apresentava um processo de competição de gramáticas que é revelado pela variação entre construções incompatíveis exibidas nos textos.

Nas seções a seguir, procurarei propor um possível caminho de explicação para a variação gramatical encontrada no espanhol antigo e para a mudança gramatical na história do espanhol tendo em mente o referencial teórico sobre a mudança lingüística dentro do quadro da gramática gerativa apresentado nas seções acima e a relação entre sócio-história e teoria da gramática considerando o ponto central para a mudança lingüística, que é a mudança no ambiente lingüístico no qual a criança adquire sua língua. Argumentarei que o latim/espanhol em contato com as línguas germânicas e árabes na idade média pode ter passado por um processo de transmissão lingüística irregular no mesmo sentido do processo descrito acima sobre o francês de Prince Edward Island, embora os fatos de língua tenham sido outros. Por fim, procurarei propor uma explicação para a mudança gramatical que fez com que se perdesse a gramática V2 na história do espanhol.

#### 4.3.1. A romanização da Península Ibérica

##### 4.3.1.1. A formação do Império Romano

Os historiadores parecem coincidir que a fundação de Roma é datada de 753 a.C. segundo Ilari (1992, p. 41). Nesse momento, os latinos, povo que vivia no *Latium*, eram agricultores e viviam do cultivo da terra. Para ilustrar este fato, Walter (1997, p. 89-90) diz:

Hoje em dia, após séculos de um latim que há tempos é o protótipo da língua erudita, é difícil imaginar que até o século III a.C. ele não passava de uma língua de camponeses, mercadores e soldados, e que até então só servia para registrar fórmulas jurídicas ou práticas.

Porém, basta examinar o vocabulário latino com atenção para descobrir a abundância de traços que refletiam de modo figurado a onipresença da vida rural. Assim, o primeiro sentido do verbo CERNERE ('distinguir') era 'peneirar'; o verbo COLERE, que é encontrado em AGRICOLA ('cultivador'), correspondia ao mesmo tempo a 'cultivar' e a



'morar'; o verbo PUTARE inicialmente queria dizer 'podar' antes de significar 'estimar, contar'.

Pode-se também encontrar a vida do campo em palavras à primeira vista um pouco rústicas, como o verbo DELIRARE, os adjetivos RIVALE, FELIZ ou PAUPER, ou o substantivo LUXUS.

Com efeito, DELIRARE é formado por LIRA, que designava o 'sulco (do arado)' e DELIRARE era, propriamente, 'sair do sulco'. Mais tarde, esse verbo assumiu o sentido mais abstrato de 'sair da língua certa', donde 'divagar' e 'delirar'.

No entanto, como estavam cercados por povos mais evoluídos<sup>18</sup> (a civilização etrusca ao norte e colônias gregas ao sul, na Magna Grécia), Roma tinha dois destinos: desaparecer ou se desenvolver. Apesar de serem agricultores, os romanos conseguiram dominar os gregos e os etruscos e, pouco a pouco, foram se expandindo. Um aspecto importante desse desenvolvimento foi a capacidade que os romanos tinham de agregar aos seus domínios outros povos durante os Séculos V a.C e II d.C<sup>19</sup>.

Os primeiros povos submetidos ao poderio romano foram os povos da Península Itálica (sabinos, volscos, equos, etruscos) e em seguida as populações da Magna Grécia, no Século III a.C. A posição geográfica de Roma a projetou na política comercial do Mediterrâneo, causando assim os primeiros embates com Cartago. Os embates com Cartago (os púnicos) foram chamados de guerras púnicas. A primeira guerra aconteceu em 264 a.C. nas ilhas italianas de Sicília, Córsega e Sardenha. Roma venceu os cartagineses e, entre a primeira e a segunda guerra, conseguiu dominar o norte da Itália. Conforme Lapesa (1981, p. 53) diz, a segunda guerra púnica, que aconteceu em 218 a.C., foi decisiva para a expansão do Império Romano. Os púnicos haviam resolvido incrementar suas colônias na Hispania para compensar a perda das ilhas. Com isso, Aníbal Barca atacou Sagunto, cidade aliada aos romanos, que então lhe declararam guerra. Pouco tempo depois, os romanos venceram Aníbal em Maza e, em 146 a.C., Roma provocou a terceira guerra púnica e destruiu Cartago. Enquanto isso, Roma foi conquistando suas primeiras colônias não italianas: conquistou a Bética e a Tarraconense entre 197-183 a.C e, em seguida, foi conquistando o Oriente, a Macedônia e a Grécia. Os limites do Império Romano chegaram, no século II d.C. à Inglaterra,

---

<sup>18</sup> Um termo que aparece freqüentemente nos textos de Lingüística Românica é *evolução/evoluido*. Contudo, este termo aparece sem nenhuma referência a algum tipo de parâmetro para considerar uma civilização ou língua mais evoluída (talvez, o único parâmetro, que é bastante implícito, seja o conceito euro-étnico-cêntrico de evolução).

<sup>19</sup> Acredito que, assim como a colonização da América, a expansão do Império Romano foi um processo complexo e de aculturação bastante extenso. Essas questões não podem ser esquecidas porque a impressão que se tem ao revisar os manuais de Lingüística Românica é que o processo de expansão foi pacífico, que os povos invadidos se submeteram automaticamente aos romanos, o que parece não ter acontecido de fato. Esta questão, no entanto, sai dos limites desta pesquisa.

Europa Central, Ásia Menor, Norte da África e Oceano Atlântico. Quer dizer: toda a região do Mediterrâneo estava sob o poder de Roma, sendo a Dácia (atual Romênia) a conquista romana mais tardia.

No entanto, a partir do Século II d.C., o império entrou em decadência por diversos motivos. O poder foi sendo descentralizado; políticas inconseqüentes e o começo das invasões bárbaras geraram a divisão do império<sup>20</sup>. Num primeiro momento, alguns povos bárbaros foram aceitos como forma de manter as fronteiras e evitar novas invasões; mas o resultado foi completamente diferente do que se planejou. Então, em 395 d.C. o Império romano foi dividido em dois novos impérios: o Império Romano do Oriente, que se manteve até o Século XV, e o Império Romano do Ocidente (que está relacionado com as questões desta Tese), que afundou logo no Século V d.C., mais precisamente em 476, com a destituição do Imperador Rômulo Augusto.

#### 4.3.1.2. O latim: sua difusão e variedade

Segundo Ilari (1992), os romanos adotaram uma política bastante aberta para a época: impunham o direito romano e exploravam os dominados, mas, ao mesmo tempo, respeitavam suas culturas e seus costumes e, inclusive, aceitavam que os nativos mantivessem suas línguas autóctones quando se comunicavam entre si.

O latim era a língua de prestígio, mas não superou todas as línguas do império: o oriente continuou falando suas línguas porque as consideravam mais prestigiosas que o latim. Entre essas línguas, pode ser destacado o grego. Por outro lado, no ocidente, pouco a pouco o latim foi se estendendo e foi usado como língua de cultura, embora a situação de bilingüismo e/ou diglossia tenha se mantido por séculos.

Vasco da Gama (1995) aborda o tema da expansão do latim dentro de uma visão sociolingüística e diz que o latim dentro da própria Roma apresentava variação, tanto regional como social (grifos do autor):

O sistema lingüístico latino possuía variedades regionais, tais como o **falisco** e o **prenestino** que, pouco a pouco, em decorrência do prestígio alcançado pela variante latina usada em Roma, foram por esta absorvidos. Desse contato entre as variantes regionais do latim permaneceram na variedade de Roma alguns traços provenientes da

---

<sup>20</sup> Sabe-se que o contato dos povos germânicos com o Império Romano não foi algo abrupto, mas foi acontecendo pouco a pouco desde muito cedo. Guerras (1995, p. 25) data o primeiro contato do final do Século II a.C.

interferência lingüística. A variante regional de Roma começa a expandir-se a medida que avança o domínio político romano no Lácio, mas ela comporta variedades internas de caráter social, que se evidenciarão quando se delinea a estandardização da variante escrita. A língua latina escrita que aparece nos documentos do período arcaico nada apresenta que a eleve à categoria de variante padrão: na verdade a célebre *fibula prenestina* representa uma variante regional do latim, diferente daquela utilizada por Roma. Somente a partir do séc. III a.C., sob a influência do grego, começa o processo de estandardização do latim. (grifos do autor)

(VASCO DA GAMA; 1995:41-42)

Há, de acordo com Vasco da Gama (1995), diversas variantes latinas que vão ser difundidas e vão interferir no processo de formação das línguas românicas: variantes cronológicas, regionais e sociais<sup>21</sup>. Variantes cronológicas são as variantes de tempo, do momento em que o latim foi levado às províncias: o latim da Península Ibérica é mais antigo que o latim da Gália ou da Dácia, mas, ao mesmo tempo, é mais recente que o latim levado ao sul da Itália. Lausberg (1974, p. 47) apresenta a seguinte cronologia da romanização:

31. A romanização de uma região começa com a sua incorporação no Império Romano:  
 Séc. III a.C.: Península Itálica, Sicília, Sardenha, Córsega, costa dálmata, costa oriental e meridional da Espanha.  
 Séc II a.C.: Alta Itália (*Gallia Cisalpina*), sul da Gália (*província Narbonensis*), a maior parte da Península Ibérica (com exceção do noroeste), Cartago.  
 Séc I a.C.: Gália, Alpes e a região subalpina do norte (*Raetia, Noricum*), noroeste da Península Ibérica, Dalmácia, Mésia (margem meridional do Danúbio) com a Dardânia.  
 Séc. I d.C.: Panónia, Britânia, Campos Decumatos.  
 Séc. II d.C.: Dácia (107 d.C.).

Variantes regionais (ou, em outro termo, variantes diatópicas) são as variantes de lugar<sup>22</sup>: o latim de Roma, o latim da Hispania etc. Essas variantes regionais receberam influência das línguas dos povos que habitavam essas regiões antes da chegada dos romanos e essas línguas deixaram marcas em diversos aspectos da língua falada em cada região. Cano Aguilar (1997, p. 28) diz que “el emperador Adriano (s. II d.C.) despertó risas de los senadores romanos por su acento regional”.

Variantes sociais são as variantes que são classificadas seguindo critérios sociais. Com relação a este tipo de variante, Vasco da Gama (1995) cita alguns tipos: *sermo familiaris*, *sermo*

<sup>21</sup> Chirita (2003), discutindo a influência do latim no alemão, faz uma interessante apresentação do processo de estandarização pelo qual o latim passou de o momento em que era a língua vernácula de uma pequena população até se tornar a língua franca e de cultura de um império.

<sup>22</sup> Há uma diferença entre os termos *variante* e *variedade*. Não fica claro para mim se o termo *variante*, empregado por Vasco da Gama (1995), tem o sentido de *variante* realmente ou o sentido de *variedade*. Como se observa na discussão de Irala (2004), os dois termos ainda são confundidos com muita frequência. Por exemplo, o latim de Roma seria uma *variedade* do latim e não uma *variante*.

*plebeius*, *sermo popularis*, *sermo vulgaris*; cada uma delas pertencendo a uma classe social diferente. Mas junto a essas variantes sociais, estão as variantes profissionais: *sermo castrensis* (dos soldados), *sermo nauticus* (dos navegadores), etc.

#### 4.3.1.3. O latim hispânico

Os romanos chegaram à Península Ibérica no ano de 218 a.C. com Cipião e demoraram duzentos anos para anexar completamente a península, no ano de 19 a.C.. De acordo com Walter (1997, p. 145):

Na primeira divisão entre a Espanha próxima (para cá do Ebro) ou *Hispania Citerior* e a Espanha distante (para lá do Ebro) ou *Hispania Ulterior*, ocorreu em 27 d.C. a divisão em três províncias: *Tarraconense* ao norte, *Bética* ao sul e Lusitânia à oeste. Foi com o imperador Caracala (século III) que a *Galícia-Astúria* foi elevada ao nível de província separada, a Gallaecia Asturica.

Às duas primeiras províncias (Citerior e Ulterior), que, segundo Cano Aguilar (1997), depois da rebelião de 197 a.C. ficaram integradas definitivamente, chegaram diferentes tipos de romanos que traziam consigo diferentes tipos de variantes lingüísticas (regionais, sociais e cronológicas). À Hispania Citerior chegaram os romanos do sul da Itália, de classe menos elevada e utilizavam “variante lingüístico-social do latim menos tensa e a variante lingüístico-social proveniente da região sul-italiana”. (VASCO DA GAMA, 1979, p. 129). Enquanto que à Hispania Ulterior (região mais desenvolvida culturalmente porque aí estavam os turdetanos, além de diversas colônias gregas e fenícias, por exemplo), “se dirigiam os romanos locutores de uma **variante lingüístico social mais tensa** (VSMT) usada ao lado da **variante standard latina** (VS)” (grifos do autor) (VASCO DA GAMA, 1979, p. 129).

Cano Aguilar (1997) descreve com precisão a difusão do latim na Península Ibérica e, segundo ele, à Bética chegou a corrente lingüística mais conservadora devido ao fato de seus falantes possuírem maior nível cultural. Essa corrente se difundiu pelo oeste (Lusitânia) chegando à região galaica. À Tarraconense, chegou a corrente lingüística menos conservadora que, além de ser levada por romanos de nível cultural mais baixo (soldados, agricultores etc.), era uma região de contato com a Gália e Itália. Essa corrente lingüística subia pelo centro até se encontrar com a corrente lingüística mais conservadora ao norte.

Na época do império, a língua literária, escrita, começa a se diferenciar da língua falada<sup>23</sup>. A literatura fixa a língua escrita e vai restringindo-a às pessoas cultas, letrados e monges, enquanto que a língua falada<sup>24</sup>, vai se mantendo em contato com as línguas dos conquistados e se mantém em constante transformação.

Apesar da diferenciação dialetal regional do latim falado, sua unidade lingüística se manteve enquanto o Império Romano existia e difundia o latim clássico nas escolas. A unidade do império favorecia a manutenção da unidade lingüística no sentido de que as pessoas, por diversos motivos, circulavam por todo o império e, ao se comunicarem, intercambiavam seus conhecimentos lingüísticos. Com a ruptura e divisão do império, essa unidade lingüística não se mantém porque se rompe também o contato entre as diversas regiões e cada uma delas receberá influência de línguas diferentes.

---

<sup>23</sup> Chirita (2003) faz uma discussão da estandarização do latim e apresenta algumas características diferenciadoras do latim antigo para o latim mais tardio, que começou a ser usado como instrumento literário:

The reason why the difference between archaic and classical Latin is of interest to the current topic as will be seen later, is the fact that similar differences can be found between standardized German from the 16th century on and some of the earlier German texts. Courtney (1999: 3–6) lists certain features that are distinctive for archaic Latin and illustrates them with numerous examples from Latin texts produced before 100 B.C. While I do not believe that they “characterize an early stage of thought” (ibid.:3), I do agree that they are typical for an “early stage of expression” (ibid.) or, more precisely, written expression. They are the following:

- a. The paratactic style (ibid.:3–4). Complex sentences are made up of small, coordinated units; subordination is rarely used.
- b. The *guttatim* drop-by-drop style (ibid.:4–5). Little use is made of grammatical means to tie small isolated units of thought together.
- c. The standardization of word order as SOV or at least as V-final (ibid.: 5).
- d. The coexistence of competing grammatical forms (ibid.:5–6).

Archaic Latin sentences seem to overuse demonstratives in order to connect sentences, while relative clauses are clumsy and rare (ibid.: 7–8; Kröll 1934:11–12). Koch and Oesterreicher (1990: 10) propose a very interesting distinction between *Nähesprache* ‘language of proximity’ and *Distanzsprache* ‘language of distance’. According to this distinction, the paratactic style, the *guttatim* style and the overuse of deictic devices are typical for a language of proximity. Classical Latin, on the other hand, with its great syntactic complexity, is a language of distance (ibid.: 129).

(CHIRITA, 2003, p. 181)

<sup>24</sup> Estou ciente de todas as implicações que o termo *latim vulgar* tem. Contudo, para não fugir aos objetivos, mantenho o termo *latim falado* para me referir à língua falada entre a população ordinária. Para uma breve discussão do tema, ver Ilari (1992) e Cano Aguilar (1997).

#### 4.3.1.4. A queda do Império Romano

No começo do Século V d.C., chegaram os primeiros povos bárbaros à Hispania depois de serem empurrados durante algum tempo por outras tribos vindas do norte da Europa; primeiros os vândalos e, depois deles, diversas outras tribos germânicas penetraram a península e Gália rompendo, dessa maneira, o contato com o resto do Império Romano. Há que destacar que essas invasões não aconteceram repentinamente. Os grupos asiáticos foram empurrando pouco a pouco as tribos germânicas para o centro-sul da Europa, de forma que entraram na península vândalos, alanos e suevos, que dividiram o território entre si. Os romanos chamaram os visigodos para ajudar a expulsar os outros povos; os visigodos expulsaram os vândalos para o norte da África; submeteram os alanos e suevos e anexaram a Galesia. Como o Império Romano já estava afundando, cortaram finalmente a comunicação com as demais regiões do império formando um reino independente. Todos os estudiosos concordam em que os povos germânicos que invadiram a Hispania já chegaram romanizados (em maior ou menor grau), o que não impôs muita dificuldade às relações sociais.

Em 711 d.C., chegam os árabes e os hispano-godos que não querem se submeter ao domínio de Al-Andaluz se refugiam no norte, nas montanhas. Os árabes permanecem na Península Ibérica até 1492, quando são expulsos definitivamente pelos Reis Católicos<sup>25</sup>.

Assim, numa região montanhosa de encontro de duas correntes lingüísticas latinas e, posteriormente, de refúgio de hispano-godos no momento das invasões árabes e sempre em contato com a língua basca, vai nascer a língua espanhola. A situação geográfica e lingüística de Castela desempenha um papel fundamental na caracterização do idioma que no futuro difundiria.

#### 4.3.2. O contato de línguas na formação da língua espanhola<sup>26</sup>

Durante muito tempo, a principal preocupação dos estudos lingüísticos foi a origem e a história das línguas. Essa questão começou a ser teorizada e descrita no Século XIX dentro da visão

---

<sup>25</sup> Piñero Valverde (1997) faz um bom estudo da situação da península durante as invasões árabes. A autora mostra que não houve apenas um único grupo invadindo e dominando a península, mas que, assim como os germânicos, foram várias levas de árabes, que militavam entre si inclusive. Além disso, como destaca Piñero Valverde (1997), Espanha, nos primeiros momentos das invasões árabes, equivale à província romana Hispania, ou seja, toda a Península Ibérica. Para uma discussão da situação da Espanha, durante o longo período de Reconquista, ver também Stephens (1980). Para uma boa discussão do processo de Reconquista e expansão do espanhol medieval, ver Tuten (2003).

<sup>26</sup> Para uma boa síntese sobre a formação da língua espanhola, ver Vasco da Gama (1979). Para estudos mais detalhados, ver Lapesa (1981) e Cano Aguilar (1997) e as referências citadas aí. Para uma boa discussão sobre a periodização do espanhol, ver Eberenz (1991).

comparatista e neogramática dando ênfase ao nível fonético. No Século XX, esses estudos tiveram descrições bem exaustivas dentro do quadro estruturalista dando ênfase ao nível fonológico. A sintaxe das línguas, pelo menos como é entendida nos últimos cinquenta anos, nunca teve muita relevância ou importância nas discussões sobre a origem e história das línguas dentro da Lingüística Histórica<sup>27</sup>.

Essa sintaxe, como é entendida atualmente, começa a aparecer de uma forma mais proeminente a partir das dicotomias saussureanas, neste caso, entre *paradigma* e *sintagma*. Contudo, é só a partir da década de 1950, com o surgimento da teoria gerativa no contexto da Segunda Revolução Cognitiva, que a sintaxe toma, de fato, um lugar de destaque no cenário dos estudos lingüísticos. Além disso, como discuti acima, a perspectiva de estudo muda dos produtos para os processos que geram tais produtos e, conseqüentemente, novas perguntas sobre a mudança lingüística são feitas trazendo novas teorias, novos elementos e novas explicações para o cenário da Lingüística Histórica.

Diante desse quadro teórico, em que as análises lingüísticas ultrapassam o nível do que é visível, ou seja, o nível dos dados, e vão para o nível da representação mental que os falantes fazem desses dados, se faz necessária uma revisão das teorias sobre a origem e história das línguas com o objetivo de incluir nas análises esses novos elementos que podem oferecer melhores explicações para os fenômenos estudados em teorias anteriores, que somente deram destaque aos níveis fônico e lexical.

Considerando o caso específico do espanhol (e das línguas românicas em geral), a tradição dentro da Lingüística Românica tem considerado que a língua em sua fase antiga é um resultado da mudança natural do latim, em outras palavras, resultado de um processo de deriva, no sentido de Sapir (1921)<sup>28</sup>. Dos trabalhos clássicos, por exemplo, Lapesa (1981), fica a impressão de que o latim chegou à Península Ibérica num determinado momento, naturalmente foi acolhido pelas populações locais e, com o tempo, foi mudando até se transformar no espanhol contemporâneo<sup>29</sup>. Nada se fala das conseqüências dos contatos sociais na caracterização da língua falada na região. Por exemplo,

---

<sup>27</sup> O que, na maioria das vezes se chama de *morfossintaxe* está mais relacionado com questões de morfologia flexiva que de sintaxe propriamente dita.

<sup>28</sup> Como se verá adiante, nessas abordagens, o contato com outros povos desempenha o único papel de isolar as comunidades e “emprestar palavras”.

<sup>29</sup> Nesses manuais, talvez por motivo de simplificação didática, fica esquecida, como destaquei acima, toda a complexidade do processo de romanização inclusive. Esquece-se de todo o processo de aculturação e imposição política, social e cultural que a romanização provocou nos povos dominados e, conseqüentemente, se esquece de todas as implicações que tal processo teve na língua falada por essas populações.

como esses contatos podem ter influenciado no processo de aquisição da língua (no caso, do latim) pelos nativos das diversas regiões gerando um processo de transmissão lingüística irregular seria uma questão central sobre a história das línguas românicas<sup>30</sup>.

Um trabalho que muda bastante essa perspectiva da investigação sobre a história do espanhol é o de Tuten (2003), que procura explicar a expansão do espanhol durante a Reconquista dentro de um modelo de *koinização* (que foi proposto inicialmente por SIEGEL, 1985, e usado posteriormente por FONTANELLA DE WEINBERG, 1993, para a caracterização do espanhol americano<sup>31</sup>). Siegel (1985) considera que uma *koiné* é o resultado estabilizado de misturas de subsistemas lingüísticos, tais como dialetos regionais ou literários. As *koinés* têm como características a confluência de diversas variedades de uma mesma língua (embora elas se baseiem primordialmente em uma delas), redução e simplificação de características, uso como língua franca, surgimento de falantes nativos e estandardização.

Neste sentido, Medina López (1997, p. 32-33) diz:

En el significado, o en los varios significados, del término *koiné* (tomado de la voz griega *koine* 'común') se puede encontrar en una variada gama de situaciones de lenguas y dialectos en contacto.

[...]

Generalmente, se suele emplear *koiné* para referirse a situaciones históricas – aunque también se podría hacer alusión a hechos de hoy en día- en las que, por diversas circunstancias sociales mayoritariamente, entran en contacto grupos humanos de diferentes orígenes. Estos grupos pueden presentar dos alternativas lingüísticas:

1. Que sean hablantes de una misma lengua, con variedades dialectales distintas (por ejemplo, castellanos, andaluces, extremeños, canarios, toledanos...).
2. Que se dé el caso expuesto en (1) y, además, que haya una presencia importante de hablantes de otras lenguas (italiano, alemán, francés...) La verdad es que las dos situaciones de (1) y (2) se han registrado en más de una ocasión en diferentes lugares del mundo donde se ha descrito una *koiné*.

---

<sup>30</sup> Como comentei acima, essa perspectiva teórica estava ausente no momento em que essas teorias foram formuladas. Por isso, defendo que atualmente, no começo do século XXI, com quase duzentos anos de discussões e com teorias lingüísticas mais sofisticadas e mais poderosas em termos explicativos, é necessário fazer uma revisão dessas teorias para confirmá-las ou refutá-las à luz das teorias mais modernas das quais se dispõe hoje.

<sup>31</sup> Em Pinto (2009) fiz uma síntese da proposta de Fontanella de Weinberg (1993) e pontuo, assim como aqui para o caso do espanhol europeu, que um maior conhecimento da sintaxe e de teorias recentes de mudança lingüística, que relacionem a sócio-história com a aquisição da linguagem, podem lançar mais luz à questão da caracterização do espanhol americano.



Tuten (2003), com base nesse referencial teórico, procura explicar a formação e expansão do espanhol na Idade Média. Propõe que haja havido três momentos na formação do espanhol: a fase de Burgos, a fase de Toledo e a fase de Sevilha.

A fase de Burgos se caracteriza como aquele primeiro momento da formação de Castela, quando os cristãos hispano-godos ficaram isolados nas montanhas do norte espanhol em decorrência da invasão árabe no Século VIII. Neste momento, a variação lingüística se manifestava apenas na freqüência das ocorrências, mas com o isolamento das comunidades lingüísticas, que viviam em vales, a variação na freqüência se converteu em diferenças dialetais. Com o desenvolvimento de Castela, a região se tornou um lugar atrativo tanto para os moçárabes, que estavam no sul e fugiam da pressão muçulmana, como para as populações do norte, de regiões que haviam crescido e já não as comportavam. Como Castela era um centro de convergência de pessoas de várias regiões da Espanha, foi um lugar favorável para a *koineização*, abandono de formas variantes e estabilização de determinados fenômenos.

A fase de Toledo, que é a segunda e a mais importante fase deste processo, se dá a partir do Século XI, já com as fronteiras do norte do rio Douro estabelecidas. Neste momento, o aumento da população favoreceu a expansão de Castela em direção ao sul na conquista de novos territórios. O avanço dos cristãos fez com que os árabes do sul pedissem reforço às comunidades africanas e isso provocou na população moçárabe um sentimento mais aguçado de cruzada. Este movimento tornou a região de Toledo bastante atrativa para populações de fora da Península Ibérica, principalmente da região que hoje se conhece como a França, que tiveram posições de destaque no governo e na igreja. Moxó (1979, p. 221 apud TUTEN, 2003, p. 147-148) diz:

Un nuevo y peculiar contingente de pobladores cristianos en Toledo va a estar representado por los francos que hasta allí llegan para establecerse tras su conquista por Alfonso VI, pues, aunque no se perciben sus huellas en el ejército cristiano del monarca, gozaban ya de influencia en su corte con el apoyo de la reina Constanza de Borgoña. Los francos establecidos en Toledo debieron representar un número apreciable, para gozar de fuero y barrio propios...

Além disso, quando Sancho el Mayor muda a rota do Caminho de Santiago para a borda sul das montanhas, o tráfego populacional nesta região se incrementa e mais francos se estabelecem como mercadores nas novas cidades fundadas. Tuten (2003) diz que os francos receberam *fueros* especiais e significavam importante parcela ou maioria da população da região de Pamplona e

Estella. A influência germânica também foi incrementada com reforma de Cluny fazendo com que muitos clérigos estrangeiros fossem para mosteiros da Península Ibérica. Por fim, Tuten (2003, p. 152) diz:

It's clear that the Toledo phase of repopulation led to a similar kind of demographic movement and mixing as found in early Burgos phase. However, in some areas it involved an even greater variety of groups – and thus language varieties – than those found in Burgos phase. In particular, the presence of *francos* must be stressed, for as a group they possessed tremendous prestige, and could therefore influence in prestige norms.

Por fim, a fase de Sevilha acontece quando a população cristã avança para o sul a partir do Século XIII e isola os árabes no reino de Granada até 1492, quando são expulsos pelos Reis Católicos. Na fase de Sevilha também há mistura dialetal devido à chegada de espanhóis de diversas procedências<sup>32</sup>.

A partir da exposição da formação sócio-histórica do espanhol na Idade Média feita por Tuten (2003), pode-se pensar que o espanhol nunca foi uma variedade lingüística homogênea, mas esteve determinada, em todo o tempo, pelo contato de variedades lingüísticas dentro do próprio romance hispânico e variedade de línguas (o contato com o basco, com línguas germânicas, com línguas árabes, com o hebraico etc). Embora a população de Castela tenha sido maioria em boa parte dos momentos de expansão e repopulação, esta variedade lingüística parece já haver passado por um processo de *koinização* desde a formação de Castela tendo em vista que a região foi um ponto de confluência de povos variados<sup>33</sup>.

A seguir, apresentarei algumas evidências que parecem indicar que o contato de línguas, em especial com as línguas germânicas e com as línguas árabes, foi determinante na caracterização do espanhol antigo (e das línguas românicas em geral no caso do contato com os povos

---

<sup>32</sup> Tuten (2003) assinala que a mesma discussão sobre as bases do espanhol do espanhol americano (ver também GARRIDO DOMÍNGUEZ, 1992) foi feita sobre o espanhol de Sevilha considerando que fatos semelhantes aconteceram tanto em Sevilha como na América.

<sup>33</sup> Um ponto bastante importante ressaltado por Tuten (2003) (e acredito que bastante de acordo com uma visão mentalista e paramétrica) é o fato de que uma língua só se caracteriza como *koiné* enquanto não tem falantes nativos. Ou seja, uma língua só pode ser considerada uma *koiné* enquanto é o resultado da neutralização de diferenças dialetais por parte de uma população adulta. A partir do momento em que começam a nascer gerações que adquirem essa língua comum, já não se trata mais de *koiné*, mas sim de uma outra variedade lingüística. Penso que a discussão sobre o processo de transmissão lingüística irregular dentro do quadro gerativo é conduzida mais ou menos desta maneira. Uma geração adulta, devido ao contato de línguas, não aprende os traços da língua em contato corretamente. A geração seguinte não terá aprendido incorretamente; pelo contrário, terá aprendido corretamente, em consistência com o *input* ao qual foi exposta.

germânicos) e que as influências deixadas pelos germânicos e os árabes vão além de meras marcas lexicais e alguns poucos empréstimos fonológicos, deixando marcas bem características na sintaxe. É evidente, porém, que, embora algumas dessas marcas ainda estejam presentes no espanhol atual, chegaram até aqui através da evolução histórica pela qual o espanhol passou, permanecendo na língua através do tempo.

#### 4.3.3. Sobre as invasões germânicas e a formação da língua espanhola

Nesta seção, me deterei ao que alguns estudos dizem sobre a influência dos povos germânicos na formação da língua espanhola.

Com relação aos aspectos lingüísticos, Lapesa (1981) comenta que, desde muito cedo, também houve intercâmbio de palavras entre os germânicos e os romanos, sendo que muitas palavras foram já incorporadas no latim falado. São encontradas as seguintes passagens referentes à influência dos germânicos, em especial dos visigodos, na formação da língua espanhola<sup>34</sup>:

La influencia lingüística de los visigodos en los romances hispánicos no fue muy grande. Romanizados pronto, abandonaron el uso de su lengua, que en el siglo VII se hallaba en plena descomposición. No hubo en España un período bilingüe tan largo como en Francia. El elemento visigodo parece no haber influido en la fonética española: las palabras góticas adaptaron sus sonidos a los más próximos del latín vulgar o del romance primitivo y por lo cual sufrieron los mismos cambios que las hispano-latinas.

(LAPESA, 1981, p. 118-119)

La importancia de las invasiones germánicas para la historia lingüística peninsular no consiste en los escasos elementos góticos o suevos que han subsistido en los romances hispánicos. El hecho trascendental fue que a raíz de las invasiones sobrevino una grave depresión de la cultura y se dificultaron extraordinariamente las comunicaciones con el resto de la Romania. El latín vulgar quedó abandonado a sus propias tendencias [...] el período visigótico es el menos conocido en cuanto se refiere a los fenómenos del lenguaje.

(LAPESA, 1981, p. 123)

Por outro lado, Cano Aguilar (1997) faz o seguinte comentário:

La invasión de los pueblos llamados *bárbaros* por los romanos tuvieron consecuencias decisivas para la historia política, cultural y lingüística de la Europa occidental. Con ellos

---

<sup>34</sup> Da página 112 à 116, Lapesa (1981) mostra uma lista de palavras, de diversos campos lexicais, de origem germânica, que foram incorporadas pelo latim falado. Fica claro, mais uma vez, o grande destaque dado ao léxico.

terminó el Imperio Romano y se pusieron las bases de una nueva organización, feudal y nacional, que ocupó toda la Edad Media y originó con el tiempo las nuevas realidades nacionales. Su actuación lingüística fue doble: en primer lugar, originaron nuevas situaciones de bilingüismo, provocando, en mayor o menor grado, interferencias con el habla latina (o románica ya) de las zonas del Imperio que fueron ocupando; en ese aspecto, su influencia fue sobre todo en el léxico, aunque también transmitieron algún elemento gramatical y determinadas características fónicas, todo lo cual contribuyó al proceso de escisión lingüística que hemos visto antes.

(CANO AGUILAR, 1997, p. 39)

Neste fragmento, Cano Aguilar (1997) já traz para a discussão alguns indícios do que comentei no parágrafo anterior: as situações de bilingüismo e conseqüentemente de transmissão lingüística irregular podem ter contribuído para a mudança e a cisão lingüísticas do Império (já que a cisão política se deu bastante tempo antes). Ou seja: o contato de línguas aparece, embora muito timidamente, como tendo um papel importante na evolução<sup>35</sup> do latim para as línguas românicas. No entanto, o autor termina o parágrafo reiterando as palavras de Lapesa (1981), que transcrevi acima, sobre a deriva: o isolamento político ocasionou um isolamento lingüístico e permitiu que tendências latinas antigas pudessem se desenvolver livremente.

Pelos fragmentos acima, é possível depreender que as teorias sobre a história das línguas românicas tendem a atribuir toda a caracterização das línguas a um processo natural de deriva. O contato entre povos simplesmente fez com que a deriva se acelerasse a partir do isolamento da região (no caso, a Hispania) com o resto do mundo latino. O papel da aquisição do latim como língua segunda por parte dos germânicos que invadiram o império e a transformação desse *pidgin* em uma língua crioula por parte dos seus descendentes (transmissão lingüística irregular), não tem papel algum nessas teorias<sup>36-37</sup>. Além disso, o fato de que esses povos germânicos já tenham se

---

<sup>35</sup> O termo *evolução* pode ser entendido de diversas maneiras. Na lingüística moderna, já se sabe que as línguas não passam de um estado pior para um estado melhor. Desta forma, o termo *evolução* pode ser entendido, como propõe Coseriu (1979), como uma mera mudança de estados, sem atribuição de valores.

<sup>36</sup> O conceito de *transmissão lingüística irregular* e o papel da aquisição da linguagem, entre outros aspectos, não estavam presentes nessas teorias porque, naquele momento, esta discussão não havia sido desenvolvida ainda. Por isso, reitero que uma revisão das premissas postuladas por essas teorias deve ser feita com base nas teorias lingüísticas de que se dispõe na atualidade. Este trabalho tem a intenção não de desmerecer as teorias do final do século XIX e do começo do século XX, mas de que se retomem estas teorias, que foram feitas com o rigor científico da época (embora alguns trabalhos mostrem que algumas delas foram elaboradas com certo tom apaixonado e político), e que sejam revisadas, validadas ou refutadas a partir das teorias contemporâneas.

<sup>37</sup> Tampouco se considera, efetivamente, o papel da aquisição do latim pelas populações nativas. Fala-se em *substrato*, *adstrato* e *superstrato* como marcas sutis e pontuais deixadas nas línguas. Contudo, a dinâmica do contato não é tratada.

romanizado muito cedo não significa que houve um completo abandono das suas línguas ou que este abandono não tenha deixado marcas no latim<sup>38</sup>.

Kremer (1982) faz uma discussão do estado da questão e aponta para a falta de trabalhos que esclareçam adequadamente a questão da relação entre hispânicos e germânicos e comenta que, desde o começo do Século XX, se vinha repetindo de maneira mais ou menos estereotipada algumas opiniões como as de Catalán (1974):

Las lenguas germánicas no tuvieron en Hispania gran vitalidad. Los invasores germanos que dominaron la Península, sobre ser pocos en número, se hallaban ya muy romanizados o se romanizaron prontamente. Sólo el léxico, la antroponimia y la toponimia de la Iberorromania denotan el contacto lingüístico entre la lengua latina de Hispania (más o menos romanizada) y las lenguas germánicas. Los “germanismos” penetrados en el léxico de las lenguas hispano-románicas en buena parte no son propiamente “germanismos”, pues llegaron a Hispania desde el latín o a través de los romances transpirenaicos. La escasa importancia que, relativamente, tiene la aportación léxica de los pueblos germánicos instalados en Hispania, contrasta con la profunda huella toponímica que han dejado en el Norte, especialmente en el Noroeste de la Península. La explicación se halla en la antroponimia medieval y en la política repobladora: los topónimos germánicos son nombres de propietarios. La cuestión más interesante es, por tanto, el estudio de la germanización de la onomástica hispana, como resultado de la integración de los hispano-romanos en la “Gotorum gens et patria”, y la perduración y florecimiento, durante los siglos X-XI, de la antroponimia gótica en el reino, ideológicamente “neo-gótico”, astur-leonés.

(CATALÁN, 1974, p. 182 apud KREMER, 1982, p. 139)

Kremer (1982) faz uma exposição de questões lingüísticas que a relação entre germânicos e hispânicos desencadeou, enfatizando principalmente os níveis lexicais e fônicos (embora entre também em questões demográficas e de sócio-história) e diz que a questão poderá ser elucidada de forma mais satisfatória se houver uma maior integração entre romanística e germanística e conclui: “Me cabe tan solo la esperanza de haber sabido demostrar cuán rica en problemas y pendiente de explicación, sobre todo en el campo de la lengua, sigue siendo la “Hispania Germánica” (KREMER, 1982, p. 149).

O contingente populacional germânico neste momento era pequeno. Kremer (1982) diz que variava entre 1 e mais 30 para cada 100 hispano-romano. Contudo, Fontanella de Weinberg (1993) discutindo as relações de influência lingüística no espanhol americano diz que o que importa para

---

<sup>38</sup> Este fato evidencia mais uma vez o esquecimento ou desprezo da complexidade do processo de romanização. Parece que o latim foi absorvido naturalmente pelos povos com os quais esteve em contato e não foi alterado em decorrência desse contato.

que uma determina população influencie em outra não é somente o seu peso demográfico, mas o seu prestígio social. Neste sentido, os germânicos pareciam exercer alguma influência. Ademais, se esquece do que apontou Tuten (2003) de que, no Século XI, na fase de Toledo, muitos francos vieram para a Península e ocuparam postos de destaque, o que pode ter deixado marcas na língua espanhola em outro momento, através de um contato direto, reforçando o que havia acontecido via latim.

Com relação aos níveis de análise nos quais houve influência germânica, Cano Aguilar (1997) comenta que, embora as influências diretas sobre o espanhol fossem escassas, a maioria delas foi no nível lexical, mas que também houve influências em outros níveis de análise (contudo, em nenhum momento, se comentam essas influências em outros níveis de análise).

#### 4.3.4. O espanhol antigo e o efeito V2

Vários trabalhos dentro quadro gerativo têm mostrado que as línguas românicas antigas apresentavam uma gramática V2: Ribeiro (1995) para o português, Fontana (1993) para o espanhol, Adams (1987a) para o francês, Benicà (1995) para os dialetos italianos. Salvi (2004), Benicà (2006), Mesching (2009) ainda mostram que havia variação lingüística nessa fase das línguas românicas entre uma gramática V2 e uma gramática não V2. Como discuti no Capítulo 01, *línguas V2* têm sido uma etiqueta utilizada para classificar aquelas línguas nas quais o verbo finito aparece na segunda posição na oração e é precedido exclusivamente por um único constituinte seja qual for a sua função sintática. No Capítulo 03, considerando os dados do espanhol antigo, que apresentam bastante ordem V1, trouxe a proposta de Fontana (1993) de que as línguas V2 não devem ser entendidas rigorosamente como verbo em segunda posição linear, mas sim deve haver uma relativização da ordem linear e, segundo Benicà (2006), línguas V2 devem ser entendidas como línguas de movimento do verbo para CP.

Considerando a sócio-história do latim e das línguas românicas, ou seja, pondo em destaque as invasões germânicas no Império Romano, gostaria de levantar a hipótese de que o efeito V2 e os aspectos relacionados com o movimento do verbo para CP que são encontrados nas línguas românicas antigas são uma influência germânica<sup>39</sup> no latim/romance decorrente do processo de

---

<sup>39</sup> Mathieu (2007, 2009) estuda o francês antigo e mostra que muitas das propriedades encontradas no islandês atual são encontradas no francês antigo, tais como construções transitivas expletivas, *object shift*, inversão estilística, além do efeito V2. Embora essas propriedades sejam relevantes para a questão, acredito que uma comparação com as línguas

transmissão lingüística irregular devido a um processo de aprendizagem imperfeita durante o contato entre os povos germânicos e românicos na Idade Média. E, no caso do espanhol, a variação gramatical pode ter sido reforçada com a chegada dos francos durante o Século XI conforme discutido em Tuten (2003). Ou seja, os povos germânicos chegaram já em maior ou menor grau romanizados na Península Ibérica e falavam um latim, que era a língua lexificadora, com uma sintaxe germânica. Como os povos germânicos se tornam a classe social de prestígio, é essa língua que vai servir de modelo lingüístico para o restante da população.

Como discuti nos capítulos anteriores, o espanhol antigo apresentava uma gramática V2 simétrica, ou seja, uma língua V2, que exhibe o efeito V2 tanto em orações principais como em orações subordinadas, o que fica evidenciado a partir dos exemplos em (11) a (14) a seguir:

- (11) a. armas odiosas tomaste, matando a tu madre Clitemestra  
 b. como agora fezieron el maestre don Pero Núñez  
 c. aquí comienza el libro de la flor de las historias de oriente
- (12) a. E esta carta otorga la abatissima Sancha Garciez, e la priora doña María Fortúnez e tod el convento.  
 b. si corazon has.
- (13) a. y así comienzo el espiritu por las medulas descender:  
 b. a dios debe hombre adelantar y poner primeramientre. en todos los buenos hechos que quisiere comenzar.  
 c. que no puede mi paciencia tolerar que haya subido en corazón humano conmigo en el ilícito amor comunicar su deleite.
- (14) a. si el deudor otros bienes tuviese  
 b. porque este cuerpo muchas lágrimas ha dejado a sus parientes: y amargos dolores.

Os exemplos em (11) ilustram a ordem V2 em oração matriz e oração subordinada; os exemplos em (12) ilustram a ordem O-V sem retomada clítica em oração matriz e oração subordinada; os dados em (13) ilustram a ordem Aux-S-V; os dados em (14) ilustram construções de *object shif*. O conjunto de dados em (11) a (14) oferecem evidências de que o verbo, no espanhol antigo, se movia para CP.

---

germânicas antigas traga resultados mais fidedignos para o debate porque, como Santorini (1989, 1995) mostra, o iídiche apresenta uma mudança gramatical na sua história, passando de uma língua V2 assimétrica para uma língua V2 simétrica.

Com relação à ordem O-V, que é um ponto que pode ser contrastado informativamente facilmente com o espanhol atual e comparado com as línguas germânicas antigas, mostrei que, diferentemente do espanhol atual — que só exhibe a ordem O-V em dois contextos sendo que em apenas um deles, ou seja, na *focalização*, o objeto não pode ser retomado pelo clítico (na *tematização* a retomada pelo clítico é obrigatória)—, o espanhol antigo exibia a ordem O-V sem clítico, em qualquer contexto informativo, seja neutro, seja de *tematização* ou de *focalização* (como os contextos de *focalização* não oferecem evidências para o ponto em discussão já que não permitem a presença do clítico também na variedade atual, não são trazidos para o debate). Vejam-se, por exemplo, os fragmentos em (15) e (16) a seguir:

- (15) Conosçuda cosa sea a quantos esta carta vieren commo nos don Per Alfonso, por la gracia de Dios abbat de Trianos, e nos, el conuento dese mismo logar, ffazemos camio conuusco, Nunno Perez, fiio de don Pero Perez de Ssant Ffagunt, e con Leonor Fferrandez, uostra muger. Nos, abbat e conuento sobredichos **damos** a uos, Nunno Perez e Leonor Ferrandez, uostra muger, la nostra vina que yaz enas Vegas, çerca Villazan, que a por linderos: de primera parte e de seguda parte uos, Nunno Perez e Leonor Ferrandez, de terçera Sancha Martinez, de quarta parte la rreguera que uien de las Fontanielas.

Et esta vina asi commo es determinada, vos **damos** por heradat e por iuro de heradat con todas sus pertençias, asi commo la nos auemos con todos quantos derechos nos e nostro monesterio y auemos e deuemos auer en esta vina sobredicha.

Et esta vina uos **damos** en cambio por tres terras e vn vinnal.

O fragmento em (15) representa um trecho de uma carta de doação de uma vinha. Quando o sintagma nominal referente à vinha “la nostra vina” aparece a primeira vez, acontece a ordem V-O. No segundo período, “esta vina” é o tópico/tema da oração e aparece na ordem O-V sem a retomada clítica. O mesmo acontece no terceiro período. Como fica claro pelo fragmento, “esta vina” não pode ser considerada um foco tendo em vista que não há contraste com nenhuma outra propriedade que esteja sendo dada. Mais uma vez, o segundo e o terceiro fragmentos, no espanhol atual, só seriam possíveis se houvesse a retomada pelo clítico.



- (16) El qual ese dia con los discipulos a la ribera andaba y **vio el hataud** que estava lanzado de las ondas y dijo a sus siervos **tomad este hataud** con toda diligencia y trahed lo a la villa el qual como hiciesen el medico abrio y vio dentro una doncella apostada y ornada de ornamentos reales muy hermosa yaciente casi muerta y espantado dice o buena doncella porque sois as' desamparada: y vio de bajo de su cabeza puesta copia de oro: y debaxo de la pecunia una carta escrita: y dice sepamos que contiene la carta. la qual como abriese fallo un titulo escrito.

cualquier que **este hataud hallare** pido que haya los diez marcos de oro: y los otros diez de para la sepultura.

No fragmento em (16), “este hataud” aparece com a ordem V-O durante a narração. Contudo, na transcrição da mensagem da carta, se observa a ordem O-V. É difícil imaginar que “este hataud”, neste contexto, possa ser interpretado como um elemento tematizado, mesmo que seja um tópico pendente. Pelo que se observa do fragmento, o tópico pendente é toda a oração relativa livre “cualquier que este hataud hallare”. “este hataud”, dentro deste contexto pode ser entendido como um elemento neutro, já que não representa a informação nova com relação ao que deve ser achado, nem representa a informação dada/conhecida, porque não aparece anteriormente no contexto da mensagem da carta nem é sobre o que se fala. No espanhol atual, o objeto direto do verbo, neste contexto, aparece obrigatoriamente na ordem V-O.

Na seção a seguir, discuto como a ordem O-V generalizada, ou seja, independente do contexto informativo, do espanhol antigo pode ter sido uma influência germânica devido a um processo de transmissão lingüística irregular.

#### 4.3.5. O efeito V2 nas línguas germânicas antigas

Como também discuti no primeiro capítulo, Kaiser (1999, 2006), Rinke (2009) e Cruschina e Sitaridou (2009)<sup>40</sup> se posicionam contra a análise que diversos autores têm feito para classificar as línguas românicas antigas como línguas V2 com o argumento de que o que se chama de efeito V2, nas línguas românicas antigas, é bem diferente do que se entende por efeito V2 nas línguas germânicas atuais. Cruschina e Sitaridou (2009) argumentam que a ordem linear V2 das línguas

<sup>40</sup> Ver também as referências citadas pelos autores.

românicas antigas não era um requerimento estrutural (formal) da gramática mas decorrente de uma relação para satisfação de critérios, no sentido de Rizzi (1991, 1997), por razões informativas<sup>41</sup>.

No entanto, se forem considerados estudos como os de Axel (2007) e Hinterhölzl e Petrova (2010), se pode notar que as próprias línguas germânicas, em fases mais antigas, não se comportavam como as línguas germânicas atuais<sup>42</sup>. Os autores mostram que as línguas germânicas antigas eram muito mais frouxas com relação ao efeito V2 do que o são na atualidade.

Hinterhölzl e Petrova (2010) associam as possíveis ordenações à estrutura informativa do discurso e mostram que o Old High German, fase mais antiga da língua alemã, era uma língua do tipo V1 e que o efeito V2 somente aparecia quando havia um tipo especial de *tematização*, o *aboutness topic*, que é um referente já conhecido no discurso prévio sobre o qual é acrescentada alguma informação<sup>43</sup>. Ou seja, a posição do verbo era como uma divisória entre o referente do discurso e o restante da oração. Por outro lado, os autores mostram que o inglês e o saxão antigos tinham um comportamento levemente diferente do alemão antigo: nessas línguas a posição do verbo servia para separar todas as informações conhecidas (não só o *aboutness topic*) do resto da oração. Assim o efeito V2 aparecia superficialmente por acidente no caso de haver apenas um constituinte conhecido no discurso. Fica claro, portanto, que, nas línguas germânicas antigas, a posição do verbo servia para fazer uma divisão da estrutura do discurso e que as línguas germânicas atuais (exceto o inglês, que perdeu o efeito V2 ao longo de sua história) generalizaram o uso da primeira posição independentemente de fatores discursivos.

Axel (2006) comenta que o Old High German é a fase mais antiga do alemão a que se tem registro e consiste de um punhado de textos escritos entre os Séculos VIII e XI. Contudo, se os textos escritos apareceram na segunda metade do Século VIII, pode-se prever que, na língua falada, tais características já estivessem presentes há algum tempo antes e também poderiam ser encontradas nas outras línguas germânicas que invadiram o Império Romano poucos séculos antes.

---

<sup>41</sup> A discussão da periferia esquerda das línguas românicas proposta em Benincà (2006) vai neste sentido: o verbo ocupa a posição de núcleo equivalente à posição de especificador na qual o XP em primeira posição se encontra. Um dos argumentos de Cruschina e Sitaridou (2009) para esta análise é o fato de as línguas românicas antigas permitirem muita construção V1. Como já discutido no Capítulo 03, este fato não descaracteriza as línguas românicas antigas como línguas que exibem movimento do verbo para CP. Além disso, na análise de Cruschina e Sitaridou (2009), se perde o fato de ser possível a ordem O-V em contextos neutros.

<sup>42</sup> Ou seja, toda contra-argumentação de Kaiser (1999), Rinki (2009) e Cruschina e Sitaridou (2009) à análise de Ribeiro (1995) de que o português antigo era uma língua V2, está baseada em comparação com as línguas germânicas atuais, que, de fato, se comportam de forma diferente das línguas germânicas antigas.

<sup>43</sup> Há também casos de ordem V3, embora sejam raros segundo Hinterhölzl e Petrova (2010).

É evidente, no entanto, que seria necessário ter acesso a textos mais antigos. De qualquer forma, fica pendente de explicação como as línguas românicas exibiram em conjunto, nas suas fases antigas, ordenações que mostravam claramente um movimento mais alto do verbo: o português e o espanhol apresentavam bastante ordem V1 e ordem V2 (e pelo que parece, o francês antigo apresentava um efeito V2 bastante mais rígido) sendo que o latim não era uma língua nem V1 nem V2<sup>44</sup>.

Em síntese: as línguas germânicas antigas tinham o padrão V1 e exibiam a ordem V2 quando havia uma divisão entre o tópico e o resto da oração. Os dados do espanhol aos quais se tem acesso, entre os Séculos XII e XIV, mostram que (a) a língua tinha um padrão V1 em orações subordinadas (mais de 50% dos dados de orações subordinadas) e (b) o efeito V2 era bastante produtivo em orações matrizes (numa média de 50% dos dados). Esta diferença entre orações matrizes e orações subordinadas pode ser explicada da seguinte maneira: as orações matrizes são as responsáveis pela introdução de novos tópicos no discurso, enquanto que as orações subordinadas acrescentam informações sobre esses tópicos já introduzidos (veja-se por exemplo o caso das orações relativas que dificilmente vão permitir uma *tematização* interna já que o próprio elemento relativizado é quem representa o tema discursivo). O processo de transmissão linguística irregular pode explicar por que, mesmo em contextos em que não havia um tema discursivo, como no fragmento em (16), se encontrava a ordem O-V. Pode-se conjecturar, neste sentido, que, num primeiro momento, os povos germânicos fronteavam constituintes como nas línguas germânicas antigas (ver HINTERHÖLZL e PETROVA, 2010) e os falantes latinos que já habitavam a Espanha não fronteavam constituintes como os germânicos; num segundo momento, como a geração posterior não aprendeu corretamente (entenda-se de acordo com a geração germânica anterior) como frontear constituintes, estendiam o *fronteamento* para contextos nos quais a geração anterior não fronteava constituintes.

É interessante observar que esta generalização da primeira posição no espanhol antigo difere da generalização das línguas germânicas atuais: Hinterhölzl e Petrova (2010) mostram que, no caso de orações neutras, que funcionam como resposta à pergunta “O que aconteceu?”, o

---

<sup>44</sup> A questão permanece aberta independentemente de se assumir o latim tardio como uma língua S-O-V- ou língua S-V-O (ou qualquer que seja a ordem). Como se sabe, com a perda da morfologia casual, as palavras precisaram ter suas relações estabelecidas a partir da ordem, causando um enrijecimento na mesma. Lapesa (1981) também aponta que a total flexibilidade na ordem de palavras, fazendo com que elementos modificadores estivessem separados, inclusive, dos núcleos que modificavam era uma característica do latim clássico, explorada na escrita; a língua falada, por outro lado, não dispunha de tal recurso.

alemão não permite a ordem O-V-S; a ordem S-V-O é obrigatória<sup>45</sup>. O espanhol antigo, como mostrei em (16) acima, por outro lado, já exibia a ordem O-V nesses contextos<sup>46</sup>. Este fato também parece ilustrar um processo de transmissão lingüística irregular no sentido de que, nas línguas germânicas antigas, a posição pré-verbal era destinada a um uso discursivo específico; os falantes do espanhol antigo não aprenderam essas regras e ora não moviam nenhum constituinte para a primeira posição e ora colocavam constituintes sem nenhum valor discursivo marcado na primeira posição da oração<sup>47</sup>.

Para finalizar, como argumentado na seção 4.3.3., não é difícil de aceitar a idéia de que o espanhol antigo recebeu influências germânicas tanto via latim, tendo em vista que desde que os vândalos chegaram, no Século IV até a chegada dos árabes em 711, a Península Ibérica se tornou uma região povoada por germânicos, principalmente com a chegada dos visigodos e a constituição do seu reino hispano-godo. Além disso, durante a Reconquista, uma grande quantidade de francos migrou para a Península Ibérica ocupando posições de destaque e prestígio, o que pode ter reforçado a manifestação do efeito V2 nas línguas da região.

#### 4.3.6. Sobre as invasões árabes

Com relação às invasões árabes, há consenso de que desempenharam um papel importantíssimo na configuração lingüística da Península Ibérica. Walter (1997), inclusive, mostra que o espanhol foi a língua românica mais influenciada pelos árabes<sup>48</sup>. Contudo, se reitera, em várias obras, a mesma posição que é tomada no caso das influências germânicas. Vejam-se, por exemplo, os fragmentos a seguir de Cano Aguilar (1997):

Algo muy parecido ocurrió en la lengua. Si la invasión no se hubiera producido, es probable que los centros prestigiosos hubieran seguido siendo los mismos que venían siéndolo desde la época romana [...] Los dialectos románicos hubieran así perpetuado viejísimas divisorias, que las administraciones romana y eclesiástica habían conservado; los rasgos del latín hispano habría tenido herencia directa, como toda lengua que evoluciona *in situ*.

(CANO AGUILAR, 1997, p. 43)

<sup>45</sup> Conforme discutido nos capítulos anteriores, essa restrição é conhecida como *Minimal Link Condition*. Arteaga (1998) faz uma análise interessante neste sentido para o francês antigo.

<sup>46</sup> A pergunta que poderia ser feita em (17) não é “O que aconteceu?” mas “O que diz a carta?”, o que, de todos os modos, oferece os mesmos resultados.

<sup>47</sup> Compare-se este caso com o caso das preposições em inglês e francês ilustrado acima.

<sup>48</sup> Lapesa (1981) aponta que não é exagerado calcular o empréstimo de aproximadamente quatro mil palavras.

Sin embargo, al enfrentarse mundos lingüísticos de naturaleza tan diferente, el influjo sólo llegó a los aspectos más “externos”, en especial al léxico; las estructuras internas de las lenguas, en absoluto equiparables, siguieron sus respectivos procesos históricos con casi total independencia.

(CANO AGUILAR, 1997, p. 52)

A conclusão que se pode tirar dos fragmentos acima é que as invasões árabes apenas reorganizaram a sociedade hispana, alterando os centros de prestígio nos quais as mudanças lingüísticas aconteceram. E, por serem línguas estruturalmente bem diferentes, as influências não passaram do nível lexical. O segundo fragmento citado de Cano Aguilar (1997) parece bastante equivocado, principalmente quando se consideram os estudos sobre línguas crioulas derivadas do contato de uma língua européia com uma língua africana por exemplo. Lightfoot (1991) discute, no último capítulo, como a crioulização pode ser explicada dentro de um modelo de mudança lingüística que propõe que a aquisição da linguagem seja o lugar central da mudança e mostra que a história é muito mais comprida do que Cano Aguilar (1997) faz entender.

Na seção seguinte, tentarei mostrar, mesmo que preliminarmente, que as influências das línguas árabes (e do hebraico<sup>49</sup>) podem não se limitar aos aspectos lexicais, mas parecem ter deixado marcas na sintaxe do espanhol antigo.

#### 4.3.7. Influência árabe na sintaxe do espanhol

Lapesa (1981), ao tratar dos aspectos morfossintáticos da influência árabe, diz:

El orden de palabras normal en la frase árabe y hebrea sitúa en primer lugar el verbo, en segundo el sujeto y a continuación los complementos. Como en español y en portugués el verbo precede al sujeto con más frecuencia que en otras lenguas romances, se ha apuntado la probabilidad de influjo semítico. La hipótesis necesitaría comprobarse con un estudio riguroso del orden de palabras español en sus distintas épocas y niveles, parangonado con el de las demás lenguas románicas, el árabe y el hebreo. Tal estudio no existe aún; las comparaciones parciales que hasta ahora se han hecho no son suficientes.

(LAPESA, 1981, p. 151-152)

---

<sup>49</sup> Deter-me-ei nas invasões árabes, mas como apontam vários autores, entre eles Lapesa (1981) e Piñero Valverde (1997), este período da história do espanhol recebeu influências judias também.

Meyer-Hermann (1988), motivado pela afirmação de Lapesa (1981) acima, faz um estudo comparativo de textos espanhóis e franceses de diversos tipos e épocas a fim de esclarecer a questão<sup>50</sup>. O autor seleciona os seguintes tipos de textos:

I - Espanhol antigo:

- a) Dois textos produzidos sob domínio árabe
- b) Um texto produzido fora de domínio árabe

II – Espanhol atual:

- a) Um texto oral (em forma de transcrição)
- b) Um texto escrito

III – Francês antigo<sup>51</sup>

- a) Um texto escrito<sup>52</sup>

IV – Francês atual:

- a) Um texto oral (em forma de transcrição)
- b) Um texto escrito

A Tabela 9 a seguir mostra o resultado geral da posição do sujeito<sup>53</sup>:

**Tabela 9:** Resultado geral da posição do sujeito  
Meyer-Hermann (1988, p. 87)

	Texto	Sujeito anteposto %	Sujeito posposto %
Espanhol	I(a-1)	38,8	61,2
	I(a-2)	35,4	64,6
	I(b)	37,8	62,2
	II(a)	28,1	71,9
	II(b)	63,0	37,0
Francês	III(a)	75,6	24,4
	IV(a)	94,4	5,6
	IV(b)	88,6	11,4

A Tabela 9 mostra claramente que o espanhol antigo e o texto oral do espanhol atual preferem sujeitos pospostos enquanto o texto escrito do espanhol atual e os textos franceses em

<sup>50</sup> O autor diz que este é o primeiro de uma série de trabalhos nos quais ele se propôs discutir o assunto.

<sup>51</sup> O autor escolhe o francês por ser a língua românica que aparentemente mais se distancia do português e do espanhol com relação à posposição do sujeito.

<sup>52</sup> O texto selecionado é do mesmo gênero e da mesma época que os textos espanhóis analisados.

<sup>53</sup> Para simplificar, adapto o título dos textos expressos na tabela do autor pela classificação que listei acima.

todas as fases preferem sujeitos antepostos. Nota-se ainda um grande contraste entre os textos orais do espanhol e do francês: 71,9% de posposição no espanhol contra 5,6% de posposição no francês.

O autor acredita que esses resultados não são satisfatórios porque os sujeitos pronominais do francês não puderam estar sob influência árabe e refina os resultados considerando apenas sintagmas nominais<sup>54</sup>, obtendo o resultado expresso na Tabela 10:

**Tabela 10:** Resultado da posição do sujeito nominal  
Meyer-Hermann (1988, p. 87)

	Texto	Sujeito anteposto %	Sujeito posposto %
Espanhol	I(a-1)	71,0	29,0
	I(a-2)	60,9	39,1
	I(b)	69,0	31,0
	II(a)	58,5	41,5
	II(b)	83,8	16,2
Francês	III(a)	90,0	10,0
	IV(a)	88,0	12,0
	IV(b)	90,0	10,0

Os dados da Tabela 10, considerando apenas sujeitos nominais, mostram que em todos os momentos analisados, tanto no espanhol como no francês, a preferência era por sujeitos pré-verbais. Assim, Meyer-Hermann (1988) conclui que a ordem Verbo-Sujeito do espanhol atual não é decorrente de uma influência árabe. O autor endossa suas conclusões com o fato de que o francês antigo, ao contrário do atual, não apresentava restrições contextuais com relação à colocação do sujeito pós-verbal, comportando-se como o espanhol antigo.

Na minha opinião, os resultados do autor merecem algumas considerações e uma re-interpretação considerando os fatos de sócio-história que vim discutindo ao longo deste capítulo.

Primeiro, as línguas românicas antigas todas exibiam algum tipo de efeito V2, o que desencadeava a ordem V-S quando o primeiro elemento antes do verbo era outro constituinte qualquer diferente do sujeito. O francês, conseqüentemente, não apresentava restrições com

<sup>54</sup> De fato, parece haver uma diferença substancial no comportamento de pronomes e sintagmas nominais com relação às possibilidades de ordenação conforme vem apontando a literatura gerativista. Como também discuti nos capítulos anteriores, o espanhol atual permite a ordem Aux-S-V com sujeitos pronominais porém bane esta ordem com sujeitos nominais. Ver Rizzi (1991), Lemieux e Dupuis (1995), Cardinaletti (2004), Belletti (2004), Ordóñez (2005) entre outros.

relação à posição do sujeito pós-verbal devido à propriedade V2 existente naquele período (ver ADAMS, 1987a, 1987b; ARTEAGA, 1998 entre outros).

Em segundo lugar, chama atenção a diferente proporção entre a ordem V-S no francês e no espanhol antigos. Diversos trabalhos sobre o francês antigo (ARTEAGA, 1998; VANCE, DONALDSON, STEINER, 2009) mostram que (a) já havia opcionalidade na manifestação do efeito V2 e (b) as orações subordinadas fronteadas já não desencadeavam inversão V-S, oposto do que ocorre nas línguas germânicas atuais. Tais fatos podem indicar que a perda da inversão V-S no francês antigo pode ter sido iniciada juntamente com a perda de V2<sup>55</sup>. Efetivamente é isto que acontece no francês antigo segundo o debate que propôs Kroch (1989): quando o verbo deixa de se mover para CP, várias propriedades da língua são alteradas, entre elas a inversão V-S.

O terceiro comentário se refere às características da inversão V-S no espanhol antigo. Hornstein, Nunes e Grohmann (2005) mostram que no árabe padrão, por exemplo, quando se tem a ordem S-V, a concordância do sujeito com o verbo é obrigatória; por outro lado, quando se tem a ordem V-S, a concordância não acontece:

- (17) Standard Arabic<sup>56</sup>  
 a. ?al-?awlaad-u naamu.  
    the-children-NOM slept-3.PL.MASC  
    as crianças dormiram  
 b. Naama l-?awlaad-u.  
    slept-3.SG.MASC the-children-NOM  
    dormiu as crianças

(HORNSTEIN, NUNES e GROHMANN, 2005, p. 125)

Embora não tenha discutido esse aspecto no capítulo anterior, em Pinto (2010b) mostrei que, no espanhol antigo, quando o sujeito está posposto ao verbo, tanto há casos sem concordância entre o sujeito e o verbo, como ilustrado em (18) como há casos com concordância como ilustrado em (19)

<sup>55</sup> Além disso, o fato de que a ordem S-V seja mais produtiva do que a ordem V-S não é algo incompatível com a restrição V2. Como já comentei várias vezes, a *Minimal Link Condition* faz com que o sujeito seja o principal candidato a satisfazer a restrição V2. Um bom exemplo de língua V2 com alta porcentagem de sujeito em primeira posição é o africâner (cf. BIBERAUER, 2002a).

<sup>56</sup> As glosas em inglês são dos autores.



- (18) a. E esta carta **otorga** la abatíssima Sancha Garcíez, e la priora doña María Fortúnez e tod el convento.
- b. E esto **touo** el enperador & los otros por grant marauilla por quel leon non los comjo todos:
- c. la mesa para en que **comjese** ella y la enperatriz.
- d. & **pague** en cada anno a nos el dicho abad & prior & conuento diez maravedís por la dicha fiesta de Santo Martino para el dicho enauersario.
- (19) a. & **deuen yr** de cada casa sendos omes pora fer la fuessa.
- b. como agora **fezieron** el maestre don Pero Núñez, a qui nos fiziemos tantas merçedes e bienes que los no podríamos poner en carta, e los freyres desta orden que se acordaron con él alcándosenos con la nuestra tierra

A falta de concordância nos exemplos em (18) não pode ser atribuída a uma falha do copista ou do editor tendo em vista o contraste entre os exemplos (18b) e (19b): o exemplo (19b) mostra que a morfologia da terceira pessoa do plural do *pretérito indefinido* era bem saliente para que fosse esquecida pelo copista ou pelo editor. Como também comentei em Pinto (2010b), nada garante que as línguas árabes que chegaram à Península Ibérica no Século VIII se comportassem como as línguas atuais, como ilustrado em (17). Se hoje esse comportamento é encontrado no árabe, fica pendente de investigação se, em épocas remotas, a concordância entre sujeito e verbo se manifestava da mesma forma. Mas, por outro lado, nada garante que não seja assim.

A partir da discussão acima, minha hipótese é que o que pode ser atribuído à influência árabe é a PERMANÊNCIA (e não a existência) da ordem V-S no espanhol atual já que (a) as línguas românicas antigas todas exibiam uma configuração V2 e (b) o português e o espanhol atual, línguas de regiões que receberam influência árabe, apresentam muito menos restrições com relação aos sujeitos pós-verbais que o catalão, o francês e o italiano, línguas de regiões que não estiveram sob influência árabe<sup>57</sup>. A influência de uma língua A sobre uma língua B não se restringe ao fato de fazer com que um determinado fenômeno da língua A apareça na língua B. Mas, por outro lado, pode ser no sentido de manter na língua B (ou eliminar dela) um determinado fenômeno já existente nessa língua. Logo, é possível pensar na atribuição de uma influência árabe na MANUTENÇÃO da ordem V-S no espanhol atual<sup>58</sup>.

<sup>57</sup> Para um estudo comparativo da ordem de palavras em línguas românicas atuais ver Ordóñez (1997, 1999),

<sup>58</sup> Ou seja, o francês tem uma queda considerável na ordem V-S quando perde o efeito V2. O espanhol, pelo contrário, não dispara nenhuma queda na ordem V-S quando perde o efeito V2 no Século XVI. Esse contraste pode ser explicado através do contato de línguas, no caso do espanhol, que fez com que, mesmo sem movimento do verbo para CP, a ordem V-S continuasse irrestrita e bastante produtiva.

#### 4.3.8. Conclusão

Nesta seção 4.3., discuti a formação da língua espanhola e o papel que os contatos de língua desempenharam na caracterização do espanhol antigo e no desenvolvimento do espanhol e argumentei que, diferentemente do que vem sendo proposto pela tradição em Lingüística Românica, os povos germânicos e árabes podem ter deixado marcas na sintaxe do espanhol.

No caso do contato de línguas com os povos germânicos, as línguas germânicas antigas eram línguas V1 e exibiam uma configuração V2 quando havia um elemento tematizado, que precedia o verbo. De alguma forma, as novas gerações, que aprendiam romance num ambiente latino-germânico, passaram por um processo de aprendizagem imperfeita tendo em vista que o espanhol antigo não fazia distinção da função informativa do elemento em primeira posição como ilustrado pelos fragmentos em (15) e (16) acima. Enquanto que, nas línguas germânicas antigas, somente tópicos ocupavam a primeira posição, no espanhol antigo, tópicos, focos e elementos neutros podiam ocupar a primeira posição da oração<sup>59</sup>.

Com relação ao caso do contato com as línguas árabes, a influência não parece ser explicada através de um processo de transmissão lingüística irregular/aprendizagem imperfeita. Os romances medievais, por uma possível influência germânica, eram línguas V2 e já dispunham da ordem V-S em suas gramáticas. Por volta do Século XVI, as línguas românicas perdem a propriedade V2, favorecendo a ordem S-V<sup>60</sup>. O árabe, ao permitir a ordem V-S em sua gramática, oferecia aos aprendizes, naquele contexto hispano-árabe, pistas robustas para a aquisição de

---

<sup>59</sup> Mesmo que em exemplos como (i)

(i) E tod aquel quj esta carta **quebrantar**, seia maldicto & descomungado

haja um elemento dêitico “esta”, o constituinte “esta carta” não pode ser interpretado como informação conhecida/velha, devendo ser interpretado como elemento neutro. Se o constituinte “esta carta” fosse, de fato, uma informação conhecida, um tópico, no espanhol atual, esta ordenação com a retomada clítica deveria ser gramatical. Contudo, como o julgamento de diversos falantes nativos mostra, uma oração como

(ii) \*Y quien/el que esta carta (la) quebrante sea maldito y descomulgado.

com a ordem O-V, é agramatical, sendo obrigatória a ordem V-O, sem a presença do clítico.

<sup>60</sup> Vale lembrar, mais uma vez, que, mesmo em línguas V2, a ordem mais produtiva é a ordem S-V. A ordem S-V tanto é possível em gramáticas V2 como em gramáticas não-V2. Se o aprendiz não tem mais evidências para identificar sua língua como V2, o mecanismo de segurança, de Roberts e Roussou (2003) vai fazer com que o aprendiz convirja numa gramática não-V2 por ser menos marcada que a gramática V2.

inversão<sup>61</sup>. A opcionalidade de concordância com sujeitos pospostos, como ilustrado em (18) e (19), por outro lado, pode ser um reflexo do processo de aprendizagem imperfeita já que, no árabe, (pelo menos na atualidade) a não concordância parece ser categórica neste contexto.

#### 4.4. A perda do efeito V2 na história do espanhol

Como discuti no capítulo anterior, as mudanças na ordem de palavras, especialmente na posição linear do verbo na oração, na história do espanhol, não é quantitativa, mas qualitativa. Isso implica que a posição linear do verbo na oração não foi alterada. O espanhol, nas duas fases, apresentava variação entre as ordens V1 e V2, com uma pequena porcentagem de ordem V>2, que, segundo interpretei, pode estar sendo obscurecida pelo fato de que ambas as fases são línguas de sujeito nulo. O que mudou, segundo mostrei no capítulo anterior, foi a posição que o verbo ocupa na estrutura oracional. Como já comentei repetidas vezes, o espanhol antigo apresentava variação gramatical entre uma gramática parecida com a atual e uma gramática V2. Logo, o movimento do verbo era diferente na gramática V2. Na gramática V2 do espanhol antigo, o verbo ocupava uma posição mais alta, ou seja, se movia até CP (mais especificamente, até o núcleo Fin<sup>o</sup>); no espanhol atual, o verbo ocupa uma posição intermediária, ou seja, se move até IP (mais especificamente, até Agr ou TP).

Nesta seção, portanto, discutirei minha hipótese sobre a eliminação da gramática V2 que desencadeava movimento do verbo para CP, que opcionalmente desencadeava o efeito V2, na história do espanhol. Em primeiro lugar, discutirei alguns aspectos que ficaram interrompidos no Capítulo 02, tais como a diminuição na ordem V-S e a mudança na posição dos clíticos. Em seguida, discutirei a perda do movimento do verbo e do efeito V2.

##### 4.4.1. Algumas questões sobre os sujeitos e os clíticos

Zubizarreta (1998) comenta que, embora a ordem V-S esteja em decréscimo no espanhol atual, ainda faz parte da intuição dos falantes. No capítulo anterior, mostrei que a porcentagem de ordem V-S no espanhol antigo era baixa, uma média de 25% dos dados de oração com sujeito

---

<sup>61</sup> Ou seja, os árabes aprendiam o romance já germanizado, que também exibia a ordem V-S devido ao efeito V2. E a influência das línguas árabes se dá sobre esse romance germanizado, fazendo a manutenção da ordem V-S.

realizado<sup>62</sup>. Sendo assim, a pergunta que se levanta sobre a diminuição da ordem V-S é se esse decréscimo da ordem V-S é um decréscimo em relação à ordem V-S do espanhol antigo, ou seja, se cada vez mais, a ordem V-S veio decrescendo, ou se é um decréscimo em relação a uma ordem V-S que surgiu no meio do caminho.

Os dados do espanhol do Século XX mostram que 26% das orações com sujeito exibe a ordem V-S, uma média bem semelhante à do espanhol antigo. Contudo, os dados do Século XIX mostram que a porcentagem de sujeitos pós-verbais é de 36%. Esses dados levam à hipótese de que, se a ordem V-S está em decréscimo no espanhol atual, esse decréscimo é em relação a uma ordem V-S do meio do caminho e não em relação à ordem V-S do espanhol antigo. A Tabela 11 abaixo mostra a porcentagem da posição do sujeito pré e pós-verbal na história do espanhol:

**Tabela 11:** a posição do sujeito na história do espanhol

	<b>Século XII</b>	<b>Século XIII</b>	<b>Século XIV</b>	<b>Século XV</b>	<b>Século XVI</b>	<b>Século XVII</b>	<b>Século XVIII</b>	<b>Século XIX</b>	<b>Século XX</b>
<b>S-V</b>	78,04	74,94	71,34	72,86	77,22	57,87	60,69	64,00	73,87
<b>V-S</b>	21,96	25,06	28,66	27,14	22,78	42,13	39,31	36,00	26,13

Os dados da Tabela 11 mostram que há um aumento da ordem V-S entre os Séculos XVII e XIII. Um refinamento desses dados no período esclarece ainda mais a questão:

**Tabela 12:** A posição do sujeito entre os Séculos XVII e XVIII

	<b>1601 1633</b>	<b>1634 1666</b>	<b>1667 1700</b>	<b>1701 1733</b>	<b>1734 1766</b>	<b>1767 1800</b>
<b>S-V</b>	68,73	48,13	53,44	64,79	70,34	58,31
<b>V-S</b>	31,27	51,87	46,56	35,21	29,66	41,69

A Tabela 12 mostra que, no segundo terço do Século XVII, a ordem V-S ultrapassa a proporção da ordem S-V. Já na terceira parte do Século XVII, a ordem V-S começa a decrescer com relação ao período anterior. A conclusão que se obtém desses dados é que houve alguma mudança na distribuição do sujeito entre os Séculos XVII e XVIII e que o decréscimo da ordem V-S do espanhol atual é um decréscimo em relação a algum momento intermediário e não ao espanhol

<sup>62</sup> Não foram considerados sujeitos oracionais, sujeitos de verbos inacusativos nem de orações com “se”.

antigo. No entanto, estes fatos podem ser interpretados não como uma mudança gramatical (na estrutura), mas sim uma alteração na freqüência dos dados, talvez por uma questão estilística.

Com relação aos clíticos, mostrei que a ênclise convivia com a próclise com verbos finitos (seja em formas simples ou em forma de locução) no espanhol antigo. No Século XX, por outro lado, já não existe mais ênclise com verbos finitos em suas formas simples (registrei um caso do começo do Século XX e os demais casos de ênclise são encontrados em formas de imperativo). O espanhol atual ainda possui subida de clíticos como ilustrado em (20) a seguir<sup>63</sup>:

- (20) a. Maria va a irse de la escuela.  
b. Maria se va a ir de la escuela.

Em (20a) se observa a ordem  $V_{[+fin]}-V_{[-fin]}-cl$ ; em (20b) se observa a ordem  $cl-V_{[+fin]}-V_{[-fin]}$ . Como a próclise ao verbo finito pode variar com a ênclise ao verbo não-finito nesses contextos, para um conhecimento mais detalhado da mudança na colocação pronominal, é necessário analisar somente as formas simples, que, na atualidade, exibem próclise categórica. O resultado é apresentado nas Tabelas 13 a 15 a seguir:

**Tabela 13:** A colocação pronominal na história do espanhol

	<b>próclise</b>	<b>ênclise</b>	<b>interpolação</b>
<b>Século XII</b>	60,30	39,70	
<b>Século XIII</b>	68,34	28,09	3,57
<b>Século XIV</b>	72,56	20,98	6,46
<b>Século XV</b>	78,56	17,64	3,80
<b>Século XVI</b>	81,09	18,58	0,33
<b>Século XVII</b>	87,48	12,52	
<b>Século XVIII</b>	90,88	9,12	
<b>Século XIX</b>	90,26	9,74	
<b>Século XX</b>	95,53	4,47	

<sup>63</sup> Para um estudo da subida de clíticos no espanhol atual, ver Gábor (2002).

**Tabela 14:** A colocação pronominal em orações matrizes na história do espanhol

	<b>próclise</b>	<b>ênclise</b>	<b>interpolação</b>
<b>Século XII</b>	41,41	58,59	
<b>Século XIII</b>	33,33	66,67	
<b>Século XIV</b>	45,45	54,55	
<b>Século XV</b>	58,51	41,49	
<b>Século XVI</b>	59,05	40,95	
<b>Século XVII</b>	67,62	32,38	
<b>Século XVIII</b>	78,90	21,10	
<b>Século XIX</b>	83,33	16,67	
<b>Século XX</b>	93,05	6,95	

**Tabela 15:** A colocação pronominal em orações subordinadas na história do espanhol

	<b>próclise</b>	<b>ênclise</b>	<b>interpolação</b>
<b>Século XII</b>	86,24	13,76	
<b>Século XIII</b>	87,36	7,08	5,56
<b>Século XIV</b>	85,84	4,44	9,72
<b>Século XV</b>	91,34	2,34	6,32
<b>Século XVI</b>	99,40		0,60
<b>Século XVII</b>	99,15	0,85	
<b>Século XVIII</b>	100		
<b>Século XIX</b>	100		
<b>Século XX</b>	100		

A Tabela 13 mostra resultados bem interessantes. Considerando apenas os dados de próclise, ênclise e interpolação, que são constituídos por apenas um verbo finito (ou tempo composto), se nota que a interpolação acontece mais ou menos com a mesma taxa somente no espanhol antigo, especificamente entre os Séculos XIII e XV, e praticamente desaparece no Século XVI. A próclise apresenta uma taxa crescente e a ênclise, por outro lado, uma taxa decrescente ao longo do tempo sendo que há uma estabilização nas taxas de próclise e ênclise nos Séculos XVIII e XIX.

Considerando apenas as orações matrizes, a Tabela 14 mostra uma oscilação na taxa de ênclise e próclise entre os Séculos XII e XIV e um aumento da próclise (e conseqüentemente diminuição da ênclise) a partir do Século XIV. Os dados do Século XX são interessantes, porque se esperaria próclise categórica neste momento. No entanto, como comentei no Capítulo 02, os dados de ênclise do Século XX equivalem a uma forma finita no início do século e a formas no imperativo

nos demais períodos. Se as formas não imperativas forem consideradas isoladamente, a próclise é categórica em orações matrizes no espanhol atual.

A Tabela 15 mostra a colocação pronominal em orações subordinadas. Há uma queda razoável da ênclise do Século XII para o Século XIII. Os dados dos Séculos XIII a XV apresentam uma queda da próclise devido à presença da interpolação. Pode-se dizer que, a partir do Século XVI, a próclise é categórica em orações subordinadas no espanhol.

Por último, a Tabela 16 a seguir apresenta a quantificação da colocação dos clíticos em orações matrizes com ordem V1 absoluta, ou seja, naqueles contextos em que nada (nem conectivos, nem negação) precede o verbo<sup>64</sup>:

**Tabela 16:** A colocação pronominal em orações matrizes com ordem V1 absoluta na história do espanhol

	próclise		ênclise	
	<i>ocorrências</i>	<i>porcentagem</i>	<i>ocorrências</i>	<i>porcentagem</i>
<b>Século XII</b>	0	0	7	100
<b>Século XIII</b>	0	0	0	0
<b>Século XIV</b>	0	0	2	100
<b>Século XV</b>	0	0	7	100
<b>Século XVI</b>	2	22,20	7	77,80
<b>Século XVII</b>	2	83,33	10	16,67
<b>Século XVIII</b>	6	54,54	5	45,46
<b>Século XIX</b>	10	62,50	6	37,50
<b>Século XX</b>	25	100	0	0

A Tabela 16 mostra que, nos casos de ordem V1 absoluta, não se registra casos de próclise até o Século XVI. A partir do Século XVII, há uma queda nos casos de ênclise, culminando na gramática do espanhol atual, que apresenta próclise categórica com verbos finitos simples.

A conclusão que se obtém das tabelas acima é que a mudança no sistema dos clíticos acontece justamente do Século XV para o Século XVI, conforme apontado em Fontana (1993).

Entretanto, como aponte na discussão sobre os clíticos no Capítulo 03, a colocação dos clíticos nos Séculos XVI e XVII mereceria uma atenção especial. Ao contrário dos dados de ênclise do Século XX, em especial da terceira parte deste século, que são essencialmente de verbos no imperativo, os dados de ênclise com verbos finitos nos Séculos XVI e XVII são bastante produtivos com verbos declarativos, nos tempos do modo indicativo em orações matrizes (nas orações

<sup>64</sup> Também foram excluídas as formas imperativas, que ainda obrigam a ênclise no espanhol atual.

subordinadas, a próclise já é categórica). Essa diferença entre a colocação dos clíticos dos Séculos XVI e XVII e a colocação dos clíticos do Século XXI pode esclarecer as diferenças de colocação de clítico no espanhol antigo considerando a variação gramatical do período. Deixo a questão de lado porque não está incluída diretamente no escopo deste trabalho.

A discussão desta seção sobre a posição do sujeito e a colocação dos clíticos na história do espanhol leva a consideração de que o espanhol teve alguns momentos de instabilidade. a) Com relação ao sujeito, há um incremento da ordem V-S durante o Século XVII; este incremento pode estar relacionado com questões estatísticas somente. b) Com relação aos clíticos, há uma mudança gramatical entre os Séculos XV e XVI e, posteriormente, há outra mudança que desencadeia o sistema de clíticos atual<sup>65</sup>.

#### 4.4.2. A mudança no movimento do verbo

Como argumentei ao longo do Capítulo 02, a diferença entre as duas fases do espanhol não é quantitativa mas sim qualitativa. Este fato fica evidenciado pelas Tabelas 17 a 19 a seguir:

**Tabela 17:** Distribuição geral da posição do verbo na história do espanhol

	Século XII	Século XIII	Século XIV	Século XV	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
<b>V1</b>	44,77	55,88	51,61	47,89	49,48	57,02	52,65	53,28	51,96
<b>V2</b>	42,18	40,04	42,06	43,68	41,76	37,26	42,93	42,93	41,48
<b>V&gt;2</b>	12,93	3,74	5,55	8,70	8,70	5,50	4,21	6,64	6,12

**Tabela 18:** Distribuição posição do verbo em orações matrizes na história do espanhol

	Século XII	Século XIII	Século XIV	Século XV	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
<b>V1</b>	31,62	40,92	36,01	38,40	43,35	44,80	35,49	38,99	41,93
<b>V2</b>	48,76	53,63	54,88	49,50	44,37	46,59	57,72	52,30	49,16
<b>V&gt;2</b>	19,43	5,27	8,91	12,00	12,24	8,51	6,63	8,55	8,67

**Tabela 19:** Distribuição da posição do verbo em orações subordinadas na história do espanhol

	Século XII	Século XIII	Século XIV	Século XV	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
<b>V1</b>	59,07	64,29	59,40	53,37	54,12	64,00	64,81	68,90	71,90
<b>V2</b>	34,94	32,66	36,13	40,25	39,77	31,75	26,44	26,44	27,48
<b>V&gt;2</b>	5,82	2,90	3,93	6,30	6,01	3,78	2,49	4,52	1,37

<sup>65</sup> Neste ponto, há uma divergência com a proposta de Martins (2003), por exemplo.



A Tabela 17 mostra que, em quase todo o tempo, a proporção das ordens V1, V2 e V>2 permanece semelhante, com uma leve predominância da ordem V1 sobre a ordem V2. O Século XVI se destaca dos demais pelo fato de que as porcentagens das ordens V1 e V2 são bem parecidas e a ordem V>2 se destaca da ordem V>2 dos demais períodos. As Tabelas 18 e 19 confirmam o que já havia comentado no Capítulo 02: a ordem V2 é preferida nas orações matrizes e ordem V1 é preferida nas orações matrizes. Merecem destaque o Século XII, quando há grande quantidade de ordem V>2, e os Séculos XV e XVI, quando a ordem V>2 também é bastante produtiva. Como o espanhol atual ainda é uma língua de sujeito nulo, a quantidade de ordem V>2 permanece baixa<sup>66</sup>.

A semelhança quantitativa pode ser explicada porque o espanhol antigo era uma língua de movimento do verbo para CP podendo desencadear o movimento de um XP para a primeira posição, além de ser uma língua de sujeito nulo. Com a perda da gramática V2 entre os Séculos XV e XVI, o espanhol continua exibindo a ordem V-S, talvez por uma influência árabe (ao contrário do que aconteceu com o francês que perdeu a inversão quando perdeu a restrição V2 e posteriormente perdeu a propriedade de sujeito nulo).

As principais diferenças entre as duas fases são que o espanhol antigo tinha a possibilidade de ênclise com verbos finitos e a falta de restrição de fronteamto de constituintes para a primeira posição da oração, ordem Aux-S-V e construções de *object shift*. A explicação que dei para isso, no capítulo anterior, foi que o movimento do verbo é diferente em cada fase. No espanhol antigo, como nas demais línguas V2, o verbo faz um movimento longo para C°, devido ao requerimento de realização fonológica de Fin\*<sup>67</sup>. No espanhol atual, o verbo faz um movimento curto até IP, o campo CP é usado somente para efeitos informativos de *tematização* e *focalização*<sup>68</sup>.

Resta, portanto, explicar o que fez com que a gramática V2 fosse excluída.

Em Pinto (2010c), assumindo a hipótese de Fontana (1993), que diz que o que mudou nas duas fases do espanhol não foi o movimento do verbo<sup>69</sup>, mas as características da posição pré-

<sup>66</sup> Além disso, os casos de ordem V>2 precisam ser analisados no sentido de se os vários XP em posição pré-verbal representam funções sintáticas diferentes como os pares sujeito-advérbio e advérbio-objeto, que ocupam efetivamente posições pré-verbais diferentes, ou se são casos de elementos que podem ser analisados como coordenados entre si, o que, na realidade, contaria como apenas uma posição.

<sup>67</sup> A opcionalidade de preenchimento de SpecFinP por um XP qualquer se deve, conforme propus acima, a um processo de aprendizagem imperfeita.

<sup>68</sup> Vale lembrar que o verbo não se move para CP no espanhol atual. XPs podem ser movidos ou concatenados no CP e partículas focalizadoras podem ser concatenadas em Fin°.

<sup>69</sup> Lembrar que Fontana (1993) assume a análise que as línguas V2 simétricas exibem movimento do verbo até IP.

verbal, aponte que o problema poderia ser abordado de duas maneiras: a) alguma coisa em algum aspecto da gramática do espanhol mudou previamente e fez com que o campo pré-verbal fosse reanalisado posteriormente; b) um aumento na quantidade de ordem S-V fez com que a posição pré-verbal fosse reanalisada exclusivamente como uma *posição A* e daí outras coisas mudaram na gramática do espanhol<sup>70</sup>.

A segunda opção é automaticamente descartada pelos resultados da posição do sujeito na história do espanhol. Como a Tabela 11 acima mostrou, não houve alteração na distribuição dos sujeitos entre os Séculos XII e XVI. A mudança na frequência da posição do sujeito se dá entre os Séculos XVII e XVIII e é no sentido contrário. Ou seja, a ordem S-V, entre os Séculos XII e XVI é sempre a preferida (uma média de 75% dos dados com sujeito realizado) e entre os Séculos XVII e XVIII há uma leve inversão nessa preferência.

Fernández-Ordóñez (2009) propõe que a mudança do espanhol de uma língua V2 para uma língua S-V se deve ao excessivo uso da posição pré-verbal para *focalização* do sujeito com conseqüente desgaste discursivo dessa posição. Se esta hipótese fosse a correta, dois resultados, pelo menos, seriam esperados: 1) um aumento gradativo na ordem S-V, o que não se verifica, como já dito; 2) que a posição pré-verbal estaria disponível para sujeitos que representassem um foco informativo (já que a posição está discursivamente desgastada, qualquer elemento poderia ocupá-la), o que tampouco se verifica no espanhol atual<sup>71</sup>. Com relação ao segundo aspecto, há ainda dois problemas: a) uma implicação séria para a aquisição da linguagem no sentido de que a criança estaria sensível a propriedades discursivas para adquirir a gramática da língua (neste caso, ainda assim há evidências prosódicas para a restrição da posição pré-verbal já que o *acento nuclear neutro* no espanhol é alinhado com a posição mais encaixada da estrutura); b) se a posição pré-verbal está discursivamente desgastada, se espera que a ordem S-V se torne categórica e que outros recursos apareçam para cobrir os usos da ordem V-S; o que tampouco se verifica<sup>72-73</sup>.

---

<sup>70</sup> Lembrar que a ordem S-V também é analisável dentro da gramática V2. Na gramática V2, o sujeito pré-verbal se localiza em SpecCP. Quando a criança perde evidências para esse movimento, o sujeito passa a ser analisado como estando em SpecIP.

<sup>71</sup> Lembrar das regras fonológicas de Zubizarreta (1998), que forçam que o elemento focalizado esteja na posição mais encaixada para que possa receber o *acento nuclear neutro*. Uma construção com a estrutura "SER X QUE" onde X é um foco informativo é completamente banida da gramática do português europeu (ver BRITO e DUARTE, 2003) e do espanhol europeu (ver PINTO, 2008)<sup>5</sup> devido ao movimento prosódico operante nessas línguas.

<sup>72</sup> Em Pinto (2008) mostro que há uma distribuição mais ou menos uniforme entre as estratégias de *focalização* (clivagem, focalização *in situ* e alteração da ordem) no espanhol europeu.

A hipótese de que o aumento da ordem S-V causou a perda do efeito V2 no espanhol só poderia ser plausível se fosse constatado um aumento na porcentagem de sujeito e um decréscimo da porcentagem de outros constituintes em primeira posição na ordem V2. Veja-se a Tabela 20:

**Tabela 20:** XP em primeira posição entre os Séculos XIII e XVI

	<b>Sujeito</b>	<b>Outro XP</b>
<b>Século XII</b>	45,99	54,01
<b>Século XIII</b>	55,76	44,24
<b>Século XIV</b>	59,17	40,83
<b>Século XV</b>	43,66	56,34
<b>Século XVI</b>	48,80	51,20
<b>Século XVII</b>	43,49	56,51

A Tabela 20 mostra que a porcentagem de sujeitos em primeira posição aumenta do Século XII para o Século XIV, mas cai do Século XIV para o Século XV e se mantém mais ou menos igual até o Século XVII. Se a hipótese de que um aumento da ordem S-V foi o que causou a perda do efeito V2 estivesse correta, o que deveria ser registrado era um aumento gradativo da ordem S-V ao longo do tempo e uma acentuação nesse aumento a partir do Século XVI, o que não se registra<sup>74</sup>.

Como os advérbios e elementos adverbiais em primeira posição não oferecem evidências para questão já que podem ser analisados pela gramática V2 como pela gramática não V2, é necessário isolar os objetos que possuem clítico a fim de contrastar a ordem O-V com e sem retomada clítica. A Tabela 21 mostra a porcentagem de objetos que podem ser recuperados por um clítico em primeira posição:

---

<sup>73</sup> Ver, por exemplo, o que acontece no português brasileiro para a representação dos juízos categórico e tético. Segundo Britto (1998), com a perda da inversão V-S, a distinção que se fazia (e se mantém no português europeu) entre ordem S-V e V-S fez com que se passasse a usar as CLLD culminando num sistema (DP, S-V) e S-V:

- (i) juízo tético  
PE: Chegou o João.  
PB: O João chegou.
- (ii) juízo categórico  
PE O João chegou.  
PB: O João, ele chegou.

<sup>74</sup> Além disso, a propriedade de sujeito nulo pode interferir na questão.

**Tabela 21:** Objetos com clítico *versus* sem clíticos em primeira posição entre os Séculos XII e XVI

	Com clítico		Sem clítico	
	<i>ocorrências</i>	<i>porcentagem</i>	<i>ocorrências</i>	<i>porcentagem</i>
<b>Século XII</b>	7	25,00	21	75,00
<b>Século XIII</b>	7	18,44	31	81,56
<b>Século XIV</b>	2	16,67	25	83,33
<b>Século XV</b>	4	12,50	28	87,50
<b>Século XVI</b>	5	33,33	10	66,67
<b>Século XVII</b>	5	45,46	6	54,54

Até o Século XV, há uma flutuação na ocorrência de ordem O-V com e sem retomada clítica. No Século XVI há uma queda da ordem O-V sem uso do clítico<sup>75</sup>. Mesmo que a porcentagem de sujeitos não tenha crescido em relação à porcentagem de outros constituintes em primeira posição, a porcentagem de objetos diretos e indiretos fronteados sem clíticos, que são os elementos que, de fato, oferecem evidência para a criação de que houve um movimento do verbo para CP, decresceu consideravelmente do Século XV para o Século XVII.

Os dados da Tabela 21 levantam o questionamento de se realmente havia um processo de competição de gramáticas no espanhol antigo tal como venho propondo desde a apresentação dos dados no Capítulo 02. Parece que, se um dato permanece com uma frequência de mais de 80% por três séculos e a forma complementar permanece com uma frequência de menos de 20%, esses dados não estão realmente competindo. Se as orações com ordem V1 e as orações com ordem V2 com sujeitos e advérbios em primeira posição são analisadas tanto por gramáticas V2 como por gramáticas não V2, além dos objetos sem retomada clítica e dos fragmentos de constituintes que são fronteados nas línguas V2, as orações V>2 podem lançar luz à questão. Como discutido no Capítulo 03, propus a seguinte generalização:

(21) Generalização sobre CP em línguas V2 (parte 1)

*Línguas V2 não rígidas podem projetar FrameP.*

<sup>75</sup> Embora os dados sejam poucos devido aos critérios de análise. Mais de 50% do *corpus* era constituído de orações V1; dos 40% de orações V2, grande parte possuía o sujeito em primeira posição (ver Tabela 19). No restante dos dados de orações V2, o XP em primeira posição pode ser um advérbio, um sintagma preposicionado, um complemento circunstancial ou objetos diretos e objetos indiretos. Desta forma, o número de ocorrência de objetos diretos e objetos indiretos, que são os itens relevantes para a discussão, é bastante reduzido. Faz-se necessária uma investigação que tenha um número elevado de ocorrências de ordem O-V para que a minha hipótese possa ser confirmada.

A generalização em (21) prevê que, se o primeiro XP numa ordem V>2 é um tópico pendente ou um marcador de cena, não há incompatibilidade com o movimento do verbo para Fin\* (o que também está de acordo com a proposta de ROBERTS, 2004). O que a maioria dos dados de ordem V>2 mostra é justamente este cenário:

- (22) a. yo primero **he de morir** que tu (11XX)  
 b. Mas el tercero dia la onda de la mar **eco** el hataud a la ribera de los efesios lejos de la casa de un medico que había nombre cerimonis. (11YY)  
 c. y el entrando por la villa **vio** estar un hombre viejo en un poyo (12YY)  
 d. E de estos tres el uno **hubo** nombre Sem (12YY)  
 e. e del molino de Ribiella el medio **diemos** al monasterio (1206)  
 f. É porque siempre este nuestro donadio **sea** mas firme é mas estable para todos tiempos (1224)  
 g. con todas las otras cosas con que yo estos castiellos **éy** (1244)  
 h. E si el deudor otros bienes **tuviese** (1310)  
 i. yo siendo huerfana y no siendo dug digna del imperio **se** que [...] (11YY)  
 j. E despues por tiempo un tirano que llamaban nicoforus **tomo** por fuerza el reino (11XX)

Os exemplos em (22a) a (22f) ilustram casos em que há um tópico pendente ou um marcador de cena em primeira posição seguido por um XP qualquer, que pode ser outro advérbio, uma oração adverbial ou um argumento do verbo. Os exemplos em (22g) e (22h) ilustram casos de construções de *object shift*, que, segundo analisei, apresentam o sujeito em SpecFrameP e o objeto em SpecFinP. Os exemplos em (22i) e (22j) são exemplos em que aparecem mais de dois constituintes antes do verbo, sendo dois desses constituintes podem ser analisados como elementos coordenados como é marcado claramente pela conjunção em (22i); assim, em (22j) “despues” e “por tiempo” devem ser analisados como elementos coordenados em SpecFrameP. Ademais, Kaiser (1999) pontua que, no alemão, se encontram construções com ordem V>2 em que um elemento como “então” retoma a oração subordinada precedente, o que não caracteriza uma infração à restrição V2:

- (23) [...], wenn du das Elen deiner Mag wirklich ansiehst, [...] dann **will** ich ihn für sein ganzes Leben dem Herrn überlassen.  
 Se tu a amargura da-tua serva realmente olhas, então vou eu o para sua vida inteira ao senhor deixar.

(KAISER, 1999, p. 255)

De acordo com a discussão de Vance, Donaldson e Steiner (2009), no alemão, quando se fronteia uma oração subordinada, a ordem V-S é desencadeada (o que se observa no exemplo em (23)). Se ainda assim é possível encontrar um advérbio como “então” entre a oração fronteada e o verbo, pode-se pensar que esse tipo de advérbio que funciona como um elemento de coesão discursiva está concatenado em uma posição que não interfere nas relações estruturais. Dados como esses também se observam no espanhol antigo:

- (24) a. e así un día el se **llego** a la cama de su fija mandando a todos arredrar se lejos. (11YY)  
 b. Otrosi los tutores y los guardadores de los menores de edad. TambiŽn en los pleitos criminales . como en los ceuiles **reciben** los e- casa del rey (1310)

Em (24a) e em (24b), o primeiro advérbio das orações, “así” e “Otrosi” respectivamente, podem ser analisados como “dann” do alemão em (23): não fere a restrição V2. Em (24a), “un día” representa um marcador de cena e, em (24b) “los tutores y los guardadores de los menores de edad” representa um tópico pendente e, portanto, estão em SpecFrameP.

Mesmo que haja, no espanhol antigo, orações V>2 incompatíveis com uma língua V2 menos rígida como ilustrado em (25):

- (23) a. del cual creo su toda paciencia e señorío e la causa e rason e perdimiento a mi la **pongo** e por mis pecados sola mente (11XX)  
 b. Y la vestidura tu me la **puedes dar**. (12XX)

Essas orações representam uma porcentagem muito baixa dos dados e estão incluídas naqueles casos de ordem O-V com retomada clítica. O exemplo (23a) ainda é interessante porque apresenta uma construção de CLLD, que é incompatível com a gramática V2, mas ao mesmo tempo apresenta a forma tônica do pronome oblíquo sem a equivalente forma átona, o que pode evidenciar a variação gramatical do período.

Mais complicados são os exemplos em (26):

- (26) a. La ama oyendo que ella queria el remedio de morir. por palabras dulces la **amonesto** que de tal propósito tan aborrecible se apartase (11YY)  
 b. Mas uos compliendo las conuenientias deuant ditas, ningun abbat ni monge de Yrach non aya poder de toller uos las deuant ditas heredades(1231)

Os sujeitos em primeira posição podem ser analisados como sujeitos das orações adverbiais que o seguem ou podem ser analisados como sendo um tópico pendente da oração matriz. Se esses sujeitos são analisados como um tópico pendente, há um problema para a restrição V2 já que parece difícil de conceber que o sujeito e uma oração adverbial marcadora de cena estejam coordenados porque são elementos de natureza diferente. De todos os modos, exemplos como (25) e (26) representam uma porcentagem muito baixa das orações com ordem V>2, que pode ser explicado pelo processo de competição de gramáticas, mesmo que seja um começo de competição ou que a variação gramatical seja periférica.

Lightfoot (1991, 2006), a partir da teoria de *cues* (dicas) propõe que a criança precisa encontrar pistas de um determinado parâmetro no ambiente lingüístico para que esse parâmetro possa ser fixado. Roberts e Roussou (2003) propõem a existência de um *mecanismo de segurança* na faculdade da linguagem que determina que, se uma determinada pista não é encontrada, a opção não-marcada, ou seja a mais econômica, do parâmetro é automaticamente selecionada. No caso do efeito V2, a pista que a criança tem, segundo Lightfoot (1995), para saber que sua língua é V2 é o fato de que o verbo pode ser precedido por qualquer tipo de constituinte.

Kroch (2001) propõe que a perda do efeito V2 no francês se deve a uma reanálise de orações que linearmente podem ser produzidas tanto por uma gramática V2 como por uma gramática não-V2. Como a criança não tem mais evidências de que a sua gramática é V2, analisa a oração como não-V2. No caso do espanhol antigo, o único fato que evidenciava sintaticamente para a criança que essa língua tinha uma gramática V2 era a ordem O-V sem duplicação clítica e o fronteamo de partes de constituintes. Sujeitos, advérbios/sintagmas adverbiais e alguns complementos circunstanciais não ofereciam pista para a aquisição do movimento do verbo. Em termos meramente estruturais, acredito que a mesma explicação de Kroch (2001) para o francês possa ser dada para o espanhol: como caiu o número de objetos diretos e indiretos fronteados sem clíticos, a criança perdeu as evidências para analisar os elementos em primeira posição como derivados de movimento para SpecFinP, fazendo com que a língua fosse reanalisada como uma gramática não V2 e, conseqüentemente, perdesse (ou tivesse uma redução brusca) a ordem Aux-S-V, perdesse as construções de *object shift* e *stylistic fronting* etc. Como todas essas construções estão relacionadas, quando se perde o movimento do verbo, as demais construções

são perdidas automaticamente<sup>76</sup>. Possivelmente, uma questão estilística ou de freqüência entre os Séculos XV e XVI tenha feito com que esses dados fossem menos robustos e, no Século XVII, a gramática já havia sido reanalisada como uma gramática de movimento do verbo até IP.

Em termos sócio-históricos, embora acredite que a configuração das línguas românicas medievais tenha recebido uma forte influência de outras línguas com as quais teve contato (com os povos germânicos no geral e com os povos árabes no caso das línguas da Península Ibérica), não sei em que medida os fatos históricos puderam influenciar na perda do efeito V2 na história do espanhol. A *koineização* durante a Reconquista parece não ter sido um fator que influenciou na perda do efeito V2, tendo em vista que, segundo Meyer-Hermann (1988) tanto as zonas sob influência árabe como as que não tiveram influência árabe apresentavam a mesma configuração com relação à ordem V-S. Pelo contrário, como apontado por Tuten (2003), durante os Séculos XI e XII muitos francos migraram para a Península, o que pôde ter reforçado o efeito V2. Além disso, se o efeito V2 é pan-românico, ou seja, uma influência germânica nas línguas românicas como um todo, e se os germânicos ocuparam toda a península, mesmo os dialetos moçárabes do sul deveriam exibir uma configuração V2<sup>77</sup>. O fato de que o castelhano começou a se expandir para o sul no Século X não deve ter influenciado diretamente a perda do efeito V2 em tempos mais tarde já que as línguas que foi absorvendo deviam exibir a mesma configuração<sup>78</sup>.

Eberenz (1991) propõe que qualquer periodização da língua espanhola que pretenda incluir fatos extralingüísticos deve relacioná-los com os fatos intralingüísticos. De fato, o final do Século XV e o começo do Século XVI representa um divisor de águas na história da Europa: a constituição dos estados nacionais, o início das grandes navegações e, no caso da Península Ibérica, a expulsão dos árabes e judeus. Como diversos estudos (por exemplo, LAPESA, 1981; EBERENZ, 1991; FONTANA, 1993; CANO AGUILAR, 1997; CARRETER e TUSÓN, 1998 etc) mostraram, a língua espanhola moderna começou a se configurar de fato no Século XVI. Neste sentido, parecer haver realmente uma coincidência entre história interna e história externa.

---

<sup>76</sup> No entanto, parece haver alguma relação com a mudança prosódica, como aconteceu no francês antigo, conforme discute Adams (1987a; 1987b) tendo em vista que a mudança na colocação dos clíticos parece acontecer no mesmo momento em que se perde efeito V2, ou seja, entre os Séculos XV e XVI.

<sup>77</sup> Embora parte dos povos germânicos do sul fugiu bastante cedo para o norte, o fato de que as línguas árabes poderiam exibir a ordem V-S pode ser interpretado como um fato de manutenção do efeito V2.

<sup>78</sup> Pode-se pensar que a *koineização* fez com que o acento prosódico fosse alterado e, como consequência disso, acontece a perda do efeito V2.



## 4.5. O contato de línguas entre o espanhol e o português

Considerando a história bastante parecida do português e do espanhol na Península Ibérica, especialmente até o começo da Reconquista, quando ambos os estados representavam uma única unidade política, a Hispania, vale a pena fazer alguns comentários sobre a história do efeito V2 nas duas línguas. Martins (2003), comparando a evolução da colocação dos pronomes clíticos na história do português e do espanhol europeus, sintetiza um conjunto de semelhanças sintáticas mais gerais entre as fases antigas das duas línguas e propõe que, em suas histórias, o português avançou um passo à frente do espanhol, especialmente com relação à colocação pronominal. A idéia básica da autora é que ambas as línguas se comportavam de maneira bastante semelhante nas suas fases antigas e passaram por uma mudança. O espanhol se manteve com as características desse segundo momento e o português passou por uma nova mudança lingüística, diferenciando-se, então, do espanhol<sup>79</sup>.

### 4.5.1. A perda do efeito V2 no português europeu

Como já foi referido anteriormente, Ribeiro (1995) caracteriza o português antigo como um sistema gramatical V2 em que o verbo se aloja no núcleo funcional C°. Dados como (27) ilustram essa propriedade do português antigo.

- (27)
- a. E esto lhi **fazia** o prazer que avia em cuidar sempre nas cousas celestiaes
  - b. E esta vertude de paceença **ouve** este santo monge Libertino mui compridamente
  - c. Bem sei eu ainda algũa cousa deste santo homem
  - d. E aacima a piedade **venceu** a homildade

(RIBEIRO, 1995, p. 100)

Para o português clássico, em particular no que diz respeito aos Séculos XVI e XVII, Torres Morais (1993) defende igualmente a manifestação de uma gramática V2. De fato, ordens de palavras semelhantes às que são atestadas no português antigo, em particular estruturas de *fronteamento* com posposição do sujeito, também são atestadas no português clássico, como se vê em (28):

---

<sup>79</sup> Se for considerada a proposta de que os clíticos do espanhol são afixos e não clíticos verdadeiros, o espanhol teria passado por uma mudança mais, mudança essa diferente da mudança pela qual passou o português europeu.

- (28) a. Cada dia vão os Padres visitar os enfermos.  
 b. No ano de 1550 mandou o Padre Manoel da Nóbrega os filhos dos índios ao campo.

(TORRES MORAIS, 1993, p. 280)

Entretanto, a análise formal de Torres Morais (1993) para o português clássico é diferente da análise formal de Ribeiro (1995) para o português antigo, ao assumir que, na fase clássica do português, o movimento do verbo ocorreria até o núcleo de uma projeção intermediária entre CP e IP, por ela designada de Agr1P (assumindo a terminologia de CARDINALETTI e ROBERTS, 1991). O especificador dessa projeção seria a posição pré-verbal V2<sup>80</sup>.

Mais recentemente, a hipótese de que o português, em fases passadas, era um sistema gramatical de natureza V2 têm recebido apoio empírico de uma série de estudos quantitativos que fazem uso de grandes *corpora*. Por exemplo, Antonelli (2011), com base em textos dos Séculos XVI e XIX<sup>81</sup>, mostra uma diferença significativa entre os textos de autores nascidos nos Séculos XVI e XVII e os textos de autores nascidos nos Séculos XVIII e XIX. Olhando para orações matrizes com ordem linear V2 e que manifestam um sujeito realizado, o autor observa que durante os Séculos XVI e XVII as ordens S-V e XP-V-S apresentam uma distribuição diferente daquela que é atestada nos Séculos XVIII e XIX:

**Tabela 22:** Orações matrizes com ordem linear V2 no português<sup>82</sup>

	<b>S-V</b>	<b>XP-V-S</b>
<b>Século XVI</b>	52,39	47,61
<b>Século XVII</b>	44,21	55,79
<b>Século XVIII</b>	81,75	18,25
<b>Século XIX</b>	84,82	15,18

Antonelli (2011) destaca que, nos textos escritos até o fim do Século XVII, parece não haver uma preferência ou por orações com sujeito pré-verbal ou por orações com um elemento não-sujeito

<sup>80</sup> Para análises diferentes, mas que também argumentam em favor de uma interpretação V2 para a gramática do português clássico, ver, entre outros, Galves (1997), Galves e Paixão de Sousa (2011), Paixão de Sousa (2004), Antonelli (2008), Gibrail (2010).

<sup>81</sup> Em seu trabalho, Antonelli (2011) faz uso de textos presentes no *Corpus Tycho Brahe*.

<sup>82</sup> Resultados semelhantes para o mesmo período de tempo são encontrados em Paixão de Sousa (2004), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) e Antonelli (2007), com a diferença de que estes trabalhos olham apenas para orações com pronomes clíticos.

precedendo o verbo. De fato, a média de frequência gira em torno de 50% para as duas opções de ordem de palavras. Em contraste a esse padrão, o que se observa a partir do Século XVIII é uma curva de aumento na frequência da ordem S-V. Como se vê, orações com ordem S-V passam a ser mais empregadas, com um índice de 81,75% no Século XVIII e 84,82% no Século XIX, resultando, conseqüentemente, no decréscimo de estruturas de *fronteamento* com inversão do sujeito.

Procurando interpretar esses resultados, Antonelli (2011) argumenta que o português dos Séculos XVI e XVII pode ser caracterizado como um sistema gramatical V2. Para o autor, essa hipótese explica o porquê de orações com sujeito pré-verbal serem utilizadas numa frequência muito próxima da que é registrada para orações com um elemento não-sujeito em posição pré-verbal. De fato, diversos trabalhos já mostraram que, em línguas V2 prototípicas como as do ramo germânico, orações com sujeito pré-verbal geralmente não apresentam uma frequência superior a 70% dos casos de ordem linear V2 (cf., por exemplo, JÖRGENSEN, 1976; GERRITSEN, 1984; BOUMA, 2008)<sup>83</sup>. Nesse sentido, então, os números relativos ao padrão de frequência da ordem S-V no português dos Séculos XVI e XVII constituem uma evidência quantitativa bastante robusta da proximidade do português desse período com os sistemas gramaticais V2. Por sua vez, do Século XVIII em diante, a gramática do português não se caracterizaria mais como um sistema V2, tomando como base para essa afirmação o fato de que, a partir desse período, a superficialização do sujeito antes do verbo se torna a escolha mais empregada, uma espécie de opção *default*. Essa observação é corroborada pelo fato de que, na variedade atual do português, o *fronteamento* de qualquer tipo de sintagma não desencadeia necessariamente a ordem V-S:

- (29) a. Com a Maria, o Pedro **falou**.  
 b. A sopa, o cão **comeu**.  
 (COSTA, 1998, p. 111/117)

#### 4.5.2. A dinâmica da mudança nas duas línguas

Considerando que as duas línguas compartilharam uma história lingüística semelhante com relação à ordem de palavras e posicionamento do verbo, Pinto e Antonelli (2011) argumentam, de acordo com a discussão de Martins (2003), que a mudança lingüística no português é desencadeada por fatores externos. Mais especificamente, se levanta a hipótese de que a perda do efeito V2 do

<sup>83</sup> O que também acontece com o espanhol antigo conforme apontado na Tabela 19.

português seria o resultado de uma situação de contato com o espanhol durante a Idade Média até a separação definitiva das coroas em 1640 (cf. também PAIXÃO DE SOUSA, 2004).

Primeiramente, como já apontado na literatura especializada, o espanhol era a língua dominante em toda a Península Ibérica (cf. LAPESA, 1981; CANO AGUILAR, 1997). Desde o desenvolvimento e expansão das línguas românicas na Península Ibérica no começo do processo de Reconquista até o fim dos 1600, o espanhol/castelhano<sup>84</sup> se caracteriza como uma língua de grande prestígio não apenas no que veio a ser o território atual da Espanha, mas também no espaço geográfico do reino português, tendo em vista o grande destaque dos reinos castelhanos neste período. Em Portugal, a aristocracia cultivava um ambiente de diglosia espanhol-português como indicativo de cultura e status social. A literatura portuguesa, dentro deste contexto, se viu bastante influenciada pela literatura espanhola dos *Siglos de Oro*, época de maior auge literário espanhol. Por exemplo, Martins (2003, p. 201) diz que das 46 peças de teatro que Gil Vicente escreveu, 19 eram bilíngües, 12 foram escritas em espanhol e 15 foram escritas em português<sup>85</sup>.

O espanhol era falado como segunda língua em Portugal, o que, segundo Martins (2003), caracterizava uma variedade portuguesa do espanhol que a autora chama de *Castillian of Portugal* (Castelhano de Portugal). Recorrendo a conceitos da crioulística, a autora diz que o espanhol falado em Portugal era uma espécie de *português relexificado*, dada suas semelhanças sintáticas com a língua de substrato (o português) e a de superstrato (o espanhol).

Outro aspecto a ser considerado diz respeito à cronologia da perda do efeito V2 nas duas línguas: no espanhol essa propriedade foi perdida entre os Séculos XV e XVI; já no português, as evidências trazidas para o debate por diferentes trabalhos apontam que a perda do efeito V2 aconteceu na passagem do Século XVII para o Século XVIII. Ou seja, em termos temporais, nota-se um lapso de tempo de cem anos entre a mudança lingüística no espanhol e a mudança lingüística no português. Tendo em conta os aspectos apontados acima, a hipótese que Pinto e Antonelli (2001) formulam para a mudança lingüística é a seguinte:

Num estágio primeiro, de formação e consolidação dos dialetos regionais ambas as línguas possuíam uma gramática V2 devido às influências germânicas.

---

<sup>84</sup> É muito polêmica a questão de se a língua se chama *castellano* ou *español* tanto dentro como fora da Espanha. Não nos deteremos neste debate aqui. Para uma boa discussão histórica da questão, ver Alonso (1942).

<sup>85</sup> Martins (2003) nota que a relação entre as duas línguas era assimétrica: Portugal vivia numa situação de bilingüismo, mas a Espanha não.

Num segundo momento, com o destaque dos reinos castelhanos durante a Reconquista, a gramática V2 do espanhol ainda manifestava estabilidade (além de ser reforçada pela chegada dos francos) e o impacto da situação de contato entre o português e o espanhol contribuía para que aquele também continuasse manifestando a propriedade V2. Ou seja, além de não haver um fator interno *per se* que pudesse desestabilizar o *input* dos indivíduos que adquiriam o português, não havia também um fator externo, nesse caso, a pressão de uma língua de prestígio muito similar, que pudesse desestabilizar o ambiente lingüístico em Portugal;

Um terceiro estágio acontece quando as evidências para a fixação da gramática V2 no espanhol passam a ser mais escassas a partir do Século XV, levando a uma conseqüente mudança gramatical nesta língua no Século XVI.

Por fim, continua não havendo fatores internos no português que o levassem a uma mudança gramatical. Contudo, dada a influência do espanhol na vida diária dos portugueses e o modelo lingüístico dos escritores dos *Siglos de Oro*, que já não eram falantes de uma gramática V2, o português passa pela mudança gramatical perdendo a propriedade V2 entre os Séculos XVII e XVIII.

O contato entre o português e o espanhol na sociedade portuguesa até o Século XVII propiciou não somente a criação de uma variedade do espanhol chamada por Martins (2003) de *Castelhano de Portugal*. Na realidade, o contato de línguas também provocou a mudança lingüística do português, haja vista os modelos lingüísticos e literários espanhóis dos *Siglos de Oro* exercerem bastante influência na sociedade portuguesa do mesmo período.

No início deste capítulo, apresentei como a mudança lingüística é explicada dentro do quadro gerativista; ou seja, é explicada a partir da fixação paramétrica diferente das gerações anteriores durante o processo de aquisição da linguagem devido a uma mudança no ambiente lingüístico que deixa de oferecer pistas para a fixação do determinado parâmetro. Embora não houvesse nenhuma motivação interna inicial para a perda do efeito V2 no português (diferentemente do que aconteceu no espanhol), quando o espanhol perde o efeito V2 e continua influenciando o português como língua de superstrato, os falantes portugueses passam a usar construções não V2 decorrente do contato entre as duas línguas, fazendo com que as crianças nascidas nesse ambiente não tivessem mais evidências de que o português era uma língua V2. Em outras palavras, a motivação interna para a mudança lingüística no espanhol nasce, a priori, de forma independente; no caso do português, essa mudança é decorrente do contato entre as duas línguas.

## 4.6. Conclusão

Neste capítulo, procurei explicar os fatos de língua a partir da relação entre aquisição da linguagem, contato de línguas e mudança lingüística.

Mostrei que o gerativismo está preocupado com o processo de aquisição da linguagem, em como os seres humanos nascem com uma faculdade da linguagem no mesmo estágio e adquirem línguas diferentes a depender da comunidade lingüística na qual estão incluídos. Neste modelo teórico, a aquisição da linguagem é o lugar central da mudança lingüística: a língua muda porque um parâmetro foi fixado de forma diferente do parâmetro da geração anterior. A diferença na fixação paramétrica se dá porque o ambiente lingüístico sofreu alguma alteração, que pode ser causada por diversos motivos, entre eles o contato de línguas.

Propus também que, pelo que tudo indica, a configuração sintática do espanhol antigo (e das demais línguas românicas) pode ser decorrente de um contato de línguas: em primeiro lugar com os povos germânicos, que transmitiram o efeito V2 para as línguas românicas; em segundo lugar, especificamente para as línguas da Península Ibérica, principalmente o português e o espanhol, o contato com as línguas árabes, fizeram com que a ordem V-S permanecesse bastante produtiva nessas línguas (o que não se verifica nas línguas românicas orientais, que não estiveram sob domínio árabe).

Algum processo de transmissão lingüística irregular pode ser identificado na caracterização do efeito V2 do espanhol antigo, que é diferente do efeito V2 das línguas germânicas atuais e também é diferente do efeito V2 das línguas germânicas antigas. As línguas germânicas antigas eram línguas V1 nas quais o verbo era usado para fazer uma divisão informativa na oração: a informação velha era colocada em posição pré-verbal e, assim, o efeito podia ser V2 desencadeado ocasionalmente se houvesse um XP antes do verbo. O espanhol antigo, por outro lado, apresentava bastante produtividade na ordem V1 e, quando apresentava ordem V2, não fazia distinção do estatuto informativo do XP em primeira posição. Isso mostra que os falantes românicos da Península Ibérica aprenderam a regra de *fronteamento* de constituinte, mas não aprenderam a regra que determinava, nas línguas germânicas, que somente um XP contendo algum traço do tipo [+informação conhecida] poderia estar em primeira posição.

Com relação à perda do efeito V2 na história do espanhol, acredito que os Séculos XV e XVI tenham sido cruciais para o fenômeno. Alguma alteração no ambiente lingüístico neste momento fez com que as crianças perdessem as evidências de que estavam expostas a uma gramática V2. A minha explicação para isso, ao contrário de Fernández-Ordóñez (2009), não é que um aumento na frequência dos sujeitos pré-verbais fez com que o espanhol passasse de uma língua V2 para uma língua S-V tendo em vista que a proporção de ordem S-V não aumenta ao longo da história (pelo contrário, diminui nos Séculos XVII e XVIII) e que a posição pré-verbal nunca foi utilizada para focos informativos, como acontece atualmente no PB e possivelmente também no espanhol caribenho. Na abordagem que propus, a perda do efeito V2, no espanhol antigo, está associada à diminuição do *fronteamento* de objetos diretos e indiretos independentemente de sua função informativa sem retomada pelo clítico. Como o sujeito e os complementos preposicionados não possuem clíticos que os dupliquem, não oferecem evidência para identificar se o XP em primeira posição havia sido movido ou concatenado. Como os objetos diretos e indiretos possuem tais clíticos, o aparecimento desses constituintes em primeira posição sem o uso do clítico oferece à criança uma pista de que sua língua tem um traço EPP em SpecFinP e que qualquer constituinte pode ocupar a primeira posição da oração. Com a redução dos dados com esses elementos, talvez, por uma mera questão quantitativa e/ou estilística (ou até mesmo informativa, no sentido de que, casualmente, objetos começam a aparecer menos como o tópico do discurso), a criança não tem mais essas evidências e passa a analisar sua língua como uma língua não-V2.

Isso implica que, após analisar sua língua como uma língua não V2, a criança somente irá frontear constituintes com valores discursivos marcados. E, ao frontear objetos diretos e indiretos que sejam o tópico da oração, a nova geração fará uso do redobro com o clítico já que esse tópico não pode se mover para uma posição de operador. Os dados em (30) oferecem uma evidência a este fato considerando que em todos os exemplos aparece o mesmo verbo, “perteneceer”:

- (30) a. e de todos los derechos que a ellas **perteneçen**, (1303)  
 b. reparar et fazer todo reparamiento et fortifficamiento que al dicto muro **pertenesce** en la endrecha dela dicta su casa... (1381)  
 c. que yo aya o me **pertenesca** aver (1467)  
 d. con todo lo que a la dicha casa **le pertenece**, (1593)

Os dados em (30) consideram o comportamento dos objetos do verbo “pertener” entre os Séculos XIV e XVI. No Século XIV, os objetos indiretos “a ellas” e “al dicto muro” aparecem em posição pré-verbal sem redobro do clítico, como se vê pelos exemplos (30a) e (30b). No Século XV, no lugar da forma tônica “a mí” sem redobro, como já havia sido registrado em outros contextos, aparece a forma átona “me”, como se vê no exemplo (30c). O exemplo (30d) mostra que, no Século XVI, o objeto indireto fronteado já aparece redobrado com o clítico equivalente. É interessante notar o contraste entre (30b) e (30d), que apresentam o mesmo contexto, o mesmo tipo de construção; em ambas, o objeto fronteado é idêntico mas em uma é redobrado e em outra não.

Por fim, ao contrário da causa do efeito V2 no espanhol, que, segundo procurei argumentar, é decorrente do contato de línguas, a perda do efeito V2 não parece ter uma relação direta com a história externa da língua. Embora alguns fatos de expansão e contato tenham acontecido no final do Século XV e início do Século XVI, à primeira vista, parecer ser uma mera coincidência o fato de que as mudanças lingüísticas tenham acontecido neste período.



# CONCLUSÃO

---

Este trabalho surgiu a partir da relação da proposta de Zubizarreta (1998) com a proposta de Fontana (1993). Fontana (1993) propôs que o espanhol antigo era uma língua V2 simétrica como o iídiche e o islandês atuais, nas quais o efeito V2 é realizado a partir do movimento do verbo para IP, que é caracterizado como uma *projeção sincrética* (ou seja, *projeção A e A-Barra* ao mesmo tempo) como proposto por Thráinsson (1986) e Diesing (1990) para o islandês e Santorini (1989, 1995). Fontana (1993) diz que uma mudança na posição SpecIP foi o que fez o espanhol perder a propriedade V2. Zubizarreta (1998), por outro lado, considerando construções com ordem XP-V-S, considera o espanhol atual uma língua idêntica ao iídiche e o islandês, com IP/TP sincrético, para o qual tanto o sujeito como outros elementos podem ser movidos. Logo, há uma contradição entre Fontana (1993) e Zubizarreta (1998): ou o espanhol moderno não tem diferenças com relação ao espanhol antigo, o que empiricamente não se sustenta, como discutido pela própria Zubizarreta (1998); ou o espanhol moderno não é caracterizado como uma língua V2. Em decorrência desse problema principal, a Tese se esbarrou em um problema de natureza teórica que deveria ser resolvido antes que a discussão sobre o espanhol pudesse ser empreendida: a natureza mesma do efeito V2.

No Capítulo 01, discuti especificamente o efeito V2 detendo-me na natureza da simetria/assimetria entre orações principais e orações subordinadas. As primeiras análises para o efeito V2, como a de Den Besten (1989), propuseram que o verbo se movia para C<sup>o</sup> em orações matrizes tendo em vista o contraste entre orações matrizes e orações subordinadas: os mesmos efeitos que o complementizador desencadeava nas orações subordinadas eram desencadeados pelo verbo nas orações matrizes. Thráinsson (1986) é um dos primeiros a propor que a análise tradicional para o efeito V2, com movimento do verbo para C<sup>o</sup>, não é adequada para a descrição do islandês, uma língua que apresenta o efeito V2 tanto em orações matrizes como em subordinadas. Neste caso, a proposta é que o movimento do verbo nessas línguas é mais curto, para I<sup>o</sup>.

latridou e Kroch (1992) discutem a possibilidade de recomplementação de CPs para explicar a simetria do V2. Contudo, após realizarem vários testes, mostram que a recomplementação de CP não é adequada para as línguas simétricas porque, nessas línguas, o efeito V2 se manifesta inclusive nos contextos em que não é possível encontrar recursividade de CP, o que corrobora a proposta de Thráinsson (1986), Santorini (1989) e Diesing (1990) do movimento do verbo para IP em línguas simétricas. Vikner (1995), por outro lado, apresenta evidências fortes para mostrar que a análise V2-IP não consegue dar conta dos dados das línguas simétricas e apresenta evidências independentes para mostrar que o CP pode apresentar recursividade, o que permite estender a análise do efeito V2 em qualquer tipo de língua como sendo engatilhado pelo movimento do verbo para CP.

Dentro do quadro minimalista, Roberts (2004) propõe que o que desencadeia o movimento do verbo para CP nas línguas humanas é o traço EPP em SpecFinP decorrente da existência de um núcleo Fin\*. Quando Fin\* é realizado fonologicamente via movimento de verbo, a posição de especificador deve ser preenchida. Julien (2009, 2010) mostra que, nas línguas escandinavas, o efeito V2 está relacionado com força ilocucionária e que o problema de extração de orações V2 não está relacionado com o movimento do verbo.

Minha análise procurou combinar a proposta de Roberts (2004) e Julien (2010) no sentido de que nas línguas V2, o traço [+asserção] em ForceP faz com que o verbo seja movido para Fin°. E a variação neste traço do CP subordinado é o responsável pela variação do efeito V2 em orações matrizes. Línguas simétricas manifestam efeito V2 em ambas as orações porque não fazem distinção do traço [ $\pm$ asserção]; línguas V2 limitadas, como as línguas escandinavas, só apresentam efeito V2 em orações subordinadas quando o CP subordinado tem claramente um traço [+assertivo]; línguas V2 assimétricas só manifestam efeito V2 em orações completivas de *verbos-ponte* porque, nessas línguas, subordinação é associada categoricamente ao traço [-asserção]; como as orações completivas de *verbos-ponte* são interpretadas como orações matrizes, nesses contextos, é possível a manifestação do efeito V2, desde que a conjunção não seja realizada. A comparação dos dados das línguas germânicas com os dados das línguas românicas antigas levou à consideração de que, em línguas V2 rígidas (ou seja, aquelas que exibem a ordem XP-V, não possuem ordem V1 nem ordem V>2 em contextos muito restritos), como o alemão e o holandês, o verbo se move mais alto que nas línguas V2 menos rígidas (as que exibem ordem V1 e ordens V>2 mais facilmente): no primeiro grupo, o verbo se move para Force° e, no segundo grupo, o verbo se

move apenas para Fin<sup>o</sup>. As ordens V>2 nas línguas V2 não rígidas são explicadas pela existência de um constituinte em SpecFrameP, que está mais alto estruturalmente que FinP. Além disso, como os constituintes em SpecFrameP já são concatenados nesta posição, não há ferimento de nenhuma restrição sobre movimento de constituintes, como *minimalidade relativizada*.

No Capítulo 02, discuti os problemas empíricos com relação às duas fases do espanhol. Mostrei que as diferenças entre as duas fases, com relação ao posicionamento linear do verbo na oração não são quantitativas mas qualitativas. As diferenças básicas que encontrei com relação à ordem de palavras foram: a) posicionamento dos clíticos; b) distribuição da ordem O-V; c) construções de *object shift*; d) ordem Aux-S-V. Os advérbios e os sujeitos se comportam de forma semelhante nas duas fases da língua. Embora as posições superficiais do sujeito sejam praticamente as mesmas nas duas fases, estruturalmente, há diferenças entre elas. Os dados apontaram para um processo de competição de gramáticas no espanhol antigo tendo em vista a existência de construções incompatíveis com a gramática V2 registradas nos mesmos textos.

No Capítulo 03, propus uma análise formal para os fatos discutidos no Capítulo 02. Discuti a posição do sujeito e propus que, tanto na ordem S-V como na ordem V-S, o sujeito esteja localizado fora do VP no espanhol atual. No caso da ordem S-V, propus que o sujeito, como qualquer outro constituinte, pode estar deslocado, mas também pode ter uma posição exclusiva para si dentro da oração. Neste sentido, juntando as considerações de Vikner (1995) sobre as línguas V2 e a posição de SpecIP, conclui que no espanhol atual SpecIP é exclusivamente uma *posição A*. Discuti também as diferenças entre a ordem O-V do espanhol antigo e do espanhol atual com base na noção de operador proposta por Cinque (1995). No espanhol atual, elementos tematizados em primeira posição não se caracterizam como operadores porque não são gerados via movimento. Como os objetos diretos e os objetos indiretos são os únicos constituintes que possuem clíticos equivalentes, são os únicos complementos verbais que podem ser tematizados porque os respectivos clíticos caracterizam a categoria vazia deixada dentro do VP. No espanhol antigo, como todos os elementos eram fronteados via movimento, todos se caracterizavam como operadores e podiam caracterizar as respectivas categorias vazias como variáveis. A conclusão do capítulo foi que, no espanhol antigo, o verbo se movia sempre para CP, especificamente para o núcleo Fin<sup>o</sup>, devido ao EPP e necessidade fonológica em FinP, enquanto que, no espanhol moderno, o verbo se move exclusivamente para IP (Agr<sup>o</sup> ou T<sup>o</sup>),

No Capítulo 04 discuti três questões: o papel dos contatos de línguas na caracterização da língua espanhola, a perda do efeito V2 na história do espanhol e a relação entre a perda do efeito V2 na história do espanhol e na história do português. Assumindo a proposta gerativista de que a aquisição da linguagem é o lugar da mudança lingüística, mostrei que, ao contrário do que a tradição em Lingüística Românica vinha propondo, de que as línguas germânicas e árabes não deixaram marcas na sintaxe do espanhol, dois aspectos da sintaxe do espanhol medieval podem ser atribuídos a uma influencia germânica e árabe: o efeito V2 e a permanência da ordem V-S respectivamente.

Sobre a perda do efeito V2 na história do espanhol, levantei evidências de que, entre Séculos XV e XVI, as novas gerações perderam as pistas de que sua língua era uma língua V2 e começaram a analisar o espanhol como uma língua não V2 (não a analisavam como uma língua S-V porque a ordem V-S continuou bastante produtiva, principalmente entre os Séculos XVII e XVIII). Essa pista, na minha opinião, é o desaparecimento da ordem O-V sem retomada clítica. Inicialmente, esse processo pode ter sido apenas quantitativo ou estilístico; ou seja, a ordem O-V era gramatical na língua da geração anterior e, por alguma razão, deixou de ser produzido. Como a geração seguinte não encontrou no ambiente esses dados, que ofereciam as pistas de que sua língua era uma língua V2, reanalisou a língua como uma gramática não V2. As implicações da história externa, como no caso da configuração das línguas românicas medievais, na perda do efeito V2 do espanhol, ainda são para mim, um fator desconhecido.

As conclusões gerais que se podem tirar deste trabalho são as seguintes:

- a) línguas V2 apresentam sempre movimento do verbo para CP em orações matrizes e têm as orações subordinadas abertas à parametrização (não existe V2 em IP, que é sempre uma *projeção A*);
- b) o espanhol antigo e o espanhol atual não são o mesmo tipo de gramática, mesmo que superficialmente possam produzir enunciados semelhantes.

# REFERÊNCIAS

---

ABOH, Enoch Oladé (2006). "Complementation in Saramaccan and Gungbe: the case of C-type modal particles", *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 24, p. 1-55.

ADAMS, Marianne (1987a). *Old French, Null Subjects and Verb Second Phenomena*. Ph.D. Dissertation, University of California.

\_\_\_\_\_ (1987b). "From Old French to the Theory of Pro-Drop", *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 5, n. 1, p. 1-32.

ALEXIADOU, Ártēmis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena (1998). "Parametrizing AGR: Word Order, V-Movement and EPP-Checking", *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 16, n. 3, p. 491-539.

\_\_\_\_\_ (1995). "SVO and EPP in Null Subject Languages and Germanic", *FAS Papers in Linguistics*, v. 4, p. 1-21.

ALONSO, Amado (1942). *Castellano, español, idioma nacional: historia espiritual de tres nombres*. 2 ed. Buenos Aires: Losada.

ANTONELLI, André (2011). *Sintaxe de Posição do Verbo e Mudança Gramatical na História do Português Europeu*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

\_\_\_\_\_ (2008). "Estrutura Oracional e Posição do Verbo no Português Clássico", *Revista do GEL*, v. 5, n. 2, p. 49-67.

\_\_\_\_\_ (2007). *O Clítico SE e a Variação Ênclise/Próclise do Português Médio ao Português Europeu Moderno*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.

ARTEAGA, Deborah (1998). "Sobre el V2 en el francés antiguo y la fuerza relativa de los rasgos sintácticos", *Thélème, Revista Complutense de Estudios Franceses*, n. 13, p. 171-184.

AXEL, Katrin (2007). *Studies on Old High German Syntax Left sentence periphery, verb placement and verb-second*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

BARBOSA, Pilar (2006). "Ainda a questão dos sujeitos pré-verbais em PE: uma resposta a Costa (2001)", *D.E.L.T.A.*, v. 22, n. 2, p. 345-402.

BELLETTI, Adriana (2005). Answering with a “cleft”: the role of the null subject parameter and the VP periphery. In: BRUGÈ, Laura *et alii* (orgs.). *Proceedings of the Thirtieth “Incontro di Grammatica Generativa”*, p. 63-82.

\_\_\_\_\_ (2004). Aspects of the low IP area. In: RIZZI, Luigi (org.). *The structure of IP and CP: The Cartography of Syntactic Structure*. v. 2. Oxford: Oxford University Press, p. 16-51.

\_\_\_\_\_ (2003). *Extended doubling and the VP periphery*. Universidade de Siena. Citado do manuscrito.

\_\_\_\_\_ (1999). “Inversion as focalization and related questions”, *CatWPL*, v. 7, p. 9-45.

BENINCÀ, Paola (2006). A Detailed Map of the Left Periphery of Medieval Romance. In: ZANUTTINI, Raffaella *et alii* (orgs.). *Negation, Tense and Clausal Architecture: Cross-linguistics Investigations*. Washington: Georgetown University Press, p. 53-86.

\_\_\_\_\_ (1995). Complement Clitics in Medieval Romance: the Tobler-Mussafia Law. In: BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian (orgs.). *Clause structure and language change*. Nova Iorque, Oxford: Oxford University Press, p. 325-344.

BENINCÀ, Paola; POLETTI, Cecilia (2004). Topic, Focus and V2: Defining the CP Sublayers. In: RIZZI, Luigi (org.). *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*. v. 2. Oxford: Oxford University Press, p. 52-75.

BHATT, Rakesh (1999). *Verb movement and the syntax of Kashmiri*. Dordrecht / Boston / Londres: Kluwer.

BHATT, Rakesh; YOON, James (1992). On the Composition of Comp and Parameters of V2. In: BATES, D. (org.). *The proceedings of the Tenth West Coast Conference on Formal Linguistics*, p. 41-52.

BIBERAUER, Theresa (2002a). “Verb second in Afrikaans: Is this a unitary phenomenon?”, *Stellenbosch Papers in Linguistics*, v. 34, p. 19-69.

\_\_\_\_\_ (2002b). “Reconsidering embedded verb second: how ‘real’ is this phenomenon?”, *Working Papers in English and Applied Linguistics*, v. 8, p. 25–60.

BOBALJIK, Jonathan; JONAS, Dianne (1996.) “Subject positions and the roles of IP”, *Linguistic Inquiry*, v. 27, p. 195–236.

BOUMA, Gerlof (2008). *Starting a Sentence in Dutch*. Ph.D. Dissertation, Universidade de Groningen.

BOSQUE, Ignacio (1992). La Negación y el Principio de las Categorías Vacías. In: DEMONTE, Violeta (org.). *Gramática del español*. Cidade do México: El Colegio de México, p. 167-199.

BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês. (2003). Orações relativas e construções aparentadas. In: MATEUS, M. H. M. et alii (orgs.). *Gramática da Língua Portuguesa*. 5 ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho Coleção Universitária. Série Lingüística, p. 653-694.

BRITTO, Helena de Souza (1998). *Deslocamento à esquerda, resumptivo-sujeito, ordem SV e codificação sintática dos juízos categórico e tético no português do Brasil*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

CAMPOS, Héctor (1992). Silent objects and subjects in Spanish. In: CAMPOS, Héctor; MARTINEZ-GIL (orgs.). *Current studies in spanish linguistics*. Washington: Georgetown University Press, p. 117-141.

CANO AGUILAR, Rafael (1997). *El español a través de los tiempos*. Madrid: Arco/Libros.

CARDINALETTI, Anna (2004). Towards a Cartography of Subject Positions. In: RIZZI, Luigi (org). *The structure of IP and CP: The Cartography of Syntactic Structure*. v. 2. Oxford: Oxford University Press, p. 115-165.

CARDINALETTI, Anna; ROBERTS, Ian (1991/2002). Clause Structure and X-second. In: CINQUE, Guglielmo (org.). *Functional Structure in DP and IP*. New York: Oxford University Press, p. 123-166.

CARRETER, Fernando Lázaro; TUSÓN, Vicente (1995). Principales Etapas en la formación del español. In: \_\_\_\_\_. *Lengua española*. 2 ed. Salamanca: Anaya, p. 71-76.

CATALÁN, Diego (1974). *Lingüística iberorrománica. Crítica retrospectiva*. Madrid: Gredos.

CHIRITA, Diana (2003). Did Latin influence German word order? Aspects of German-Latin bilingualism in the Late Middle Ages. In: BRAUNMÜLLER, Kurt; FERRARESI, Gisella (orgs.). *Aspects of Multilingualism in European Language History*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, p. 173-200.

CHO, Eunyong (1997). *La topicalización y sus restricciones sintácticas en la Primera Crónica General de España de Alfonso X*. Tesis Doctoral, Universidad Autónoma de Madrid.

CHOMSKY, Noam (2008). On Phases. In: FREIDIN, Robert; OTERO, Carlos P.; ZUBIZARRETA, Maria Luisa (orgs.). *Foundational issues in linguistic theory: essays in honor of Jean-Roger Vergnaud*. Cambridge, Mass: The MIT Press, p. 133-166.

\_\_\_\_\_ (2006). *Approaching UG from below*. MIT. Citado do Manuscrito.

\_\_\_\_\_ (2000). Minimalist Inquiries: The Framework. In: MARTIN, Roger; MICHAEL, David; URIAGEREKA, Juan (orgs.). *Step by Step. Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 89-155.

\_\_\_\_\_ (1997). "Novos horizontes nos estudos da linguagem", *D.E.L.T.A.*, v. 13, número especial, p. 49-72.

- \_\_\_\_\_ (1995). *El programa minimalista*. Trad. Juan Romero Morales. Madrid: Alianza.
- \_\_\_\_\_ (1993). A minimalism program for linguistic theory. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (orgs.). *The view from Building 20*. Cambridge/Mass.: The MIT Press, p. 1-52.
- \_\_\_\_\_ (1986a). *Knowledge of Language: Its nature, origin and use*. New York: Praeger.
- \_\_\_\_\_ (1986b). *Barriers*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- \_\_\_\_\_ (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- \_\_\_\_\_ (1975). *Reflections on language*. Nova Iorque: Pantheon.
- \_\_\_\_\_ (1965). *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- \_\_\_\_\_ (1964). *Current Issues in Linguistic Theory*. The Hague: Mouton.
- \_\_\_\_\_ (1957). *Syntactic Structures*. Nova Iorque, Berlin: Mouton de Gruyter.
- CINQUE, Guglielmo (1995). Bare quantifiers, quantified NPs, and the notion of operator at S-structure. In: \_\_\_\_\_. *Italian syntax and Universal Grammar*. Nova Iorque: Cambridge University Press, p. 104-120.
- \_\_\_\_\_ (1990). *Types of  $\bar{A}$ -Dependencies*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- \_\_\_\_\_ (1984). *Quantifier, quantified NPs and the syntactic and logical notions of OPERATOR*. In: TROMSØ WORKSHOP ON COMPARATIVE ROMANCE SYNTAX.
- CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi (2008). "The Cartography of Syntactic Structures", *CISCL Working Papers*, v. 2, p. 42-58.
- COMPANY-COMPANY, Concepción (1997). "El costo gramatical de las cortesías en el español americano: Consecuencias sintácticas de la pérdida de vosotros", *Anuario de Letras*, v. 35, p. 167-191.
- CORREA, Leticia Maria Sicuro (2006). Língua e cognição: antes e depois da Revolução Cognitiva. In: PFEIFFER, Claudia; NUNES, José Horta (orgs.). *Linguagem, história e conhecimento*. Campinas: Pontes, p. 103-139.
- COSERIU, Eugenio (1979). *Sincronia, Diacronia e História: o problema da mudança lingüística*. Tradução de Carlos A. da Fonseca e Mário Ferreiro. Rio de Janeiro: Presença.
- COSTA, João (2001). "Spec, IP ou Deslocado? Prós e contras das duas análises dos sujeitos pré-verbais", *D.E.L.T.A.*, v. 17, n. 2, p. 283-303.



\_\_\_\_\_ (1998). *Word Order Variation*. Ph.D. Dissertation, Universidade de Leiden.

\_\_\_\_\_ (1996). *Word Order and Constraint Interaction*. Universidade de Leiden. Citado do manuscrito.

COSTA, João; DUARTE, Inês (2002). "Preverbal subjects in null subject languages are not necessarily dislocated", *Journal of Portuguese Linguistics*, v.1, n. 2, p. 159-175.

CRUSCHINA, Silvio; SITARIDOU, Ioanna (2009). *From Modern to Old Romance: The Interaction between Information Structure and Word Order*. In: THE XI DIACHRONIC GENERATIVE SYNTAX CONFERENCE. Campinas: UNICAMP.

DE HAAN, Germen (2001). "More is going on upstairs than downstairs: embedded root phenomena in West Frisian", *Journal of Comparative Germanic Linguistics*, v. 4, p. 3-38.

DeHAAN, Germen; WEERMAN, Fred (1986). Finiteness and Verb fronting in Frisian. In: HAIDER, Hubert; PRINZHORN, Martin (orgs.). *Verb second Phenomena in Germanic languages*. Dordrecht: Foris, p. 77-110.

DEMONTE, Violeta, FERNÁNDEZ-SORIANO, Olga (2009). "Force and finiteness in the Spanish complementizer system", *Probus*, v. 21, p. 23-49.

Den BESTEN, Hans (1989). "On the Interaction of Root Transformations and Lexical Deletive Rules", *Studies in West Germanic Syntax*, n. 20, p. 14 -100.

Den BESTEN, Hans; MOED-VAN WALRAVEN, Corretje (1986). The syntax of verbs in Yiddish. In: HAIDER, Hubert; PRINZHORN, Martin (orgs.). *Verb second Phenomena in Germanic languages*. Dordrecht: Foris, p. 111-135.

DIESING, Molly (1990). "Verb Movement and the Subject Position in Yiddish", *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 8, p. 41-79.

EBERENZ, Rolf (1991), "Castellano antiguo y español moderno: reflexiones sobre la periodización en la historia de la lengua española", *Revista de Filología Española*, n. LXXI, p. 79-106.

FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inês (2009). *Orden de palabras, tópicos y focos en la prosa alfonsí*. Universidad Autónoma de Madrid. Citado do Manuscrito.

\_\_\_\_\_ (2008). *La variación gramatical en el español actual: estado de la cuestión y nuevas perspectivas*. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS / I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABH. Belo Horizonte: UFMG.

FONTANA, Josep M. (1994). A residual A-Bar position in Spanish. In: DUNCAN, Erin; FARKAS, Donka; SPAELTI, Philip (orgs.). *The proceedings of the Twelfth West Coast Conference on Formal Linguistics*, p. 233-250.

\_\_\_\_\_ (1993). *Phrase structure and the Syntax of clitics in the history of Spanish*. Ph.D Dissertation, Universidade da Pensilvânia.

FONTANELLA DE WEINBERG, Maria Beatriz (1993). *El español de América*. 2 ed. Madri: Mapfre.

FRANCO, Jon (2000). Agreement as a Continuum. In: BEUKEMA, F.; DEN DIKKEN, M. (orgs.). *Clitic Phenomena in European Languages*. Amsterdam: John Benjamins, p. 147-189.

\_\_\_\_\_ (1993). *On object agreement in Spanish*. Ph.D. Dissertation, University of Southern Califórnia.

GABOR, Kértés (2002). *Subida de clíticos en corpus electrónicos*. Tesina de Filologia Hispânica, Szeged: Universidad de Szeged.

GALVES, Charlotte (1997). "Do Português Clássico ao Português Europeu Moderno: uma Análise Minimalista". *Estudos Lingüísticos e Literários*, n. 19, p. 105-128.

GALVES, Charlotte, BRITTO, Helena; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2005). "The Change in Clitic Placement from Classical Portuguese to Modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus". *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 1, p. 39-67.

GALVES, Charlotte; NAMIUTI, Cristiane; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2006). Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: ENDRUSCHAT, Annette; KEMMLER, Rolf; SCHAFER-PRIEB, Bárbara (orgs.). *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*. Turbigen: Calapinus Verlag, p. 45-75.

GALVES, Charlotte; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2011). *The loss of verb-second in the history of Portuguese: Subject position, Clitic placement and Prosody*. Universidade Estadual de Campinas; Universidade de São Paulo.

GALVES, Charlotte; SANDALO, Filomena (2011). *From Intonational Phrase to Syntactic Phase : the grammaticalization of enclisis in the history of Portuguese*. Universidade Estadual de Campinas.

GARRIDO DOMÍNGUEZ, Antonio (1992). "La base del español americano y su realidad actual", *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*, v. 2, p. 13-28.

GERRITSEN, Marinel (1984). "Divergent Word Order Developments in Germanic Languages: a Description and a Tentative Explanation". In: FISIÁK, Jacek (org.). *Historical Syntax*. Amsterdam: Mouton, p. 107-135.

GIBRAIL, Alba (2010). *Contextos de Formação de Estruturas de Tópico e Foco no Português Clássico*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

GRANBERG, Robert Arthur (1988). *Object pronoun position in medieval and early modern Spanish*. Ph.D Dissertation, University of California.

GREENBERG, Joseph (1966). Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Universals of Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press, p. 73-113.

GROPPI, Mirta (2009). "Estructuras con clíticos: revisión de terminología y datos del español", *Signo & Seña*, v. 20, p. 93-113.

GUERRAS, Maria Sonsoles (1995). *Os povos bárbaros*. 3 ed. São Paulo: Ática.

GUIMARÃES, Maximiliano; LOPES, Ruth (2010). *De que adianta uma gramática dar conta dos dados se ela for impossível de ser adquirida pela criança? Pelo resgate da Adequação Explicativa!* In: X ENCONTRO DO CELSUL.

GUTIÉRREZ-BRAVO, Rodrigo (2002). *Structural markedness and syntactic structure: a study of word order and the left periphery in Mexican Spanish*. Ph.D. Dissertation, University of California.

GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador (2000). *Temas, remas, focos, tópicos y comentarios*. 2. ed. Madrid: Arco/Libros.

HAEGEMAN, Liliane; ZANUTTINI, Rafaela (1991). "Negative Heads and the NEG Criterion", *The Linguistic Review*, v. 8, p. 233-251.

HAIDER, Hubert (1986). V-Second in German. In: HAIDER, Hubert; PRINZHORN, Martin (orgs.). *Verb second Phenomena in Germanic languages*. Dordrecht: Foris, p. 49-75.

HAIDER, Hubert; PRINZHORN, Martin (1986). Introduction. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Verb second Phenomena in Germanic languages*. Dordrecht: Foris, p. 1-6.

HALPERN, Aaron; FONTANA, Josep Maria (1994). X<sup>0</sup> and X<sup>max</sup> clitics. In: DUNCAN, Erin; FARKAS, Donka; SPAELTI, Philip (orgs.). *The proceedings of the Twelfth West Coast Conference on Formal Linguistics*, p. 251-266.

HERNANZ, María Lluisa; BRUCART, José María (1987). *La sintaxis. Principios teóricos. La oración simple*. Barcelona: Crítica.

HEYCOCK, Caroline; SORACE, Antonella (2007). *Verb movement in Faroese: New perspectives on an old question*. University of Edinburgh. Citado do manuscrito.

HINTERHÖLZL, Roland; PETROVA, Svetlana (2010). "From V1 to V2 in West Germanic", *Lingua*, v. 120, issue 2, p. 315-328.

HOOPER, Joan; THOMPSON, Sandra (1973). "On the Applicability of Root Transformations", *Linguistic Inquiry*, v. 4, n. 4, p. 465-497.

HORNSTEIN, Norbert; NUNES, Jairo; GROHMANN, Kleanthes K. (2005). *Understanding Minimalism*. Nova Iorque: Cambridge University Press.

HORNSTEIN, Norbert; WEINBERG, Amy (1981). "Case Theory and Preposition Stranding", *Linguistic Inquiry*, v. 12, p. 55–92.

HULK, Aafke; Van KEMENADE, Ans (1995). Verb Second, Pro-drop, Functional Projections and Language Change. In: BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian (orgs.). *Clause structure and language change*. Nova Iorque, Oxford: Oxford University Press, p. 227-256.

IATRIDOU, Sabine (1991). *Topics in Conditionals*. Ph.D. Dissertation. MIT.

IATRIDOU, Sabine; KROCH, Anthony (1992). "The Licensing of CP-recursion and its Relevance to the Germanic Verb-Second Phenomenon", *Working Papers in Scandinavian Linguistics*, v.50, p. 1-25.

ILARI, Rodolfo (1992). *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João W. (1987). *Semântica*. 4 ed. São Paulo: Ática.

IRALA, Valesca Brasil (2004). "A opção da variedade de Espanhol por professores em serviço e pré-serviço", *Linguagem & Ensino*, v. 7, n. 2, p. 99-120.

JIMÉNEZ, Maria-Luisa (1995). XP-preposing in Spanish. In: ARANOVICH, Raul *et alii* (orgs.). *The proceedings of the Thirteenth West Coast Conference on Formal Linguistics*, p. 253-269.

JÖRGENSEN, Nils (1976). *Meningsbyggnaden i Talad Svenska*. Lund: Studentlitteratur.

JULIEN, Marit (2010). *Embedded clauses with main clause word order in Mainland Scandinavian*. Citado do Manuscrito.

\_\_\_\_\_ (2009). "The force of the argument", *Working Papers in Scandinavian Syntax*, v. 84, p. 225–232.

KATO, Mary (2008). *Dislocated and in-situ wh-questions in Brazilian Portuguese*. In: WORKSHOP "ON INTERFACES", Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

\_\_\_\_\_ (2000). The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.; NEGRÃO, Esmeralda (orgs.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid: Iberoamericana, p. 223-258.

KATO, Mary (2002). "A evolução da noção de Parâmetro", *D.E.L.T.A.*, v. 18, n. 2, p. 309-337.

KATO, Mary; MIOTO, Carlos (2005). A multi-evidence analysis of European and Brazilian Portuguese Wh-questions. In: KEPSEK, S.; REIS, M. (orgs.). *Linguistic evidence: empirical, theoretical and computational perspectives*. Berlin; Nova Iorque: Mouton de Gruyter, p. 307-328.

KATO, Mary; RIBEIRO, Ilza (2009). Cleft sentences from Old Portuguese to Modern Portuguese. In: DUFTER, Andreas; JACOBS, Daniel (orgs.). *Focus and background in Romance languages*. Amsterdam: John Benjamins, p. 123-154.

\_\_\_\_\_ (2006). A evolução das estruturas clivadas no português: período V2. In: LOBO, Tânia et alii (orgs.). *Para a história do português brasileiro*. v. 6, tomo 2. Salvador: Edufba, p. 165-182.

KAYNE, Richard (1994). *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge: MIT Press.

\_\_\_\_\_ (1989). Null Subjects and Clitic Climbing. In: JAEGGLI, O.; SAFIR, K. (orgs.). *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer, p. 239-262.

\_\_\_\_\_ (1982). *Predicates and arguments, verbs and nouns*. In: GLOW CONFERENCE, Paris.

\_\_\_\_\_ (1975). *French Syntax: the transformational cycle*. Cambridge: MIT Press.

KAYSER, Georg A. (2006). Sobre a alegada perda do sujeito nulo no português brasileiro. In: LOBO, Tânia et alii (orgs.). *Para a história do português brasileiro*. v. 6, tomo 2. Salvador: EDUFBA, p. 11-42.

\_\_\_\_\_ (1999). *A ordem das palavras e a posição do verbo finito no português antigo*. In: Actas do Congresso Internacional organizado por motivos dos vinte anos do português no ensino superior, p. 248-261.

KING, Ruth (2000). *The Lexical Basis of Grammatical Borrowing: A Prince Edward Island Case Study*. Amsterdam: John Benjamins.

KOOPMAN, Hilda; SPORTICHE, Dominique (1991). "The Position of Subjects", *Lingua*, v. 85, p. 211-258.

KREMER, Dieter (1982). Hispania Germânica. En torno a las relaciones lingüísticas germano-hispanicas. In: HEMPEL, Wido; BRIESEMEISTER, Dietrich (orgs.). *Actas del Colóquio hispano-alemán Ramón Menéndez Pidal*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, p. 138-149.

KROCH, Anthony (2001). Syntactic Change. In: BALTIN, Mark; COLLINS, Chris (orgs.). *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Oxford: Blackwell, p. 699-730.

\_\_\_\_\_ (1989). "Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change", *Language Variation and Change*, v. 1, p. 199-244. (citado do manuscrito)

KURODA, S-Y (1972). "The Categorical and The Thetic Judgment", *Foundations of Language*, v. 9, p. 153-185.

LAHOUSSE, Karen (2010). *Information structure and embedded clauses*. Handout da conferência apresentada na Universitat Pompeu Fabra.

LAKA, Itziar (1990). *Negation in Syntax: on the Nature of Functional Categories and Projections*. Ph.D. Dissertation, MIT.

LAMBRECHT, Knud (2001). "A framework for the analysis of cleft constructions". *Linguistics*, v. 39, n. 3, p. 463-516.

\_\_\_\_\_ (1994). *Information structure and sentence form. Topic, focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge Studies in Linguistics 71. Cambridge: Cambridge University Press.

LAPESA, Rafael (1981). *Historia de la lengua española*. 9 ed. Madrid: Gredos.

LARSON, Richard (1988). On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, n. 19, p. 335- 391.

LAUSBERG, Heinrich (1974). *Linguística românica*. Tradução de Marion Ehrhardt e Maria Luísa Schermann. 2 Ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian.

LEMIEUX, Monique; DUPUIS, Fernande (1995). The locus of verb movement in the non-asymmetric languages: the caso of Middle French. In: BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian (orgs). *Clause structure and language change*. Nova Iorque, Oxford: Oxford University Press, p. 80-109.

LIGHTFOOT, David (2006). *How new languages emerge*. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_ (1998). Cue-based acquisition and change in grammars. In: \_\_\_\_\_. *The development of language, acquisition, change and evolution*. Oxford: Blackwell, p. 144-177.

\_\_\_\_\_ (1995). Why UG needs a learning theory: Triggering verb movement. In: BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian (orgs). *Clause structure and language change*. Nova Iorque, Oxford: Oxford University Press, p. 31-52.

\_\_\_\_\_ (1993). "Uma ciência da história?". *D.E.L.T.A.*, v. 9, n. 2, p. 275-294.

\_\_\_\_\_ (1991). *How to set parameters: Arguments from Language Change*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.

\_\_\_\_\_ (1979). *Principles of diachronic syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.

LOIS, Ximena (1989). *Aspects de la syntaxe de l'espagnol et théorie de la grammaire*. Tese de Doutorado, Universidade de Paris VIII.

LONGHIN, Sanderléia (1999). *As construções clivadas: uma abordagem diacrônica*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.

LÓPEZ MORALES, Humberto (1992). *El español del Caribe*. Madrid: Mapfre.

LYONS, John (1987). Algumas escolas e movimentos modernos. In: \_\_\_\_\_. *Lingua(gem) e linguística. Uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, p. 161-175.

MARTÍN, Juan (2003). Against a uniform Wh-landing site in Spanish. In: KEMPCHINSKY, Paula; PIÑEROS, Carlos Eduardo (orgs.). *Theory, Practice, and Acquisition*. Somerville: Cascadilla Press, p. 156-174.

MARTINS, Ana Maria (2003). From unity to diversity in Romance syntax: A diachronic perspective of clitic placement in Portuguese and Spanish. In: BRAUNMÜLLER, Kurt; FERRARESI, Gisella (orgs.). *Aspects of Multilingualism in European Language History*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, p. 201-233.

MATHIEU, Eric (2009). On the Germanic properties of Old French. In: CRISMA, Paola; LONGOBARDI, Giuseppe Longobardi (orgs.). *Historical Syntax and Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press, p. 344-357.

\_\_\_\_\_ (2007). "À propos des propriétés germaniques de l'ancien français", *Cahiers linguistiques d'Ottawa/Ottawa Papers in Linguistics*, v. 35, p. 107-136.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia (2008). *Caminhos da lingüística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola.

MESCHING, Guido (2009). *Old Romance word order: a comparative minimalist analysis*. In: THE XI DIACHRONIC GENERATIVE SYNTAX CONFERENCE. Campinas: UNICAMP.

MEYER-HERMANN, Reinhard (1988). "¿Se debe la posposición del sujeto en el español a una influencia árabe?", *Revista de Filología Española*, v. LXVIII, p. 67-96.

MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth (2004). *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular.

MORENO CABRERA, Juan Carlos (1999). Las funciones informativas: las perífrasis de relativo y otras construcciones perifrásticas. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. v. 3. Madrid: Espasa Calpe, p. 4245-4302.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco (2000). *Qué español enseñar*. Madrid: Arco/Libros.

MOXÓ, Salvador de (1979). *Repoblación y sociedad en la España cristiana medieval*. Madrid: Rialp.

MÜLLER, Ana Lúcia de Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho (2003). Semântica formal. In: FIORIN, José Luis (org.). *Introdução à lingüística II: Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, p. 137-159.

OLARREA, Antxon (1997). *Pre- and postverbal subject positions in spanish: a minimalist account*. Ph.D. Dissertation, University of Washington.

ORDÓÑEZ, Francisco (2010). *Clitics in Spanish: animacy effects and remnant movement*. Palestra apresentada na Universidade Estadual de Campinas.

\_\_\_\_\_ (2005). Cartography of postverbal subjects in Spanish and Catalan. In: BAAUW, Sergio; DRIJKONINGEN, Frank; PINTO, Manuela (orgs.). *Romance Languages and Linguistic Theory*, p. 259-280.

\_\_\_\_\_ (1999). Focus and Subject Inversion in Romance. In: GUTIÉRREZ-REXACH, Javier; MARTÍNEZ-GIL, Fernando (orgs.). *Advances in Hispanic Linguistics*. Somerville: Cascadilla Press, p. 502-518.

\_\_\_\_\_ (1997). *Word Order and Clause Structure in Spanish and Other Romance Languages*. PhD Dissertation, City University of New York.

ORDÓÑEZ, Francisco; OLARREA, Antxon (2006). "Microvariation in Caribbean/non Caribbean Spanish interrogatives", *Probus*, v. 18, p. 59-96.

ORDÓÑEZ, Francisco; TREVIÑO, Esthela (1999). "Left dislocated subjects and the pro-drop parameter: a case study of Spanish", *Lingua*, v. 107, p. 39-68.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2006). Lingüística histórica. In: PFEIFFER, Claudia; NUNES, José H. (orgs.). *Linguagem, história e conhecimento*. Campinas: Pontes, p. 11-48.

\_\_\_\_\_ (2004). *Língua Barroca: sintaxe e história no português nos anos 1600*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

PESETSKY, David; TORREGO, Esther (2000). T-to-C Movement: Causes and Consequences. In: KENSTOWICZ, Michael (org.). *Ken Hale: a Life in Language*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, p. 356-426.

PIÑERO VALVERDE, María de la Concepción (1997). Terra de fronteiras: a Espanha do século XI ao século XIII. In: MONGELLI, Lênia Márcia (org.). *Mudanças e rumos: o Ocidente medieval (séculos XI e XIII)*. Cotia: Íbis, p. 149-184.

PINTO, Carlos Felipe da Conceição (2011a). "La adquisición de la escisión en el español peninsular", *Gragoatá*, v. 30 (no prelo).

\_\_\_\_\_ (2011b). *Problematizando a clivagem no espanhol europeu: fatos de aquisição, variação e mudança*. In: Anais do XVI Congresso Internacional da ALFAL, p. 1-10.

\_\_\_\_\_ (2010a). *Orden OV, duplicación clítica y estructura informativa en la historia del español*. In: III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LENGUA ESPAÑOLA. São Paulo: Instituto Cervantes.

\_\_\_\_\_ (2010b). *Algumas questões sobre a ordem de palavras em duas fases da língua espanhola*. In: ROSAE – I CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, Salvador: UFBA, UEFS, UNEB.



\_\_\_\_\_ (2010c). “Línguas românicas, línguas germânicas, movimento do verbo e efeito V2”, *Anais do SETA*, v. 4, p. 99-115.

\_\_\_\_\_ (2009). “Considerações sobre a origem e a caracterização do espanhol americano”, *Língua e Educação*, v. 1, p. 39-48.

\_\_\_\_\_ (2008). *Uma análise das construções de clivagem e outras construções de focalização no espanhol atual*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia.

PINTO, Carlos Felipe da C.; ANTONELLI, André Luis (2011). *La pérdida del efecto de verbo segundo en el portugués y el español antiguos*. In: SIMPOSI INTERNACIONAL DE CORPUS DIACRÒNICS EN LLENGÜES IBEROROMÀNIQUES. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta (2001). *Semântica formal: uma breve introdução*. Campinas: Mercado das Letras.

PLATZACK, Christer (1986). The position of finite verb in Swedish. In: HAIDER, Hubert; PRINZHORN, Martin (orgs.). *Verb second Phenomena in Germanic languages*. Dordrecht: Foris, p. 27-47.

PLATZACK, Christer; HOLMBERG, A. (1990). *The role of AGR and finiteness in some european VO languages*. In: GLOW COLLOQUIUM, Utrecht.

POLETTI, Cecília (2000). Rhaetoromance verb second. A split CP perspective. In. \_\_\_\_\_: *The Higher functional field. Evidence from Northern Italian dialects*. Nova Iorque/Oxford: Oxford University Press, p. 88-107.

POLLOCK, Jean-Yves (1989). “Verb movement, universal grammar, and the structure of IP”. *Linguistic Inquiry*, v. 20, p. 365-424.

RADFORD, Andrew (1997). *Syntactic theory and the structure of English: a minimalist approach*. Cambridge: Cambridge Press.

RAPOSO, Eduardo Paiva (1992). *Teoria da Gramática. A faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho.

RIBEIRO, Ilza (2010). “Sobre os usos de ênclise nas estruturas subordinadas no português arcaico”, *Estudos da Linguagem*, v. 8, n. 1, p. 15-40.

\_\_\_\_\_ (2009). *Construções de focalização. Comentários ao texto de Simone Guessier*. In: ENCONTRO DO GT DE TEORIA DA GRAMÁTICA – ANPOLL. Brasília: UnB.

\_\_\_\_\_ (1995). *A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

RIBEIRO, Ilza; TORRES MORAIS, Maria Aparecida (2009). *Doubling-que embedded constructions in old portuguese: a diachronic perspective*. In: THE XI DIACHRONIC GENERATIVE SYNTAX CONFERENCE. Campinas: UNICAMP.

RINKE, Esther (2009). Verb placement in Old Portuguese. In: DUFTER, Andreas; JACOBS, Daniel (orgs.). *Focus and background in Romance languages*. Amsterdam: John Benjamins, p. 309-332.

RIVERO, Maria Luisa (1980). "On Left Dislocation and Topicalization in Spanish", *Linguistic Inquiry*, v. 11, n. 2, p. 363-393.

RIZZI, Luigi (2004). On the cartography of syntactic structures. In: RIZZI, Luigi (org.). *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*. v. 2. Oxford: Oxford University Press, p. 3-15

\_\_\_\_\_ (1997). The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (org.). *Elements of grammar*. Kluwer: Dordrecht, p. 281-337.

\_\_\_\_\_ (1996). *Residual verb second and the Wh criterion*. In: BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi (orgs.). *Parameters and functional heads*. Nova Iorque/Oxford: Oxford University Press, p. 63-90.

\_\_\_\_\_ (1991). *Residual verb second and the Wh criterion*. Universidade de Geneva (citado do manuscrito).

\_\_\_\_\_ (1990a). Some speculations on residual V2 phenomena. In: MASCARÓ, J.; NESPOR, M. (orgs.). *Grammar in Progress: GLOW essays for Henk van Riemsdijk*. Dordrecht: Foris, p. 375-387.

\_\_\_\_\_ (1990b). *Minimality Relativized*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

ROBERTS, Ian (2010). *Macroparameters and Diachrony*. In: WORKSHOP "GRAMATICALIZAÇÃO: ABORDAGENS FORMAIS E FUNCIONAIS". Campinas, Universidade Estadual de Campinas.

\_\_\_\_\_ (2007). *Diachronic Syntax*. Nova Iorque: Oxford University Press.

\_\_\_\_\_ (2004). The C-System in Brythonic Celtic languages, V2 and the EPP. In: RIZZI, Luigi (org.). *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*. v. 2. Oxford: Oxford University Press, p. 297-328.

ROBERTS, Ian; ROUSSOU, Anna (2003). *Syntactic change: a minimalist approach to grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

RODRIGUEZ, Victoriano Gaviño (2009). *¿Existe un patrón básico para el orden de constituyentes en español coloquial? "Las gafas, acércamelas que no oigo la radio"*, In: Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas, p. 3427-3436.

SALVI, Giampaolo (2001). The two sentence structures of early Romance. In: CINQUE, Guglielmo; SALVI, Giampaolo (orgs.). *Current Studies in Italian Syntax*. Amsterdam: Elsevier, p. 297-312.

SANTORINI, Beatrice (1995). Two types of verb second in the history of Yiddish. In: BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian (orgs). *Clause structure and language change*. Nova Iorque, Oxford: Oxford University Press, p. 53-79.

\_\_\_\_\_ (1989): *The Generalization of the Verb-Second Constraint in the History of Yiddish*. Ph.D Dissertation, University of Pennsylvania.

SAPIR, Edward (1921). A língua como produto histórico: a deriva. In: \_\_\_\_\_. *Linguagem*. Tradução de Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Perspectiva, p. 119-136.

SCHWARTZ, Bonnie; VIKNER, Sten (1996). The Verb always leaves IP in V2 clauses. In: BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi (orgs.). *Parameters and functional heads*. Nova Iorque/Oxford: Oxford University Press, p. 11-62.

SHLONSKY, Ur (2004). Enclisis and proclisis. In: RIZZI, Luigi (org.). *The structure of CP and IP. The cartography of syntactic structures*. v. 2. Oxford: Oxford University Press, p. 329- 354.

SIEGEL, Jeff (1985). "koinés and koineization", *Languages in Society*, v. 14, p. 357-378.

SIGURÐSSON, Halldór Ármann (1990). V1 declaratives and verb raising in Icelandic. In: MALING, J.; ZAENEN, A. (orgs.). *Syntax and Semantics 24: The syntax of Modern Icelandic*. Orlando, Florida: Academic Press, p. 41-69.

STEPHENS, John Frank (1980). *Consolidación de la estructura geográfica y socio-económica de la Reconquista española en su época transicional*. In: Actas del Sexto Congreso Internacional de Hispanistas. Toronto: University of Toronto.

SUÑER, Margarita (1994). "V-movement and the licensing of argumental wh-phrases in Spanish", *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 12, p. 335–372.

TARALDSEN, Knut Tarald (1986). On verb second and the functional content of syntactic categories. In: HAIDER, Hubert; PRINZHORN, Martin (orgs.). *Verb second Phenomena in Germanic languages*. Dordrecht: Foris, p. 7-25.

TESCARI NETO, Aquiles (2011). *O movimento de V(P) a I(P) em PB e a validade dos AdvPs como diagnósticos*. Conferência apresentada na Universidade Estadual de Campinas.

THRÁINSSON, Höskuldur (1986). V1, V2 e V3 in Icelandic. In: HAIDER, Hubert; PRINZHORN, Martin (orgs.). *Verb second Phenomena in Germanic languages*. Dordrecht: Foris, p. 169-194.

TORIBIO, Jaqueline (2000). "Setting parametric limits on dialectal variation in Spanish", *Lingua*, v. 10, p. 315-341.

TORREGO, Esther (1984). "On Inversion in Spanish and Some of Its Effects", *Linguistic Inquiry*, v. 15, n. 1, p. 103-129.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida (1995). *Do português clássico ao português europeu moderno: um estudo diacrônico da cliticização e do movimento do verbo*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

\_\_\_\_\_ (1993). Aspectos Diacrônicos do Movimento do Verbo, Estrutura da Frase e Caso Nominativo no Português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs.). *Português Brasileiro: uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 263-306.

TRAVIS, Lisa (1984). *Parameters and Effects of Word Order Variation*. Ph.D. Dissertation, MIT.

TUTEN, Donald (2003). *Koineization in Medieval Spanish*. Berlin/Nova Iorque, Mouton de Gruyter.

URIAGEREKA, Juan (1995). A F Position in Western Romance. In: KISS, K. É. (org.). *Discourse Configurational Language*. Oxford: Oxford University Press, p. 153-175.

VALLDUVI, Enric (1990). *The informational component*. Ph.D. Dissertation, University of Pennsylvania.

VANCE, Bárbara; DONALDSON, Bryan; STEINER, Devan (2009). *V2 Loss in Old French and Old Occitan: The Role of Fronted Clauses*. In: LINGUISTIC SYMPOSIUM ON ROMANCE LANGUAGES.

VASCO DA GAMA, Nilton (1995). "A Variação do latim e a formação das línguas românicas", *Qvinto Império: Revista da Cultura e Literatura de Língua Portuguesa*, v. 5, p. 39-51.

\_\_\_\_\_ (1979). "A Formação da língua espanhola: uma visão sociolingüística", *Universitas*, v. 27, p. 126-31.

VÁZQUEZ VILLANUEVA, Graciana (2008). Memórias discursivas estratégicas: la lengua española em el siglo XXI a partir del americanismo español del siglo XIX. In: ARNOUX, E. (org.). *Políticas lingüísticas e Integración regional*. Buenos Aires: EUDEBA.

VIKNER, Sten (1995). *Verb movement and expletive subjects in the Germanic languages*. Oxford: Oxford University Press.

WALTER, Henriette (1997). *A Aventura das línguas no ocidente: a sua origem, a sua história, a sua geografia*. Trad. de Sérgio Cunha dos Santos. São Paulo: Mandarin.

WANNER, Dieter (1992). The Tobler-Mussafia law in Old Spanish. In: CAMPOS, Héctor; MARTINEZ-GIL, Fernando (orgs.). *Current studies in Spanish Linguistics*. Washington: Georgetown University Press, p. 313-378.

WEINREICH, U; LABOV, W.; HERZOG, M. I. (1968). Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. P. (org.). *Directions for Historical Linguistics: A Symposium*. Austin: University of Texas Press, p. 95-195.

ZAGONA, Karen (1982). *Government and Proper Government of Verbal Projections*. Ph.D. Dissertation. University of Washington.

ZUBIZARRETA, Maria Luisa (2001). The Constraints on Preverbal Subjects in Romance Interrogatives. In: HULK, A.; POLLOCK, J-Y. (orgs.). *Subject inversion in Romance and the theory of Universal Grammar*. Oxford: Oxford University Press, p. 183-205.

\_\_\_\_\_ (1999). Las funciones informativas: tema y foco. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. v. 3. Madrid: Espasa Calpe, p. 4215-4244.

\_\_\_\_\_ (1998). *Prosody, focus, and word order*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.